

HOMERO ODISSÉIA

Em Verso Português
por
MANOEL ODORICO MENDES



Odisséia
Homero

Tradução de
Manoel Odorico Mendes (1799-1864)

Prefácio de
Prof. Silveira Bueno

Fonte digital
Digitalização da 3ª edição
Biblioteca Clássica
sob a direção de
G. D. Leoni
e
Paulo R. Teixeira
Atena Editora
São Paulo

Imagem da Capa

Ulisse e le sirene. Mosaico pavimentale romano al Museo del Bardo a Tunisi. II secolo
d.C.

Foto: Giorces

Fonte: Wikipedia

Versão para eBook
eBooksBrasil

© 2009 Homero

USO NÃO COMERCIAL * VEDADO USO COMERCIAL

ÍNDICE

eBooksBrasil:

Nota Editorial

Prof. Silveira Bueno:

Prefácio

Homero traduzido por Odorico Mendes:

ODISSÉIA

Livro I

Livro II

Livro III

Livro IV

Livro V

Livro VI

Livro VII

Livro VIII

Livro IX

Livro X

Livro XI

Livro XII

Livro XIII

Livro XIV

Livro XV

Livro XVI

Livro XVII

Livro XVIII

Livro XIX

Livro XX

Livro XXI

Livro XXII

Livro XXIII

Livro XXIV

Nota Editorial

Começo compartilhando com o eventual leitor uma curiosidade que sempre tive: como na Odisséia o herói é Ulisses e não Odisseu? É bem certo que Odorico Mendes utiliza para os deuses e heróis os equivalentes latinos, o que já foi observado por mais de um.

No caso, é interessante notar como Odisseu (Ὀδυσσεύς) se tornou Ulisses. Como nos informa a Wikipedia no verbete *Odyseus*: “O nome tem diversas variantes: **Olyseus** (Ὀλυσσεύς), **Oulixeus** (Ούλιξεύς), **Oulixes** (Ούλιξης) e foi conhecido como Ulisses em Latim ou Ulixes na mitologia Romana”. — Refere-se ainda ao verbo como *odussomai* (οδύσσομαι), com o significado que lhe empresta a nota ao Livro XIX da fonte digital.

Agora, às notas desta edição, referentes às modificações feitas em relação ao livro digitalizado e o que foi mantido quando alguns poderiam recomendar que atualizações fossem feitas. Prefiro indicar o que foi feito, deixando ao leitor concordar ou não com elas. De antemão alerta que a maioria refere-se ao uso do diacrítico, tão útil, mas cada vez mais desprezado a cada reforma ortográfica. Dia chegará em que, para esclarecer um texto, só mesmo indo às fontes antigas. Uma pena!

Agamemnon, Agamêmnon, Agamémnon ou Agamenon? Em grego, Αγαμέμνων, o que, transliterado, seria Agamémnon. Na fonte digitalizada aparece como Agamenon. Mantendo consistência com a edição feita da *Ilíada* no eBooksBrasil, substituído por Agamemnon. Fica aqui a ressalva. O mesmo ocorreu com Clitemnestra, Clitenestra na fonte digitalizada.

Substituído *embubescida* por *enrubescida* (I,343). Conservado *dextra* em vez de *destra*. Conservado o diacrítico em *pêlo*. Diacrítico mantido em “Bons espetos *sustêm* quinqüedentados” (II,361). No Livro IV, 103: “Em maravilhas celebre” — Odorico usou o original latino *celebre* em vez de grafar *célebre*, talvez pelo ritmo poético. Talvez seja apenas erro tipográfico. Na dúvida, mantive *celebre*, como na fonte digitalizada, com a presente ressalva.

Conservado o diacrítico em *vólto*. Por exemplo, no Livro V,20, deixa claro que fala dirigindo a Mercúrio e não que retorna a Mercúrio. No Livro VIII,191, *sem ligeiros* foi substituído por *sim ligeiros* pelo sentido do que se segue. No Livro VIII,264: *tresdôbro* (conservado o diacrítico), pois pode ser que Odorico queria se referir não a três vezes o dobro, mas sim à parte tresdobrada da coberta. No Livro VIII,320: *libe à Jove*, conservada a crase, de

acordo com a fonte digital, mas *libe a Jove* pareceria mais exato, uma vez que libar significa beber em homenagem a alguém e Jove é masculino. Livro IX,188: *fôrmas*, conservado o diacrítico para deixar mais que claro que coloca em fôrmas e não em formas diversas. Conservada a forma *dous*, em vez de *dois*. No Livro IX:429: *a aqueles bravos* substitui por *e aqueles bravos*. Poderia, como se fez em outras edições, simplesmente eliminar o *a* e dizer *à parte*, mas significaria que, além da parte que lhe coube na partilha, recebera Ulisses mais a ovelha em que fugira. Deixando como está na fonte digital, *a parte* pode significar que entre as ovelhas recebidas na partilha coube-lhe como parte a ovelha em que fugira. Nas Notas ao livro IX: *Cicones*, mantido, mas *Cícones* em outros lugares. No Livro X,19, *contêm*, mantido, em vez de *contém*. No Livro X,215: *escondrijo*, substituído por *escond'rijo*. A elisão fica assim explicitada e a métrica preservada. No Livro XV,406: “Vôlto ao filho de Clito”, mantido o diacrítico em *vôlto*, deixando explícito que fala *voltando-se em direção ao filho de Clito* e não que *retorna ao filho de Clito*. *Vôlto* foi preservado em outros lugares. No XVI,162: *apôsto* mancebo, conservado o diacrítico. No Livro XVIII,73: *Calculando se exâmine o prosterne*, substituído por *Calculando se exânime*, evidente erro tipográfico. No Livro XVIII,235: *sêca lenha*, conservado o diacrítico. No Livro XVIII,301: “Que *alvorôto* lamentável!”, conservado o diacrítico. No Livro XIX,13: Na fonte digital “Eia, as mulheres/Retêm, ama, lá dentro” Preservar ou não *Retêm*? Muda totalmente o sentido. Mudado para *Retém*, mas poderia ser *Retêm* no sentido de *Retenham*. No Livro XIX,426: *Iminente é dos príncipes e perda*, evidente erro tipográfico. Mudei para *Iminente é dos príncipes a perda*. No Livro XX,93: *Anuncio é para alguém*, mudado para *Anúncio é para alguém*. No Livro XX,226: *anôjo*, preservado o diacrítico de anujo do verbo anojjar. No Livro XX,301: *E um monteja a Telêmaco*. Substituído por *moteja*. No Livro XXI,103: *Exp'rimentai*, foi explicitada a elisão: *Exp'rimentai*. No Livro XXI,175: *vaquerio* na fonte digital. Substituído por *vaqueiro*, embora a forma *vaquerio*, como consta na fonte digitalizada também pudesse ser apropriada. No Livro XXI,240: *fôra*, conservado o diacrítico. No Livro XXII,210: “o *peio* vara” substituído por “o *peito* vara”. No Livro XXIII,183: “do colo do *sonsorte*” substituído por *consorte*. No Livro XXIII,220: “a cama *afôfa* e mórbida estendiam” mantido o diacrítico. Em Nota ao Livro XXIII, substituído José por Josué, por ser evidente o erro tipográfico na fonte digitalizada. No Livro XXIV,214: “capaz *doze*” substituído por *capas doze*.

É isso. Boa leitura!

PREFÁCIO

A crítica de todas as épocas reteve sempre que entre a *Iliada* e a *Odisséia* mediou largo tempo, atribuindo a primeira, inegavelmente, superior à segunda, aos anos de maior energia criadora de Homero. A *Odisséia*, produto dos últimos tempos do Poeta, embora de tão grande valor que outra nenhuma se lhe poderia comparar em toda a literatura clássica, se diferenciava, em muitos pontos, da obra-prima do grande e incomparável cantor da Grécia. Era a *Iliada* um poema militar, guerreiro, tendo por escopo principal a narração do que fora essa guerra que terminara com o extermínio de todo um povo, de toda uma cidade, a famosa *Ílion*. Como devia ser, traz o poema movimentação extraordinária, descrições que nos conservaram as emoções das grandes batalhas travadas entre heróis, tão grandes e tão fora dos moldes humanos que os próprios deuses, como se fossem homens, nelas tomaram parte ativa e decisiva. Tudo na *Iliada* respira militarismo, feitos bélicos, devotamentos e sacrifícios heróicos como nunca mais voltaria a raça humana a apresentá-los na face do mundo. O céu e a terra, os homens e os deuses se confundem ou se aproximam grandemente: o Olimpo não é uma região abstrata, colocada simplesmente no alto, no céu, mas uma real montanha da Tessália, posta entre a terra e o céu, porque os deuses deviam estar próximos dos homens e estes daqueles, de tal modo que as qualidades e até os defeitos se comunicassem de uns para os outros. Muito ao contrário, é a *Odisséia* um poema de paz, uma criação dos tempos posteriores à tremenda ação guerreira de *Ílion*, quando todo o povo heleno se refazia da grande empresa e vivia para si exclusivamente, voltado para objetivos puramente sociais e domésticos. Os heróis, como navegantes que retornam de suas longas viagens, reúnem-se nas largas salas dos palácios, das casas ricas, dos chefes de valor incontestado, e aí, num ambiente de tranquilidade, rememoram as vencidas tempestades, os obstáculos superados, e narram, cheios de emoções, as novidades que encontraram, os costumes diferentes que puderam ver, contrastando-os sempre com os modelos da pátria e da gente helena, protótipos e exemplares da perfeição humana. Desaparece aquela tonalidade bélica e a imaginação do Poeta adorna de tons românticos as cenas que poderiam reavivar passadas angústias. Cessa aquela ação guerreira dos próprios deuses: o Olimpo deixa de ser aquela montanha material, geograficamente conhecida, para tomar aspectos de abstração, de espiritualidade, transformando-se apenas no Céu, nessa região imprecisa e impalpável, acima da terra, que até hoje vive em nossos conceitos modernos. Não descem os deuses, transformados em homens, a combater pela sua gente, mas lá do alto, dirigem, com o pensamento e com a vontade, os destinos dos gregos. O ambiente geográfico é muito mais vasto na *Odisséia* do que na *Iliada*: para esta a região era apenas aquela em que se

travava a guerra; para aquela, poema de viagem, poema de aventuras marítimas, estendia-se o mundo para além do Egito, entrava pelo Mediterrâneo além da Sicília. O conceito social amplia-se também, com novas interpretações do direito, da posse da terra, das leis que já regulam de outro modo as relações dos cidadãos. O homem já não é aquele super-homem da *Iliada*, o guerreiro amparado pelos deuses ou transformado em verdadeiro deus: humanizou-se, vive para a família, para o campo, sabe apreciar os momentos deliciosos do trato social, dos instantes em que os narradores reúnem toda a família para ouvir as suas façanhas.

A antiguidade clássica, mormente, a alexandrina e ainda mais especialmente a romana, toda feita de belicosidade, de expedições guerreiras, tendo por mais alto ideal a guerra, o militarismo, não poderia ter deixado de dar maior apreço à *Iliada* do que à *Odisséia*. Por isto vemos que desde Pisístrato, que desde os famosos filólogos de Alexandria, de Pérgamo até Virgílio, em pleno século de Augusto, todos tomaram em primeira plana, com interesse sem limites, a *Iliada* e não a *Odisséia*. Reflete-se esta preferência até na maneira pela qual os sábios de Alexandria dividiram e classificaram os dois poemas imortais: deram a ambos o mesmo número de “livros”, numerando-os com as letras do alfabeto, letras que valiam também por números. Mas aos *vinte e quatro livros* da *Iliada*, apuseram as *letras* maiúsculas do alfabeto grego; aos *vinte e quatro livros* da *Odisséia* apuseram as *letras* minúsculas. Virgílio, quando quis escrever a *Eneida*, não tomou por modelo a *Odisséia*, mas a *Iliada*: ele devia narrar, fantasticamente, os feitos militares da gente romana, as suas conquistas, a força da sua espada, a coragem dos seus heróis: não poderia procurar, para tamanho quadro bélico, outro modelo que não fosse o da *Iliada*. A *Odisséia* representava uma época posterior à das guerras, das convulsões, da conquista do mundo: ficaria para modelo dos que, mais tarde, quisessem narrar os feitos de civilização romana quando o mundo conhecido fosse apenas o “mundo romano”, dirigido e governado pelas leis de Roma, falando até a mesma língua latina.

Para nós, gente que o cristianismo civilizou e domou, que temos horror à espada e só aspiramos às batalhas do espírito, a *Odisséia* é o poema preferível, que mais dentro se encontra do nosso ideal, descontados os séculos e levados em conta os modos diferentes da interpretação social. Por isto, desapareceu, pouco a pouco, o interesse que a antiguidade devotou à *Iliada* e foi sempre crescendo o valor da *Odisséia*. O poema de Virgílio, embora calcado no poema de Homero, por tal maneira o eclipsou em toda a Idade-Média, que ninguém mais se deu ao trabalho de o ler diretamente em grego, contentando-se com as referências latinas dos famosos e formosos hexâmetros virgilianos. Nem mesmo o Renascimento conseguiu restabelecer o prestígio da *Iliada* porque o valor quase mítico de Virgílio cresceu ainda mais nessa época em que todas as inteligências se voltavam a Atenas e a Roma.

A *Odisséia*, com as suas narrativas fabulosas, com os dados de conhecimento geográfico e social da antiguidade, passou a ocupar a primeira plana no interesse europeu. Basta lembrar as inesquecíveis aventuras de Telêmaco, ainda mais depois que foram postas em francês pela pena admirável de Fénelon: fizeram as delícias dos príncipes e dos plebeus, foram a leitura essencial de todas as escolas da Europa, chegando até nós no Brasil.

Odorico Mendes, certamente, um caso raro nas letras nacionais, o maior humanista que já tivemos em nossa pátria, quase fabuloso por ter conhecido tão perfeitamente a literatura e a língua grega, ao ponto de verter para o nosso idioma os dois poemas que embalsamaram para a eternidade a Grécia, não conseguiu fugir aos preconceitos do seu tempo, e melhor ainda, à formação intelectual da sua personalidade. Traduziu primeiro a *Iliada* e somente nos seus últimos tempos, a *Odisséia*. Como aconteceu ao próprio Homero, a sua primeira tradução, obra dos seus dias mais jovens, foi mais esmerada que a segunda, quando já o seu valor físico declinava. Nem por isto a *Odisséia* desmerece da *Iliada*, na pena de *Odorico Mendes*. Traduziu-a em versos portugueses, escolhendo, como era da praxe literária, o decassílabo heróico. Traduziu-a em versos e por que não o fez em prosa, como têm preferido os tradutores mais modernos? Era ainda a um preceito literário do tempo a que obedecia o humanista brasileiro: não se concebia um poema e da fama da *Odisséia*, em prosa, veste menos digna das grandes criações do gênio épico. E daqui procedem todos os obstáculos encontrados pelo tradutor: como encerrar, na exiguidade do decassílabo português, a majestosa extensão do hexâmetro grego, do metro homérico? Tinha o poeta maranhense de comprimir, em dez sílabas, as quatorze, as dezesseis do verso clássico. Para tanto, teve de sacrificar muitas palavras, de recorrer a expressões mais sintéticas, para que o limite imposto pela exigência do decassílabo português não fosse transgredido. Nesse trabalho, encontrou ainda *Odorico Mendes* outro óbice não menos difícil de vencer: o vocabulário, as expressões técnicas, os modismos gregos de que tanto se valeu Homero para tornar-se universalmente famoso. Neste ponto, houve-se o tradutor maranhense com a mesma habilidade com que se houeram os italianos, os franceses: não só traduziu, mas, especialmente, colaborou, num grande esforço de adaptação vocabular. Como já havia feito Camões, passou diretamente do grego para o português palavras e palavras, sem a menor adequação fonética. Outras vezes, compôs, com elementos gregos, vocábulos que correspondessem ao termo intraduzível por não encontrar correspondente nos dicionários da língua portuguesa. Nunca o fez, porém, irrefletidamente: procurou sempre apoiar-se nos clássicos do nosso idioma e quando estes falharam, nos tradutores que o haviam precedido, principalmente, no italiano *Ippolito Pindemonte*. Basta ler as notas apostas a cada um dos cantos para que se veja com que cuidado procurou explicar e defender a introdução dos termos que teve de forjar. Como antes de traduzir Homero já havia traduzido Virgílio, serviu-se *Odorico Mendes*, nas suas dificuldades vocabulares, do tesouro latino que a *Eneida* lhe oferecia e

também do grande exemplo que lhe deixara Camões. Assim, aproveitou-se largamente dos latinismos camonianos, ou digamos mais corretamente, dos latinismos do Renascimento, comuns ao épico português e aos demais autores europeus. Logo no primeiro canto enumeramos: *equóreo ponto, claro Hiperião, prole, sevo, cava gruta, deidades, ilha circúinflua, nemorosa, salso abismo, holocaustos, celícolas, olhicerúlea, insula, fexípides bois, ovelhas pingues, érea afiada ponta, metuenda, crateras (taças), deiforme, dedáleo, cítara ebúrnea, negropélago vaso (navio), ilha circunfusa, áugur, numes, arcano, carmes, ledos, inultos, prosápia, etc.* Sempre cingido aos ditames da escola clássica, usa o tradutor de expressão elevada e poética, de ordem inversa e tono altivo, como se fosse ele próprio o declamador dos versos. O verso branco, destituído de rima, não porém o verso livre, duas espécies que muitos freqüentemente confundem, dá ao poeta maior liberdade, mantendo-se apenas o ritmo que é a essência mesma da poesia. Para os nossos ouvidos modernos, haverá, na *Odisséia* de *Odorico Mendes*, encontros de consoantes, seqüências de vogais menos harmoniosas: devemos, entretanto, ler esta obra dentro do tempo em que foi feita. Somente Gonçalves Dias e muito mais tarde Fagundes Varela, e mais tarde ainda Vicente de Carvalho levam superioridade sobre o maranhense no manejo deste verso branco. Difícil é, contudo, a sua linguagem, dirão outros, difícil pelo vocabulário especial de que usa, difícil pelas inversões da frase: é verdade e disto dou um testemunho de meus anos já bem idos: quando estudante de grego, traduzindo exatamente a *Ilíada*, tinha por professor o maior helenista que já conheci, o Cônego Macário Sars, da ordem premonstratense, homem que sabia Homero de cor e meditava em grego, muitas vezes, para entender a tradução de *Odorico Mendes*, recorriamos ao texto original. Para o meu professor, talvez porque fosse holandês, era mais fácil entender Homero em grego do que Homero no português de *Odorico Mendes*. A causa já ficou acima explicada: o vocabulário renascentista que empregou, as criações neologísticas de que teve necessidade de usar. Claro está que obra como esta não se põe em mãos de principiantes, nem sob os olhos dos que ainda se deleitam com histórias em quadrinhos ou com romances policiais. Homero será sempre, seja lá a língua em que for vertido, um manjar de exigências finas, leitura de poucos eleitos, daqueles que já se alçaram além da craveira comum e podem, do alto, retroceder a vista para os tempos gloriosos da cultura clássica.

A reedição de obra de tal valia, o reaparecimento desta *Odisséia* onde palpita o sopro de um talento que o Brasil vivificou, vem comprovar, com grande alegria para todos nós que envelhecemos sobre as páginas da civilização antiga, que a nossa juventude brasileira já se vai incorporando a esses escolhidos de Jedeão, cujos joelhos não se curvam perante as facilidades improvisadas e efêmeras das produções literárias de somenos, mas galhardamente enfrentam, de pé, as dificuldades oferecidas pelas obras-primas do gênero humano. Não malbaratam os jovens o seu precioso tempo nessas frivolidades que bem marcam a decadência intelectual do mundo, nesses romances, nessas poesias que duram

tanto quanto podem durar os sons das palavras ocas, mas todos se voltam aos monumentos da genialidade antiga, aos pilares da arte clássica, pilares eternos, sempre firmes e inabaláveis embora as águas tumultuosas dos séculos tentem corroer-lhes as bases. Por que hei de ler fulano e beltrano, gente de hoje, que comigo cresceu, que não sabe mais do que aquilo que também eu pude aprender, que não produziu nada que também eu não pudesse produzir, quando ainda não li Camões, Cervantes, Dante, Shakespeare, Milton; quando ainda não conheço Virgílio e lá, no fundo das idades, esse divino Homero? Eis o raciocínio que já fazem os nossos jovens estudantes e, acertadamente, pensam que sem o conhecimento desses pináculos da criação literária, jamais poderão, também eles, aspirar a alturas que se avizinhem desses píncaros da genialidade humana. Mas como ler Homero se não o temos ao alcance dos nossos olhos? Já muitos podem lê-lo diretamente em grego, auxiliados pelos comentários literários e filológicos, e agora todos o poderão ter, nesta *Odisséia* de *Odorico Mendes*, em sua língua materna, em português.

Este é um dos sintomas felizes desse verdadeiro Renascimento por que vai passando o Brasil, mercê da criação das Universidades, e, especialmente, das Faculdades de Letras. Criada que foi a primeira dentre todas, primeira pela cronologia, primeira pelos trabalhos de valor já publicados, a nossa de São Paulo, imediatamente começou a operar-se o milagre da renovação cultural. Até então, eram as livrarias de obras usadas os repositórios dos melhores livros de literatura: na umidade dos porões, na esterilidade da poeira das estantes, jaziam, esperando pelo seu vale de Josafá, as melhores criações européias e nacionais. Quem desejava um bom livro, um autor clássico, ia procurá-los nesses cemitérios da inteligência ou nesse purgatório dos grandes escritores, salvando hoje esta alma, salvando amanhã aquela, trazendo à luz da vida um Camões, um Horácio, um Virgílio que lá dormitavam há séculos. Percorra-se hoje uma dessas livrarias: não se encontrará nada de valor para adquirir. Mais ainda: já não existem tais livrarias de livro usado: na falta da mercadoria, tiveram de transformar-se, comprando e vendendo livros novos. Ao lado destas transformações, criaram-se outras puramente científicas, especializadas, onde só se vendem obras de valor, as coleções dos clássicos, os grandes poemas das literaturas mais antigas. Quem possui um bom autor, um livro de valor, não o vende, não se desfaz dele: guarda-o como um tesouro. Eis a grande consequência das Faculdades de Letras. Saber latim, saber grego, já deixou de ser mistério dos cursos de seminário. Há já um grande número de rapazes, de meninas, que pode competir com os reverendos padres no conhecimento de Cícero, de Virgílio, de Homero ou de Demóstenes. Esgotam-se as remessas de livros didáticos, de gramáticas e de manuais, como se esgotam as coleções dos clássicos, levando todos em mira o ter o melhor texto, as melhores edições, conhecendo muito bem o valor deste e daquele comentador. Que prazer não é para nós entrarmos numa classe de letras e vermos aí essas fronteiras jovens, curvadas, atentas, pesquisando uma passagem de Tácito, discutindo a métrica

dos versos arquílocos, procurando saber se a cesura pode cair ou não no quarto pé de um troqueu, como fez Homero na *Odisséia*, ou se o decassílabo camoniano, com a cesura na quinta sílaba está errado ou se pertence a outra versificação, a lemusina, diferente da renascentista italiana. Para completar este prazer, eis que aparece esta nova edição do grande poema homérico, na tradução de Odorico Mendes. Podem agora os eruditos, os estudiosos das nossas Faculdades de Letras, comparar o trabalho do grande maranhense com o texto original, vendo e apreciando as dificuldades vencidas pelo tradutor e também as deficiências do seu trabalho feito numa época em que os problemas da filologia clássica ainda não haviam chegado ao Brasil. Tenho a esperança de ver, dentro de pouco tempo, edições de Homero, não com um prefácio modesto qual este meu, mas com introduções filológicas, onde se discutam os grandes problemas da existência real e pessoal do divino Poeta, da unidade arquitetural da *Iliada*, da *Odisséia*, da comprovação histórica de tais poemas pelos descobrimentos arqueológicos mais modernos, pelo estudo acurado da língua de Homero, da metrificacão por ele usada, dos versos meramente supranumerários e dos verdadeiros interpolados, aparato científico e necessário para edições realmente filológicas. Já estamos em condições de executar tal trabalho de alta filologia clássica? Perfeitamente: dispomos de materiais mais do que necessários, conhecendo as grandes edições como a de Victor Bérard, de Ernesto Drerup, de Laurand, de André Lang, Leaf, Monro, Blass, Bréal, para citar apenas alguns dos mais importantes estudiosos da questão homérica. Se ainda há alguns retardatários que repetem as defuntas idéias de Wolf e as já falecidas teorias de Croiset, a juventude que está saindo da nossa Faculdade de Letras já pode repetir com Bérard:

“J’ai connu le temps où le dernier du ridicule, pour un homérisant, était de croire à l’existence d’un auteur dont on lisait les ouvrages. On est aujourd’hui le dernier des ignorants si l’on ose mettre en doute que l’Iliade et l’Odyssée, de leur premier vers au dernier, ont été rédigées par le Poète aveugle et par lui seul”. (L’Odyssée d’Homère-Préface — pg. 10).

Com os meus parabéns aos editores desta reedição da *Odisséia* de *Odorico Mendes* ficam estas minhas esperanças dessa edição crítica e anotada que eles poderão fazer e que a mocidade estudiosa do Brasil espera em seu renascido gosto a estas obras imortais do espírito humano, do trovador grego tão grande e tão extraordinário que foi chamado por todos os séculos mais gloriosos da Grécia e de Roma, simplesmente o *Poeta*, com *p* maiúsculo, acrescentando-lhe depois a cultura humana o epíteto de *Divino*, — *HOMERO*.

Junho de 1954, quarto centenário de São Paulo.

PROF. SILVEIRA BUENO

HOMERO ODISSÉIA

Em Verso Português
por
MANOEL ODÓRICO MENDES

LIVRO I

Canta, ó Musa, o varão que astucioso,
Rasa Ílion santa, errou de clima em clima,
Viu de muitas nações costumes vários.
Mil transe padeceu no equóreo ponto,
5 Por segurar a vida e aos seus a volta;
Baldo afã! pereceram, tendo insanos
Ao claro Hiperiônio os bois comido,
Que não quis para a pátria alumiá-los.
Tudo, ó prole Dial, me aponta e lembra.
10 Da guerra e do mar sevo recolhidos
Os que eram salvos, um por seu consorte
Calipso, ninfa augusta, apeteendo,
Separava-o da esposa em cava gruta.
O céu, porém, traçou, volvendo-se anos,
15 De Ítaca reduzi-lo ao seio amigo,
Onde novos trabalhos o aguardavam:
De Ulisses condoíam-se as deidades;
Mas, sempre infenso, obstava-lhe Netuno,
Este era entre os Etíopes longínquos,
20 Do oriente e ocidente últimos homens,
Num de touros e ovelhas sacrifício
A deleitar-se; e estavam já no alcáçar
Do Olimpo os habitantes em concílio.
O soberano, a recordar Egisto
25 Do Agamenônio Orestes imolado,
Principia: “Os mortais ah! nos imputam,
Os males seus, que ao fado e à própria incúria
Devem somente. Contra o fado mesmo,
Do porvir não cuidadoso, há pouco Egisto,
30 Em seu regresso o Atrida assassinando,
Esposou-lhe a mulher, bem que enviado
O Argicida sutil o dissuadisse:
— De o matar fuge e poluir seu leito;
Senão, tem de vingá-lo, adolescente
35 Sendo investido no seu reino Orestes. —

Mercúrio o amoestou, mas surdo Egisto,
Os delitos por junto expia agora”.

A quem Minerva: “Sumo pai Satúrnio,
Jaz com razão punido esse perverso;
40 Todo que o imitar, com ele acabe!
Mas a aflição de Ulisses me compunge,
Que, há tanto longe dos amenos lares,
Em ilha está circúnflua e nemorosa,
Lá no embigo do mar; onde é retido
45 Pela filha de Atlante onisciente,
Que o salso abismo sonda, o peso atura
Das colunas que a terra e o céu demarcam.
A deusa com blandícias o acarinha;
De Ítaca ele saudoso, o pátrio fumo
50 Ver deseja e morrer. Não te comoves?
Irritou-te faltando, em sua amada
E em Tróia, com ofertas e holocaustos?”

E o Junta-nuvens: “Que proferes, filha,
Do encerro dessa boca? eu deslembrar-me
55 Do mortal mais sisudo, o mais devoto,
Aos celícolas pio e dadivoso!
Da terra o abarcador é quem o avexa,
Por ter do olho privado a Polifemo,
O mor Ciclope, que, num antro unida
60 A Netuno, pariu Toosa, estirpe
De Fórcis deus do pego insemiável.
O Enosigeu d’então lhe poupa a vida,
Mas de Ítaca o arreda. Provejamos
Na vinda sua; aplaque-se Netuno:
65 Só contra todos contender não pode”.

A Olhicerúlea: “Ó padre, ó rei supremo,
Se vos praz que à família torne Ulisses,
Da ínsula Ogígia à ninfa emadeixada
Mercúrio o intime, o herói prudente parta.
70 A Ítaca baixo a confortar o filho:
Os comantes Argeus convoque ousado;
Suste aos vorazes procos a carnagem
De flexípedes bois e ovelhas pingues.
Dali, na Esparta e na arenosa Pílos,
75 Do amado genitor se informe e indague,
E entre humanos obtenha ilustre fama”.

Já liga alparcas de ouro incorruptíveis,
Que a propelem como aura pelas ondas
Ou pelo amplo terreno; a lança empunha

80 De éreaafiada ponta e desmedida,
Com que turmas de heróis desfaz metuenda,
Progênie de tal pai. Do Olimpo frecha;
Em Ítaca, ao vestibulo de Ulisses
Tem-se, e de hasta na destra, parecia

85 O hóspede Mentos campeão dos TáfiOS.
Ao pórtico acha intrusos pretendentes
Sobre coiros de bois que morto haviam,
Os dados a jogar. Servos e arautos
Misturam nas crateras água e vinho,

90 Ou com povosa esponja as mesas pulem,
E partem nelas abundantes carnes.
Distante a vê Telêmaco deiforme:
No meio, taciturno e consternado
No genitor pensava, que expulsá-los

95 E reger venha o leme do governo.
Entrementes a avista, e não sofrendo
Por mais tempo de fora um peregrino,
Corre, aperta-lhe a mão, sua arma toma:
“Hóspede amigo, salve; o que precisas,

100 Depois do teu repasto o saberemos”.

Ei-lo encaminha a déia, e já na sala
Ante celsa coluna encosta a lança
À nítida hastaria, onde em fileira
As de Ulisses valente em pé dormiam.

105 Num trono a põe dedáleo de alcatifa
E de escabelo aos pés, senta-se perto
Em variegada sela; à parte ficam,
Para que, à bulha e ao trato com soberbos,
O hóspede o apetite não perdesse,

110 E do pai ele a folgo o interrogasse.
De gomil de ouro às mãos verte uma serva
Água em bacia argêntea, a mesa lustra,
Que enche a modesta afável despenseira
De pães e das presentes iguarias;

115 Escudelas de várias novas carnes
O trinchante apresenta e copos de ouro,
Que arrasa de almo vinho arauto assíduo.

Suspenso o jogo, os feros pretendentes
Ocupam já cadeiras e camilhas;

120 Dão água às mãos arautos, pão comulam
Servas em canistréis; atiram-se eles
Aos regalados pratos, e as crateras
Lhes coroam mancebos. Farta a sede,

Farta a fome, em prazer os embriagam
125 Música, dança, adornos de banquetes:
Cítara ebúrnea entrega um dos arautos
A Fêmio, que forçado ali tangia
E o cântico ajustava ao som das cordas.
Inclinou-se Telêmaco a Minerva,
130 Dizendo à puridade: “Hóspede caro,
Vou talvez enfadar-te? Eles só curam
De cantigas e danças, porque impunes
Comem do alheio, os bens do herói consomem.
Cuja ossada ou jaz podre em longes terras,
135 Ou rola entre maretas; ah! se o vissem
Cá reaparecer, mais que ouro e galas,
Planta leve amariam. Fado acerbo
Urge-o porém, e embora algum terrestre
A volta sua afirme, as esperanças
140 Murchas estão, nem luzirá tal dia.
Ora, quem és? de que família e pátria?
Com que gente vieste e em que navio?
Vindo a pé não te creio. Uses franqueza,
Hóspede me és recente ou já paterno?
145 A muitos nosso teto agasalhava,
E meu pai atraía os forasteiros”.
A de azuis claros olhos: “Não duvides,
Mentes sou, de ser nado me glorio
De Anquíale belaz, e os Táfiros mando
150 Náuticos hábeis. Vim, com meus remeiros
Sulcando o negro pélagos, a Temeses
De estranha língua permutar meu ferro
Pelo seu cobre: o vaso tenho surto
No Retro porto, fora da cidade,
155 Junto ao Neio frondoso. Antigo hospício
Me une a teu pai, e o diga o bom Laertes;
Herói que, é fama, a corte mesto esquiva
Em campo solitário, onde ama idosa
Lhe apresta a mesa, ao vir cansado e lasso
160 De amanhar fertilíssimos vinhedos.
Cuidei, corria voz, tornado Ulisses;
Mas os deuses o impedem, que inda vive
Em ilha de mar vasto circunfusa,
Por bárbaros detido e involuntário.
165 O que o Céu sugeriu-me, eu to assevero,
Se bem áugur não seja ou grã-profeta:
Não tardará; que, embora o tenham ferros,

Ardis cogita. Sê sincero; os olhos
E a cabeça tens dele, és tu seu filho?
170 Como agora freqüentes conversávamos;
Desde que para Tróia, entre os mais cabos,
Se embarcou, nunca mais nos avistamos”.

E o príncipe modesto: “Hóspede, é certo
Que minha mãe de Ulisses me diz prole;
175 Por si mesmo ninguém seu pai descobre.
Oh! gerado fosse eu de um mais ditoso,
Que em suas possessões envelhecesse!
A porvir de um herói, já que o perguntas,
Esse é desgraçadíssimo dos homens”.

180 E Palas: “Deu-te o Céu preclaro berço,
És da casta Penélope nascido.
Mas, dize, que festim, que turba é esta?
Para que a tens? são núpcias? é banquete?
Por escote o não fazem. Que insolência!
185 Qualquer homem de siso há de irritar-se
De os ver assim”. — Telêmaco prudente:
“Hóspede, honesta e rica era esta casa,
Quando aquele varão conosco estava;
Mas obscuro ocultá-lo aprouve aos deuses.
190 Menos dor fora se acabasse em Ílion,
Ou no meio de amigos triunfante:
Erigindo-lhe a Grécia um monumento,
Ao filho seu legara imensa glória.
As Harpias cruéis mo arrebataram;
195 Sem brilho algum morreu, só lutos, herdo.
Outros prantos o fado nos suscita:
Os chefes de Dulíquio ambiciosos,
De Ítaca rude e Samos e Zacinto
Pretendem minha mãe, que os não repulsa,
200 Bem que fiel tais himeneus deteste;
Famélicos o haver me dilapidam,
E malvados a morte me aparelham”.

Palas com dó: “Precisas de que Ulisses
A mão carregue sobre audácia tanta.
205 Oh! de seu paço à entrada aparecesse
De elmo, adarga e hastas duas, qual chegando
O vi de Éfira e de Ilo Mermérida,
Aonde fora numa nau veleira
Comprar veneno para ervar as setas;
210 Mas, como Ilo o negou temendo os numes,
Lho deu meu pai, que amigo em nossa casa

O regalou de saborosos vinhos:
Surdisse, e a boda amargaria aos procos.
Se cá deva o Laércio ou não vingar-se,
215 Arcano é divinal; tu considera
De enxotá-los o modo, eu to aconselho:
Em assembléia aos teus amanhã fala,
Atesta o Céu, despede esses intrusos;
A desejar Penélope outro esposo,
220 Torne a seu pai, que as núpcias lá celebre,
E um dote para a filha haja condigno.
Se outro cordato aviso adotar queres,
Navegues, a indagar de Ulisses novas,
Em ótimo baixel de vinte remos:
225 Talvez alguém te informe, ou soe o brado
Com que Jove aos mortais gradua a fama.
Interroga a Nestor primeiro em Pilos,
Na Esparta ao louro Atrida, que o postremo
Dos lorigados reis entrou na Grécia.
230 Vivo Ulisses, paciente um ano esperes;
Morto, regressa, um monumento exalça
E consagra-lhe exéquias dignas dele;
De ti novo marido a mãe receba.
Isto acabado, às claras ou por fraude,
235 Sério dos procos desfazer-te busca:
De brincos pueris não é mais tempo.
Ouves de Orestes o renome honroso,
Por ter vingado o pai no infame Egisto?
Sê no valor qual és no garbo e talhe;
240 Gabem-te, filho, as gerações futuras.
Vou-me à inquieta nau por minha ausência:
Tudo observes, amigo, e nada esqueças”.

E o moço: “Hóspede, os sábios teus conselhos
Preceitos são de pai, que eu n’alma guardo.
245 Mas demora-te ainda, a fim que um banho
O coração te alegre, e prenda exímia
Aceites hospital, que tu conserves,
Doce memória da amizade nossa”.

“Não me estorves, replica, ansioso parto.
250 A tua oferta para a volta aceito;
A Tafo hei de levá-la, e dignamente
Retribuir”. Eis voa a gázea deusa,
Águia Anopéia, infunde-lhe coragem,
Na alma avivando o pai. Crendo-a celeste,
255 O deiforme assombrado aos mais se agrega.

Mudos a Fêmio atendem, que o de Tróia
Triste regresso dos Aqueus modula,
*Pom Minerva disposto. A nobre Icária
Penélope a divina cantilena
260 Do alto percebe, e desce pela escada.
Não só, com duas servas; ante os procos,
À porta, o véu de pejo ao rosto abaixa,
Entre as servas lágrima, ao vale fala:
Fêmio, outros carmes e trabalhos sabes
265 De homens e deuses, da poesia assunto;
Escolhe um que a beber te escutem ledos:
Suspende esse cantar, que amargo sempre
O coração me rala e mo entristece,
À lembrança do herói, cuja alta glória
270 Por toda Hélade e Argólida ressoa”.

“Reprovas, minha mãe, contesta o filho,
Que nos deleite a impulsos do seu gênio?
Os poetas não culpes, culpa a Jove
Que a prazer os inspira e o estro acende.
275 Não peca em celebrar de Aqueus os males,
E se é nova a canção, mais prende os homens:
Reforça o ânimo teu para sustê-la.
Se luz não teve para a volta Ulisses,
Em Tróia outros heróis também ficaram.
280 Mas dentro as servas atarefa, intende
Na roca e no tear: varões discorram,
E eu mormente que sou da casa o dono”.

Recolheu-se com pasmo, na prudência
Do filho meditando, pela escada,
285 Mais as fâmulas duas, vai carpindo
O amado ausente esposo, até que em sono
Boa Minerva as pálpebras lhe fecha.

De compartilhar seu leito ávidos eles,
Na escurecida sala tumultuam;
290 A quem Telêmaco: “O alarido cesse
De Penélope amantes ultrajosos:
Ora à mesa o cantor saboreemos,
Na harmonia parêlo às divindades.
Amanhã sem rebouço, em parlamento,
295 Exporei meu desejo de expulsar-vos:
Mutuando os festins, comi do vosso.
A preferirdes consumir sem termo
Os bens de um só, recorro aos Sempiternos:
Júpiter o castigo vos fulmine,

300 E nestes paços expireis inultos”.

Aqui, mordendo os beijos, da ousadia
Pasmavam do mancebo; a Antino, garfo
De Eupiteu, rebentou: “Do Olimpo, certo,
A sublime linguagem te ensinaram;
305 Se és audaz, é que de Ítaca circúnflua
Oh! destinam-te o cetro hereditário”.

Mui ponderoso o príncipe: “O que ajunto
Não te exaspere, Antino: eu de vontade
Granjeara de Júpiter o cetro.

310 Mau reputas reinar? quem reina goza
Opulenta morada e as mores honras.
Na ilha há jovens e anciãos que aspiram,
Morto Ulisses, ao mando: quero apenas
O rei ser desta casa, e dos meus servos
315 Pelo braço paterno conquistados”.

E Eurímaco de Pólipo: “Quem seja
De Ítaca rei, no grêmio está dos numes:
Senhor és do palácio, e enquanto a pátria
For habitada, príncipe, não temas
320 Que da riqueza tua alguém te esbulhe.
Mas conta-nos, amigo, donde veio,
Que herdades o teu hóspede cultiva,
Qual é sua prosápia. Anunciou-te
Perto Ulisses, ou dívida reclama?
325 Foi-se rapidamente e se encobria;
Porém no aspecto seu nobreza inculca”.

“Eurimaco, responde o cauto moço,
Ah! não verei meu pai, nem creio anúncios,
Nem curo de adivinhos que na régia
330 Consulta minha mãe. Aquele é Mentos
Hóspede meu paterno, que se jacta
Filho do ilustre Anquíales; é de Tafo,
Governa os Tálios navegantes hábeis”.

Fala assim, mas conhece a divindade.

335 Na dança e melodia eles se enleiam,
Té que Vésper assoma, e fusca a noite
Vão-se à casa lograr do mole sono.
Cuidados cem Telêmaco rolando,
Um pátio busca interno, onde aposento
340 Soberbo tinha; avante, aceso um facho
Ia a castíssima Euricléia, filha
De Opes de Pisenor, que, enrubescida,
Por vinte bois comprada, igual da esposa

A estimava Laertes, mas honesto
345 Nem lhe tocou, para ferrar ciúmes;
De Telêmaco a serva era dileta,
Porque infante o pensara. Esta é quem abre
O camarim formoso: ele na cama
Despe a macia túnica; dobrada
350 Em cabide a pendura junto ao leito
A boa velha, que ao sair, a porta
Por um anel de prata a si puxando,
Corre da aldrava o loro. De ovelhuna
Lã coberto, a cismar despende a noite
355 Na viagem que a deusa lhe ordenara.

NOTAS AO LIVRO I

43-88 — *Circúnfluo* quer dizer *cercado de ondas*, e já é nosso. — *Embigo do mar*, versão literal do grego, significa o lugar mais elevado do mar: não quis diminuir a força do texto. — *Pesoissi*, interpretado *calculis*, indica o xadrez, que, segundo a tradição, pouco havia que Palamedes o tinha inventado, e devera ser o jogo da moda; mas parece que o termo grego indica antes o jogo de dados.

104-114 — A expressão *em pé dormiam*, aplicada às lanças, é de Pindemonte, e parece-me ter lido em Francisco Manuel cousa parecida. — Das palavras a que faço corresponder *presentes iguarias*, vê-se que a serva pôs à mesa de Minerva alguns dos pratos que estavam na dos príncipes, e ao depois veio o cozinheiro trinchante com outros quentes: os primeiros deviam ser daqueles que, ainda entre os modernos, se costumam guardar, v. g. fiambres, doces, etc. Assim opinam comentadores, mas em várias traduções omite-se esta circunstância, que aliás mostra um uso da antiguidade.

221 — Não é claro se o dote seria dado pelo pai ou pelo noivo preferido: há diferentes opiniões, e eu sou mais da segunda.

274 — Diz M. Giguet: “Les poètes ne sont pas coupables; mais Jupiter, qui dispose à son gré du sort des humains.” Penso que o sentido é que Penélope não culpe a Fêmio o cantar aqueles versos, porque Júpiter é que inspira os poetas a seu prazer.

302-311 — Digo *Antino* e não *Antinôo*, assim como Camões dizia *Alcino* e não *Alcinôo*. — Do verso 308-311, opina-se que o reinar não é um mal; o meu bom Ferreira, numa cena belíssima da Castro, é de voto contrário: a experiência contudo favorece o do poeta grego. Se fosse mau o reinar, não se teriam cometido tantos crimes para se obter um cetro. Ao momento de escrever isto, os próprios gregos lutam atrapalhados com a candidatura de muitos que aspiram a carregar sobre eles o mesmo cetro que o trágico lusitano qualifica de pesado para os que o trazem; e os três animais ferozes da Europa estão vibrando o olhar sangüíneo, uns contra os outros, por causa da presa.

LIVRO II

Veste-se, à luz da dedirrósea aurora,
Sai da alcova o amadíssimo Ulisseida
Ao tiracolo a espada e aos pés sandálias,
Fulgente como um deus, expede arautos
5 A apregoar e reunir os Gregos.
De hasta aênea, ao congresso alvoroçado,
Não sem dous cães alvíssimos, se agrega;
Minerva graça lhe infundiu celeste.
Seu porte e ar admira o povo inteiro;
10 Cedem-lhe os velhos o paterno assento.
Egípcio ergueu-se, de anos curvo e sábio,
A lembrar-se de Antifo, que audaz indo
Com Ulisses a Tróia, do Ciclope
Foi na seva espelunca última ceia;
15 O herói carpia o filho, e bem que houvesse
Três outros, um dos procos Eurínomo,
Dous nas lavouras ocupados sempre,
Concionou lagrimando: “Nunca, atentos
Cidadãos, em congresso nos sentamos,
20 Desde que Ulisses embarcou divino:
Que provector ou mancebo o ajunta agora?
Que urge? anúncio há exército inimigo?
Ou tratar vem de público interesse?
Nas justas intenções o assiste Jove”.
25 O Ulisseida não mais fica em seu posto;
Ledo, orar cobiçando, em pé recebe
Do arauto Pisenor sisudo o cetro,
Por Egípcio começa: “Eis-me, tens perto
Quem, ancião, convoca esta assembléia;
30 Nem há novas de exército inimigo,
Nem trato hoje de público interesse,
Mas do meu próprio. Hei duas graves penas:
Falta-me o pai, que o era do seu povo;
O pior é que amantes importunos,
35 Filhos dos principais aqui presentes,
Minha mãe vexam, minha casa estragam.
A Icário temem ir, que a filha dote
E escolha o genro que lhe for mais grato;

Em diários festins, meus bois tragando,
40 Cabras e ovelhas, minha adega exaurem.
Nem outro Ulisses que remova o dano,
Nem forças tenho e militar perícia;
Mal seria tentá-lo: oh! se eu pudesse!
Da ruína e infâmia, cidadãos, salvai-me,
45 Os vizinhos temeí, temeí que os deuses
Em vós a indigna tolerância punam:
E vos rogo por Júpiter, por Têmis,
Que demite ou congrega as assembléias,
Socorro, amigos; só me reste a mágoa
50 Do extinto pai. Se dele ofensas tendes,
E contra mim os instigais, mais vale
Vós os móveis e imóveis consumirdes:
Assim, tinha o recurso de que a tempo
Em Ítaca meus bens vos reclamasse,
55 Compensações recíprocas fazendo.
Ora, insanável dor me infligis n'alma".
De cólera chorando, o cetro arroja;
Comisera-se o povo. À queixa amarga,
Em roda emudeceram, mas Antino,
60 Rompe o silêncio: "Altíloquo e impotente
Da ignomínia o ferrete em nós imprimes?
A ninguém mais, Telêmaco, a mãe cara
Somente arguas, que de astúcias mestra,
Quatro anos quase, nos contrista, ilusos
65 De promessas, recados e esperanças,
E al tem no coração. Com novo engano,
Nos disse, ao predispor fina ampla teia:
— Amantes meus depois de morto Ulisses,
Vós não me insteis, o meu lavor perdendo,
70 Sem que do herói Laertes a mortalha
Toda seja tecida, para quando
No longo sono o sopitar o fado:
Nenhuma Argiva exprobre-me um funéreo
Manto rico não ter quem teve tanto. —
75 Esta desculpa ingênuos aceitamos.
Ela, um triênio, desmanchava à noite
À luz da lâmpada o lavor diurno;
Ao depois, avisou-nos uma escrava,
E a destecer a teia a surpreendemos:
80 Então viu-se obrigada a concluí-la.
Saibas nossa resposta, e a saibam todos:
Penélope de Icário ao paço envie,

Marido a sabor dela o pai lhe escolha.
De indústria, engenho e ardis, a ornou. Minerva,
85 Quais não dera às mais célebres Aquivas,
Tiro e Alcmena e Micena emadeixadas;
Mas dos dotes abusa em que as supera,
A príncipes da Grécia atormentando.
A insistir na repulsa, na vontade
90 Que os imortais no peito lhe puseram,
Terá glória perene, embora sintas
Esgotados rebanhos e tesouros;
Pois, o assevero, a empresa não largamos,
Antes que ela um consorte a gosto eleja”.

95 Logo Telêmaco: “A expulsar, Antino,
Quem me pariu e amamentou me instigas?
Viva Ulisses ou não, se tal cometo,
A meu avô dar cumpre estreita conta;
Aflito pelo pai, depois que as Fúrias
100 Penélope, este lar deixando, impreque,
Me incitará mau gênio humanos ódios:
Não, não proferirei tamanho crime.
Mutuando os festins, comi do vosso,
A casa despejai-me. A preferirdes
105 Gastar os bens de um só, recorro aos deuses:
Júpiter o castigo vos fulmine,
E nestes paços expireis inultos”.

Aqui despede o próvido Satúrnio
110 Do alto águias duas, que, de pandas asas
Pelas auras a par, ante o congresso
Mirando em giro e sacudindo as penas
Sobre as cabeças, prometiam mortes;
Lacerando-se à unha a testa e o colo,
Da cidade por cima à destra voam.

115 No anúncio a refletir, pasmaram todos.
Ergueu-se o herói Mastórida Haliterse,
Agoureiro o melhor entre os coevos,
E orou de grado: “Cidadãos, ouvi-me,
Risco iminente pressagio aos procos:
120 Não tarda Ulisses, que vizinho traça
Deles o exício e de outros Itacenses.
De os refrear o modo averigüemos,
Ou se abstenham por si, que é mais cordato.
Inexperto não sou; predisse aos Gregos,
10 No embarcar para Tróia o astuto Ulisses,
Que sem nenhum dos seus, após vinte anos

E transes mil, ignoto aqui viria:
Quanto pronunciei vai ser cumprido”.
Eurímaco retorque: “Eia, a teus filhos
130 Corre a vaticinar, para que um dia
Sério desastre, ó velho, não padeçam:
Profeta eu sou maior; nem quantas aves
Ao sol adejam, pronosticam males.
Como Ulisses, ao longe oh! pereceras,
135 Áugur falaz; com olho só no lucro,
O ódio nunca em Telêmaco excitavas.
Mas, se de teu prestígio e idade abusas
Irritando o mancebo, eu te asseguro,
Funesto lhe serás, sem nada obteres,
140 E a ti multa imporemos, que te grave
E ao vivo doa. Mande, eu lho aconselho,
A Icário a mãe: as núpcias lhe aprontemos,
E um dote para a filha haja condigno.
Cesse a porfia assim; pois ninguém medo,
145 Nem o loquaz Telêmaco, nos mete.
Predições desprezamos, cujo efeito
Único é detestarmos o adivinho.
A desfalcar seus bens continuaremos,
Enquanto ela indecisa entretiver-nos:
150 Todos rivais, pela virtude sua,
Longos dias passamos na esperança,
Outras nobres senhoras enjeitando”.
Dissimula Telêmaco: “Não quero
Nisto, Eurímaco e ilustres pretendentes,
155 Falar mais: tudo os Céus e os Gregos sabem.
Mas dai-me ágil baixel de vinte remos,
No qual, o instável pélagos sulcando,
Eu vá, na Esparta e na arenosa Pilos,
Do suspirado pai colher notícias:
160 Talvez alguém me informe, ou soe o brado
Com que Jove aos mortais gradua a fama.
Vivo Ulisses, paciente um ano espero;
Morto, aqui volto, e um monumento exalço
E consagro-lhe exéquias dignas dele;
165 De mim novo marido a mãe receba”.
Mal toma o seu lugar, Mentor ergueu-se,
Sócio do grande Ulisses que à partida
Confiou-lhe interesses da família,
Que ao velho obedecia; este prudente
170 Orou de grado: “Cidadãos, ouvi-me,

Cetrígero nenhum benigno seja,
Nem precatado e bom, sim duro e injusto,
Já que o povo deslembra o divo Ulisses,
Rei homem, rei e pai, senhor e amigo.
175 Aos cegos procos a violência passo,
Porque, a seu risco devorando a casa,
Pensam que Ulisses nunca mais ressurgja;
Ardo só contra o povo, que estais mudos,
Que, tantos sendo, ao menos com palavras,
180 Não reprimis o orgulho de tão poucos”.
Bradou Leócrito Evenório: “Bronco
E insolente Mentor, nós desistirmos!
Disputar-se o festim será difícil
Dos príncipes à flor: se o próprio Ulisses
185 Maquinasse expelir de casa os procos,
Não folgava de o ver a amante esposa;
Crua morte os convivas lhe dariam.
Fútil arenga. Ao trabalho, ó povo;
Naliterse e Mentor, muito há paternos
190 E amigos seus, dispunham-lhe a viagem.
Falho o projeto, longamente, eu creio,
Tem de inquirir em Ítaca estrangeiros”.
Ei-lo, solve o congresso; os mais às próprias,
De Penélope à casa os procos foram.
195 Telêmaco da praia ao longo parte;
No alvo mar banha as mãos, suplica a Palas:
“Socorro, ó nume que a meu lar vieste,
E ontem mandaste que, talhando as vagas,
De Ulisses fosse em busca; obstam-me os Gregos,
200 E sobretudo os ferros pretendentes”.
Palas à prece acorre, em voz e em corpo
A Mentor semelhando: “Siso e esforço,
Ó mancebo, terás, se em ti se instila
O ânimo de teu pai em dito e em feitos,
205 Nem baldarás teus passos: a não seres
De Penélope sangue e do Laércio,
Que lograsses o intento eu duvidara.
Muitos filhos do tronco degeneram,
Raros o imitam, raros se avantajam;
210 Pois de Ulisses herdaste o gênio e o brio,
O teu projeto conseguir esperes.
Desses loucos e injustos não te importes;
Sem previdência, ignoram que atra morte
Para um só dia lhes comina o fado.

215 Não mais o teu propósito retardes:
Mesmo agora aparece aos pretendentes;
Vitualhas apresta e acondiciona,
Em ânforas o vinho e em densos odres
 Mete a farinha, dos barões medula.

220 Paterno sócio, te serei companha,
Em baixel que te esquipe: ondicerada
Ítaca abunda em naus de toda a sorte;
A melhor se aparelhe e ao mar se deite”.

 À voz da filha do Satúrnio, à casa

225 Dirige-se o Ulisseida angustiado;
Os soberbões encontra a esfolar cabras,
A assar no pátio suculentos porcos.
Rindo lhe ocorre Antino e a mão lhe trava:
“Fraco e loquaz Telêmaco, desterra

230 Mau pensamento; investe, como dantes,
Ao comer e ao beber, valente e guapo.
Gregos te escolherão navio e remos,
Onde a Pílos divina, ao som da fama,
Tu vás de Ulisses indagando novas”.

235 Sérico o príncipe: “Antino, com soberbos
Folgar não devo ou conviver forçado.
Não basta que os meus bens dilapidásseis
Na infância minha? Alerta e mais crescido,
Aconselhei-me, e a ira em mim referve:

240 Seja em Pílos ou Ítaca, procuro
Vossa ruína; os passos meus não frustro.
Passagem pagarei, pois vos aprouve
De embarcação privar-me e de remeiros”.

E a mão da mão de Antino arranca fácil.

245 Rompe o festim, e a charlear um deles:
“Hui! Telêmaco a perda nos prepara!
Ou da arenosa Pílos ou de Esparta
Vingadores trará, se é que de Éfira
Não nos trazer letíficos venenos,

250 Que na cratera a todos nos propine”.

E outro a zombar: “Quem sabe se naufrague
E longe expire, como o errante Ulisses?
Seria um grã trabalho o dividirmos
Tamanhas possessões, à mãe deixando,

255 Ou a quem a esposasse, este palácio”.

 Ele à paterna estância ampla e sublime
Corre, onde amontoavam-se ouro e cobre,
Óleo odorífero e de vestes arcas;

Dentro, em redor envelheciam pipas
260 De almo divino baco, se inda Ulisses,
Depois de tanta angústia, ao lar voltasse.
Desperta as portas bífores cerradas
Guardava a ecônoma Euricléia, filha
De Opes de Pisenor; chamou-a e disse:
265 “Em ânforas bom vinho, ama, embotelha,
Do mais suave que a tornada espera
Do infeliz nobre herói, se a morte o poupa,
Delas enche uma dúzia e arrolha todas;
Alqueires vinte em odres bem cosidos
270 Vaza de grãos de elaborada Ceres.
Tudo arruma em segredo; à noite venho,
Mal Penélope a câmara procure.
A Esparta e a Pilos arenosa vou-me,
Do pai dileto a recolher notícias”.

275 Clama Euricléia, debulhada em pranto
“Filho, que insânia a tua! ires sozinho
Por esse mundo! É morto o grande Ulisses,
Ai! longe do seu ninho, em terra ignota:
Fica entre nós; para teus bens gozarem,
280 Se partes, eles te armarão ciladas;
Ao cruel vago mar não te confies”.

“Ama, responde o príncipe, sossega;
Isto não é sem deus. Jura à mãe cara
Onze dias ou doze encobrir tudo,
285 Salvo se o tenha ouvido ou queira ver-me:
Não deforme chorando as faces belas”.

Firma a velha um solene juramento,
E enquanto o vinho em ânforas transfunde
E despeja nos odres a farinha,
290 O jovem se reúne aos pretendentes.

Mais excogita Palas: disfarçada
No régio garfo, as ruas percorrendo,
Incitava um por um a achar-se prestes,
Ao lusco e fusco, ante um baixel veleiro
295 Ao de Frômio pedido egrégio filho,
Que o prometeu benévolo e previsto.
Obumbrava a cidade o Sol no ocaso:
Do porto à boca, a mesma Olhicerúlea,
Em nado posta a nau bem petrechada,
300 Congrega e exorta a pontual maruja.
Depois anda ao palácio; os pretendentes
Entre o vapor do vinho em sono enleia,

Turba-os, das mãos os copos lhes sacode:
Eles para dormir, da mesa erguidos,
305 Carregadas as pálpebras, se espargem.
Retoma a forma de Mentor a deusa,
Fora chama a Telêmaco: “Nos bancos
Te aguardam prontos os grevados Gregos;
Não demorem a partida, vamos.”
310 Já caminha, e Telêmaco após ela.
Chegados ao baixel, na praia encontram
Comantes nautas, a quem fala o moço:
“Os víveres, amigos, transportemos
Que hei no aposento: exceto uma cativa,
315 Nem minha mãe conhece este segredo.”
Ei-los, colocam tudo na coberta:
Embarca o príncipe, adiante Palas,
Que a par o assenta à popa. Safam cabos
E abancam-se remeiros, bem que a deusa
320 Mande favônio Zéfiro, que aleia
E encrespa o turvo ressonante pego.
A vozes de Telêmaco, manobram:
De abeto o mastro levantado encaixam
Em sua base e o ligam de calabres,
325 Com táureas cordas brancas velas içam.
Venta em cheio; a fremir, purpúreas vagas
O buco açoutam, que as retalha e voa.
Finda a maréação, do mais estreme
Em pé crateras coroando, libam
330 Aos imortais, principalmente à prole
De Júpiter Minerva, que da noite
À nova aurora viajou com eles.

NOTAS AO LIVRO II

68-71 — Nesta passagem, usa Rochefort de estilo erótico alheio de Homero: Antino fala no tom do *Pastor Fido* ou da *Marília de Dirceu*. Apesar de ser Pindemonte um bom poeta, caiu no mesmo erro, na aparição dramática de Penélope no livro I, pondo-lhe na boca, não palavras convinháveis ao conjugal amor daquela mãe de um filho de vinte anos, sim próprios da mais ardente mocidade. Amiúde, como sucede em outros lugares deste livro II, emprestam os tradutores aos seus quadros cores modernas mal assentes, por mero enfeite. Ora, pode-se uma ou outra vez ornar o pensamento, contanto que não se abuse da licença, e o ornato seja no gosto do autor; e, se tal se permite, é por uma espécie de compensação, visto que em não poucas ocasiões deixa o tradutor forçosamente de passar com a mesma gala muitas expressões do original. A simplicidade homérica é um grande escolho para nós outros.

118-174 — *Éu phroneon* tomam alguns na acepção de *prudente*: Homero, penso, diz que Halitirse falou contente, por ver que as águias reforçavam o seu antigo prognóstico. — No verso 150, trato só da virtude, não da beleza de Penélope, como alguns acrescentaram, contra a precisão do texto: refiro-me à nota antecedente. — Com M. Giguet, tenho que o verso 169 não é Laertes; é Mentor, que, menos idoso, encarregou-se da família na ausência do herói. — O 174 é o enérgico e bellissimo verso de Ferreira na carta primeira, o qual orna o pensamento sem fugir do estilo simples do poeta grego.

219-244 — Chama-se aqui a farinha ou o pão *medula dos varões*: não quis eu esfriar esta expressão com um equivalente; o mesmo praticou M. Giguet, em prosa e numa língua menos ousada. — *O Reia* do 322 do original, verti-o à letra por *fácil*: parece-me que no seu advérbio indica o autor a força do braço de Telêmaco, de bom agouro para o futuro. Este belo toque de mestre é como o de Virgílio, que no verso 652 do livro VII só no advérbio *nequidquam* aponta a morte futura de Lauso. Muitos não fizeram caso algum desta passagem, mas Rochefort acertou, bem que a sua versão, longa e prolixa, pareça antes uma explanação do texto. — *Ondicercada*, no meu verso 221, imitado do italiano, é o mesmo que *circúnflua*, adjetivo já da nossa língua, do qual falei anteriormente.

LIVRO III

O Sol, do pulcro lago ressurgindo,
Em céu de bronze alumiava os deuses
E n'alma terra os homens, no abordarem
A celsa Pilos de Neleu fundada,
5 Em cuja praia ao criniazul Netuno
Touros em tudo negros imolavam:
Eram bancadas nove e de quinhentos,
Bois nove a cada grupo. Ao nume as coxas,
Consumidas as vísceras, ardiam,
10 Quando, ferrado o pano, em terras saltam.
 Guia e instrui a Telêmaco Minerva:
 “Não mais te acanhes, pois rasgaste os mares,
 A inquirir onde vive ou jaz Ulisses.
 Presto, a Nestor doma-corcéis; vejamos
15 O que há na mente, rogá-lhe a verdade;
 Nem ele mentirá, sisudo e probo”.

 “Como hei de, respondeu-lhe, apresentar-me?
 Como saudá-lo? Sou, Mentor, noviço
 Em discorrer com tento, e me envergonho
20 De interrogar um velho”. — E a de olhos zarcos:
 “Telêmaco, tua alma há de inspirar-te,
 E um nume sugerir-te; eu não te julgo
 Nado e nutrido sem favor celeste.

 Então se apressa, e o príncipe atrás segue
25 Dos Pílios ao congresso, onde se achavam
 Nestor e filhos, que o banquete aprontam;
 Quem assa, quem no espeto a carne enfia.
 Ao vê-los grande número os abraça
 E convida ao festim. Primeiro a destra
30 O Nestório Pisístrato lhes toma,
 Entre o irmão Trasimedes os coloca
 E seu pai n'alva areia e moles peles;
 Porção de entranhas lhes oferta; o vinho
 Em áureo copo vaza, e reverente
35 Fala à prole do aluno de Amaltéia:
 “Hóspede, ao rei Netuno ora conosco,
 A porto chegas para o seu festejo.
 Liba e depreca, é justo, e ao sócio passes

O doce vinho com que os Céus invoque;
40 Todos, julgo, dos Céus necessitamos:
Jovem comigo em anos emparelha;
Terás primeiro o copo.” E aqui lho entrega.
Contente Palas do varão cordato,
Que a velhice acatava, assim perora:
45 “Digna-te, Enosigeu, de ouvir meus votos!
Honra a Nestor e os filhos, agradece
A completa hecatombe aos outros Pílios;
Dá-me e ao sócio o voltarmos tendo obtido
O que imos procurando a remo e vela”.

50 O rito já preenche, e traspassado
O bicôncavo copo, à risca o mesmo
Faz o Ulisseu mancebo. Do braseiro
Tirando, assados superiores trincham,
O solene festim lauto celebram.
55 Vencida a sede e a fome, satisfeitos
Completamente os hóspedes, o velho
Gerênio cavaleiro os interroga:
“Donde vindes cortando as salsas vagas?
Traficais? ou piratas sois errantes,
60 Que para dano alheio a vida expondes?”

De Minerva Telêmaco animado,
Por ter informações do herói famoso
E nome entre os mortais, responde afouto:
“Nestor Nelides, ó da Grécia adorno,
65 Direi quem somos: de Ítaca selvosa,
Não público negócio, mas privado,
Que vou contar sincero, aqui nos trouxe;
Vogo após o rumor do pai querido
O longânimo Ulisses, que a teu lado
70 Soa haver sovertido os muros Teucros.
Já consta o fim de quantos lá pugnaram;
Mas Jove esconde o seu: ninguém me explica
Se a mãos hostis em terra há sucumbido
Ou soçobrou nas águas de Anfitrite.
75 Os pés te abraço, o fado seu declara,
Se o viste, ou se narrou-te um peregrino.
Sem dita ah! veio do materno ventre!
Por dó nada me ocultes, eu to rogo;
E, se a ti fiel sempre, em dito e feitos,
80 Foi na guerra onde Aqueus sofreram tanto,
Isto lembre-te agora e não me iludas.”

A quem Nestor: “Os males me recordas

Que entre esse povo, amigo, suportamos,
Ou quando errantes pelo escuro pegos
85 A depredar nos conduzia Aquiles,
Ou no cerco dos muros Priameios
De heróis sepulcro: o márcio Telamônio,
O Pelides caiu, lá jaz Pátroclo
Em destreza divina, lá meu filho
90 Antíloco gentil, ágil, brioso.
Mas quem memoraria as outras penas?
Fiques cinco ou seis anos, que no meio
Da narração com tédio voltarias.
“Um novênio mil dolos maquinamos;
95 Jove a custo pôs termo a tantas lidas.
Aos demais nos ardis se avantajava
Teu pai, se o é: com pasmo eu vejo o imitas,
Moço egrégio, em facúndia e gesto e porte.
Nunca, no parlamento ou no conselho
100 De Ulisses dissenti, por bem dos povos.
Derruída Ílion celsa e a velejarmos,
O Supremo em furor dispersa os Dânaos,
Que todos justos nem prudentes eram;
Muitos vítimas foram da olhigázea
105 Prole de iroso pai, que entre os Atridas
A discórdia acendera. Os dous, à tarde
Contra o costume os nossos convocando,
Que do vinho turbados concorreram,
O motivo expressaram da estranheza:
110 Queria Menelau que o dorso imano
Talhássemos do mar; o irmão queria
Deter-nos, e com sacras hecatombes
A Minerva aplacar. Cegueira e insânia;
Fácil do intento um nume não se abala.
115 Insultam-se os irmãos, e Argeus grevados
Com sinistro alarido em pé disputam;
A noite, infenso o Padre, uns contra os outros
A excogitar velamos. N’alva, os lenhos
Deitam-se ao divo salso mar, de escrava
120 Alticintas onustos e do espólio:
Fica-se em torno ao rei dos reis metade,
Metade voga. Um deus amaina as ondas,
E em Tênedos portados, suspirando
Pelo saudoso lar, sacrificamos.
125 Aumenta o mal, nova descórdia surge:
Vários, ao sumo. Atrida por obséquio,

Após o cauto Ulisses retrocedem
Nos meus navios fujo, pressentindo
Os desígnios de Júpiter funestos,
130 E Tidides me segue e os seus com ele
Mais tarde Menelau nos topa em Lestos
Na extensa rota a meditar: se, Psíria
Dobrando à esquerda, iríamos acima
Da alpestre sáxea Quio ou desta abaixo,
135 Singrando ao longo da ventosa Mimas.
Rogávamos ao deus, que acena e manda
Esquivarmos na Eubéia algum desastre:
Brama o vento, e sulcando o mar piscoso,
A Geresto os baixéis de noite abordam;
140 Atravessado o pélogo, a Netuno
Sagramos táureas coxas. Entra em Argos
Ao quarto dia a Diomedéia frota;
A Pilos me encaminho, sem que afrouxe
A brisa que souprou-me o Céu benigno.
145 Assim, meu filho, nada sei dos Graios,
Salvos ou perecidos; mas te explano
Quanto em meu teto já me tem constado:
Corre que os bravos Mirmidões lanceiros
Pôs em casa o de Aquiles digno gérmen;
150 Que os seus pôs o Peânicio Filoctetes;
Que, em feliz travessia, o rei Cretense
Todos já recolheu de Tróia escapos.
De Agamemnon lá mesmo a sorte ouviste:
Caro custou seu crime a Egisto infame.
155 Quão belo um nobre herdeiro, como Orestes,
Que o pai vingou no pérfido homicida!
Amigo, sê também, se és guapo e esbelto,
Sê de valor e esforço, e o mundo assombres.”
E o mancebo: “Ó Neleio, Aquiva glória,
160 Sim, foi justa a vingança; honrado sempre
Orestes há de ser. Tivesse eu forças
Contra insolentes e molestos procos!
Eu nem Ulisses venturosos fomos;
Cumpre-nos suportar.” — Contesta o velho:
165 “Que me lembras? A fama aqui me veio
Dos que oprimem-te e a casa te arruinam,
Requerendo a Penélope. Abaixaste
O colo ao jugo, ou por supremo influxo
Aborreceu-te o povo? Inda quem sabe
170 Se o pai sozinho ou com geral apoio,

Não puna ultrajes tantos? Oh! Minerva
(Nunca um deus a mortal foi tão propício)
Te protegesse com o amor que tinha
Em Tróia exicial ao grande Ulisses!
175 Eles de boda a sede apagariam.”
 Telêmaco porém: “Prometes muito;
Espantas-me, ancião, mas nada espero,
Nem que os numes o queiram.” — “Desses dentes,
Minerva acode, que proferes, néscio?
180 A quem quer favorece ao longe um nume.
Prefiro demorar-me entre fadigas
E ver o dia do regresso à pátria,
A sucumbir no lar como Agamemnon,
Pela traição de Egisto e Clitemnestra.
185 Contudo os imortais salvar não podem
Da condição comum qualquer valido,
Se a Parca o empolga para o sono eterno.”
 Telêmaco atalhou: “Mentor, cessemos,
Bem que isso me interessa: aparecer-nos
190 Veda-lhe o seu destino. De outro assunto
Me esclareça Nestor, que em três idades
Se diz que reina, excele na justiça,
É na presença um deus. Como foi morto
O rei dos reis? como um varão mais forte
195 De Egisto ao braço pereceu doloso?
Onde era Menelau? Certo, ó Nelides,
Longe errava da Argólida ao momento
Que a tal flagício o pérfido arrojou-se.”
 Então Nestor: “Sabê-lo vais, meu filho.
200 Ponderas bem; se à volta o louro Atrida
Inda o encontrasse, a Egisto sobre a cova
Ninguém terra espargira, e na campanha
Tivera sido a cães e abutres pasto,
Sem que uma só mulher chorasse o monstro.
205 Nós em altas façanhas, ele estava,
Lá num retiro de Argos pascigosa,
A seduzir em ócio com branduras
A nobre Clitemnestra, que a princípio
Resistiu, roborada na virtude
210 Por um poeta que, ao partir, o esposo
Ao lado lhe deixou; mas, quando Egisto
Pôs numa ilha deserta o Aônio aluno,
Que o Céu votara às aves de rapina,
De grado ela se foi do amante à casa:

215 Conseguido o que nunca obter cuidava,
Muita perna de rês queima nas aras,
Muita imagem pendura, alfaias, ouros.
Parto com Menelau, que me era unido;
Próximo ao sacro promontório Súnio,
220 Febo asseteia-lhe o Onetório Frôntis,
Que meneava o leme, sem segundo
Em dirigir a proa nas tormentas.
Bem que à pressa, em Atenas celebrados
O enterro e funerais, o Atrida segue
225 Pelo sombrio pélagos, e nas águas
Do cabo Maléia, o imbrífero Tonante
Solta estrídulos ventos e em montanhas
Incha escarcéus; dispersa, a frota em parte
A Creta arriba, onde os Cídones moram
230 Às abas do Járdano. Alcantilada
Nos Gortínios confins se eleva rocha
Do escuro ponto, e ali maretas Noto
Quebra em Festo ao sinistro promontório;
Pelo pequeno escolho divididas:
235 Naufraga, e apenas a campanha livra
Menelau, que em cerúleas proas cinco
O sopro e as ondas para o Egito impelem.
Enquanto vaga entre homens de outra língua
E as naus de outro carrega e mantimentos,
240 Perfaz o dolo Egisto, e por sete anos
Duro impera em Micenas opulenta;
No oitavo, o divo Orestes vem de Atenas,
Vinga seu pai ao matador matando,
E ao sepulcral banquete assenta os Gregos
245 Do imbele adúltero e da mãe perversa:
O afável Menelau surge esse dia,
Nos baixéis de riqueza abarrotados.
Não muito e longe dos soberbos andes,
Que devorem-te a casa e os bens repartam:
250 Seria, amigo, péssima a viagem.
Eu te aconselho a visitar o Atrida,
Que veio donde vir já não pensava,
Por temporais jogado além do horrendo
Pélagos vasto, que nem aves podem
255 Num ano atravessar. Ou corta os mares
No teu navio, ou se por terra queres,
Dou-te meu carro, e os filhos te conduzam
De Esparta à nobre corte: a preces tuas,

O probo rei te falará sincero.”

260 Caído o Sol, adverte a gázea Palas:
“Sábio discorres, velho, mas das vezes
Talhem-se as línguas, e mesclado o vinho,
Libemos a Netuno e às mais deidades:
Hora é de repousar; sepulto o lume

265 Na opaca treva, recolher-nos cumpre
Deste festejo.” — Todos lhe obedecem:
Dão água às mãos arautos; as crateras
Coroando moços, distribuem copos
Em derredor; e, no brasido as línguas.

270 Em pé libam de novo e à larga bebem.

Já Minerva e Telêmaco desejam
Tornar-se a bordo; mas Nestor o impede:

“De vos deixar partir o Céu me guarde,
Como infeliz trapento, a quem falecem

275 Agasalhos de mantas e tapetes:

Hei tudo, e à farta; no convés não durma
Do amigo o nada; eu vivo, ou meus herdeiros,
Para hospitais deveres exercermos.”

“Justo, ancião, discorres, diz Minerva:

280 Aqui pernoite o príncipe contigo;
Vou confortar a gente e prover tudo.
Prezo-me eu só de velho; os mais vieram
Eqüevos e a Telêmaco votados.

Hei de a bordo encostar-me, e alvorecendo,

285 Aos honrados Caucomes dirigir-me,

Antiga a recobrar grossa quantia

Em coche um dos teus filhos o encaminhe,
Rijos lhe empresta alípedes cavalos.”

Dali, como um xofrango, a de olhos garços

290 Desaparece com geral assombro;

A Telêmaco a dextra o velho aperta:

“Não serás, filho, imbele e sem virtude,

Pois tão jovem te assiste uma deidade;

É certamente a predadora Palas,

295 Que a teu pai distinguiu. Oh! tu rainha.

Glorifica-me e a prole e a casta esposa!

Imolarei do jugo intacta aneja,

De larga frente com dourados cornos.”

Aceita a prece, à régia com seus filhos

300 E genros parte; e, em ordem colocados,

Ele o vinho mistura de anos onze.

De ânforas que destapa a despenseira,

Brinda e roga à do Egífero progênie.
Para dormir, saciados se despedem:
305 Nestor o diviníssimo Ulisseida
Retém no paço, e ao pórtico sonoro
Um recortado leito lhe oferece,
De Pisístrato perto, belaz chefe,
Inda na adolescência; o rei descansa
310 Num retrete recôndito, onde a cama
Afofara a consorte veneranda.
Ao roxear da pudibunda aurora,
Surge Nestor, ante o portão repousa,
Em alva pedra a óleo bem polida,
315 Poial já de Neleu, divino engenho:
Ali, depois que a Dite o pai descera,
Soía aquela dos Argeus custódia
O cetro alçar. Das câmaras saídos,
Cercavam-no Equéfron e Estrácio e Areto
320 E Perseu e o deiforme Trasimedes,
Sexto Pisístrato, o menor da estirpe.
Era Telêmaco, a imortais parelho,
Junto ao régio Nestor, que assim começa:
“Filhos, eia, a Minerva engrandeçamos,
325 Que ao solene festim vi manifesta:
Um corra ao prado em busca do vaqueiro,
Que uma novilha traga; outro aqui chame
O ourives Laerceu, que doure os cornos;
Ande à nau de Telêmaco o terceiro,
330 E os nautas, menos dous, nos apresente.
Ficai-vos os demais; que as servas dentro
Lauta mesa aderecem, que nos sirvam
De cadeiras e lenha e de água pura.”
Tudo obedece: A rês do campo chega;
335 De Telêmaco chega a marinhagem;
Com bigorna e alicates e martelo,
Utensílios do ofício, o fabro chega;
Chega Palas e atenta a cerimônia.
Ouro Nestor fornece; o artista o assenta,
340 Para a deusa alegrar, da rês nos cornos;
Por estes Equéfron e Estrácio a levam.
Traz de cima em bacia floreada
Água Areto, e uma serva em cesta molas;
Afiada o guerreiro Trasimedes
345 Secure empunha, a golpear disposta
Para o sangue aparar Perseu tem vaso;

Ora o pai, água esparge e farro pio,
Ao fogo lança da cabeça o pêlo.
Finda a prece, o Nestório Trasimedes,
350 Rápido os nervos cervicais talhando,
As forças lhe dissolve; em gritos rompem
Filhas e noras, a pudica esposa,
Eurídice, a maior das de Clímeno;
Do chão vasto a novilha erguem, sustentam,
355 E Pisítrato príncipe a degola:
Mana o sangue da vítima, que expira.
Partem-na; e, como é rito, as cérceas coxas
Cobrem de pingue dúplice camada,
Postas várias por cima; o velho as torra,
360 Negro vinho entornando; ao pé mancebos
Bons espetos sustêm quinqüedentados.
Ossos combustos, vísceras comidas,
Picam-se as carnes, que enroscadas assam,
Os pontudos espetos revirando.
365 Filha menor, a bela Policasta
O hóspede lava; e, de óleo perfumado,
Ele, em túnica nova e gentil manto,
Saiu do banho com divino aspecto,
Junto abancou-se do pastor de povos.
370 Pronto o assado e o banquete, os mais prestantes
O vinho em copos de ouro em pé transfundem.
Repleta a fome e a sede, ei-lo o Gerênio:
“Filhos, ora a Telêmaco parelha
Crinita ao carro atai.” — Sem mais delonga,
375 Jungidos os corcéis, mete a caseira
Pão, vinho, provisões que os reis costumam;
Sobe Telêmaco à formosa biga;
Da juventude príncipe, o Nestório
Pisítrato a seu lado as rédeas move
380 E açouta os brutos, que por gosto arrancam
Da árdua Pilos formosa. O dia inteiro
De uma e outra banda o jugo não sossega,
Té que, ao Sol posto, em Feres se dirigem
A Díocles, de Ortíloco nascido,
385 Que o foi do rio Alfeu: lá pernoitaram
Em jocunda pousada; e, mal fulgia
A manhã dedirrósea, a biga jungem
Ao vário coche, e os brutos flagelados
Ledos voam do pórtico estrondoso.
390 Por frugífero campo atravessando,

A carreira os unguíssonos terminam,
Quando as veredas obumbrava a tarde.

NOTAS AO LIVRO III

120 — *Alticintas*, correspondendo a *balhuzonous*, quer dizer *que trazem apanhados os vestidos*; epíteto que otimamente pinta certo vestuário das Gregas antigas. Pindemonte, com toda a fidelidade, ousou dizer *altocinte schiave*: eu o sigo, mas adotando a forma latina, melhor no português.

212 — Este verso é de Filinto nos *Mártires*, onde se fala de Clitemnestra e do assassino de Agamemnon.

328 — M. Giguet, distinguindo o *ourives* do *batedor de ouro*, colocou-se nos tempos atuais: dantes, o ourives, o carpinteiro, o armeiro e os demais artífices, reuniam muitos ofícios em si, que ao depois se foram dividindo e subdividindo, à medida que se aperfeiçoava o material das sociedades. Laerceu era ourives e batedor de metais ao mesmo tempo.

343-347 — *Outàs*, em latim *moloe* e também *farreum pium*: eram porções de farinha de cevada com sal torrado, ou bolos da mesma cevada com sal, que serviam nos sacrifícios. *Bolos* nem sempre, exprime cabalmente a cousa, e por isso na Eneida usei de *molos*, como uso aqui, a exemplo de alguns antigos. De *farreum* fizemos nós *farro*, como lhe chamam Francisco Manuel e outros.

LIVRO IV

Já no vale da grão Lacedemônia,
Em casa o Atrida glorioso encontram
Com pompa a celebrar do filho as núpcias
E as da filha sem pecha. Em leves carros
5 Ia enviá-la à Mirmidônia corte,
Ao do Rompe-esquadrões herdeiro Pirro,
De Ílio cumprindo o juramento sacro.
Do Espartano Aléctor une uma virgem
Ao forte Megapentes, que uma escrava
10 N'ausência lhe pariu: de Helena prole
O Céu não lhe outorgou, depois da amável
Hermíone, rival da loura Vênus.

No amplo alcáçar opíparo convívio
Deleita a cidadãos e a forasteiros,
15 À lira canta um músico divino,
Dous bailadores a compasso pulam;
Mas o coche ao vestibulo e o Nestório
E Telêmaco estão. Pajem do Atrida,
O bravo Eteoneu, que os observava,
20 De povos ao pastor a informar veio:
“Dous hóspedes, quiçá de Jove garfos,
Temos: desatar cumpre a veloz biga,
Ou mandá-los, senhor, para outro asilo?”

“Dantes eras, Boétidas, sisudo,
25 O flavo rei troou; mas louquejaste,
Compassível discurso. Ah! quantas vezes
O pão comi da mesa do estrangeiro!
De novas aflições me afaste Jove!
Solta a parelha, os hóspedes convida.”

30 Eteoneu chama os fâmulos, que o seguem:
Aos suados corcéis, do jugo livres,
Meiam cevada e espelta a manjedoura;
À parede luzente o carro apoiam;
Introduzem na régia os peregrinos,
35 Régia brilhante como o Sol e a Lua.

Já farta a vista, em limpa cuba os lavam
E ungem de óleo as escravas, que, em felpudos
Albornozes, e túnicas macias,

Do soberano a par os apoltronam.
40 De gomil de ouro às mãos verte uma delas
Água em bacia argêntea, a mesa lustra,
Que enche a modesta afável despenseira
De pães e das presentes iguarias;
Escudelas de várias novas carnes
45 O trinchante apresenta e copos de ouro.
Dá-lhes a destra e fala Menelau:
“Comei, saboreais; depois da ceia,
Saberemos quem sois. De escura estirpe
Certo não vindes, mas de heróis cetrados:
50 Gérmen vil não rebenta em plantas nobres”
Aqui, tergo bovino assado e gordo.
Seu quinhão de honra, aos hóspedes oferta,
Que ao regalado prato as mãos estendem.
Refeitos já, Telêmaco ao Nestório
55 Inclinou-se em voz baixa: “Considera,
Amigo da minha alma, como ecoa
E splende a sala, em bronze, em prata, em ouro,
Em electro e marfim! Do interno Olimpo
É tal o adorno imenso: espanta olhá-lo.”
60 Menelau, que o percebe, acode: “Filhos,
Ninguém se iguala a Jove na opulência;
Eterno é seu palácio. Uns nos haveres
Superam-me, outros eu: mas que infortúnios
Oito anos carreguei, vagando os mares!
65 Vi Chipre, vi Fenícia, vi o Egito,
A Etiópia, a Sidônia, Erembos, Líbios;
Onde aos cordeiros nascem presto os cornos,
E há três partez a ovelha anualmente:
Lá senhor nem zagal tem míngua nunca
70 De queijo e carnes e mungido leite.
Enquanto eu cumulava tais riquezas,
Por dolo da consorte o irmão foi morto,
E elas na amarga dor não me consolam.
Ter-vos-ão vossos pais, quem quer que sejam,
75 Contado os meus pesares: de Ílio em cinzas
O precioso espólio os não compensa.
Com pouco no meu lar me contentava,
Se incólumes vivesse os que remotos
Da Argólida ubertosa lá caíram.
80 Amiúde, sentado a lamentá-los
Saudoso verto lágrimas que enxugo,
Pois viver não podemos de tristezas;

Porém choro um mormente, e o recordá-lo
O sono tira-me e o sabor, dos Gregos
85 O mais acérrimo e constante, Ulisses.
Quantas penas o fado reservou-lhe,
Quantas a mim também na ausência longa
Se respira ignoramos; e o pranteiam
O decrépito pai, a honesta esposa,
90 Tenro o filho Telêmaco deixado.”
 À lembrança de Ulisses, água chove
Dos olhos do mancebo, que às mãos ambas
Esconde-os n’aba do purpúreo manto:
Menelau o descobre; em si reflete
95 Se o deixa declarar-se, ou prosseguindo
Lho pergunte e se explique. Entanto, Helena
Do alto assoma camarim fragrante,
Qual Febe de arco de ouro: Adestra logo
Chega-lhe uma poltrona, traz-lhe Alcipe
100 De lã mole tapete, e Filo o argênteo
Rico açafate dádiva de Alcandra,
Mulher de Pólipo, o da Egípcia Tebas,
Em maravilhas célebre. Houve dele
O flavo rei de prata duas tinas,
105 Duas trípedes e áureos dez talentos;
Houve de Alcandra Helena roca de ouro,
De ouro com orlas e redondo embaixo
O açafate que Filo apresentou-lhe
De preparado fio, a roca em cima
110 E roxa lã. No assento e de escabelo
Aos pés Helena, a Menelau inquire:
“De Jove aluno, que hóspedes nos honram?
Quer acerte, quer não, falar desejo:
Tanto não vi, de vê-lo estou pasmada,
115 Mulher nem homem semelhar-se a outrem!
Aposto haver Telêmaco ante os olhos,
De Ulisses ramo, que o deixou de berço,
Quando magnânimo entre os nobres Graios
Foi debelar, por minha culpa, Tróia.”
120 E o marido: “Consorte, o mesmo cuidado.
As mãos tem dele e pés, cabelo e testa,
O penetrante olhar; do herói me lembra,
Do que por mim sofreu, do que inda sofre:
Há pouco o moço, em lágrimas desfeito,
125 No purpurino manto as escondia.”
Pisístrato ajuntou: “Pastor de povos,

Ele é sim, que modesto aqui primeiro
De interpelar se peja a um rei tamanho,
Cuja encantada voz nos regozija.

130 O ancião Nestor mandou-me acompanhá-lo;
Vem pedir-te ou socorros ou conselho;
Sendo ausente seu pai, na própria casa
Ah! padece, e lhe faltam protetores,
Falta-lhe povo que remova o dano.”

135 E o rei: “Que! no meu teto o filho tenho
De quem por mim correu perigos tantos!
Sobre os outros heróis o amava eu sempre,
Se feliz travessia às naus veleiras
Nos concedesse o pródigo Saturno.

140 Cidade evacuando a mim sujeita,
Paços lhe erguera, e de Ítaca ele a gente,
Família e bens à Argólida passava.
Em contínua aprazível convivência,
Nada nos separava, antes que a morte

145 Nos cobrisse de trevas. Mas o Olímpio
Tal dita inveja, nega-lhe a tornada.”
Gera-se um vivo pranto: Helena chora,
Chora o esposo e Telêmaco; o Nestório,
Não enxuto, recorda-se de Antíloco,

150 Morto às mãos de Mênon da Aurora filho,
E bradou: “Prudentíssimo aclamar-te
Nestor em nossas práticas saía;
Digna-te ouvir meu parecer, Atrida:
À mesa nunca choros me recreiam,

155 Mas na alvorada removê-los cabe;
Só consagram-se aos míseros defuntos
Cortada a coma e lágrimas sentidas.
O irmão perdi também, que reconheces
Não era o mais imbele: ouvi que a muitos,

160 Pois lá não fui, se avantajou garboso
Velocíssimo Antíloco e bizarro.”
Atalha o Atrida: “Em obras e palavras
Prudência inculcas de maduros anos;
Saíste ao celso pai, querido jovem.

165 Fácil o sangue de um mortal se estrema
A quem ditoso berço e casto leito
O Saturno fadou; como o Nelide,
Que em velhice pacífica desliza
Entre guapos herdeiros valorosos.

170 Mas suspenda-se o luto; as mãos se lavem,

Toca a cear. Telêmaco à vontade,
Raie a manhã, conversará comigo.”

Água ministra Asfálio, atento servo;
Deitam-se os convidados às viandas.

175 Helena al excogita: anexa ao vinho
De nepentes porção, que aplaque as iras
E as tristezas desterre; o que a bebesse
Não brotava uma lágrima no dia,
Por mãe nem genitor, irmão nem filho,
180 Que visse degolar. De Jove à prole
Dera bálsamos e ervas Polidana,
De Fono Egípcia esposa, cuja terra
Os reproduz saudáveis ou nocivos,
E onde o médico excede os homens todos
185 E de Péon descende. Helena exclama,
Preparada a poção: “De heróis procedem,
Sim, divo Menelau; mas poderoso
Dispensa o Eterno as mágoas e os prazeres.

Discursando o festim saboreemos;
190 De gratas narrações vou deleitar-vos.
Todas não posso referir proezas
Do sofrido varão durante o assédio;
Onde os Aqueus mil transes aturastes;
Mas uma contarei. De chagas torpes
195 E andrajos desfeito, qual mendigo,
Em Ílio introduziu-se, e em pobre escravo
Da mesma frota Argiva disfarçou-se.
Por mim só conhecido, ele às perguntas
Me quis tergiversar; mas, quando ao banho
200 O ungi, vesti-o. e lhe jurei segredo
Até que aos pavilhões e às naus voltasse,
Me revelou dos Gregos os projetos.
Alguns matando à espada, cheio foi-se
De informações. As Teucas ululavam;
205 Eu me alegrei, pois já de novo o peito
Patrizar me pedia, arrependida
Sentindo o haver, a impulsos da Cipônia,
Largado a casa, a filha, o toro, o esposo,
Que em talento e beleza a ninguém cede.”

210 O marido aplaudiu-a: “Sim, consorte,
Muito hei peregrinado, heróis vi muitos;
O coração de Ulisses nenhum tinha:
Paciente, engenhoso, e forte e sábio,
Quanto ideou, quanta mostrou constância,

215 No cavalo artefato, em que os melhores
Clade e exício aos Trojúgenas levamos!
Com Deífobo divino ali vieste,
E em seu favor um nume te inspirava;
Em três giros, palpaste a cava insídia,
220 E com voz da mulher de cada chefe
Os nomeavas todos. Eu no centro
E Tidides e Ulisses te escutamos:
Surdar os dous ou responder quisemos;
No ímpeto e fogo Ulisses nos conteve.
225 Calam-se os mais, ia falar Anticlo;
Com mãos robustas pertinaz Ulisses
Lhe aperta a boca, o exército preserva,
Até que enfim reconduziu-te Palas.”
Eis Telêmaco: “É duro que as virtudes,
230 Sublime rei, da Parca o não livrassem,
Qual se tivesse um coração de ferro.
Mandai-nos ora aonde ambos logremos
As delícias do sono.” — Presto Helena
Desdobrar faz ao pórtico umas camas
235 De almofadas e espessos cobertores
E purpúreos tapetes: logo as servas
Aparecem de facho, e tudo aviam;
Conduz arauto os hóspedes; lá dormem
O herói Telêmaco e o Nestório egrégio.
240 Pernoita Menelau na interna alcova,
E a mais gentil mulher nos braços dele.
Do éter gênita, surge a roxa aurora:
Desperta, veste-se o belaz Atrida;
Cingindo a espada, as nítidas sandálias
245 Calça, e ao pé do Ulisseida vem sentar-se:
“Que precisão, Telêmaco, rasgado
O equóreo dorso, te conduz a Esparta?
É pública ou privada? eia, franqueza.”
Prudente o moço: “A ti, senhor, pujante,
250 Vim para de meu pai colher notícias.
Enchem-me a casa, arruinam-me a fazenda,
Matam-me negros bois, e ovelhas pingues
Os procos de Penélope, vorazes,
Arrogantes, violentos e importunos.
255 Conta-me, eu te suplico, a morte sua,
Se a viste ou referiu-te um forasteiro.
Foi no ventre materno à dor votado!
A minha tu não poupes, nada ocultes;

E, o caro genitor se em tudo e sempre
260 Te era fiel na desastrosa guerra,
Isso lembre-te agora e não me iludas.”
O Espartano suspira: “Oh Céus! cobardes
Ao tálamo aspirar de herói tamanho!
Se, em covil de leão depondo acaso
265 Os filhinhos de mama, o vale e monte
Lustra a corça a pastar, entrando a fera
Os esgana cruel: destarte Ulisses
Lhes dará morte certa. Ele se ostente,
Ó Jove, Palas, Febo, como em Lestos
270 Quando com Filomelides em luta,
O prostrou com prazer dos bravos Gregos:
A boda em breve acerba lhe seria.
Satisfazer-te vou no que me imploras;
Dir-te-ei sem rebuço quanto arcano
275 Aclarou-me o veraz marinho velho.”
“Os deuses, que nos punem, de olvidá-los,
Impaciente no Egito me retinham,
Porque faltei com justas hecatombes.
Lá Faro surge à flor da azul campina,
280 De foz em fora, quanto em singradura
Marcha popa a que vente aura sonora;
Tem um porto seguro e boa guarda,
E ao pélagos os baixéis dali descendem.
Uns vinte dias, não soprando Eolo,
285 Que pelo undoso ponto os nautas leva
E a planície lhe encrespa, eu demorado,
Com poucas provisões, lassa a companhia,
Desesperava já, quando Idotéia,
Do potente Proteu marinha prole,
290 Ocorreu compassiva a mim sozinho;
Que os mais de curvo anzol, do ventre urgidos,
De toda a ilha em derredor pescavam.
Acometeu-me a deusa: — “Estulto ou fátuo,
Ficas-te, hóspede, em mágoas te apascentas,
295 E enquanto aqui sem termo estás detido,
Lingue e definha o coração dos sócios.”
“Ó deusa, contestei, seja qual fores,
Por meu gosto o não faço, mas suponho
A celícola algum ter ofendido.
300 Ora dize, a imortais é claro tudo,
Quem assim me proíbe o mar piscoso. —
“Ela ingênua me foi: — Do Egito o velho,

De Netuno ministro, aqui se aloja,
Proteu meu pai, que as úmidas entranhas
305 Tem sondado e conhece. Há de ensinar-te,
Se obténs prendê-lo, como a rota sigas,
E se o queres também, de Jove aluno,
Os maus ou bons domésticos sucessos
Durante erros teus no instável pego —
310 Eu porém: — Com que insídias surpreendê-lo
Poderei, sem que fuja ao pressentir-me?
Não é para mortais vencer a numes. —
 “A guapa ninfa continua: Atende.
Ao meridiano Sol, do salso abismo,
315 Hirtas sobre a cabeça as fuscas ondas,
Surde o ancião de Zéfiro aos sonidos;
Numa espelunca dorme, e em torno juntos
Ápodes focas de Halosidna bela,
A exalarem ascosa maresia.
320 N’alva, hei de colocarte em sítio azado,
Com três que elejas da valente frota.
Seus ardis eu te expendo. Cinco a cinco,
Ronda e enumera as focas, e no meio
Deita-se qual pastor com seu rebanho;
325 Sopita-se depois. De jeito e força
Os agarreis, bem que anele escapulir-se;
E em serpe ao converte-se, em água, em fogo
Tende-o mais duro e firme, até que o velho,
Já volto à prima forma, a interpelar-te
330 Comece. Inquire então que nume avesso
Te fecha o mar piscoso. — Ei-la mergulha;
N’alma comoto, às naus varadas corro.
Depois da ceia, inteira a noite amena
Pela praia arenosa adormecemos.
335 “Já vermelha a manhã, do imenso lago
À borda chego a suplicar os deuses,
Mais três seguros destemidos sócios.
Para enganar o pai, do fundo a ninfa
De focas sai com frescas peles quatro;
340 Camas na areia escava, à espera tem-se;
Vê-nos enfim, nas camas nos concerta,
A cada qual em sua pele enfronha.
Tetra cilada! os focas trescalavam
Nutridos na salsugem: de um cetáceo
345 Quem pode ao pé jazer? útil a deusa,
Neutralizando o cheiro, doce ambrosia

Nos unta às ventas: A manhã passamos,
Com paciência os quatro; acima os focas
Surgindo, junto a nós se enfileiraram.

350 “Merídio vem Proteu; conta, examina,
Por nós principiando, o gado obeso,
E sem dar pelo engano ali se estende.
A vozearmos súbito o agarramos:
Sem lhe esquecer o ardil, muda-se o velho

355 Em jubado leão, drago, pantera,
Cerdo, riacho, ou tronco de alta copa;
Mas, com tenacidade urgido, o astuto
Lasso vociferou: — Que deus, Atrida,
A forçar-me instruiu-te? que pretendes? —

360 Mas eu: — porque me enganas, tu que sabes
Que ansioso estou sem termo aqui detido?
Ora dize, a imortais é claro tudo,
Quem assim me proíbe o mar piscoso? —
“Devias, respondeu-me, antes do embarque

365 Sacrificar ao Padre e à corte sua,
Para alcançares próspera viagem.
Amigos não verás, nem pátrio alvergue,
Sem que ao Dial Egito rio volvas
E às divindades hecatombes sagres:

370 O teu desejo então será cumprido. —
“Magoado por de novo irmos ao rio,
Longa árdua rota em borrascoso pego,
Inda insisti: “Proteu, quanto me ordenas
Preencherei; mas dize-me sincero

375 Se os Arquivos que em Tróia se apartaram
De Nestor e de mim respiram todos,
Se algum morte imprevista, após a guerra,
Teve a bordo ou nos braços dos amigos.

Ele: — Indagas, Atrida, os meus segredos?

380 Olha que d’água os olhos não te banhem.
Dos livres da matança em que te achaste,
Só morreram dous chefes arnezados,
E um vivo está no meio do Oceano.
Ante as remeiras naus, bebendo as ondas,

385 Ajax de Oileu da Parca foi preado:
Primeiro às pedras o lançou de Giras
Favorável Netuno, onde escapara
Mal grado a Pallas, se ímpio não bramasse
Que era salvo apesar dos mesmos deuses;

390 Eis, da blasmêmia azedo, o rei dos

Pega do seu tridente e fere a penha
Aos pés de Ajax, que se abismou no fundo
Com porção do rochedo. Em cavo bojo
Foi por Juno Agamemnon preservado;
395 Mas, ao dobrar o Maléia, uma tormenta
O arrojou pesaroso ao campo extremo,
De Fiestes morada, ora de Egisto:
Seguro cria-se, e mudado o vento,
Recolhidos os deuses, o chão pátrio
400 Beija alegre e o ensopa em quente choro.
Um vigia o avistou, que o ano inteiro,
De dous áureos talentos com promessa.
Pôs de atalaia Egisto, e que era atento,
Por temer que, aportando inopinado,
405 O herói do seu valor se recordasse;
Denunciá-lo foi. Súbito Egisto,
Insidioso, valentões da plebe
Vinte escolheu, que estavam de alcatéia,
Aprestado um banquete em outra sala.
410 O traidor, meditando, em coches parte
O Atrida a convidar, que à ceia incauto,
Como a rês no presepe, é trucidado;
Nem sócio deste, nem de Egisto mesmo
Poupam na régia os brutos matadores. —
415 “Cai na areia em pranto, e compungido
Viver nem ver queria ao Sol a face.
De prantear cansei-me e rebolcar-me,
E então Proteu: — O luto é sem remédio,
Basta; a Micenas corre; ou vivo ou morto
420 Ou de Orestes punido, ao menos chegues
Para os seus funerais. — Isto me acalma
O generoso peito, e veloz falo:
— Pois bem, doa-me embora, esse outro ou preso
Ou morto no Oceano me declares. —
425 “Prossegue o vate: — É o Ítaco Laércio.
Na ilha o vi desfeito em grossas lágrimas.
Por Calipso retido, e sem navio
Para vogar no páramo salgado.
Genro de Jove, tu de Helena esposo,
430 Morrer em campo Argólico não deves,
Mas, junto ao flavo Radamanto, o Elísio
Deleitoso habitar, confins da terra;
Onde os humanos docemente vivem,
De temporais, de neves, de invernadas

435 Sempre isentos, e de auras do Oceano
Fresco bafejo e respirar suave. —
Então sumiu-se no espumoso ponto.
“Com meus divinos sócios, no embarcarmos,
Ia deliberando, e espessa a noite,
440 Finda a ceia, no seco repousamos.
No matutino albor, em nado os lenhos
De amuradas iguais, mastros eretos
E tendidas as velas, de seus bancos
Batem remeiros o espumoso pego.
445 De novo ao rio Egito navegamos,
E apaziguado o Céu com sacrifícios,
Do irmão levanto em honra um cenotáfio.
Prosperamente os ventos assoprando,
Mandam-me os deuses à querida pátria.
450 Agora, fica tu comigo uns dias,
Dez ou doze; haverás válido coche,
Três corcéis, linda copa, que, em sagradas
Libações, deste amigo te recorde.”
“Não me detenhas replicou Telêmaco.
455 Um ano, deslembado o lar paterno.
Dessa boca eloqüente aqui pendera;
Mas, já com tédio, na divina Pilos
Meus sócios, Menelau, por mim suspiram.
Dás-me um tesouro; eu deixo-te os cavalos
460 Nas mimosas campinas em que imperas,
Onde à larga germinam loto, junça,
Trigo, cevada e espelta; lá nem tenho
Vastos circos nem prados: só de cabras,
Não de poldros nutriz, me é cara a terra;
465 Pois, Ítaca mormente, em roda as ilhas
Do nosso mar em pastos não verdejam.”
Ri-se o pugnaz Atrida, e a mão lhe cerra:
“És de bom sangue, acertas. Posso, filho,
Pela mais bela a dádiva trocar-te
470 Por argêntea cratera de áureas bordas,
Lavor exímio de Vulcano mesmo:
Foi do rei dos Sidônios glorioso
Prenda, ao nos despedirmos; de hoje é tua.”
E entanto em sala interna resplendente
475 Concorrem: quem ovelhas, quem trazia
O vigoroso vinho; o pão, de fitas
Ornadas moças. Lautas a ceia aprestam.
Mas de Ulisses na régia, ao disco e dardo

Os procos num calçado se exerciam
480 Pátio, que da protérvia era o teatro;
E, ao pé de Antino e Euríniaco deiformes,
Indagou Noémon, de Frônio garfo:
“Sabe-se, Antino, da arenosa Pilos
Se Telêmaco é vindo? Em meu navio
485 Foi-se, e a Élide vasta ir necessito;
Éguas doze lá tenho e mus bravios,
E alguns desejo acostumar ao jugo”.

Atônitos calaram, que o supunham
Em Pilos não, mas a velar nos prédios,
490 No pastor e na grei. De golpe Antino:
“Quando, como partiu? seletos jovens
De Ítaca tem consigo, ou tão somente
Mercenários e escravos? Que ardileza!
Fala a verdade; a nau, por força a deste,
495 Ou cedendo a seus rogos voluntário?”

Súbito Noémon: “Fi-lo espontâneo.
A preces de homem tal quem não cedera,
E em tanta angústia? A gente mais luzida
E a Mentor vi no embarque, ou certo um nume,
500 Que em tudo o parecia. Mas, oh! pasmo,
O divino Mentor bem que embarcasse,
Na manhã de ontem me encontrei com ele.”
Disse, e à casa paterna recolheu-se.

Os audazes, comotos e aterrados,
505 Se abstêm dos jogos. O Eupiteio ruge,
De rábido furor, olhos em brasa:
“Oh! que atrevida empresa! de acabá-la
Julgado era incapaz: mocinho, às ondas,
A despeito de nós, deitou navio,
510 E com gente escolhida foi-se impune.
Este começo nos agoura danos,
Se o não tolhe o Satúrnio. Já, ligeiro
Baixel de vinte remos; que, à passagem
De Ítaca e Samos numa espera, conto
515 Que a viagem por seu pai lhe seja amarga.”
Aprovam todos e ao palácio montam.

Médon, que ouviu de fora o atroz conluio,
Pelo pátio açodou-se a anunciá-lo,
E Penélope indaga: “Eles te enviam,
520 Para que as servas do divino Ulisses
Terminem seu trabalho e a mesa ponham?
Basta de importunar-me e a quaisquer outros.

Esta lhes fosse a derradeira ceia!
Ó vós que ao meu Telêmaco amiúde
525 A substância esbanjais, nunca em meninos
Quem seu pai era aos vossos escutastes?
Brando ao povo, em palavras comedido,
Justo e humano, alguns reis não semelhava
Que ódio e favor dispensam caprichosos.
530 Ah! vós lho agradeceis com torpes feitos.”
E o sensato Médon: “Fosse, ó rainha,
Esse o mal todo! os bárbaros meditam,
Jove o remova, assassinar teu filho
Ao regresso de Pilos e de Esparta,
535 Aonde foi colher de Ulisses novas.”
Do abalo sufocada, esmorecida,
Joelhos frouxos, lágrimas nos olhos,
Estúpida soluça e balbucia:
“Que! nada urgindo, cavalgou meu filho
540 Num dos corcéis do mar que a salsa imensa
Via atravessam! Nem pretende ao menos
Renome entre os humanos!” — “Eu ignoro,
Torna Médon, se um deus, se impulso próprio
Fê-lo ir do pai no alcance, ou vivo ou morto.”
545 Nisto, o arauto a seu posto recolheu-se.
Bem que a sala em cadeiras abundasse,
Atormentada ao limiar sentou-se
Da câmara custosa, a lastimar-se;
Em ais cercam-nas as servas quantas eram,
550 Velhas e moças, a quem diz chorando:
“O Céu me aflige, ó caras, mais que a todas
Que nasceram comigo e se criaram:
Meu marido perdi, leão no esforço
De virtudes complexo, espelho aos Dânaos,
555 De Hélade e Argos espanto; ora o só filho
Preia inglório será das tempestades.
Cruéis, vós que o sabíeis, à partida
Acordar-me do leito não viestes:
Se eu da sua intenção fosse inteirada,
560 Ele ou não ia ou morta me deixara.
Uma aqui chame a Dólio, o velho escravo.
Paterno dom, cultor dos meus pomares;
Corra, informe a Laertes, e este ao povo
Deplora a trama que extinguir a estirpe
565 Dele e de Ulisses divinal promove.”
A ama Euricléia então: “Querida ninfa,

Mates-me a duro bronze, ou bem me poupes,
Não te oculto, ciente o pão e o vinho
Eu mesma forneci; jurei sagrado
570 Por doze dias, salvo ou pressentires
Ou vê-lo desejares: tinha medo
Que te ofendesse o pranto as faces belas.
Tu purifica-te e alvas roupas cinge,
No alto com tuas fâmulas implora
575 A Tritônia que o filho te conserve;
Não contristes o velho. Eu não presumo
Que o Céu deteste a geração de Arcésio:
Sequer nos restará quem nesta régia
Mande em longínquos ubertosos campos.”
580 Com isto aliviada, enxuga os olhos;
Sobe, e se purifica e se reveste,
Ora com suas fâmulas, esparso
De açafates o farro: “Ouve-me, ó gérmen
Do aluno e Amaltéia; se o prudente
585 Ulisses te queimou de ovelha ou touro
Gordas pernas, conserva-lhe o só ramo,
Daqui me afasta os arrogantes procos.”
Geme e ulula; aceitou-lhe os votos Palas.
Pelos escuros átrios em tumulto,
590 Sem suspeita, os protervos se diziam:
“Certo, ignara do risco de seu filho,
Cobiçada a rainha apresta as bodas.”
Mas Antino os atalha: “Endiabrados,
Calai-vos, pode alguém denunciar-nos;
595 Tácitos nosso plano executemos.”
Vinte escolhendo, lesto à praia os guia;
Eis, o baixel em nado, o mastro erigem,
Remos aos bordos em correias atam,
Armas carregam valorosos pajens,
600 E dos envergues fora as brancas velas,
Comem de largo, esperam que anoiteça.
Penélope, em jejum, no andar cimeiro,
Só no inocente cuida, se ele escape,
Ou se aos golpes sucumba dos traidores:
605 Como temendo, em círculo doloso
De montanheses, o leão cogita,
Ela pensa e repensa, e recostada
Lhe amolenta as juntas meigo sono.
Palas, que isto aguardava, uma aparência
610 Da Icária Iftima, em Feres com Eumelo

Casada, aos paços de Laércio expede,
Porque o pranto a Penélope refreie;
Na câmara a visão, por entre o loro
Da fechadura entrando, à cabeceira:
615 “Adormeces, Penélope, lhe brada,
Aflita e mesta? Os numes não permitem
Essa tristeza; reverás teu filho,
Que nunca os ofendeu nem levemente.”
 Às portas já Penélope dos sonhos
620 Adormentada, fala: “A que vieste,
Irmã, que, ao longe moradora, nunca
Me visitavas? queres que eu deponha
As dores e aflições que n’alma sinto?
Perdi meu bom marido, exemplo aos Dânaos,
625 Honra da Grécia: agora o só renovo,
Inexperto em negócios e em trabalhos,
Meteu-se em cava nau. Mais choro a este;
Que se afunde, ou padeça em clima alheio,
Temo e tremo: inimigos o insidiam,
630 E antes que volte aqui matá-lo anseiam.”
 “Ânimo, ajunta, o fusco simulacro;
Não te assustes que o segue uma de todos
Aparecida: a consolar-te as penas
A potente Minerva a ti mandou-me.”
635 “Se és deusa, diz Penélope, ou da deusa
Ouviste a voz, do outro infeliz me informes:
À luz do Sol acaso inda respira,
Ou jaz defunto na Plutônia estância?”
 A sombra contestou: “Se é morto ou vivo
640 Omito, é vão discurso.” E como vento
Por entre a fechadura esvaeceu-se.
Desperta a Icária, exulta ao ver o sonho
Da noite na calada sobrevir-lhe.
 A úmida via os pérfidos sulcavam,
645 De Telêmaco o exício ruminando.
Fica entre Samos e Ítaca fragosas
Ásteris, ilha exígua, de pastagens,
De abras, de uma e outra banda, ao crime azadas,
Para a traição, de espreita, ali se escondem.

NOTAS AO LIVRO IV

9-21 — Diz Homero que uma serva, na ausência de Menelau, a este pariu um filho. Pretende M. Giguet que Megapentes nascera na velhice do pai; o que era impossível. Partido vinte anos antes e de fresco recolhido, ou Megapentes era gerado antes da expedição ou depois da vinda de Menelau: no primeiro caso, este era moço; no segundo caso, era Megapentes uma criança e não tinha idade para casar. *Télugetos*, segundo Hederico e os seus continuadores, significa: 1.º) e é o sentido próprio, *nascido ao longe na ausência do pai*; 2.º) *nascido na velhice*; 3.º) *de mui tenra idade*; 4.º) *querido de seus pais*. Pelo acima exposto, é evidente que o adotável é o primeiro. — Se, no verso 21, em vez de *quicá* usasse eu de *talvez*, desagradável seria e duro: muito mau serviço fizeram os que afastaram da língua uma infinidade de palavras sonoras e expressivas.

32 — *Espelta*, de que já me servi em outras obras, *spelta* ou *zea* em latim, é uma espécie de trigo, e tem o mesmo nome em italiano, em castelhano e em português, posto que não venha em dicionário nosso: em francês, *épeautre*.

176 — *Nepentes*, adjetivo que significa *sem dor* ou *que dissipa a dor*, é tomado substantivamente por certa erva ou remédio que produzia o mesmo efeito.

219-221 — *Cava insidia*, significando o bojo do cavalo, é uma arrojada expressão, que eu não quis apoucar. — Acho razão em Rochefort quando opina que há interpolação nesta passagem, por ser indigno de Homero que Helena fosse contrafazer a voz das mulheres dos que estavam dentro do cavalo; e é tanto mais ridículo quanto é certo que essas mulheres não estavam em Tróia, nem os maridos podiam acreditar que elas, de um dia para outro, chegassem todas para os excitar. Conservo a passagem, não querendo ser tachado de omissor; mas não creio que tal qual fosse escrita pelo poeta.

299 — *Algum*, posto que venha posposto a *celícola*, não é em sentido negativo. Constâncio categoricamente afirma que *homem algum* significa *homem nenhum*; mas este erro grosseiro é um dos seus freqüentes caprichos; nem ele cita, nem se podem citar exemplos, de autor que faça fé, em justificação do seu parecer: o único de Barros, onde houve a omissão de um *non*, está longe de contrabalançar os inumeráveis de Camões, Ferreira, Sá de Miranda, Côrte-Real Bernardes, Leão, Mausinho, Ordenações do Reino, e outros que alega Morais.

368-448 — O rio Egito que deu nome à região, ainda não se chamava Nilo no tempo de Homero; e esta é uma das razões que provam ter sido o poeta anterior a Hesíodo, que já usa do nome Nilo. — O verso 448 é um de Camões no seu episódio de Adamastor.

600-601 — Alguns vertem que os pretendentes amararam-se logo, soltaram as velas e esperaram pela noite: ora, eles esperavam que anoitecesse para partirem; *não soltaram as velas*, somente as desenvergaram e as tiveram prestes para à noite saírem imprevistamente; nem se amararam, somente se *puseram de largo*, o que é diferente: os navios, antes de largarem, costumam colocar-se um tanto afastados do porto.

LIVRO V

Mal surge a Aurora do Titônio leito,
O mundo alumando, à corte sua
Preside o poderoso Altitonante,
E Minerva solícita o Laércio,
5 Pela Ninfa retido, assim deplora:
“Ó padre, ó vós beatos sempiternos,
Cetrígero nenhum será benigno,
Reto e humano, sim duro e injusto e fero;
Pois ninguém, entre os povos de que Ulisses
10 Era um pai, já se lembra dos pesares
Que padece, impedido por Calipso,
Faltando-lhe galé que à pátria o leve
Pelo equóreo amplo dorso. O nobre herdeiro
Traçam-lhe assassinar, que a Esparta e Pilos
15 Foi do afamado pai colher notícias.”
E o Nubícogo: “Filha, que proferes?
Não projetaste mesma o como Ulisses
Venha e se vingue? O filho guiar podes,
E a nau dos pretendentes retroceda”.
20 Vólto a Mercúrio: “Núncio e amada prole,
Já já, que a ninfa de cabelos crespos
Solte o herói: Nem varão nem deus o ajude:
Em tecida jangada a curtir penas,
Ao vigésimo dia arribe à esquéria;
25 Onde os Feaces, a imortais propínquos,
Honrado a par de um nume, à terra o enviem,
Em nau de alfaias e ouro e bronze onusta,
Quanto nunca, se incólume tornasse,
Do espólio que lhe coube, transportara:
30 O lar e os seus rever tem por destino.”
Calça o Argicida os áureos seus talaes,
Com que, parelho aos ventos, o amplo globo
E o vasto mar transcursa; a vara toma
Que, a seu prazer, dá sonos ou desperta;
35 À Piéria descai, e rui dos ares
E à tona d’água aleia, qual peixinhos
Por inquieto golfo o guincho caça,
Crebo na escuma as asas imergindo.

Já do azul ponto à ínsula apartada
40 Voa, e à gruta caminha de Calipso:
De longe tuia recendia e cedro,
Ardendo no fogão; melífluas árias
Ela entoava, a teia percorrendo
Com lançadeira de ouro. Em torno à gruta
45 Choupo, odoroso cipreste, alno viceja;
Ali — extensas no bosque aninham-se aves,
Gaviões e bufos, linguareiras gralhas,
Ao marinho bulício afeiçoadas.
Fora, parreira de pubentes ramos
50 Flores em uvas; quatro fontes regam
De água pura, chegando-se e fugindo,
Aipos e violais em moles veigas:
Um deus pasmado ali se deleitava,
E o fez Mercúrio assim. Deve ver saciado,
55 Ele dentro penetra, e a ninfa augusta
Num relance o conhece; porque os deuses
Por distantes que morem, dão-se todos.
Lá não encontra o generoso Ulisses,
Que era na praia, os macerados olhos
60 Pelo ponto infrugífero estendendo,
Em suspiros e lágrimas. Num trono
Maravilhoso e esplendido sentado,
A ninfa o inquire: “Venerando amigo,
De áurea vara a que vens? não vinhas dantes.
65 Cumprirei, no que possa, os teus mandados.
Hospitalheiros dons vou apresentar-te.”
Ela, em mesa que alçou, mistura ambrosia
E rubro néctar. Saboreia alegre
E diz Mercúrio: “Deusa, em deus perguntas
70 A que venho? Obrigado fui por Jove:
Quem voluntário atravessava o ingente
Pélago salso, onde cidade falta
Que nos sagre solenes hecatombes?
Mas transgredir-lhe as ordens não podemos.
75 Dos que os Priameus sitiados muros
Ao décimo ano destruíram, consta
Que tens contigo o mais desventuroso:
No regresso ofendida, excitou Palas
Tempestade em que os sócios pereceram;
80 Salvo abordou só ele às praias tuas.
Quer Jove que o mais breve o deixes livre;
Dos seus não morra ausente: amigos, pátria,

O alto paço rever, tem por destino.”
Freme Calipso e rápido responde:
85 “Cruéis sois todos, ívidos, ciosos
De que em seu leito às claras uma deusa
Mortal admita e ame e aceite esposo.
Roubado Órion da Aurora dedirrósea,
O invejastes, vós deuses té que Febe
90 Casta e auritrônia o derribou na Ortígia
Com brandas frechas; de Jasão cativa,
Quando num trietérico pousio
Com ele Ceres de anelada coma
Ajuntou-se amorosa, a fulminá-lo
95 Foi pronto Jove: agora, ó deuses, tendes
Zelos desse homem, que salvei lutando
Sobre a quilha de nau despedaçada
Pelo mesmo Tonante, e que sozinho
Arrojam-me à ilha as negras ondas.
100 Carinhosa acolhi-o, na esperança
De isentá-lo da morte e da velhice;
Mas do Satúrnio o mando irresistível
Execute-se, vague pelos mares
De novo o herói. Não posso despedi-lo;
105 Vasos faltam-me e nautas que o transportem
Por essa imana via: hei de contudo
Mostrar-lhe o como ileso à pátria volva.”
“Despede-o já, replica-lhe Mercúrio;
Nunca irrites a Júpiter, nem queiras
110 Irado experimentá-lo.” Disse, e foi-se.
Dócil a ninfa, se dirige à praia
Onde Ulisses longânimo gastava
A doce vida, os olhos nunca enxutos,
Saudoso e enfastiado; pois com ela
115 Por comprazer dormia constrangido,
E gemebundo, o ponto contemplando,
Passava o dia em litoral penedo.
Rosto a rosto lhe fala a deusa augusta:
“Cesse o pranto, infeliz, não te consumas;
120 Parte, consinto. Abate a bronze troncos,
De alto soalho ajeita ampla jangada,
Em que o sombrio páramo atravesses:
De pão te hei de prover e de água e vinho,
De agasalhada roupa; auras favônias
125 Te levarão seguro à terra cara,
Se esta for dos Supremos a vontade,

Que em saber o juízo me superam.”

E arrepiado o herói: “Que teces, deusa?

Numa jangada queres tu que eu tente

130 As vagas horrendíssimas, difíceis

Às mesmas de iguais bordos naus altivas,

Do Etéreo aos sopros a exultar afeitas?

Não farei tal, solene se não juras

Que nenhum dano, ó deusa, me aparelhas.”

135 Sorri mansa Calipso, a mão lhe afaga:

“És ardiloso e desconfias sempre.

Já comigo o jurei; mas o orbe saiba,

O céu vastíssimo, a infernal Estige

(Grave aos numes terrível juramento),

140 Que nenhum dano, Ulisses, te aparelho:

No teu caso obraria o que proponho.

Férrea e iníqua não sou, mas compassiva.”

E anda e Ulisses também, que entrado ocupa

O trono de Mercúrio; em frente, a ninfa

145 Lhe oferece o que os homens alimenta,

E as serventes a ela ambrosia e néctar.

Saciados ambos, começou Calipso:

“Voltar queres, astuto, em breve aos lares?

Embora, adeus. Se as penas antevisses

150 Que te aguardam, comigo em laço estreito

Imortal ficarias, bem que aneles

Tua esposa abraçar, cuja lembrança

Te rala de contino; em garbo e talhe

A sobrelevo; que as mortais não podem

155 Comparar-se em beleza às divindades.”

Ulisses respondeu: “Sublime deusa,

Não te agraves portanto; eu sei que em tudo

A prudente Penélope transcendes,

Nem da morte és escrava ou da velhice;

160 Mas para os lares meus partir suspiro.

Se um deus me empece, como os já passados,

Suportarei constante os outros males.”

Cai a noturna treva: ambos num leito

No amor se deliciam. Na alvorada,

165 Uma túnica e um manto Ulisses veste;

Veste a ninfa um sendal cândido e fino,

Faixa de ouro gentil ata à cintura,

Orna a cabeça de elegante coifa.

A despedir o amante resignada,

170 Érea forte bipene lhe fornece

De oleagíneo cabo artificioso,
Enxó dá-lhe amolada; aos fins o leva
Da ilha, onde medram árvores gigantes,
Choupo, alno, abeto e percutir as nuvens,
175 Secos e aptos a vencer caminho:
Depois que a selva mostra, à casa torna.
Ardente ele derruba troncos vinte,
Falca, desbasta, esquadra, alisa e talha.
Com trados volta a ninfa; o herói verruma,
180 Cavilha, junta as peças: quanto é largo
De nau de carga o bojo, obra de mestre,
Era a barca de Ulisses. Finca espeques,
Pranchas estiva, um tabulado forma;
Antena ao mastro anexa; mune o leme,
185 Contra escarcéus, com vergas de salgueiro;
Alastram-na pesados lígneos toros.
De lona, por Calipso oferecida,
Vela engenha, e de escotas e calabres
O mastro apruma; enfim, sobre alavancas,
190 A jangada escorrega ao mar divino.
Ao quarto Sol perfeito o seu trabalho,
Por despedida ao quinto a ninfa o lava,
Perfuma e veste; o vinho em odre fecha,
Num maior água, em saco os acepipes,
195 O sustento em surrão; tépidas auras,
Meigas invoca. O pano o divo Ulisses
Contente expande, lesto agita o leme;
Cortado o sono, as Pléiadas observa,
Tardo Bootes, a Carreta ou Ursa
200 Em Órion sempre fita ao revolver-se
A só que fuge os banhos do Oceano:
Ir desta à esquerda lhe ordenou Calipso
Dias vários navega, até que enxerga,
Já no décimo oitavo, umbroso topes
205 Da mais vizinha terra, a dos Feaces,
Qual pavês a ondear no escuro pego.
Vem da Etiópia e dos Sólimos serros
Netuno o avista; sacudindo a fronte,
Em si raiva: “Ah! que dele dispuseram
210 Na minha ausência os deuses! Quase tocas
Onde, Laércio, é fado os males findes;
Mas nem todos provaste”. Eis move o cetro;
Procelas concitando, altera as ondas,
A praia e o mar enfusca, assola os ventos;

215 A noite rui do céu; muge Euro, Noto,
Bóreas árido, Zéfiro insolente.
No peito esmorecido o herói murmura:
“Ai de mim! temo o anúncio de Calipso,
Que à pátria eu chegaria atormentado.
220 Jove de que bulções enluta os ares!
Que lufadas, que brenhas, que borrascas!
Presente o exício tenho. Oh! três e quatro
Veze ditosos os que em Tróia sacra
Por amor dos Atridas feneceram!
225 Acabasse eu na hora em que êneas lanças
Do Aquileu corpo em cerco me choviam!
Lá funerais houvera gloriosos:
Força é hoje beber indigna morte.”
Nisto, empinado vagalhão desaba,
230 Horríssono investido a frágil barca:
Demite o leme e fora cai Ulisses;
Um tufão rende o mastro, e vela e antena
Longe arremessa. Os ventos o soçobram;
Vir ao de cima os escarcéus lhe tolhem;
235 Pesam-lhe as vestes que lhe deu Calipso.
Surde enfim, da cabeça escorrendo água,
Com ânsias vomitando os salsos goles;
Mas não se olvida, a nado o lenho aferra,
Senta-se vigoroso, engana a Parca.
240 Ele à matroca em vórtices flutua,
Como Áquilo outonal pela campina
Montões joga de folhas e de espinhos:
Noto, Euro, Bóreas, Zéfiro contendem;
Ora um, ora outro, apossam-se da presa.
245 Ino Cadméia, já falante moça
De torneado pés, que entre as marinhas
Deusas é Leucotéia, amiserou-se
Do seu penar; do fundo na figura
De um mergulho saindo e na jangada
250 A revoar pousando: “Infeliz, disse,
Porque o Enosigeu te aflige e vexa?
Ruja, que não sucumbes. Sê cordato,
As vestes e o madeiro entrega às vagas;
Lança-te a nado à ilha, onde um refúgio
255 Se te destina; toma, e aos peitos esta
Cinge, para salvar-te, imortal banda.
Ao negro ponto, às praias mal que atinjas,
Virando as costas, para trás a arrojes”.

Dada a banda, as maretas remoinhando
260 Nas entranhas a escondem. Cauto Ulisses
Geme e hesita em seu ânimo divino:
“De um nume que ilusão! Desobedeço,
Pois a terra indicada é mui remota.
Antes sofrer com paciência, enquanto
265 A barca se sustém; nadar pretendo
Assim que a desconjunte a marulhada:
Outra nenhuma salvação me resta”.

Grosso escarcéu Netuno eis sublevando,
Qual dissipa em tufão de palha acervos,
270 Traves destroça e tábuas furibundo:
Num dos pedaços leve o herói cavalga,
Despe-se, a banda cinge, prono estira
Os braços vigorosos, ardente nada.
A cabeça o tirano azul meneia,
275 Consigo diz: “Batido pelas ondas,
Padece agora, até que aos homens chegues
De Jove alunos; desta feita espero
Escarmentar-te”. E ao ínclito palácio
De Egeu move os cavalos crinipulcros.

280 Palas não se descuida: aos outros ventos
Obstrui as vias, e os sopita e calma;
Deixa o Bóreas soprar e os mares quebra,
A fim que a salvo se introduza Ulisses
Entre os Feaces do vogar amigos.

285 Duas noites flutívago e dous dias
A cada instante a morte imaginava;
Mas na aurora terceira, quedo o ruído,
Serenos o ar, de cima de uma vaga
Olhos aguça e a ilha vê mais perto.

290 Como se alegra o filho, cujo enfermo
Pai dileto, por graças dos Supremos,
Sara de uma longuíssima doença,
De que um gênio odioso o atormentava;
Tal folga ele da terra e da floresta.

295 Nos pés se estriba e insiste; mas, a alcance
De um grito, ouve o murmúrio dos rochedos,
E a maretas a roncar na árida costa
E de alva aspersa espuma a cobrir tudo.
Busca em torno angra, porto ou surgidouro,

300 Acha recifes e ásperos cachopos.

Dos joelhos frouxo e de alma quase morta,
Geme e em seu grande coração discorre:

“Ah! terra deu-me Jove inesperada,
Brenhas de água venci, mas onde aborde
305 Não me aparece; agudas pedras vejo
E a fremir escarcéus, e lisa penha
Escarpada e a raiz na profundeza.
Não posso os pés firmar para evadir-me:
Por mais que eu lide, à resvalente roca
310 Talvez do fluxo o ímpeto me esbarre;
Se além nado a encontrar ou seio ou passo,
Temo que entre gemidos a ressaca
Me empuxe e empegue, e infenso deus me lance
Algum dos monstros que Anfitrite cria;
315 Sei quanto me é contrário o grã Netuno”.

Inda pensava, e à crespa riba um feio
Esto o rebate; e a cútis lacerava
E fraturava os ossos por Minerva
Se não fosse inspirado: a penha aferra
320 De ambas as mãos, e aguarda em ais que o rolo
O deixe ao recuar, mas o refluxo
Ao largo o arrasta e longe; e qual pólipó,
Que destacam da cama, traz pedrinhas
Apegadas aos pés, retém o escolho
325 Das fortes mãos tenazes a epiderme.
Da marejada opresso, ah! perecera
Contra o fatal querer, se a gázea Palas
A prudência do herói não reforçasse.
Do fundo acima vem, transnada e fende
330 Marulhos que bramindo a costa orvalham,
Uma abra demandando, enseada ou praia;
A foz emboca enfim de um rio ameno,
Tuto e limpo de pedras e abrigado;
Reconhecida a veia, orou devoto:
335 “Quem sejas, rio, atende as preces minhas;
Do furor de Neturno a ti recorro.
Um peregrino é sacro aos mesmos deuses:
Eu, peregrino errante, há muito soffro;
Suplico, ó rei, de mim te compadeças.”

340 Tranquilo a correnteza o rio amaina,
Recebe-o em sua areia. Ele os nervudos
Braços contrai e pernas; combalido,
Inchado o corpo, alija amargas gotas
Pelos beiços e ventas; anelante,
345 Sem voz e extenuado, o corpo estende.
Resfolga e areja, anima-se, descinge

E entrega a banda ao rio, que a transporta;
Ino dela se apossa. Em apartado,
Num juncal se reclina, e o chão beijando,
350 Fala à sua alma grande: “Ai! que me resta?
Se ao relento pernoito às margens turvas,
O rocio matutino e as graves auras
Me abaterão de todo: em selva opaca,
A consentir-me estar cansaço e frio,
355 Dormirei sossegado; mas receio
Ser de feras escárnio e mantimento.”
 Reflete, e envia-se à floresta umbrosa,
Em monte ao pé do rio. Uma figueira
E um zambujo, a medrar na mesma touça,
360 Ali de modo achavam-se enredados,
Que nem úmidos sopros, sóis violentos,
Nem chuveiros a copa transpassavam:
Debaixo acama Ulisses tantas folhas,
Quantas para a abrigar dous ou três homens
365 Em rigoroso inverno bastariam;
Ledo se deita e chimpa-se no meio.
Qual, no extremo de um campo sem vizinhos,
Conservando semente para o fogo,
Mete alguém seu tição na escura cinza;
370 O paciente herói se esconde nelas.
Palas, porque o descanse das fadigas,
Lhe derrama nas pálpebras o sono.

NOTAS AO LIVRO V

120-121 — É notável que a descrição da jangada assim aqui como mais adiante, case inteiramente com o que vemos hoje em dia. As que andam nas costas de muitas províncias do Brasil têm o mesmo soalho de que fala Homero, com um banco alto onde os jangadeiros atam os cabos da vela. Este soalho ou tabulado é um como tombadilho, mas não comparável aos dos navios; e eu o chamara *jirau*, nome da língua geral dos indígenas usado para significar o objeto, se não temesse a pecha de querer acaboclar a linguagem de Homero. Pobre tradutor do poeta, já me vi metido em uma jangada na costa do Ceará, a qual saía ao mar pela primeira vez e tinha uma vela descompassada; virou-se, e tive de perder entre as grossas vagas chapéu, sapatos e meias: foi este um dos grandes perigos em que me tenho achado. A ninfa Ino certamente não me acudiu nem me emprestou a cintura de salvação, como fez a Ulisses; mas outra jangada, maior e melhor, veio em socorro nosso, e levou-me de pés descalços a bordo do brigue português *Aurora*, que me transportou ao Maranhão. Os velhos gostam de memorar as suas aventuras.

148-155 — Rochefort, cujas reflexões acerca de Homero são de ordinário cordatas, é um dos seus mais insuportáveis tradutores: nesta fala, não só alambica as expressões amatórias, mas empresta ao singelo autor cousas alheias ao seu pensamento, chamando a Penélope, v. g., *vulgaire objet d'une folle tendresse*; e, gabando-se Calipso da sua beleza imortal, acrescenta: *Car j'ai lieu de penser que mon air et mes traits, Ne sont point au dessous de ses faibles traits*. Busquei nada emprestar ao poeta: coteje o leitor paciente o original com as nossas duas traduções.

193-195 — Calipso não só meteu num surrão os mais necessários comestíveis, mas também num saco vários manjares delicados ou *acepipes*. Em vez de seguir o original nestas interessantes miudezas, traz Rochefort os seus dous versos: *Tout chargé des présents qu'une amante attendrie Remet, en soupirant, à l'amant qui l'oublie*. E explica em nota quais eram os presentes, dizendo que os suprimia, porque o francês não podia exprimir tais particularidades! M. Giguet e outros modernos têm mostrado quão fútil é a censura que era moda fazer à língua francesa.

206 — Afirmam que o *rinón* do original é uma nuvem, e termo da língua dos Ilírios; mas Homero não escreveu nessa língua. Podia a ilha Esquéria, ou seja Corfu ou qualquer outra, apresentar-se a Ulisses por algum lado que tivesse a figura de um escudo; ao menos é o que diz o poeta. Junto a Santos no Brasil há uma ilha que chamam a Moela, por ter a forma deste estômago das aves depois de aberto e como costuma vir às mesas; uma das maravilhas do nosso globo, é o agregado de montanhas do Rio de Janeiro que todas juntas representam um gigante deitado: que impossibilidade há de oferecer uma ilha a figura de um escudo? A maior parte dos tradutores cingem-se a este sentido.

359 — Opinei, em nota à Ilíada, que *éphineòs* não era em geral figueira brava, mas uma chamada *baforeira*: aqui opino que *phuliès* também não é figueira brava em geral, mas aquela que os Latinos dizem *olester*, e nós dizemos *azambujeiro* ou *zambujeiro* ou *zambujo*. Os que traduzem não especificadamente são obrigados a confundir as duas árvores, isto é, a que Homero denomina *éphineòs* com a que denomina *phuliès*: quem traduz os antigos deve ser escrupuloso nestas particularidades, que, não sendo sempre essenciais, podem sê-lo algumas vezes.

LIVRO VI

Enquanto lasso e grave Ulisses dorme,
Corre Minerva ao povo dos Feaces,
Que antes moravam na espaçosa Hipéria.
De arrogantes Ciclopes infestada.
5 À Esquéria os trouxe o divo Nausítoo,
De homens cultos remota; ali fez muros,
Casas e templos, dividiu seus campos.
Desce a Dite, e por numes instruído
O substitui Alcino: aos paços deste
10 Palas de Ulisses foi dispor a entrada.
Na câmara dedálea de Nausica,
Na beleza e no porte sobre-humana,
Régia virgem, como aura introduziu-se,
Bem que, êmulas das Graças, duas servas
15 Lá de uma e outra banda repousassem
Às reluzentes e cerradas portas.
A eqüeva amiga da princesa, filha
Do marítimo Dimas afamado,
Ela imitando, à cabeceira clama:
20 “Lenta a mãe tua te pariu, Nausica?
Descuidas-te da roupa, e as núpcias instam;
Para ti mesma e a comitiva toda,
Hás mister os vestidos mais formosos:
Ganhas assim renome, dás contento
25 Aos genitores teus. N’alva, a caminho,
O mais depressa lavaremos juntas;
Pois longo tempo não serás donzela:
Pretendem-te os melhores dos Feaces,
Da mesma estirpe tua. Ao rei mus pede,
30 Carroça que amanhã transporte os cintos,
Peplos e mantos: ir a pé mau fora;
Distam muito os lavacros da cidade.”
Advertida a princesa, a déia ascende
À beata mansão, que deleitosa
35 Nunca ventos açoutam, regam chuvas,
Ou neve asperge; onde ar sereno e limpo,
Onde vivo esplendor eterno brilha.
A Aurora apoltronada esperta a jovem,

Que, atravessando as casas, vai comota
40 Ao pai contar o sonho e à mãe augusta:
Ela, ao fogão, fiava lã purpúrea
Entre as servas; tardio, ele à soleira,
Para o grande conselho ia saindo.
A filha o atalha: “Genitor amado,
45 Mandas-me aparelhar carroça leve,
Onde carregue à fonte as pulcras vestes
Que cujas guardo? Em conferências cumpre
Estares com asseio ante os senhores;
De cinco filhos teus, são dous casados,
50 Mas lépidos os três querem solteiros
De lavado ir à dança: eu tudo avio”.

Cala as núpcias ao pai, que assaz percebe:
“Nada, filha, te nego; ágil carroça
Terás de taipas cinta”. Ao mando, os pajens
55 Tiram-na fora e os mus, que ao jugo prendem.
Ela do plaustro ao leito a roupa desce;
Vários manjares traz a mãe num cesto,
Com sobremessa e um odre bom de vinho;
À filha, já montada, uma áurea entrega
60 Redoma de óleo, que as perfume. A jovem
Brida flagela os mus, que estrepitosos
A carga e o flóreo bando arrebatavam.

Junto ao rio, onde há poças de água pura
Que a sordidez expurga, os brutos soltam
65 Nas margens a pascer melosa grama
Tiram a roupa, acalam-na à porfia
Dentro das covas, torcem-na, enxaguada
A estendem pela praia, onde os seixinhos
Tinha alvejado o mar. Enquanto a enxugam
70 Ao Sol fulgente, banham-se elas mesmas,
E de óleo ungidadas à ribeira jantam.
Fartas já de comer, as toucas despem
E à pela jogam; doce cantilena
Entoa a bracicândida Nausica.

75 Se, no excelso Taígete cu no Erímanto,
Javalis a caçar e gamos leves,
Das de Jove escoltada agrestes ninfas,
Se diverte a frecheira irmã de Febo;
Com prazer de Latona, alta cabeça,
80 Entre as belas belíssima se estrema:
Tal as outras supera a intacta virgem.

Mas, jungida a parelha para a volta,

A roupa elas dobravam, quando Palas
Traça a maneira por que veja Ulisses
85 A que aos Feaces conduzi-lo deve.
Eis a princesa a uma atira a pela,
Que errada cai no pego; as moças gritam,
E Ulisses, despertando, em si discursa:
“Ai de mim! que mortais aqui se alvergam?
90 Bárbaros são, injustos e ferozes,
Ou tementes aos deuses e hospedeiros?
Senti femínea voz, talvez de ninfas
Que habitem nestes coles, nestas fontes,
Nestes ervosos lagos. Inquiramos
95 Se homens são porventura e conversáveis”.

Com mãos inchadas quebra um denso ramo
Que os genitais encubra, e da espessura
Sai qual montês leão, que, em si fiado,
Arrosta o vento e a chuva, e de olho em brasa
100 Cães e ovelhas comete e agrestes corças;
Mesmo a curral seguro o ventre o impele:
Tal, em nudez forçada, à companhia
Pulcrícoma o varão se apresentava
Horrrível da salsugem, dele fogem
105 Por entre as ribas: só de Alcino a jovem,
Por Minerva animada, o encara afouta.

Reflete o sábio se lhe abraça as plantas,
Ou rogue-lhe de longe que um vestido
Preste e a cidade ensine: e, receoso
110 De lhe ofender o pejo, este segundo
Meio prefere e brandamente implora:
“Deusa ou mulher, suplico-te, ó rainha.
Se és íncola do Olimpo, representas
Em talhe e porte esbeíto a grã Diana,
115 Prole de Jove sumo; se és terrestre,
Oh! três vezes teus pais e irmãos felizes,
Que alegrias nas coréias graciosas!
De todos felicíssimo o que à cheia
Casa te guie bem dotada e rica!
120 Nunca de sexo algum meus olhos viram
Tão formoso mortal: admiro e pasmo.
Nesta rota sinistra, eu fui-me a Delos
Com boa gente, e ao pé crescia da ara
Apolínea um renovo de plameria,
125 Cujos aspecto assombrou-me; eu não pensava
Que maravilha tal brotasse a terra:

Assim, mulher, me espantas, nem me atrevo
Nesta grave miséria, os pés tocar-te.
Pós dias vinte que da ilha Ogígia
130 Flutuava em borrascas, enfim ontem
Um deus cá me aportou, para outros males;
Inda os Céus não cansaram de afligir-me.
De mim tem dó, rainha, a ti primeira
Na desgraça recorro; uma alma viva
135 Eu não conheço: aponta-me a cidade;
Se o tens acaso, um roto ou velho pano
Dá que me esconda as carnes. Justos numes
Te concedam, senhora, o que desejas,
Marido e paz doméstica e família:
140 Do acordo conjugal nasce a ventura;
Tudo medra, os consortes são ditosos;
Causa prazer aos bons e aos maus inveja”.

E a cândida Nausica: “Hóspede, ignóbil
Nem insano te julgo. A seu falante
145 Aquinhoa os mortais o Olímpio Jove:
Se te coube o infortúnio, a fronte acurva.
Já que abordaste aqui, terás vestidos
E o que pede um mesquinho suplicante.
Vou guiar-te à cidade; habito nela
150 E em seu distrito o povo dos Feaces.
Filha me honro de Alcino generoso,
Que tem do império o cetro soberano”.
Vira-se à comitiva: “Olá! criadas,
Fugis deste verão, como inimigo?
155 Ninguém nos hostiliza; aqui num cabo
Do undoso campo, sem comércio externo,
São dos deuses validos os Feaces.
Um triste peregrino, o envia o Padre,
Aos pobres compassivo; a contentá-lo
160 Tênu dom basta. Ao nosso, ó companheiras,
Dai bebida e comer; do rio em parte
Ide-o banhar dos ventos abrigada.”

Param; mútuo exortando-se, o conduzem
Ao prescrito lugar, e apõem-lhe e entregam
165 Manto, as mais vestes, a redoma de ouro,
E a meter-se o convidam na corrente.
Mas o divino Ulisses: “Apartai-vos,
Quero mesmo limpar-me da salsugem,
E o que há muito não faço, ungir-me de óleo:
170 Temo lavar-me todo nu, de moças

Ofendendo o pudor.” — Elas se afastam
E o contam à contam à senhora. Imundas costas,
Cabeça e largos ombros, ele esfrega;
Veste o que a virgem dera, enxuto e ungido.
175 Maior o torna e mais robusto Palas,
Solta-lhe a coma onçada e semelhante
À jacintina flor; qual fabro exímio,
Que ela mesma adestrara e o coxo mestre,
Graça lhe imprime na pessoa a déia.
180 Marcha, e à praia sentado, em gentileza
Resplandecia; às aneladas servas
Diz absorta a senhora: “Albinitentes
Companheiras, ouvi-me: sem mistério
Não veio o herói; vulgar primeiro o cria;
185 E aos numes o comparo. Oh! se eu tivesse
Tal marido, e na Esquéria nos ficasse!
Vós do que houver servi-o.” Assim fizeram.
Por tão longo jejum, sôfrego Ulisses
Come e bebe; e Nausica bracinívea
190 Na carroça depõe dobrada a roupa,
Os unguíssonos ata, monta, amoesta
O alto varão: “Sus, hóspedes, à cidade;
Ao paterno palácio te encaminho,
Onde os magnatas acharás Feaces.
195 Razoável te suponho, isto executes:
Por agros e plantios, eu diante,
Com minhas servas anda após o carro;
Mas retém-te às muralhas da cidade,
Que dous portos possui de estreita boca
200 Lá vara cada um na sua estância
O açoutado baixel. Medeia aos portos
Largo foro, com lajes das pedreiras
Dos contornos calçado, e nele o templo
Alteia de Netuno. Ali conservam
205 Mastros, cabos, maçame, e remos talham;
Que os Feaces não curam de arco e aljava,
Sim de antenas e velas, que bizarros
Pelo espumoso pélogo os naveguem.
O pé digo reprimas; que, insolente
210 Como é do bairro a plebe, a desluzir-me
Algum pode morder-me: — “Olhai Nausica;
Segue-a gentil estranho apessoado;
Será marido? Perto nenhum mora;
De um navio errabundo o ajuntaria?

215 Ou deus será do Olimpo que, a seus rogos
Baixe e lhe assista sempre? É bom que fora
Fosse-o tomar; que os muitos que a desejam
Da Feácia nobreza, ela os despreza.”
Desta afronta e censura hei de correr-me;
220 E em caso igual censurarei aquela
Que, a despeito dos pais, antes das núpcias,
Com homens se mostrasse. Hóspede, à risca
Preenche o meu conselho, a fim que obtenhas
Do rei gente e socorro e pronta volta.
225 No caminho, alameda encontraremos,
Luco Paládio, e fonte e em roda prados,
Onde meu pai tem quinta e flóreos hortos,
E dali à cidade em grito alcança:
Neste lugar espera, e quando penses
230 Que é tempo já de estarmos recolhidas,
Entra no muro, indaga onde o palácio
Do magnânimo Alcino; outra morada
Os Feaces não têm que a rivalize,
E um menino qualquer pode ensinar-ta.
235 Do átrio penetres velozmente à sala,
E busques minha mãe: sentada ao lume
Do aceso lar, é maravilha vê-la
E detrás dela escravas; encostada
Ao pilar, volve um fuso purpurino.
240 Próximo está meu pai qual deus, no sólio
Almo vinho gostando: o rei pretiras,
E os joelhos abraças da consorte,
Para que da partida a luz te raie;
Por distante que habites, se a comoves,
245 Ver conta a celsa casa e a doce pátria.”
Ei-la verbera os mus, que o rio deixam
À desfilada, airoso o passo alternam;
Mas de jeito regia o açoute e as rédeas,
Para os a pé de vista a não perderem.
250 Cai o sol; ao delubro de Minerva
Demorando-se Ulisses, a depreca:
“Do aluno de Amaltéia, ouve-me, ó filha!
Se tu não me atendeste quando jogo
Fui do ínclito Netuno, atende-me ora,
255 Dá que os Feaces mísero me amparem.”
Palas o escuta, sem que lhe apareça,
Com temor de seu tio, que iracundo
Até Ítaca mesma há de vexá-lo.

NOTAS AO LIVRO VI

42-66 — Alguns vertem que Nausica achou o pai ao limiar, a partir, *com os outros chefes* para o conselho, onde os Feaces o esperavam: eu com Pindemonte, verto que ela o achou ao limiar a partir para o conselho, onde o esperavam; porque, sendo madrugada, é inverossímil que os magnatas fossem tão cedo incomodar a Alcino. — Note-se que este costume de bater com os pés a roupa dentro d'água, dura ainda na mourama, v. g. em Túnis: muitos costumes dos tempos homéricos, uns conservam-se no Oriente, e não poucos no Ocidente.

96-102 — Tomam *pacheiè* por *forte*: creio que o adjetivo grego, significando propriamente *grosso* ou *gordo*, aqui não quer dizer forte mas *inchado*; porque Ulisses deixou a pele das mãos ao rochedo a que esteve agarrado, e elas deviam estar inflamadas ou inchadas, sentindo que mais se aproxima ao próprio: certo é que isto mesmo demonstra a sua fortaleza, todavia por uma indução e não diretamente. M. Giguet, com escrúpulo talvez de servir-se do correspondente ao nosso termo *genitais*, verte que Ulisses cobriu com o ramo a *sua nudez*, e logo adiante que, *malgré sa nudité*, veio ter com as moças: ora ou ele não cobriu a sua nudez, ou não veio ter com as moças nu. Quem seguir o texto, solve esta contradição: Ulisses com o ramo cobriu os genitais, e apesar da nudez dos outros membros, apareceu forçado a Nausica e às servas. Não tenho escrúpulo de usar do termo próprio, que não encerra obscenidade alguma: obscenas são as palavras que, ao declararem a cousa, indicam em quem as profere uma torpe e maligna intenção. O nosso épico, na estância XVIII do canto sexto, acerca de Tritão nos diz: “O corpo nu e os membros genitais”.

128 — No hemistíquio do verso 169, a que este meu corresponde, alguns põem um ponto final, e tomam o segundo hemistíquio, principiando pela palavra *chalepon*, como cousa inteiramente separada: cuidado, ao contrário, que um se refere ao outro, e que a palavra *penthos* não comemora todas as misérias de Ulisses, mas unicamente a de ver-se obrigado a falar a uma senhora no vergonhoso estado em que se achava. Isto é mais da situação, e mostra o grande respeito do herói para com mulheres jovens e pudicas.

236-239 — Estes versos, com leve mudança, os traz Filinto em uma nota ao livro I dos *Mártires*. Sempre que tamanho mestre houver traduzido uma passagem de Homero, de seus versos me aproveitarei, e das suas frases principalmente.

LIVRO VII

Ora o sofrido herói; marcha a carroça,
Pára Nausica ao pórtico soberbo:
Os irmãos seus deiformes, que a rodeiam,
Os mus disjungem, dentro a carga levam.
5 Ela à câmara sobe: o fogo acende
E a ceia lhe concerta Eurimedusa,
Do Epiro transportada em naus remeiras,
Pelo povo escolhida em recompensa
Para o potente Alcino, dos Feaces
10 Como um deus adorado; a qual na régia
Nutriz foi da donzela, e é camareira.
Ergue-se Ulisses, e a propícia déia
O embuça em névoa grossa, que insultá-lo
E ofender ninguém possa, nem detê-lo
15 Ou quem seja inquirir; mas, da risonha
Cidade ao começar, vem Palas como
Rapariga de cântaro à cabeça,
E o Laércio a interroga: “Filha, queres
Conduzir-me de Alcino aos reais paços?
20 Estrangeiro e infeliz, de longe arribo;
Nem do lugar um morador conheço.”
“Sim, respeitável hóspede, responde;
Meu bom pai fica perto. Abro o caminho;
Tu cala-te, que a turba hostil e acerba
25 Não sofre nem festeja os forasteiros.
Tal gente, ousada nas talhantes quilhas,
Os mares trana, pois lhas deu Satúrnio
Velozes qual a pluma e o pensamento.”
Ela avança, ele a segue. À chusma oculto
30 Marítima perpassa, que Minerva
Lhe difundia divinal caligem:
Os portos vai mirando e as alterosas
Naus e o foro e as muralhas estupendas
Com valos guarnecidas. Mas, vizinhos
35 Ao paço, adverte a guia olhicerúlea:
“Dentro, hóspede e senhor, de Jove alunos
À mesa encontrarás. Anda e não temas;
O audaz e franco, donde quer que chegue,

Vence embaraços. A rainha busques,
40 A quem de Areta cabe o grato nome,
E é da real prosápia do marido.
Eurimédon feríssimos gigantes
Altivo dominava, e o duro povo
Com ele pereceu; de Peribéia,
45 Menor filha e a mais guapa, houve Netuno
O bravo Nausítoo, aqui reinante,
O qual foi pai de Rexenor e Alcino;
A Rexenor matando o Arcitenente,
Ele deixou, casado era de fresco,
50 Não masculina prole, única Areta;
Com Areta esposou-se o tio Alcino.
Mais honrada não há matrona alguma
Dos caros filhos, do consorte mesmo;
Quando passeia, divindade a julgam
55 E de seus lábios as palavras colhem;
Boa e inspirada, os cidadãos congraça.
Rever esperes, se te for benigna,
Os amigos e a pátria e a celsa casa.”
Pelo ponto infrugífero, eis Minerva
60 Da Esquéria amena parte, e se dirige
A Maratona e Atenas de amplas ruas,
De Erecteu sobe o alcáçar. Ao de Alcino,
Sem que o límen transponha, tem-se Ulisses
A cogitar. Magnífico palácio
65 Como o Sol fulge e a Lua: éreas paredes
Firmam-se em torno, da soleira adentro,
Com seus frisos de esmalte, áureas as portas,
Argênteos os portais ao brônzeo ingresso,
Argênteas vergas, a cornija de ouro;
70 De ouro e de prata uns cães, de lado a lado,
Com alma e coração, Vulcânio invento,
São de Alcino os custódios vigilantes,
Imortais e à velhice não sujeitos;
Para o interior há tronos desde a entrada,
75 Com finos véus de mãos femíneas obra,
Onde em redor assentam-se os magnatas
A comer e beber, durante o ano;
Com primor fabricados, junto às aras
Mancebo de ouro estão, de acesos fachos
80 A alumiar de noite os conviventes.
Servem cinqüenta moças: quais, em pedra
Flavo trigo a moer; quais, aos teares;

Quais, a virar num rodopio os fusos,
Como do álamo as folhas buliçosas.
85 Untado e bem tecido o linho estila:
Tanto os Feaces navegando excelem,
Quanto as mulheres têm, mercê de Palas,
Para a teia e o lavor engenho e arte.
 Não distante, há vergel de quatro jeiras,
90 Onde florentes árvores viçosas,
De inverno e de verão, perene brotam;
Zéfiro meigo lhes sazona os frutos,
Um pula, outro arrega, outro envelhece.
Nova sucede à pêra já madura;
95 À escachada romã sucede nova;
Esta oliva é de vez, rebenta aquela;
Junto à maçã vermelha a verde cresce;
Figo após figo, mela, uva após uva.
Medra abundante vinha: em área cachos
100 Estão secando ao Sol, quais se vindimam,
Quais pisam-se em lagar; doces roxeiam,
Ou no desflorescer acerbos travam.
O arruado pomar fenece em horta,
De verduras mimosa em toda quadra.
105 Pelo inteiro jardim corre uma fonte;
Jorra ao pátio a maior ante o palácio,
Donde bebe a cidade. Eis quanto os numes
Ao nobre Alcino em casa prodigaram.
 Ulisses mira e pasma, e na caligem
110 Paládia envolta, a limiar transpondo,
Acha-os libando a Hermes negocioso,
Brinde final dos que do leite curam;
E mal, vizinho ao rei, da augusta esposa
Às plantas cai, a nuvem se dissipa.
115 Todos o encaram mudos, e ele exclama:
“Filha de Rexenor, divina Areta,
Mísero eu te suplico e a teu marido
E aos mais senhores: oxalá que extensa
Vida obtenhais e transmitir à prole
120 Bens e fortunas que vos der o povo!
Breve porém mandai-me à pátria minha;
Fora dos meus padeço há largos anos.”
 Nisto, ao fogão sentou-se no cinzeiro.
O silêncio reinava, até rompê-lo
125 Equeneu venerando, o mais idoso
Dos Feaces heróis, mais eloqüente,

Mais douto no passado, e orou sisudo:
“O hóspede, Alcino, ali jazer na cinza
É pouco honesto; o aceno os mais te aguardam
130 Em sede claviargêntea, eia, o coloques;
Vinho manda infundir, para ao Fulmíneo,
Que assiste a honrados hóspedes, libarmos;
Já, ministrei-lhe ceia, a despenseira.”

E o rei pega do sábio, em trono o assenta
135 Resplendido, que próximo ocupava
O forte e amado filho seu Laodamas.
Serve em bacia argêntea às mãos verte água
De áureo gomil, desdobra e espana a mesa;
Pão traz modesta ecônoma e iguarias
140 Novas, que às encetadas acrescenta.
Come Ulisses e bebe, e o rei com força:
“Mistura, tu Pontono, e da cratera
O vinho distribui, para ao Fulmíneo,
Que assiste a honrados hóspedes, libarmos.”

145 O arauto o brando vinho que mistura.
Em copos vaza e o distribui aos chefes.
Depois Alcino: “Egrégios conselheiros,
Ide saciados repousar, vos digo.
Os antigos do povo amanhã venham;
150 Em festejo hospital ofereçamos
Completo sacrifício às divindades;
Em seguida curemos de que alegre
Ele, por mais remota, à pátria aborde,
Sem moléstia nem danos; acautelemos
155 Qualquer mal no caminho. Já na terra,
Sofra as penas que as Parcas lhe fiaram
Desde o materno ventre. E a ser do Olimpo
Habitador, mistério aqui se encobre:
Deuses muito há que a nós se manifestam;
160 Conosco, nas solenes hecatombes,
Demoram-se ao banquete; e se um Feace
Os depara viandante, não se escondem,
Pois neles entrocamos, como as tribos
De Ciclopes cruéis, gigantes rudes.”

165 “Alcino, o herói tornou, perde essa idéia:
Aos celícolas tu não me confrontes
Em índole e presença; humano e frágil,
Ao mais triste mortal sou comparável,
Nem te posso explanar quanto infortúnio
170 Tem sobre mim os deuses carregado.

Mas, da mágoa apesar, deixa que eu ceie;
O estômago importuno se aguilha,
No meio da aflição me pica e lembra
O comer e o beber, dá trégua às penas.
175 N'alva expedi-me: ao ver, pós tantas lidas,
Minha terra e família e doces lares,
Acabe-se esta luz ali comigo.”

Aplaudem-no os Feaces, confiando
Que o disserto orador o intento logre,
180 E trás farto libar foram-se ao leito.
O herói fica-se e Areta e o rei divino,
E as servas a baixela entanto arrumam.
Logo Areta, que as obras reconhece
Dela e da gente sua: “A interrogar-te
185 Primeira, hóspede, sou. Quem és e donde?
Como houveste essa túnica e esse manto?
Não dizes tu que náufrago abordaste?”

“Narrar-te já, responde, quantos males,
Senhora, o Céu vibrou-me, é mui difícil;
190 Mas ao que me perguntas satisfaço.
De humanos e mortais mora apartada,
Na Ogígia ilha do alto mar, Calipso,
De Atlante gérmen, de encrespada coma,
Ardilosa e tremenda; ali mau gênio
195 Lançou-me só, desfeito havendo Jove
A raio a embarcação no escuro abismo,
Onde os meus nautas soçobraram todos.
Por nove dias, aferrado à quilha,
De vaga em vaga, ao décimo de noite
200 A praia toco. A ninfa carinhosa
Me tratou, me nutriu, velhice e morte
Quis tolher-me, e abalar-me nunca pôde.
Firme reguei de choro as dadas roupas
Incorruptíveis; mas, de Jove ao mando
205 Ou volúvel, no curso do ano oitavo
A partir me exortou numa jangada,
Pão forneceu-me e vinho e odoras vestes,
Favônias a invocar-me auras suaves.
Aos oito sóis de undívaga derrota,
210 Vossa alta umbrosa terra apareceu-me,
E no peito exultei. Mas ai! Netuno,
Insensível ao pranto, em furor sempre,
Com vastas brenhas de surdir me impede,
E a barca um vagalhão me desconjunta.

215 As ondas meço a braço, té que à ilha
Sanhudas nuns penedos me remessam
Inaccessíveis. Novamente nado,
A foz emboco enfim de um rio ameno,
Tuto e limpo de escolhos e abrigado;
220 Em salvo, ânimo cobro. A tarde assoma,
Deixo o rio Dial; em selva opaca,
Inda que atribulado, acamo folhas,
E um deus noite e manhã me embebe em sono.
Ao declinar do Sol, acordo e avisto
225 A filha tua às imortais parelha,
N' alva praia, entre as fâmulas brincando;
Suplico, admiro o tento que, ó rainha,
Esperar não puderas dos seus anos
De imprudência e loucura: fez banhar-me,
230 De vestidos proveu-me e de alimento.
Nesta angústia, senhora, eis a verdade.”
“Hóspede, acode Alcino, a filha minha
Ao decoro faltou, que ao nosso alvergue
De antemão suplicada, lhe cumpria
235 Na comitiva sua conduzir-te.”
O manhoso atalhou: “Tu não censures
A inocente princesa; ela mandou-me
Acompanhar as servas, e eu neguei-me.
Temí quiçá, que ao vê-lo te irritasses:
240 À suspeita é propensa a espécie humana.”
“Temerário não sou, replica Alcino,
Ou pronto em me irritar; o honesto e justo,
Hóspede, em mim domina. Oh! queira o Padre,
Minerva e Apolo, tal qual és, de acordo
245 Com meu sentir, que genro meu te fiques!
Dôo-te casa e bens. Mas por violência
Ninguém te reterá: condena-o Jove.
Dorme em sossego, disporei seguro
Teu regresso amanhã: durante as calmas
250 Os nautas remarão, se além de Eubéia
Mesma o desejes, ilha a mais remota,
Segundo os que de Télus navegaram
Ao filho Tício o flavo Radamanto;
Porém num dia aqui se recolheram.
255 Conhecerás que chusma e naus possuo
Para à voga arrancada o mar fenderem.”
Folga e depreca Ulisses: “Padre excelso!
Cumpra Alcino a promessa; a glória sua

Encha a terra fecunda, e eu veja a minha.”

²⁶⁰ Inda assim praticavam, quando Areta
Albinitente ao pórtico uma cama
Estender manda, com purpúreas colchas,
Com tapetes, e espessos cobertores;
Vão de facho na mão fazê-la as servas,
²⁶⁵ E o paciente herói depois avisam:
“Hóspede, vem dormir, que é pronta a cama.”
Ulisses com prazer no recortado
Catre ao sonoro pórtico se estira.
Foi dentro Alcino se gozar do sono,
²⁷⁰ Com sua esposa o leito compartilhando.

NOTAS AO LIVRO VII

13-15 — Imitou Virgílio esta passagem no I da Eneida. Pope, Rochefort e outros, bem entendido, acham Homero muito superior. A honra da invenção cabe certamente ao Grego; mas, no executar e no escolher a situação, tenho que o Latino é pelo menos igual. Minerva cobre de uma nuvem a Ulisses para o salvar dos insolentes marujos de Esquéria; Vênus cobre de uma nuvem Enéias para sem perigo atravessar Cartago, onde, por confissão de Dido a Ilioneu, ela mesma deixa o povo ser áspero com os estrangeiros: por mais que Minerva amasse a Ulisses, não o amava tanto como Vênus a Enéias, que era seu filho; e a cautela da mãe, que opinam ser inútil, é plenamente justificada. A melhoria que alguns deparam sempre em Homero, é paixão de tradutores: eu, que o sou de ambos os poetas, não tenho o amor próprio empenhado por um deles. Muito realça a imitação o estar ouvindo Enéias do encerro nebuloso os gabos que os Troianos lhe prodigalizavam: que situação! E quanto não é dramático o desfazer-se a nuvem no momento em que Dido se propunha mandá-lo procurar! Preferir sempre Homero a Virgílio, presta ao crítico um ar de sapiência e recôndita erudição, e apascenta a vaidade de poder penetrar os mistérios de uma língua menos conhecida.

40 — Assentava bem o nome na virtuosa *Areta*, ou porque signifique *desejada*, ou porque são como *areté*, que significa *virtude*.

70-85 — Os cães do portão de Alcino, segundo Homero, bem que de ouro, tinham voz e inteligência; mas por timidez, alguns acrescentam em sua tradução um antipoético *parecem*. Era isso uma das maravilhas de Vulcano; maravilha igual à das trípodas que iam por seus pés ao congresso dos deuses, e à das moças também de ouro que andavam com o mestre, como se lê no livro XVIII da *Iliada*. — Fala-se em moer os grãos: pensa-se que isto é cousa do tempo de Homero emprestada ao dos seus heróis; ou que a moedura era imperfeita, sendo o grão apenas quebrado na pedra, *frangere saxo*, como diz Virgílio; ou então que os Feaces, povo navegador, possuíam maior indústria que os sócios de Enéias, que eram de Tróia, menos civilizada. — O verso correspondente ao meu 85 não diz que as teias eram luzidias como azeite, à maneira de Pindemonte; nem tão bem tecidas que o azeite as não penetrava, segundo a *Clavis Homerica*: acertou M. Giguet em dizer que as teias destilavam óleo. Cá em Pisa, onde escrevo esta nota, uma camponesa grande fiandeira ensinou-me que, ao tecer, untava-se o linho com unto para o tornar menos seco e de trabalhar melhor: Homero nos memora um costume antigo, ainda hoje conservado.

[N.E.: Um exemplar da *Clavis Homerica* existente na Biblioteca da Universidade de Michigan foi digitalizado pelo Google e encontra-se disponível para download no Google Books (*Clavis Homerica sive Lexicon Vocabularum Omnium, quæ continentur in Homeri Iliade et potissima parte Odysseæ, ...* — Edinburgi, 1815)]

96-98 — *Fruta de vez* é a que, não bem madura, contudo já pode ser colhida: esta locução comum falta nos dicionários; e também falta o verbo *melar*, que significa *escorrer a fruta o seu suco*, e aos figos aplica-se freqüentemente. — Alguns põem laranjas no pomar de Alcino; mas nada vejo no texto que os justifique: as palavras *méleai áglaokarpoi* querem dizer *macieiras que dão boa fruta*, e não laranjeiras. A exatidão é de interesse histórico.

177 — Folguei de poder aqui servir-me de um dos melhores versos do patriota Camões.

224-270 — Digo *declinar e não cair o Sol*, como dizem alguns; porque, se ele já estivesse no ocaso, Ulisses não tivera tempo de ver as moças a jogar, de lhes falar e suplicar, de banhar-se no rio, ungir-se e vestir-se, de comer e beber, antes que Nausica partisse para a cidade. — No verso 245, vê-se que Alcino ofereceu a filha extemporaneamente: por mais que se esforcem os críticos em desculpar o poeta, confesso que não gosto do oferecimento. — Homero não afirma que a Eubéia é a mais longínqua

das terras, como afirmam não poucas versões; apenas a denomina a ilha mais afastada *da Esquéria*, e o que se segue mais comprova esta opinião. — Quanto ao último verso, tenho como razoável o que diz Rochefort, contra o *parecer de muitos*, isto é, que dormia Areta, não ao pé, sim no mesmo leito do marido.

LIVRO VIII

Do éter assoma a dedirrósea filha;
Ergue-se o rei, apresenta o egrégio Ulisses
Ante as naus ao congresso convocado,
E a par assentam-se em polidas pedras.
5 Cuidadosa do urbífrago Laércio,
Palas, de Alcino o arauto semelhando
Na cidade apregoa: “Ao foro, ao foro;
Um de vulto imortal ide ouvir, chefes,
Que hóspede Alcino recolheu das vagas.”
10 Incitados, a praça e os bancos enchem.
Mirando aquele em cuja frente e espáduas
Graça divina despejou Minerva;
Mais guapo o fez e esbelto e majestoso,
Para que, a todos formidando e grato,
15 Nos certames de si desse alta prova.
Conciona grave na assembléia Alcino:
“O que hei no peito, príncipes, declaro.
Veio-me à casa este hóspede errabundo,
Se do Oriente ignoro ou do Ocidente,
20 Mas passagem me pede e que a fixemos.
A ida se lhe apresse; um forasteiro
Nunca em meu lar se lastimou retido:
Novo negro baixel ao mar divino,
Cinquenta e dous receba exímios nautas.
25 Ligados presto os remos aos toletes,
Eia, a lauto festejo compareçam.
No me falheis, cetrados: convidai-me
Demôdoco imortal, que em estro aceso
Por Jove, entoa cânticos melífluos.”
30 Ei-lo, avança; os cetrígeros o escoltam,
O arauto corre ao músico sublime.
Cinquenta e dous se elegem, que submissos
Vão-se à praia e o navio deitam n’água,
Alçam mastro, içam velas, prendem remos
35 Com atilhos de coiro, e tudo prestes,
Abrindo o pano, o lenho põem de largo;
Passam depois ao régio nobre alcáçar,
Salões, átrios, vestíbulos se atulham

De mancebos, de velhos, turba imensa.
40 Alcino doze ovelhas e oito porcos
De alvos dentes imola e dous refeitos
E flexípedes bois, que os mais esfolam,
Deleitoso banquete aparelhando.
Conduz Pontono o vate aceito à Musa,
45 Que o cegou, mas lhe deu canto suave
E do bem e do mal o entendimento;
Num trono o põe de prata cravejado,
Numa coluna o encosta, e lhe pendura
Sobre a cabeça em prego a doce lira
50 E de a tomar indica-lhe a maneira;
Pousa-lhe um canistrel em mesa ornada,
Com cheia copa que à vontade empine.
Atiram-se aos manjares os convivas.
Expulsa a fome e a sede, a Musa instiga
55 O poeta a cantar guerreiro canto,
Cuja fama às estrelas se exaltava;
A rixa era de Ulisses e de Aquiles,
Com ditos agros num festim sagrado;
E o rei dos reis folgava, porque entrando,
60 No estrear Jove a lide Grega e Teucra,
Do Pítio Apolo no marmóreo templo,
O oráculo a vitória prometeu-lhe,
Dês que os melhores Dânaos contendessem.
Prossegue o vate, a Ulisses à cabeça
65 Com força deita o purpurino manto,
Para encobrir nas morenadas faces
As lágrimas que a pares borbulavam.
No intervalo da música, as enxuga
E desce o manto, liba às divindades
70 Na bicôncava taça; quando, a rogos
Dos que a toada e a letra enamorava,
O bom cego as repete, o herói suspira
E, tornando a embuçar-se, esconde o choro.
Junto, o percebe o rei: “Feaces, basta.
75 Nós, de iguarias cheios e de acorde,
Glória e adorno da mesa, ao foro andemos:
Narre o estrangeiro aos seus quanto hábeis somos
Em luta e pugilato, em salto e curso.”
Marcha, e os grandes com ele; ao prego a lira
80 Suspende o arauto, e à cola guia o cego
Dos que iam divertir-se nos certames,
De infinita caterva acompanhados.

Jovens de pulso, Anquíalo, Acrônio,
Nantes, Elatreu, Ocíalo, se ergueram,
85 Pronteu, Proreu, Toon, Prines, Eretemes,
Anabesinco, Anfíalo progênie
De Polineu Tectômides; nem faltam
O igual de Marte Euríalo, o formoso
E esbelto Naubólides mais que todos,
90 Fora o guapo Laodamas; este alçou-se
Também com seus irmãos, de Alcino ramos,
Hálio gentil e Clitoneu galhardo.

Começam pelo curso, e da barreira
Entre nuvens de pó rápidos voam:
95 Quanto um pousio arando excedem mulas
A bois tardonhos, Clitoneu bizarro
Pretere os outros e regressa ao povo.
Anfíalo em saltar, no disco Elatreu,
Vence Euríalo os mais na acerba luta,
100 Na punhada Laodamas, que no meio
Do regozijo brada: “Amigos, vinde,
Perguntemos se o hóspede é nos jogos
Exercitado: o corpo tem fornido,
Pernas, coxas, pescoço, espáduas, punhos;
105 Inda é verde, sofresse embora há pouco
O trabalho do mar, que tanto custa
E do varão mais rijo as forças quebra.”

Euríalo aprovou: “Pois bem, Laodamas,
Vai tu mesmo incitá-lo.” Eis ante Ulisses
110 Tem-se o filho de Alcino: “Hóspede padre,
Entra, se os aprendeste, em nossos ludos;
Quadram-te à maravilha: é do homem timbre
De pés e mãos valer-se denodado.
Bane a tristeza, partirás em breve;
115 Em nado é teu baixel e os vogas prontos.”

Mas o astuto: “Laodamas, tu provocas
A que zombem de mim? Não penso em ludos,
Penso na dores que passei tamanhas;
A volta mendigando, ao rei depreco
120 E ao popular congresso.” Em face o ataca
Súbito Euríalo: “Hóspede, não cuido
Que nos certames dos varões te exerças;
Menos atleta válido pareces
Que de marujos traficante mestre,
125 A specular na carga e mercancia
Da remeira galé, de roubos arca.”

Torvo Ulisses o mede: “E tu pareces
Doudo varrido a proferir dislates.
Nem tudo Jove dá; beleza nega,
130 Ou loqüela, ou juízo: um não formoso
Com suave eloqüência orna o semblante,
E olhado com prazer, modesto e firme,
No parlamento se insinua e reina,
E na rua e na praça um deus o aclamam;
135 Outro, gentil como íncolas celestes,
Insulso é no exprimir-se. Tu, mancebo,
Nobre és de aspecto, mas no tino falhas;
Com teu falar minha alma exacerbaste.
Não me creias ignaro dos certames;
140 Da idade no vigor fui dos primeiros:
Hoje o pesar me oprime, e o que hei passado
Na guerra e em salsas vagas; mas embora,
Meu coração mordeste, os jogos tento.”

Aqui, de manto mesmo, um grosso aferra
145 Disco muito maior que os dos Feaces
O peso a revoltões zunindo expede:
Bem que pujante a chusma a remo e vela,
Se agacha ao tiro, e sobrevoa a pedra
Salvando as marcas todas. — Palas uma
150 Logo fixando, em vulto humano fala:
“Pode, hóspede, apalpando qualquer cego
Teu sinal discernir, que é nímio avante
Sem confusão dos mais; nenhum Feace
Tirar-te-á do lanço, eu to aseguro.”

155 O herói folga de tal benignidade,
E brando ajunta: “À liça agora, moços;
De novo jogarei, talvez mais longe.
Vós me irritastes, a ninguém recuso;
Ao cesto, à luta, ao curso, desafio
160 Todos, menos Laodamas, que hospedou-me:
Pelejar com o amigo, é de um vil néscio;
Quem quer que o tente num país estranho,
O jus perde ao respeito e a benefícios.
Nenhum temo ou desprezo; às claras venha
165 O que me julgue imbele experimentar-me.
No arco mormente primo; sei na turba
De hostis frecheiros num dos seus a farpa
À vontade empregar: nos campos Tróicos
Só me vencia o archeiro Filoctetes;
170 Entre os mortais que o pão da terra, comem,

Gabo-me e prezo de lhe ser segundo.
Com prístinos varões não me comparo,
Com Hércules e Êurito Ecaliense,
Que na sua arte aos numes se atreviam:
175 O grande Êurito foi de curta vida,
ímpio desafiando o iroso Apolo.
Meu dardo alcança como de outro a seta.
Só receio os Feaces na carreira,
Das ondas nimiamente quebrantado:
180 Nem sempre era o navio bem provido,
E frouxos tenho os trabalhados membros.”

Ao silêncio geral sucede Alcino:
“Tens hóspede, razão de te agastares
Contra esse audaz, e a peito o provar tomas
185 De constante valor munido seres.
Que homem sisudo nunca mais te argua.
Ouve-me, outra impressão de nós conserves,
Para, ao festim com tua esposa e filhos,
Contares aos heróis quais prendas Jove
190 Desde avós nos transmite: em luta e cesto
Não somos extremados, sim ligeiros
E na marinha exímios; o banquete
Nos praz, coréia e música, a mudança
De vestidos, bom leito e quentes banhos.
195 Bailai vós, peritíssimos Feaces;
O hóspede narre aos seus quanto excelemos
Em navegar, em pés, em dança, em canto.
Corra alguém, e a Demôdoco da régia
Depressa traga a cítara sonora.”

200 Pontono corre. Os públicos do circo
Nove eleitos juizes, levantados,
O lugar aplanando, o espaço alargam.
O arauto volta; a cítara o poeta
Recebe, a quem na arena adolescentes
205 Cercam destros e airosos, em cadência
Pulsando o chão divino: absorto Ulisses
O enredo, o passo, a rapidez contempla.

Demôdoco depois dedilha e canta
Como furtiva a coroada Vênus
210 Uniu-se a Marte, que o Vulcânio toro
Maculou com mil dons peitando a esposa.
Pelo Sol advertido, o grão ferreiro
Parte, vingança a meditar profundo;
No cepo encava a incude, laços forja

215 Que desdar-se não podem nem romper-se.
Mal os conclui, à câmara caminha
Do seu leito amoroso; uns aos pés liga,
Outros ao sobrecéu, com tanta insídia,
Que de aranha sutil quais teias eram,
220 Mas a qualquer celícola invisíveis.
Armada a fraude, simulou viagem
De Lemos à caríssima cidade.
Marte, cujos frisões têm freios de ouro,
Não obcecado, o fabro viu partindo;
225 Veio-lhe presto à casa, cobiçoso
De gozar Vênus bela: esta pousava
De visitar o genitor Satúrnio;
Pega-lhe o amante na mimosa destra:
“Vazia a cama está; Vulcano é fora,
230 Aos Síntios foi-se de linguagem bronca.”
Ei-los ao leito jubilando ascendem,
E nas malhas do artista se emaranham;
Nem desatar-se nem mover-se podem,
Sem ter efúgio algum. Torna Vulcano,
235 Antes que a Lemos chegue; o Sol o avisa.
Ao seu pórtico pára angustiado,
Urro esforça raivoso, que no Olimpo
Retumba horrendo: “Ó Padre, ó vós deidades,
Vinde rir e indignar-vos desta infâmia.
240 Por coxo a Dial Vênus me desonra,
Amando ao sevo Marte, que é perfeito:
Se esta iesão me afeia, é toda a culpa
De meus pais, que gerar-me não deviam.
Vêde-os, oh! triste aspecto como dormem
245 No meu leito enleados; mas duvido
Que em seu ardor jazer assim desejem.
Meu laço os reterá, té que haja o dote
E os dons feitos ao pai, que deu-me a filha
De formosura exemplo e de inconstância.”
250 No éreo paço Vulcânio já Netuno,
Mais o frecheiro Febo e o deus do ganho,
As deusas de pudor não comparecem;
Do pórtico os demais, às gargalhadas,
O dolo observam do prudente mestre,
255 Olham-se e clamam: “Da virtude o vício,
Do inferno o lesto e forte é suplantado;
O manco aos mais veloz prendeu com arte,
Pague o adúlterio a multa.” Apolo ao núncio

De bens dador voltou-se: “Quererias,
260 Filho de Jove, assim dormir nos braços
Da áurea Ciprina?” Respondeu Mercúrio:
“Oxalá, Febo Apolo, ao pé de Vênus
Vós me vísseis dormir, e as próprias deusas,
No tresdôbro dos fios envolvido.”

265 Renovou-se a risada; mas Netuno
Sério ao mestre pediu que solte a Marte:
“Solta-o; prometo que a teu grado e à risca
Hajas a multa aos imortais devida.”

“Rei, contesta o aleijado, não mo ordenes;
270 A caução para o fraco é fraca sempre:
Como eu te obrigaria, se ele escapo
Se recusasse?” Então Netuno: “Marte
Se renuir, pagar-te-ei, Vulcano.”

Rende-se o ínclito coxo: “Não me é dado
275 Negar-to.” E os laços desliou de um toque.

Os réus fugiram: para a Trácia, Marte;
Para Pafos Ciprina, a mãe dos risos,
Que ali tem bosque e recedentes aras.
Banhada em óleo divinal ungida,

280 As Graças do mais fino a paramentam.

Ulisses da harmonia se recreia,
E a gente em roda. Alcino bailar manda
Laodamas e Hálíos sós, que a palma levam:
Um, curvo atrás, às nuvens roxa pela,
285 Que fez Pólibo, alteia, e outro, a pulo,
Antes que aos pés lhe caia, a encontra e joga;
A alma terra ao depois, tripudiando,
Alternos batem, com geral aplauso.
O estrépito sossega, e Ulisses fala:

290 “Bem gabaste na dança os teus Feaces;
Estou, potente rei, maravilhado.”

Alegre Alcino: “Príncipes, decerto
É sábio e dons merece. Há cabos doze,
E eu treze: cada qual brinde-lhe um manto

295 Rico e túnica nova e áureo talento,
E junto obtenha tudo e à ceia folgue;
A injúria apague Euríalo e o congrace
Com palavras e dádivas” — De grado
Seu próprio arauto unânimes despacham,

300 E Euríalo obedece: “De vontade
Quero aplacá-lo, ó maioral dos povos;
Haja esta brônzea espada com bainha

De recente marfim e argênteos punhos,
Digna dele.” E ao passá-la: “Ó venerável,
305 Espalhe o vento irrefletidas vozes.
Longo há fora dos teus, hóspede, os numes
Restituam-te à pátria e à mulher cara.”

“Salve, Ulisses responde, e sê ditoso.
Nunca, jovem amigo, a falta sintas
310 Do presente que afável me concedes.”
Aceita e cinge a espada claviargêntea.

O Sol transmonta, e as dádivas afluem
Que ao real paço arautos conduziam;
De Alcino os filhos as recebem logo
315 E à mãe vão reverentes presentá-las;
O pai à casa os principais convida,
Senta-os em tronos, volve-se à rainha:
“Traz, mulher, tua arca a mais luzente,
Boa túnica e um manto; ao lume aqueçam
320 Caldeira para banho. Ele gozoso
Os dons remire dos heróis Feaces,
Divirta-se ao banquete e os hinos logre.
Dou-lhe em memória uma áurea fina taça,
Por onde libe à Jove e à corte sua.”

325 Ela ordena; uma trípode as escravas
Põem ao fogo e por baixo lenha acendem;
A água, lambendo a labareda o bojo,
Ferve em caixões... N’arca louçã, que trouxe,
Dos Feaces a roupa e o ouro mete,
330 Mais a túnica e o manto: “A tampa, advertete,
Hóspede, esguarda; em nó seguro a feches,
Para ninguém lesar-te na viagem,
Quando em ferrado sono a bordo pegues.”

Na tampa o cauto herói passa um nó firme,
335 Invenção da engenhosa augusta Circe.
Da caseira a banhar-se convidado,
Entra a prazer em tina de água morna;
Pois tamanha delícia não gozava,
Dês que a ilha deixara de Calipso,
340 Onde ele como um nume era tratado.
Lavam-no, ungido vestem-lhe as escravas
Túnica e manto, e sai para entre os cabos
Vinhos saborear. Então Nausica,
Beleza divinal, chega à soleira
345 Da magnífica sala; atenta Ulisses,
Admira-o, diz veloz: “Hóspede, salve;

Lá mesmo em teu país de mim te lembra,
De mim primeira em te guardar a vida.”

Respondeu-lhe: “De Alcino ínclita filha.
350 Assim de Juno o altíssimo consorte
A luz ver da partida me conceda,
Como hei de lá qual déia honrar-te sempre,
A ti que me salvaste, ó nobre virgem.”
E junto ao rei sentou-se, quando as peças
355 Partiam já e o vinho misturavam.

Com o amável cantor o arauto vindo,
No meio o encosta à sólita coluna.
A porção mais sucosa rasga Ulisses
Do pingue dorso de albidente porco:
360 “Toma, a Demôdoco isto leva, arauto;
Quero na minha dor mostrar que o prezo.
Os poetas venera e afaga a terra,
Caros à Musa, que os doutrina e inflama.”
Jubilando o cantor a oferta aceita,
365 E começa o banquete aparatoso.

E a Demôdoco Ulisses, fínda a ceia:
“Eu te respeito sobre os homens todos;
A Dial Musa ou Febo é quem te inspira.
Cantaste os casos e aflições dos Dânaos,
370 Como se própria testemunha fosses,
Ou de uma o ouvisses. Canta-me o cavalo
Que da madeira Epeu fez com Minerva,
Do Laércio arduoso introduzido,
Prenhe de heróis que Pérgamo assolaram:
375 Exato sejas, e aos mortais proclamo
Que um deus influi e te modula os hinos.”

Ei-lo, em fúria sonora; entoa o como.
As tendas abrasando, uns Gregos vogam,
E outros, sujeitos ao facundo Ulisses,
380 Ficam no amplo cavalo, que puxaram
Da fortaleza a dentro os mesmos Teucros.
Estes confusos em redor concebem
Três projetos, brocar a bronze o lenho,
Ou do castelo abaixo despenhá-lo,
385 Ou santo voto oferecê-lo aos numes:
O último infausto parecer adotam;
Fado era que a ruína em lígneo bojo
A escolha dos Aqueus levasse a Tróia.
Canta o como, vazio o cavo engano,
390 Ílio os esparsos Dânaos depredaram;

Como, enquanto a cidade vai acesa,
Outro Mavorte, o Ítaco, à Deifobéia
Estância foi com Menelau divino,
E ali, travada aspérrima contenda,
395 Coroou-lhe a vitória a Protetora.

Ao cântico do vate, as maçãs rega
Debulhando-se em lágrimas Ulisses:
Qual em braços o esposo a mulher chora
Que o viu cair em vascas moribundo
400 Ante a muralha, os cidadãos e os filhos
Ao sevo dia subtrair tentando,
E em ais e em gritos sobre o seu cadáver,
Dos soldados, que o tergo lhe escalavram,
Na amargura e na dor é constrangida
405 A cruel cativoiro; tal carpia
O Laércio infeliz. Somente Alcino,
Sentado ao pé, seu suspirar percebe:
“Cale o poeta, ó chefes, o instrumento,
Pois nem todos se alegram do seu canto:
410 Findo o repasto, à musica atendendo,
Mesto sempre nosso hóspede soluça;
Poupar seu luto cumpre e distrai-lo
Por ele é que esta festa preparamos,
Com generosos dons, segura escolta:
415 É vero irmão para as sensíveis almas
Um súplice estrangeiro. Agora, amigo,
Toda a franqueza: como dos vizinhos
Eras chamado? o bom e o mau têm nome
Que seus pais à nascença lhe impuseram.
420 Qual é tua terra e gente me declares.
A fim que a nau medite na viagem:
De mestre e leme as nossas não precisam,
Pensam, calculam, como a raça humana,
Quaisquer povoações e campos sabem,
425 Por entre o nevoeiro as vagas tranam,
Sem temor de soçôbro ou de avaria.
Previu porém meu pai que, da passagem
E do socorro aos náufragos Netuno
Azedo, um nosso galeão de volta
430 Sumiria no pélago, à cidade
Um monte empinadíssimo afrontando.
Se há de ou não preencher-se o vaticínio
Pertence ao deus. Mas sem refólho narra
Que praias tens corrido, que paragens

⁴³⁵ E regiões trilhado; quais das tribos
Agrestes eram, bárbaras e injustas;
Quais, tementes á Jove e hospitaleiras.
Porque em segredo gemes, as desgraças
Dos Gregos e dos Teucros escutando?

⁴⁴⁰ O Céu quis sucumbissem tais guerreiros,
Para matéria a pósteros poemas.
Junto a Ílion morreu-te algum parente?
Morreu-te um genro, um sogro, os mais diletos
Após os consangüíneos? ou pranteias

⁴⁴⁵ Um camarada? o sócio íntimo e sério
Não é menos que irmão no amor e estima.

NOTAS AO LIVRO VIII

71-78 — Homero não diz, como alguns tradutores, que só a toada agradava aos ouvintes; a letra sobretudo é que entristecia a Ulisses. O verbo *enamorar*, Constâncio o dá por antiquado e Gonzaga, autor que nunca sai da linguagem do tempo de Garção e Denis, traz *enamorar*, no translato, em que é comumente empregado de preferência a *namorar*. E este último tem menos nobreza no sentido próprio; diz-se, por exemplo, *a moça namora a todos*, e não *enamora a todos*; além de que, a primeira oração mostra sempre que é a moça que procura agradar, quando a segunda pode mostrar que ela é a todos agradável sem buscar sê-lo. — Homero, parece-me, distingue o *saltar* do *dançar*: nos jogos públicos, houve exercício de luta, carreira, pugilato e salto; a dança propriamente dita foi ao depois que mandaram vir a lira de Demôdoco, e mereceu louvor especial de Ulisses.

106-115 — O verso 106 é de Camões, canto VI, na fala de Veloso. O meu verso 115 diz que o navio estava em nado, ou que tinha sido lançado ao mar: não sei por que Pindemonte usa de *varar*, que é o contrário do texto.

121-126 — A insolência de Euríalo tem dobrado merecimento: primeiro, serve para preparar a quase declaração de Ulisses e mover o desejo de lhe ouvirem as aventuras; segundo, faz aparecer a disposição da chusma não favorável aos estrangeiros. Ainda que Euríalo pertencia aos grandes, o que representa a preocupação popular contra os vindiços; porque esta preocupação, quando geral, até penetra nas classes elevadas; e em todos os tempos houve na aristocracia quem, ao menos na aparência, adotasse a opinião da maior parte.

359 — *Albidente* é de óbvio sentido: Pindemonte, para o italiano, compôs o adjetivo *dentibianco* neste mesmo lugar.

392-395 — Dá Homero a primazia a Ulisses, pondo Menelau como seu ajudante, para assim realçar a valentia do seu herói, e para que a este mais comovesse Demôdoco. M. Giguet, aliás fiel em quase tudo, verteu: *la victoire que leur assura Pallas*. Mas Homero como que de propósito mete Menelau na sombra, deixando brilhar a figura de Ulisses, e usando sempre do singular; o plural *leur* diminui a delicadeza do poeta.

LIVRO IX

Toma Ulisses a mão: — Potente Alcino,
De povos sumo rei, nada há mais grato
Que do cantor a divinal poesia;
Nada mais deleitável que esta gente
5 Lhe estar ouvindo a voz melodiosa
À tua mesa, de regalos plena,
E o vinho haurir que da cratera vaza
Nos copos o escanção: minha alma o escuta.
Mandas-me renovar a dor e o pranto:
10 Que princípio, que meio, que remate
A narração terá de imensos males
A mim fadados? Por meu nome enceto.
Escapo aqui da morte, hóspede vosso
Perpétuo seja, inda que longe moro:
15 Sou Ulisses Laércio, encomiado
Por meus ardis, com fama até nos astros.
Ítaca habito ocídua, e lá tremula
Nerito a verde coma; circunstantes
Ilhas há povoadas, como Same
20 E Dulíquio e Zacinto nemorosa,
Orientais e ao sul; Ítaca humilde
Última as trevas olha, áspera e tosca,
Porém não posso ver nada mais doce.
Na gruta sua a ótima Calipso,
25 Em casa teve-me a dolosa Eéia,
Sem nunca afagos seus me demoverem,
Pois ledo homem não vive e satisfeito
Fora da pátria amiga e dos parentes,
Bem que noutro país nade em riquezas.
30 Ora de Ílio a tornada lagrimosa
Referirei, disposição de Jove.
À Ísmara o vento impele-me e aos Cícones
Saqueio e os mato; com partilha justa
As mulheres e a presa dividimos.
35 Presto os insto a largar; mas insensatos
Na praia indóceis a beber se ficam,
Ovelhas abatendo e negros touros.
Os fugitivos por socorro bramam,

E n'alva em cópia do interior concorrem
40 Bons peões e adestrados cavaleiros,
Como as folhas vernais e as flores brotam.
Jove de mil desgraças nos oprime:
Eles às nossas naus o ataque apertam,
Fervem de parte a parte os êneos tiros;
45 Toda a manhã enquanto a luz crescia,
Do número apesar, os contivemos;
Ao Sol cadente, quando os bois descangam,
Em fuga nós, poupando a Parca os outros,
Armando seis de cada nau perdemos.
50 Salvos, contudo mestos velejamos,
Vezez três a invocar primeiro os sócios
Ai! nas Cicônias margens trucidados.
O Nimbífero o Bóreas assolou-nos;
Tolda bulcão tristonho o mar e a terra,
55 A noite rui do céu; de esguelha o vento
As velas farpa, e súbito arreadas,
Varei com susto. Lá cansaço e mágoa
Nos ralou; mas, à terça ruiva aurora,
Mastros eretos, brancos linho içado,
60 Navego ao tom da brisa e dos pilotos.
O natal chão tocava, quando Bóreas
E do Maléia as correntes me empuxaram
Muito além de Cítera. Dias nove
Pelo piscoso ponto flutuando,
65 No dezeno aos Lotófagos arribo,
Que apascenta uma planta e flor cheirosa.
Jantamos, feita aguada; envio arauto
Com mais dous a inquirir de pão que gente
Lá se nutria. Aos três em nada ofendem,
70 Mas lhes ofertam loto; o mel provando,
Os nossos o recado e a pátria esquecem,
Querem permanecer para o gostarem.
Constrangidos e em lágrimas os trago
E amarro aos bancos; apressado os outros
75 Sócios recolho, a fim que do regresso
A doçura falaz os não deslembre.
Em fila, a salsa espuma a remos ferem,
E dali pesarosos nos partimos.
Abordo a infanda plaga do Ciclopes,
80 Que, à fiúza dos deuses, nem semeiam,
Lavram nem plantam; sem cultivo e relha,
Cresce o trigo e a cevada, os bagos de uvas

Lhes engrossa o imbrífero Satúrnio.
De conselho e assembléia e lei privados,
85 Cada varão, de montes em cavernas,
Rege absoluto filhos e mulheres,
Vizinhos olvidando. Ilha daquela
Tanto ou quanto remota, umbrosa estende-se,
Altriz de agrestes cabras: nunca a pisa
90 Humano pé, campônio, zagalejo,
Ou caçador ao serro e à fraga atreito;
Berrantes fatos inarada pasce.
Nem construtores de vermelhos beques
Nem galés tem que os mares atravessem,
95 Que em longínquas cidades mercadejem,
Donde a ilha deserta haja colonos.
Tudo em sua estação produziria:
Junto à costa oferece regadios
E moles prados; ao vinhedo é própria;
100 É fofo o solo e para messes pingue.
De âncoras e de amarras prescindindo,
Permanecer no porto os nautas podem,
Até que as auras prósperas aspirem;
De uma gruta, no topo, fresca fonte
105 Límpida mana, de áleos sombrosa.
Lá jogou-nos a vaga, e um deus foi guia;
Nada na cega noite se enxergava:
Na terra as naus, em densa escuridade
Esmorecida a Lua, a terra oculta,
110 Nem rolar a mareta às praias vimos,
Antes que as proas abicassem nelas.
Colhido o pano salta-se, e na areia,
Da madrugada à espera, adormecemos.
Do ar mal fulge a dedirrósea prole,
115 Toda a ilha admirados perlustramos.
Ninfas do aluno de Amaltéia agitam
Para nosso jantar monteses cabras.
Das naus trouxemos arcos e azagaias;
Tripartidos, de caça o deus fartou-nos;
120 Cabeças nove cada nau das doze,
Uma de mais somente obteve a minha.
Ao sol posto a comer, nos regalamos
De roxo vinho; em ânforas a bordo,
Roubo, do sacro burgo dos Cícones,
125 Inda restava. Nos Cicolópeos cumes
Fumo avistou-se, ouviram-se balidos.

Anoitece e dormimos; na alvorada
Convoco a gente: “Cá vos deixo, amigos;
Eu mesmo explorarei se aqueles homens
130 São ferozes e injustos e intratáveis.
Ou tementes aos deuses e hospedeiros.”
 Ocupo o meu navio; os da companhia,
Desatando os calabres, abancados
A branca espuma a remos açoutavam.
135 Na próxima paragem, numa extrema,
Junto ao mar descobriu-se alta espelunca,
De loureiros opaca, onde albergava
Cabrum gado e ovelhum, do pátio em roda
A pique rochas, com alvares pinhos
140 E carvalhos de topes verdejantes.
Seus rebanhos ali desconversável
Gigante pastorava, em separado,
Só consigo maldades ruminando;
Monstro não comparável aos humanos
145 De pão nutridos, mas do monte ao cume
Que selvoso dos outros se destaca.
À nau ponho de guarda os camaradas;
Escolho doze, um odre lhes confio
Do vinho de Máron de Evanteu nado,
150 Em Ísmara Apolíneo sacerdote;
O qual poupamos e mulher e filhos,
Na sagrada floresta, com respeito;
E áureas talentos sete, urnas de prata,
Mais uma dúzia de ânforas doou-me
155 De almo licor nectáreo incorruptível.
Desse vinho melífluo, em casa ignoto,
Menos à esposa e à despenseira, um vaso
Com vinte se mesclava de água pura,
E tal cheiro divino recendia,
160 Que dele alguém abster-se era um tormento.
Encho um odre, uns alforjes abasteço,
Audaz me deito a visitar o iníquo
De alma ferrenha e desmedida força.
 Então fora pastava o nédio gado,
165 E no interno o antro seu nos foi pasmoso:
Nos cinchos pesam queijos; de cabritos
E anhos currais se atulham, segregados
Os meãos e os tenrinhos e os maiores;
Mungido fresco em tarros e alguidares,
170 Nada no soro o coalho. Os meus imploram

Que, tomados os queijos e atraídos
Cabritos e ambos, de embarcar tratemos:
Fora certo o melhor, mas eu quis vê-lo
E dons ter hospitais; futura aos sócios
175 Vista ingrata. Imolando, aceso o fogo,
Do lacticínio come-se, e aguardamos.
 Ei-lo, de lenha para a ceia, à porta
A grossa atira estrepitosa carga;
Tremendo no interior nos ocultamos.
180 À espelunca recolhe as gordas fêmeas
Para, ordenhar, de fora tendo os machos
No amplo recinto, bodes e carneiros;
Depois a entrada fecha, levantando
Rocha tal, que mover nem poderiam
185 Vinte dous carroções de quatro rodas.
Sentado, ovelhas e balantes cabras
Em ordem munge, e às mães submete as crias:
Porções do leite coalha e aperta em fôrmas;
Guarda metade, que ceando beba.
190 Tudo aviado e em cobro, atixa o lume,
E dá conosco e diz: “Quem sois vós outros?
Navegais por negócio, ou ruins piratas
Os mares infestais, expondo as vidas
Para infortúnio e dano de estrangeiros?”
195 Frios, do rouco som, do monstro mesmo
Trememos todos; mas falar me atrevo:
“Dos Gregos somos que, da pátria em busca,
Desde Ílios furacões nos remessaram
A estranhas plagas, por querer de Jove;
200 No exército servimos de Agamemnon,
Cuja glória a qualquer mundana eclipsa,
Pois destruiu tal povo e tal cidade.
A teus pés agasalho deprecamos.
Ou brindes hospitais. Receia os deuses,
205 Senhor; Júpiter vinga os suplicantes,
E a bons e honrados hóspedes protege.”
 Turvo me respondeu: “Louco! tão longe
Vens o temor dos deuses ensinar-me?
Os Ciclopes, que os deuses mais prestantes,
210 Esse aluno da cabra desdenhamos.
Se não por mim, de Júpiter por medo
Pensas que te perdoe e os companheiros?
Onde ancoraste a nau? distante ou perto?
Declara-o já.” — Manhoso ao laço fujo:

215 “Desfez-me o Enosigeu, na ponta e escolhos
Dos fins da vossa terra; aqui, dos ventos
Rojado, a custo me salvei com estes.”
Ei-lo, sevo e em silêncio, a dous agarra,
No chão como uns cãezinhos os machuca,
220 E o cérebro no chão corre espargido;
Os membros rasga, e lhes devora tudo,
Fibra, entranha, osso mole ou meduloso,
Qual faminto leão: chorando as palmas,
Em desespero e grita, a Jove alçamos.
225 Pleno de humanas carnes o amplo ventre,
Leite bebe o Ciclope a grandes sorvos,
E entre as ovelhas na caverna estira-se:
Animoso de espada ia feri-lo,
Onde o fígado junta-se ao diafragma,
230 Quando à idéia me vem que, nímio débeis
Para o empacho movermos da saída,
Morreríamos todos morte acerba:
A aurora pois gementes esperamos.
Ao raiar da manhã, suscita o fogo,
235 Ordenha e a cada mãe submete as crias.
O serviço afervora, e para o almoço
Mais dous empolga e traga; a pedra erguendo
Fácil, como na aljava a tampa ajusta,
A repõe, já de fora com seu gado;
240 E, indo-se ao monte, ouvíamos seus urros.
Vingança cogitada, invoco a Palas;
Trás longo meditar, melhor conselho
Este me pareceu: de um tronco pego
Oleagíneo e verde, grosso e longo,
245 No antro a secar jazendo para clava,
Que o mastro parecia de um mercante
Flutívago baixel de vinte remos;
Corto-lhe uma braçada, os sócios mando
O pedaço alisar, depois o aguço
250 E o tosto a fogo ardente, no monturo
Pela caverna acumulado o escondo.
Sorteiam-se os que atrevam-se comigo
No olho o pau enterrar-lhe pontiagudo,
Enquanto sopitado em sono esteja;
255 A sorte elege quatro, e eu faço o quinto.
Chega à tarde o pastor, e sem no pátio
Conter os machos, encurrala o gado.
Ou por divino influxo ou por suspeita;

A boca do antro fecha, em ordem munge
260 Sentado as fêmeas e submete as crias.
Presto acaba o serviço, e para ceia
Inda esquarteja dous; eu perto exclamo,
Taça a lhe oferecer de roxo vinho:
“De carne humana estás, Ciclope, farto;
265 Ora da nossa nau prova a bebida.
Mais terias, se à casa me enviasses
Por compaixão: que fúria intolerável!
Como, de tanta crueldade à vista,
Pode qualquer humano visitar-te?”
270 Recebe a taça, com delícia a empina,
E pede mais: “Dá-me de novo, dá-me;
O nome teu me digas, para haveres
Dom que te aprazirá. Nossa alma terra
Vinho de uvas produz que orvalha Jove;
275 Mas este, ambrosia é doce e néctar puro.”
Renovo a taça ardente, que três vezes
Néscio esgotou. Sentindo-o já toldado,
Brando ajunto: “Ciclope, não me faltes
À promessa. Meu nome tu perguntas?
280 Eu me chamo Ninguém, Ninguém me chamam
Vizinhos e parentes.” O ímpio e fero
Balbuciou: “Ninguém, depois dos outros
Último hei de comer-te; eis meu presente.”
E ressupino cai e, a cerviz grossa
285 Dobrando, ao sono domador se rende;
A impar na embriaguez, ressona e arrota,
Vomita o vinho e carne humana em postas.
Na cinza o lenho aqueço, animo os sócios
A não me abandonarem no perigo;
290 O oleagíneo troço, inda que verde,
Em brasa tiro, e um deus nos acorçoa;
No olho ficam-lhe os meus o pau candente,
Eu de cima o revolvo: qual se broca
Naval madeira, que sustém com loros
295 Do mestre oficiais de uma e outra banda
E o trado gira sempre; assim viramos
No olho o tição. Cálido sangue espirra;
O vapor da pupila afogueada
As pálpebras queimava e a sobancelha;
300 Do imo as raízes crepitar sentimos.
Quando enxó n’água fria ou grã secure
Imergindo o forjeiro a temperá-lo

Caldeia o ferro, estrídulo este chia:
Da trave em roda o olho assim chiava.
305 O urro tremendo ecoa nos penedos;
Assustados fugimos; ele, o tronco
Todo em sangue arrancado, o lança fora
Na veemência da dor, bramando horrível
Pelos Ciclopes, que em vizinhas grutas
310 Sobre ventosos cumes habitavam.
Aos gritos acudindo, eles à entrada
O que o aflige indagam: “Polifemo,
Porque a noite balsâmica perturbas
E nos rompes o sono com tais vozes?
315 Acaso ovelha ou cabra te roubaram,
Ou por dolo ou por força alguém matou-te?”
“Amigo, do antro Polifemo disse,
O ousado que por dolo, não por força,
Matou-me, foi Ninguém.” — Replicam logo:
320 “Se ninguém te ofendeu, se estás sozinho,
Morbos que vem de Jove não se evitam;
Pede que te alivie ao pai Netuno.”
Com isto vão-se andando, e eu rio n’alma
De que meu nome e alvitre os enganasse.
325 Gemebundo o Ciclope e dolorido,
Trêmulo apalpa, e removendo a pedra,
Senta-se à boca do antro, as mãos estende
A apanhar quem saísse entre as ovelhas.
Ele cria-me estulto; eu cogitava
330 Com que ardil me livrasse e os meus da morte
Horrorosa e iminente, e o plano formo:
Três a três ligo tácito uns carneiros
De lã violáceas, grandes e alentados,
Com retorcido vime, em cujos feixes
335 Dormia o monstro; no do meio ajeito
Um sócio, que os dous outros conduzissem;
Do maior da manada abraço o tergo,
E ao ventre submetendo-me veloso,
Firme ao tosão me implico e me penduro.
340 Carpindo à espera da manhã velamos.
No arrebol urge o dono ao pasto os machos,
Dentro a balar as fêmeas de ubres tesos,
E em dores, à passagem, do que pára
O dorso afaga, néscio de que os sócios
345 Iam ligados aos lanudos peitos.
Último andava o meu, tardio ao peso

De mim, que em baixo astuto maquinava;
A anca lhe amima terno: “O derradeiro
Hoje és tu, preguiçoso? A largo passo
350 Ias dantes em frente, a pascer flores
E a banhar-te no límpido riacho,
E de tarde ao redil vinhas primeiro.
Do olho do senhor partes saudoso,
Que, de vinho domando-me a cabeça,
355 Cru mortal e os maus sócios me vazaram?
Escapo inda o não julgo: tu sentisses
Comigo e articulasses, que dirias
Onde se oculta; e, esparsos os miolos
Por toda a cova, ao mal, que me há causado
360 O vil Ninguém, teria um refrigério.”
Solto o martinho então, se pôs de fora.

Distante um pouco da caverna e pátio,
O meu largo e desprendo os mais carneiros;
Salvos do monstro, à pressa o desviado
365 Gordo rebanho para a nau guiamos,
Onde em pranto ansiosos companheiros
Nos receberam. Por acenos vedo
Esse lamento, e mando que o lanoso
Gado se embarque e o saldo mar cortemos.
370 Dito e feito, e verberam já remeiros
O encarnecido ponto, quando ao longe,
Mas a alcance de gritos, o invectivo:

“Não devoraste, Polifemo, os sócios
De um homem sem valor; cruel e iníquo,
375 De hóspedes em teus lares te sustentas;
Júpiter castigou-te e os mais celestes.”

Raivoso, ei-lo de um monte o cimo quebra,
Joga a rocha, que ao pé da popa tomba:
Ao choque a nau se inunda, e refluindo
380 Sobre a terra a mareta nos empuxa.
De um longuíssimo croque armado, o casco
Da praia arredo, e por sinais ordeno
Que, o trespasso esquivando, a voga piquem.
Sulcado espaço igual, falo ao Ciclope;
385 Em redor brandamente me retinham:
“Incitar queres, mísero, o selvagem,
Que a nau com novo tiro atraia à borda,
Onde acabar cuidávamos? Se tuges,
Ao perceber-te a voz, com força bruta
390 Penedo vibrará, que nos esmague

E este frágil madeiro desconjunte.”

Preces vãs! generoso e inabalável
Em cólera bradei: “Se o perguntarem,
O olho dirás, vazou-te o arrasa-muros
395 Ítaco Ulisses, de Laertes nado.”

Trovejou Polifemo: “Encheu-se o agouro
Ah! de Telemo Eurímides, profeta.
Que envelheceu famoso entre os Ciclopes!
Apagar-se-me a vista às mãos de Ulisses
400 Vaticinou-me: um forte e ingente e belo
Varão sempre cuidei que Ulisses fosse;
Mas, falso embriagando-me, a pupila
Furou-me um pífiio imbele e pequenino!
Hóspede, eis os presentes, vem tomá-los;
405 Meu genitor confessa-se Netuno,
Rogo-lhe que a viagem te encaminhe.
Seja vontade sua, há de sarar-me;
De outro deus nem mortal socorro espero.”

“Pudesse eu, repliquei-lhe, de alma e vida
410 Privar-te e remeter-te ao reino imano,
Como nem mesmo o genitor Netuno
O olho te sarará.” Súplices palmas
Ele à sidérea abóbada levanta:
“Ó rei Netuno de cerúlea coma,
415 Se teu sou na verdade, ó pai, te imploro
Que seu país não veja o arrasa-muros
Ítaco Ulisses, de Laertes nado;
Ou, se é fatal que à pátria amiga torne,
Só de toda a campanha, em vaso alheio,
420 Tardio aporte, e em casa encontre penas.”

Seu rogo ouvido foi. Lasca outro pico
Muito maior, que expede volteando
Com sumo esforço: desta vez o leme
Quase alcança, e nos molha a erguida brenha;
425 Mas surde a proa azul, e a ilha toca
Onde as naus de coberta e os sócios eram,
Sempre a chorar por nós. Varado o casco,
Saltamos, e conosco a ovelhum presa,
Que divido irmãmente: a aqueles bravos
430 Dão-me a parte o carneiro em que livreime,
Eu na praia ao nimbífero Satúrnio
Queimo-lhe as coxas; mas o deus supremo
Enjeita o sacrifício, e delibera
A frota consumir-me e os camaradas.

⁴³⁵ Até Sol posto, à mesa nos fartamos
De carne e doce vinho, e escura a noite,
Na areia adormecemos. Vindo a rósea
Aurora matutina, a gente embarco;
Desamarrados, alva espuma torcem
⁴⁴⁰ Dos remos ao compasso os marinheiros.
Dali, da morte isentos; mas tristonhos
Pelos míseros sócios navegamos.

NOTAS AO LIVRO IX

15-34 — O reconhecimento parece tardio, crê-se à primeira vista que devera ser muito antes; mas note-se que Homero no livro VII, como para escapar à objeção, faz Ulisses dizer a Areta que não pode *já* narrar todas as aventuras, e só responderia às últimas perguntas: assim, respeitou Alcino o seu silêncio, até vir a ocasião de saber-se aonde a nau devia conduzi-lo. Esta demora, adaptada à marcha dramática do poema, tenho-a por um belo artifício. — *Same* é o mais antigo nome de Samos; *Ísmara* é cidade, assim lhe chama Virgílio, sem confundi-la com o monte, que se diz *Ísmaro*. — Ulisses, depois de saquear os Cicones, que justamente o escarmentaram, gaba-se da boa repartição da presa: entre os mesmos salteadores há uma espécie de eqüidade, para se poderem manter.

343-361 — Esta passagem tem sido censurada por inverossímil: a saída dos companheiros, cada um no animal do meio e conduzido pelos dous dos lados, compreende-se melhor; mas a de Ulisses num só carneiro, posto que o maior do rebanho, é difícil de conceber, sem embargo das diferentes explicações. Como porém o gigante estava cego e Minerva protegia a Ulisses, pode supor-se que, por influxo divino, afagou Polifemo o tal carneiro só em partes onde não se sentisse o engano. — O adjetivo *cru* do verso 355, onde o gigante se queixa de o terem cegado, quando acabava de comer seis homens, não admira na boca de um monstro brutal; nós outros somos propensos a ter por injusto o mal que nos fazem, e a achar pequeno o que aos outros fazemos: a modo que Homero quis representar um dos achaques da humanidade.

LIVRO X

Do Hipótades Eolo, aceito ao numes,
A ilha abordamos, a nadante Eólia,
De éreo muro infrangível circundada
Sobre liso penedo. Ele os seis pares
5 Consorciou de filhos, para todos
Junto ao bom pai e à casta mãe comerem
À mesma vária mesa: ao dia, a casa
Harmônica recende; à noite, aos braços
Das consortes pudicas se repousam,
10 Em tapetes e leitos recortados
Nessa bela vivenda um mês inteiro
Amigável tratou-me, a indagar sempre
De Ílion, da frota Argiva e da tornada;
Eu recontava tudo. Enfim licença
15 Rogo-lhe de sair, ao que ele acede
E dispõe a partida: os rijos ventos
Feche em pele de um touro de nove anos,
Porque a seu grado, permissão de Jove,
Os subleva ou contêm; por um calabre
20 Argênteo os cerra no porão, temendo
Um hálito qualquer; único solto,
Nos vai soprando Zéfiro propício.
Tais precauções frustrou-nos a loucura.
Navego assíduo; na dezena tarde,
25 Ítaca e os lumes seus me apareciam:
Rendo-me ao sono ali, cansado e lasso,
Pois nunca o leme a outrem confiara,
Para em terra o mais cedo nos acharmos.
Do generoso Hipótades riquezas
30 Crendo que eu recebera, os da equipagem
Discorriam destarte: “Oh! quanto Ulisses
Por onde quer que aborde é festejado!
Onusto vem de Ilíacos tesouros,
E nós, tendo corrido iguais tormentas,
35 Vamos ao pátrio lar de mãos vazias.
Brindes lhe fez agora o amigo Eolo;
Veja-se que ouro e argento esse odre guarda.”
Vencendo o mau conselho, o desataram:

Os ventos a ruir, de Ítaca os deitam,
40 A empegá-los em lágrimas desfeitos.
Acordo; ao mar calculo se me atire,
Ou sofra a nova dor: sofri, jazendo
No fundo oculto; os outros, suspiravam.
Procela atrás à Eólia nos remessa:
45 Feita aguada na praia e um jantar breve,
Como o arauto e um guerreiro me endereço
De Eolo aos paços, que ao festim seus filhos
E a mulher tinha; sento-me à soleira,
E eles pasmados: “Foi-te um nume infenso?
50 Tornaste, Ulisses? Tudo acautelamos,
Para a salvo aos penates reverteres.”
Triste respondo: “Sócios temerários
E fatal sono, amigo, me perderam;
Auxílio, que o podeis.” Com brandas vozes
55 Quis demovê-los, mas seu pai retorque:
“Fora, não devo proteger um homem
Ingrato ao Céu; foge daqui, malvado,
És ódio aos imortais.” E agro e severo,
Da Eólia nos despede a soluçarmos.
60 A vogar, fatigada já do remo,
Do erro se argúi a gente esmorecida.
Gastas seis, na setena singradura
Arribou-se de Lamos à eminente
Lestrigônia Telépila, onde o gado
65 Recolhendo o pastor, pelo outro chama,
Que obediente sai; onde o salário
O insone dobraria, apascentando
Já manadas, já greis de branco velo:
Tanto ali se aproxima a noite e o dia.
70 Do porto em roda a pique há celsas pedras,
E a barra estreitam cabos dous bojantes:
As naus dentro se amarram conchegadas,
Que o mar dorme tranqüilo e não se altera.
A minha só de fora atei por cabos
75 A um rochedo apartado, e ao cimo trepo
A especular se em torno divisava
De homens ou bois trabalho; só rompia
Do solo um fumo. Escolho dous, que saibam,
Com o arauto, a quem lá sustente Ceres;
80 Trilham por onde carreava lenha
Dos montes à cidade, e perto a filha
Do Lestrigão Antífates encontram,

Guapa donzela, que de Artácia à fonte
Clara descera, donde o povo bebe;
85 Quem no país mandava lhe perguntam,
E o paterno palácio indica a jovem.
Entram; com susto a esposa, igual de um morro,
De Antífates avistam; que, chamado,
Presto chega da praça, atroz empolga
90 Um para a crua ceia; os dous conseguem
Refugiar-se à frota. Ao grito régio,
Da cidade, homens não, gigantes fervem,
E a penedos, que arrancam, nos lapidam,
O estrépito a soar de moribundos
95 E naus quebradas; para o triste pasto.
Qual peixe os Lestrigões a gente enfiam.
Enquanto esses no porto assim perecem,
Do meu navio a gládio amarras talho;
A esquivar a desgraça insto a companhia,
100 Que açodada e medrosa os remos força:
O meu baixel evita os sáxeos tiros;
Os mais daquela chuva ali soçobram.
Da morte isentos, por amigos tantos
O negro mar tristíssimos cortamos.
105 Na ilha aporto Eéia, da terrível
Música Circe de madeixas de ouro,
Irmã de Etas prudente, nados ambos
Do claro Sol e da Oceânia Persa.
A largo surgidouro um deus nos guia;
110 Lá, de cansaço e de ânsias corroídos,
Longamente e em silêncio repousamos.
Da aurora crinisparsa à luz terceira,
A espada e lança tomo, um alto subo
Donde ouça vozes ou culturas veja;
115 Paro no áspero tope, enxergo um fumo
Que dentre um carvalhal saía em cerco
Do palácio de Circe. N'alma volvo
Se após o fumo avance; mas prefiro
Ir a bordo, e à maruja dado o almoço,
120 Enviar adiante exploradores.
Da nau já perto, condoído um nume
Da minha soledade, ofereceu-me
Galheiro cervo, que do pasto ao rio
Vinha beber, da calma estimulado:
125 A bronze o atravessei pelo espinhaço,
E o bruto cai berrando e a vida exala;

Pulo, saco-lhe o hastil, por terra o deixo,
Vimes despego e silvas, e torcendo-os
Corda formo de braça, os pés lhe amarro;
130 Firme n'hasta, ao cachaço o levo preso,
Porque de uma só mão, sobre uma espádua,
Suster carga tamanha era impossível.
Ante os sócios o arrojo, e em modo afável
Os conforto um por um: "A Dite, amigos,
135 Só baixaremos do fatal instante;
Comei, bebei, de fome não morramos."
Dóceis levantam-se, e na praia admiram
O enorme cervo, e os olhos tendo fartos,
As mãos lavadas, o festim preparam.
140 Veação gorda e vinho, até ser tarde,
Nos regalaram; sobre a noite escura
Na marítima areia adormecemos.
No amanhecer, convoco e falo a todos:
"Por mais graves que sejam nossas penas,
145 Atendei-me, consócios. Ignoramos
Se a terra é donde o Sol mergulha em trevas,
Ou do fúlgido eão em que ele nasce;
Quero vos consultar, eu nada afirmo.
Do cume de um penhasco, vi que a cinge
150 Mar infinito, humilde ilha pequena,
Que dentre basto carvalhal fumega."
Estala o coração, lágrimas chovem;
Das cruezas de Antífates se lembram,
E do fero antropófago Ciclope.
155 Chorar que vale? Em corpos dous os nossos,
Mando eu um, outro Euríloco deiforme:
Sacudidas as sortes no elmo aêneo,
Sai a do bravo Euríloco; este parte
Com vinte dous gementes companheiros,
160 Que apartam-se de nós também gementes.
Num vale acham marmóreo insigne paço,
Que cercam lobos e leões, de Circe
Com peçonha amansados: contra a gente
Não remeteram de unhas lacerantes,
165 Sim alongando a cauda os afagaram,
Como festejam cães o meigo dono
Que lhes traz do banquete algum bocado;
Mas, a tal vista, ao pórtico medrosos
Retiveram-se os Gregos. Dentro ouviam
170 Cantar suave a crinipulcra Circe,

Teia a correr brilhante, que só deusas
Lavram tão fina e bela. Eis diz Polites,
Chefe que eu mais prezava: “No alto, amigos,
Mulher ou deusa tece; o pavimento
175 Ressoa todo ao cântico: falemos.”

Gritam; Circe aparece, e abrindo as portas
Resplendentes, convida esses incautos;
Só, receoso, Euríloco repugna.
Senta-os a deusa em tronos e camilhas;
180 Escâdea e queijo com Paneio vinho
Mistura e fresco mel, poção lhe ajunta
Que deslembra da pátria. Mal a engolem,
Toca-os de vara, na pocilga os fecha,
Porcos sendo no som, no vulto e cerdas,
185 A inteligência embora conservassem.
Tristes grunhindo, a maga lhes atira
Glande, azinha e cornisolo, sustento
Próprio desses rasteiros foçadores.

Veio Euríloco à pressa anunciar-nos
190 O caso infando, que articula apenas
Pela força da dor, pois lhe excitava
Luto no coração, água nos olhos;
E, instado, o exício narra: “Ao teu preceito,
Fomos, Laércio, num convale achamos
195 Em vistoso lugar marmóreo paço.
Mulher ou deusa que a tecer cantava,
Abre, ao nosso gritar, fulgentes portas:
Este convite, eu só de fora, temo;
De esperar canso, os mais desapareceram.”

200 De tachonado bronze a tiracolo
E o arco aos ombros, pela mesma senda
Mando que me encaminhe; ele os joelhos
Chorando me abraçou: “Divino aluno,
A ir não me constranjas. Tu não voltas,
205 Sei que os nossos perderam-se; os restantes
Esquivemos, fugindo, o negro fado.”
“Bebe e come, retruco, em ócio a bordo;
Por mim clama o dever.” E a trilha enceto.

Já, pelo sacro bosque, avisto o alcáçar
210 Da venéfica Circe, quando o nume
Do caduceu me encontra, afigurado
Num gentil gracioso adolescente;
Ele trava-me a destra: “Ignotos serros,
Mísero, andas sozinho? os teus, quais porcos,

215 Os tem Circe em fortíssimo escondrijo.
Vens tu livrá-los? sorte igual te espera.
Antídoto haverás, que te preserve
Da encantadora. Seus ardis aprende:
Num misto lançará sutil veneno,
220 Em meu remédio fia-te; ao sentires
De vara o toque, puxa dante o fêmur,
Como para feri-la, a espada aguda;
Quase a medo, ao seu toro há de invitar-te.
Amores não recuses de uma deusa,
225 Que te socorra e desencante os sócios;
Mas dela exige o grande juramento,
A fim que outras ofensas não te apreste,
Nem do valor te dispa e te efemine.”
Da terra aqui Mercúrio extraiu planta,
230 E ma explicou: raiz escura tinha
E láctea a flor; os deuses moli a chamam;
É-lhes fácil cavá-la, aos homens custa.
Foi-se da ilha espessa ao grande Olimpo;
Nisto e pensoso dirigi-me a Circe.
235 Eu da entrançada Eéia às portas grito,
Que abre logo os resplêndidos batentes,
E a seu convite, contristado, a sigo.
Aos pés lindo escabelo, num dedáleo
Trono me colocou de argênteos cravos.
240 Misturada a bebida em áurea taça,
Provei; não me fez mal; da vara ao toque,
Disse: “Vai-te à pocilga, aos mais te agrega.”
Como para matá-la, o gládio saco;
Brada, furta-se ao bote, a meus pés freme:
245 “Quem és? de que nação? de que família?
Pasma de que resistas; este encanto,
Nunca o susteve alguém por cujos dentes
Se infiltrasse o veneno: alma inconcussa
Tens no peito. És por certo o sábio Ulisses,
250 Que o de áureo caduceu me afirmou sempre
De Ílio cá surgiria em nau veleira.
Embainha essa espada; em nosso toro,
Em mútua confiança, o amor gozemos.”
Repliquei-lhe: “A contigo humanizar-me
255 Tu, Circe, me alicias, tu que em porcos
Meus sócios transformaste, e aqui dolosa
Me instigas ao teu leito, a fim que, inerme
E despido me enerves e efemines?”

Solene jura, ó deusa, que em meu dano
260 Mais nada emprenderás.” — Jurou-me, eu subo
Ao tálamo loução. Criadas quatro
Fiéis com diligência ali serviam,
Ninfas de bosque ou fonte ou santo rio:
Uma forra de púrpura as cadeiras,
265 Pondo alvo linho em baixo; outra bufetes
Argênteos cobre de áureos açafates;
Outra em cratera argêntea o vinho infunde,
Que em áureos copos distribui melífluo;
A quarta ferve em trípode ênea e grande
270 Água sonora, que tempera e em ampla
Tina me esparge por cabeça e ombros
Tépido grato banho, até que os membros
Me refaz do cansaço. Fresco e ungido,
Em manto airoso e túnica, de prata
275 Num trono cravejado e precioso,
De artefato escabelo, a mesma entorna
Linfã às mãos de elegante jarro de ouro
Numa argêntea bacia, e me desdobra
Limpa mesa; que amável despenseira
280 De pães enche e abundantes iguarias,
Instando-me a comer; eu com fastio
Abanquei-me a cismar e a prever males.
Próxima Circe, a minha dor percebe:
“De ânsias ralado, Ulisses, emudeces?
285 Nem tocas na bebida e nos manjares!
Certo algum dolo temes, não refletes
Que jurei pela Estige.” — Eu logo: “Circe,
Que homem justo beber ou comer pode,
Antes que valha aos míseros amigos?
290 Se a teu festim me queres satisfeito,
Soltos eu veja os prediletos sócios.”
Ela, pegando a vara, sai de casa
E abre o chiqueiro; tira-os parecidos
A varrões de nove anos, em fileira
295 Um por um vai com bálsamo esfregando,
Cair fazendo o pêlo que o veneno
Exicial criara, e mais os torna
Jovens e esbeltos. A chorar de gosto,
Beijam-me a destra, o pranto ressoava.
300 Doeu-se a déia: “Ulisses engenhoso
Em seco o vaso, nas vizinhas grutas
Guarda o que tens, riquezas e aparelhos;

Venham contigo os prediletos sócios.”

Persuadiu-me; encontro os meus na pra
305 A nutrir-se de choro e de suspiros:
Quais agrários bezerros, quando as vacas
Ao curral vêm de relva saciadas,
Sem que os vedem redis, mugindo pulam
Das mães em derredor; assim me cercam
310 Lagrimando os consócios; cuidam quase
Ítaca ver em mim rude, mas terra
Onde foram gerados e nascidos,
E dizem-me a gemer: “De Jove aluno,
De rever-te folgamos, qual se aos campos
315 Volvéssemos da pátria. Ora nos conta
O infortúnio dos nossos.” — Eu me apresso
A animá-los: “Varemos o navio,
O que ele encerra em grutas recolhamos;
Vinde comigo todos, que os amigos
320 No palácio de Circe à farta vivem.”

Prontos obedeciam, mas bradando
Euríloco os deteve: “Ah! desgraçados,
Onde imos? à mansão da maga Circe,
Que em porcos, lobos ou leões, vos mude,
325 E a rodar seu palácio vos constranja?
Tereis outra caverna do Ciclope,
Matadouro dos sócios por audácia
Do insano Ulisses”. Cala, e eu saco a espada,
Pretendendo a cabeça decepar-lhe,
330 Bem que parente fosse; mas os nossos
Com doçura o impediram: “Se o permites,
Ele cá permaneça e a nau vigie,
E da deusa à morada nos conduzas.”
Saímos pois da praia, e da ameaça
335 Medroso o mesmo Euríloco nos segue.

Circe os outros cuidosa em casa banha
Perfuma e paramenta: em lauto bodo
Os achamos de túnicas e mantos.
Mestos a prantear se comunicam,
340 E o paço retumbava; a veneranda
Circe atalhou: “Não mais, divino Ulisses,
Vos exciteis ao luto. Eu sei dos transe
Padecidos por vós no mar piscoso,
De hostilidades mil que em terra houveste.
345 Comei, bebei, refocilai; no peito
Renasça o ardor que tínheis ao deixardes

Ítaca alpestre: agora ah! desabridos
Por tão penoso errar, por tantas mágoas,
Ao júbilo e prazer sois insensíveis!”
350 Comoveu-nos, e em mimos lá ficamos
Um ano inteiro. As estações decorrem
E longuíssimos dias, e em segredo
Os meus advertem-me: “Infeliz, deslembras
O chão natal? O fado reservou-te
355 À pátria e aos lares teus.” Meu brio esperta.
Enquanto o Sol não cai, bom vinho e carnes
Desfrutamos; à noite, por obscuras
Salas dormindo os mais, subo ao divino
Tálamo refulgente e me ajoelho:
360 “Cumpre, Circe, a promessa, a pátria anelo;
Por mim to rogo, pelos ais de tantos
Que em tua ausência o coração me partem.”
A augustíssima ninfa respondeu-me:
“Divo astuto Laércio, constranger-vos
365 Não quero; mas convém baixeis primeiro
De Prosérpina e Dite à feia estância,
O vate a consultar cego Tirésias,
Único morto a quem a inferna Juno
O saber e o pensar tem conservado,
370 Não sendo os outros mais que aéreas sombras.”
De alma rasgada, a Circe a cama inundo,
Enjeito a vida, o claro Sol odeio;
Mas, de chorar e revolver-me lasso:
“Quem há-de, perguntei, pilotear-me?
375 No Orco nenhum desembarcou té hoje.”
“Isso, replica, não te dê cuidado:
Arma, Ulisses, o mastro, expande as velas;
Senta-te, e a Bóreas encomenda o rumo.
Quando, por entre o pego, à mole praia
380 E ao luco de Prosérpina chegares,
De salgueiros estéreis e altos choupos,
Surjas lá no Oceano vorticoso,
E à casa opaca de Plutão caminhes,
Onde o Cocito, que do Estige mana,
385 Com o ígneo Flegetonte, separando
Celsa penha os ruidosos confluentes,
Mete-se no Aqueronte. Ali, te aviso,
Em cova cubital por toda parte,
Libações vaza herói, de mulso e leite
390 Às mãos ambas, depois de mero vinho,

Terceira de água, e branco farro mescles.
Implora os oucos manes e promete,
Em Ítaca imolada a melhor toura,
De dons a pira encher, e ao mesmo vate
395 Sacrificar sem mancha atro carneiro,
Flor dos rebanhos vossos. Dos finados
Assim que às gentes ínclitas orares,
Pretas reses degola, macho e fêmea,
Do Érebo em face, e averso atenta o rio;
400 Hão-de presto acudir enxames de almas.
Queimar as hóstias esfoladas manda:
Vota a Plutão pujante e à seva esposa.
De espada em punho, junto à cova, impede
Que, antes de questionares a Tirésias,
405 Provem do sangue os manes: pronto o vate
Virá mostrar, ó capitão de povos,
Como sulques o ponto e à pátria voltes.”

A Aurora em cróceo trono radiava:
Circe de capa e túnica vestiu-me;
410 Vestiu-se de alva estola fina e bela,
Cinto áureo atou, pôs à cabeça coifa.
Pelos salões desperto os camaradas,
Brando os careio: “Ao sono, sus, furtai-vos;
A partir me suade a mesma Circe.”
415 Afervoram-se alegres; mas não pude
Salvar a todos: Elpenor imbele,
Estólido e o mais moço, da vinhaça
Para se refrescar, dormiu sozinho
De cima no terraço, e ao movimento
420 E estrépito acordando, entontecido
Não desce a escada longa, mas do teto
Rui, fratura o pescoço, ao Orco afunda.
Falo aos demais: “Talvez cuideis que à pátria
Vamos, amigos; prescreveu-me a ninfa
425 Que, a Prosérpina e Dite visitando,
O Tebano Tirésias consultemos.”
Consternam-se a tal nova e se arrepelam.
A dor que importa? À praia aproximados,
Chorando mestos, em pessoa Circe,
430 Rápida e invisível, à nau já tinha presos
Carneiro e preta ovelha: quem, se um nume
Quer subtrair-se, rastejá-lo pode?

NOTAS AO LIVRO X

64 — A interpretação explica *Telepylon* por *distantes portas*. Rochefort, Pindemonte e outros, são deste parecer; mas eu, com M. Giguet, tomo *Telépita* por uma cidade do rei Lamos sita na Lestrigônia, viesse embora o nome da posição das suas portas.

107 — O irmão de Circe é em latim *Æetes* ou *Æeta*, ou simplesmente *Æta*; mas o nosso Antônio José, na sua ópera “Encantos de Medéia”, chama-lhe *Etas*: estando já o nome consagrado em português por tão engenhoso poeta, não fiz mais que segui-lo.

174-175 — *Dapedon* é o pavimento: alguns o tomaram por *muros*, alguns pela *casa toda*; eu creio que se deve conservar a palavra *pavimento*. Ainda hoje dizemos que o sobrado parece cair com o estrépito, e na verdade figura-se à imaginação que é o pavimento que vai desabar.

232 — Usa Homero de *oryssein*, em latim *effossa*, porque a erva mole estava metida na terra, como a gengibre ou o *mendobim* (que os afetados e até Moraes, contra o uso comum e que nos veio de África, chamam *amendoim*, para camparem de reinóis), e como outras muitas plantas: *cavar* melhor exprime a cousa do que *arrancar*, porque mostra que o fruto não se via de fora. Alguns fazem que Mercúrio ofereça a Ulisses a planta, que ele já tinha *arrancado*; mas diz o texto que foi *cavada ali mesmo*, depois do oferecimento.

264-265 — Diz Homero que aos pés das cadeiras ou poltronas, cobertas de belos tapetes, havia tecidos de alvo linho: M. Giguet, à francesa e à moderna, põe os tecidos por cima da púrpura dos assentos, como para servirem de capas; não advertiu que em dia de festa e ostentação (tal era o em que Circe recebeu a Ulisses) tiram-se as capas e descobre-se a riqueza da tapeçaria. Ao presente, v. g. no Peru, consta-me que nos bailes estendem-se por cima das alcatifas ricos e alvíssimos tecidos.

410 — *Phãgros*, em latim *stola*, era das deusas e das matronas; ao depois a adotaram os sacerdotes; mas entre os cristãos restringiu-se a palavra *estola* a significar uma tira de seda, larga para as pontas, que se veste por cima da alva e por baixo da casula. Uso de *estola* no sentido primitivo, porque não temos um termo especial, e desagradam-me tais generalidades. Pindemonte empregou o termo *gonna*: mas ignoro se ele compreende a *estola* inteira, saia e corpo, ou somente a saia — neste último caso, falta-lhe a força do grego e do latim.

LIVRO XI

Deitado ao mar divino o fresco lenho,
Dentro as hóstias, o mastro e o pano armados,
Em tristíssimas lágrimas partimos.
Bom sócio, enfuna e sopra o vento em popa,
5 Que invoca a deusa de anelado crino.
Tudo a ponto, abancamo-nos entregues
Às auras e ao piloto; sempre à vela,
Sobre a tarde, os caminhos se obumbravam,
E aos fins chegamos do profundo Oceano.
10 Lá dos Cimérios de caligem feia
Cidade jaz, do Sol ao olho oculta,
Quer ao pólo estelífero se eleve,
Quer descambe na terra: intensa noite
Aos mesquinhos mortais perpétua reina.
15 Da nau varada os animais tirando,
O Oceano abeiramos até onde
Nos indicara Circe. Perimedes,
Mais Euríloco, as vítimas sustinha;
De espada a cova cubital escavo;
20 De mulso e leite libações vazamos
Às mãos ambas, depois de mero vinho,
Terceiras de água, e branco farro mesclo.
Imploro aos oucos manes e prometo,
Em Ítaca imolada a melhor toura,
25 De dons a pira encher, e ao só Tirésias
Preto carneiro consagrar sem mancha,
Flor dos nossos rebanhos. Evocados
Os defuntos, as vítimas degolo,
Flui na cova o cruor: do Érebo as almas
30 Congregavam-se em turmas, noivas, moços,
Melancólicos velhos, virgenzinhas
Do luto prematuro angustiadas,
Muitos guerreiros em sangrentas armas
De êneas lanças passados; ante a cova,
35 Num confuso rumor, se atropelavam.
Pálido e em susto, exorto a que esfoladas
Queimem-se as reses pelo bronze troncas;
Voto a Plutão pujante e à seva esposa.

De espada arredo os mortos, que não bebam
40 Sem que eu tenha o adivinho interrogado.
Veio primeiro de Elpenor a sombra.
Que nos paços de Circe, pela urgência,
Não chorado e insepulto abandonamos.
Lagrimo, ao vê-lo, comovido clamo:
45 “Como, Elpenor, mais presto ao reino escuro,
Que eu no alado navio, a pé chegaste?”
Ele em suspiros: “Sábio e grã Laércio,
Um nocivo demônio embebedou-me:
Do terraço de Circe, entontecido,
50 Pela escada não dei, caí do teto;
Fraturou-se-me o colo, eis-me no inferno.
Sei que do Orco irás inda à ilha Eéia:
Por teus caros ausentes, pela esposa,
Pelo pai que de ti cuidou na infância,
55 Por Telêmaco exoro, único filho
Que tens no doce lar, de mim te lembra:
Teme os numes, enterra-me e pranteia;
Comigo, tais quais são, me queima as armas,
N’alva praia o sepulcro, por memória
60 De um miserável, planta em cima o remo
Que entre os meus camaradas me servia.”
“Tudo, infeliz, bradei, será cumprido.”
E alternamos quietos mil tristezas,
De espada eu sobre a cova, e o simulacro
65 A derramar queixumes. Ao da madre
Minha, filha de Antolico, Anticléia,
Que ao ir-me a Tróia a luz inda gozava,
Vedo, a gemer com dor, que loque o sangue
Primeiro que Tirésias. De áureo cetro,
70 A alma aparece do Tebano cego,
Reconheceu-me: “Ao claro Sol fugindo,
Ai! vens a estância visitar funesta?
Pois da cova te arreda e o gume esconde,
Para que eu beba o sangue e profetize.”
75 Dês que embainho a espada claviargêntea,
Bebe o vate infalível e começa:
“O mel da volta, nobre Ulisses, buscas?
Netuno irado, a quem cegaste o filho
To embarga. A seu pesar, tens de alcançá-lo,
80 A seres comedido e os companheiros,
Do atro pego arribados à Trinácia,
Onde achareis pastando bois e ovelhas

Do Sol, que tudo vê, que exouve tudo:
Ileso o gado, a custo ireis à pátria;
85 Ofendido, ao navio agouro a perda,
E a te salvars, tornarás tardeiro,
Só dos consócios teus, em vaso estranho.
Depararás no interno uns prepotentes,
Que estragam-te a fazenda, e requestando
90 A diva esposa tua, a presenteiam;
Mas, por tamanha audácia, a bronze agudo
Às claras ou por dolo hás de puni-los.
Depois toma ágil remo, a povos anda
Que o mar ignoram, nem com sal temperam,
95 Que amuradas puníceas não conhecem,
Nem remos, asas de baixéis velozes.
Guarda o sinal: assim que um viandante
Pá creia o remo ser que ao ombro tenhas,
Fince-o no chão; carneiro e touro imoles,
100 Varrão que inça a pocilga, ao rei Netuno;
Em Ítaca, aos celícolas por ordem
Hecatombes completas sacrifiques
Ali do mar vir-te-á mais lenta a morte,
Feliz velho, entre gentes venturosas.
105 Preenchidos serão meus vaticínios.”
“Tirésias, prossegui, tal é meu fado.
Lá, do sangue remota, olhar seu filho
Nem ousa tácita a materna imagem:
Como há de perceber-me, ó rei, me ensina.”
110 E ele: “É simples: sincero, a quem permitas
Provar do sangue, falará; contidos,
Os mais recuarão”. Nisto, o profeta
Pela estância Plutônia esvaeceu-se.
Aguardei minha mãe, que o negro sangue
115 Beber veio, e bradou-me lamentosa:
“Que! filho meu, chegaste à escura treva!
É difícil aos vivos, entre enormes
E válidas correntes; nau compacta
Há mister o Oceano invadeável.
120 De Ílio, há muito errabundo, os sócios trazes?
Ítaca inda não viste, a esposa tua?”
“Ah! minha mãe, respondo, urgiu-me a sorte
A vir ao Orco interrogar Tirésias.
Não fui à nossa terra, ou mesmo à Grécia;
125 Desde essa expedição, vagueio aflito.
Conta-me, adormeceste em sono eterno

Por doença aturada, ou pelas doces
Farpas da sagítifera Diana?
Conta-me de meu pai; se o caro herdeiro
130 Dos meus haveres goza, ou tem-nos outrem,
E cuidam que não volto. A esposa minha
Mora com nosso filho, os bens zelando,
Ou já foi por um grande conduzida?”
E a veneranda mãe: “Constante em casa,
135 Dia e noite suspira atribulada.
Ninguém dos teus domínios apossou-se;
Lavra-os Telêmaco, e a festins o atraem
Próprios de quem justiça aos povos rende.
Só teu pai, da cidade sempre fora,
140 Sem macios colchões, tapetes, mantas,
Como os escravos, deita-se de inverno
Ao pé da cinza, veste humildes roupas;
De outono e de verão, na fértil vinha,
Em cama dorme de caídas folhas;
145 Por ti chora, e é dos anos molestado,
Em contínua tristeza. Tal finei-me,
Não da frecheira deusa a tiros brandos,
Não de mal que definha e roi a vida,
Mas de dor, meu bom filho; a tua ausência
150 E as lembranças de ti me sepultaram.”
Três vezes ao materno simulacro
Fui me abraçar, três vezes dissipou-se
Igual ao vento leve ao sono alado.
Mágoa punziu-me acerba: “A meus desejos
155 Te esquivas, minha mãe? ao colo os braços,
Ambos nos deleitássemos de pranto
Pela casa Plutônia! És vácuo espectro,
Pela augusta Prosérpina enviado
Para agravar meus ais? — “Não, contestou-me,
160 Filho amado, oh! misérrimo dos homens,
Não te engana a de Júpiter progênie;
É nossa condição depois da morte:
Os nervos carnes e ossos não mais ligam,
A fogueira os consome irresistível;
165 Tanto que a vida os órgãos desampara,
A alma como visão remonta e voa.
Quanto antes volve à luz, e tudo aprendas
Para à casta Penélope o narrares.”
Durante a nossa prática, incitadas
170 Pela ínclita Prosérpina, se apinham

De heróis muitas ou filhas ou mulheres:
A fim de uma por uma interrogá-las,
Sacar prefiro o gume dante o fêmur,
Para juntas o sangue não beberem;
175 Todas à espera, a cada qual pergunto,
E ia-me de seus casos informando.
Tiro primeira vi, que se aclamava
Do temerário Salmoneu vergôntea,
E de Creteu Eólides consorte.
180 Amorosa do fresco Enipeu divo,
Da pulcra veia à borda se entretinha:
Disfarçado no rio verticoso,
À foz se encosta o Enosigeu, cambiante
Curvo aqueu monte empina, que em seu grêmio
185 Sorve a mortal e o nume; o cinto à virgem
Ele desata, em êxtase embebida.
Cumulado o prazer, da mão lhe trava:
“Alegra-te, mulher, no giro do ano
Lindos gêmeos terás, que terna cries;
190 Ósculo de imortais sempre é fecundo.
Anda, cala contigo, eu sou Netuno.”
E se afundou no flutuante pego.
Tiro houve a Pélias e Neleu, de Jove
Régios ministros, na arenosa pilos
195 Neleu, Pélias na fértil em manadas
Ampla Iaolcos. A Creteu marido
Pariu também a guapa soberana
O éqüite Amitáon e Éson e Feres.
Antíope de Asopo eu vi: nos braços
200 Concebeu do Satúrnio Anfion e Zeto,
Que alcançaram Tebas a de sete portas
E a muniram de torres, pois sem elas,
Bem que heróis, habitá-la não podiam.
Alcmena Anfritriônia eu vi, que, ilusa
205 Unindo-se ao Tonante, Hércules teve
De ânimo de leão; depois, Megara,
Do semideus mulher, de Créon prole.
Epicasta eu vi bela, em cujo toro,
Fatal engano! entrou seu filho Édipo,
210 Ignaro parricida. O fato horrível
Tendo o Céu revelado, ele, por dura
Sentença divinal curtindo penas,
Os Cadmeus regeu na amena Tebas;
Ela em agro pesar, suspenso um laço

215 De Celsa trave, do Orco às portas baixa,
Ao cúmplice legando quantas fúrias
Sabe evocar do inferno a dor materna.
A de Anfíon Iásides mais jovem,
Clóris vi, que Neleu com pingue dote
220 Esposou por formosa, herói que em Pilos
E na Miniéia Orcômeno imperava;
Do qual teve os gentis Nestor e Crômio,
Periclímene ilustre, e aquela Pero
De todos maravilha ambicionada.
225 Por Neleu prometida a quem furtasse
De Íficle as negras vacas largifrontes,
Só tentou vate exímio essa árdua empresa;
Mas, por destino austero, o agrilhoaram
Em Fílax os boeiros. Já corridos
230 Meses e dias e estações de um ano,
Tendo agouros solvido ao rei potente,
Libertou-se, de Jove por vontade.
A Leda eu vi, que a Tíndaro excelentes
Filhos pariu, Castor na picaria,
235 No pugilato Pólux: vivos ambos.
No térreo bojo, alternam vida e morte;
Por turno o Padre sumo os diviniza.
Vi de Aloeu a cónjuge Ifimedia,
Fera de concebido haver dous filhos
240 De Netuno, Efiálfes e Otogêmeos,
Da alma terra pulquérrimos gigantes,
Após Órion, se bem de alento breve:
Aos nove anos, já tinham de cintura
Cúbitos nove, com tresdôbro de alto.
245 Movendo ao mesmo Céu guerra estrondosa,
Para a escalada, sobre o Olimpo o Ossa
Tentaram pôr e sobre o Ossa o Pélion:
Talvez na puberdade o acabariam,
Se o de Latona e Jove os não matasse
250 Antes que o buço as faces lhes pungisse:
Ou flórea barba sombreasse os mentos.
Prócris e Fedra vi, de Mimos sábio
Ariadna filha, que Teseu de Creta
Para Atenas levava culta e fértil;
255 Mas de caminho lha embargou Diana,
De Baco a instâncias, na circúnflua Dia
Mera e Climene, Erifile odiosa,
Que traiu seu marido à força de ouro.

Mas, se nomeio quantas vi mulheres
260 Ou gêinitas de heróis, ir-se-ia a noite,
Que, entre os sócios a bordo ou neste paço,
Já me empenha balsâmica ao repouso.
A volta minha incumbe a vós e aos deuses.” —

Na eloquência enlevados os convivas,
265 Silêncio guardam pela sala umbrosa.
A alva Areta o quebranta: “Em forma e talhe
Que vos parece tal varão, Feaces,
E em mente sã? Bem que hóspede meu seja,
Da honra participais: daqui não parta,
270 Sem dons lhe prodigardes na indigência,
Pois tendes muito por mercê divina.”

Equeneu ponderou, maior na idade:
“Obedecei-lhe, amigos, não sem tento
Expressiu-se a rainha; o exemplo e as ordens
275 Manem de Alcino.” E Alcino: “Enquanto reja
A marítima gente, igual aviso
O meu será. Comprime a impaciência,
Té que, hóspede, amanheça e os dons colhamos
Da tua volta os nossos curam todos,
280 E eu mais, cujo poder no povo estriba.”

Logo o astuto: “Em preparos da viagem
Com magníficos dons, ó rei possante,
Se um ano me entretens, um ano fico:
De mãos cheias à pátria ir me aproveita,
285 Para ser venerado e mais querido.”

O rei continuou: “Prudente Ulisses,
Quem atentar em ti, não pode crer-te
Impostor, quais a terra esparsos nutre
A decantar mentiras sem contraste:
290 Sisudo e simples, como um vate narras
A história dos Aqueus e os lances próprios.
Viste algum bravo sócio em Tróia extinto?
Cedo é para dormir, a noite é longa:
Se a tua dor consente o prosseguires,
295 A alvorada me encontre a ouvir teus casos.”

Ulisses prosseguiu: “Preclaro amigo,
Horas há de falar e horas de sono;
Mas, se o levas em gosto, não recuso
Dos meus contar-te os lutos e infortúnios,
300 E dos que, livres da cruenta guerra,
Na pátria sucumbiram pela infâmia
De uma falsa mulher. — Disperso tendo

Prosérpina os femíneos simulacros,
O de Agamemnon surge, e os dos que Egisto
305 Com ele assassinou. Bebido o sangue,
Braços me estende, em lágrimas a pares;
O alento lhe falece, que era dantes
Em seus membros flexíveis, e eu carpindo
Lhe brado condoído: “Ó glorioso
310 Rei dos reis, como houveste o fatal golpe?
Domou-te o azul tirano em tempestade?
Ou mãos hostis em terra, ao dcpredares
Armentio e rebanho? ou defendo
O pátrio muro e a honra das famílias?”
315 “Divo e sábio Laércio, respondeu-me,
Não me domou Netuno em tempestade,
Nem mãos hostis em terra: Egisto à casa,
Com minha atroz consorte conluiado,
Atraiu-me, e no meio de um banquete,
320 Como a rês no presepe, derribou-me;
E estes sócios comigo estrangularam,
Quais porcos de um ricaço destinados
A função por escote ou bródio ou núpcias.
Estiveste em conflitos e carnagens,
325 Mas por tão feio horror nunca choraste:
Cratera e mesas e comer e sangue
Mistos rolam; no chão pungentes gritos
Soam-me de Cassandra Priaméia,
Que ante mim trucidava Clitemnestra;
330 Soergo-me, e inda busco moribundo
Pegar do alfange; aparta-se a impudente,
Nem quis, no instante que eu baixava a Dite
Cerrar-me os olhos e compor-me os lábios.
Nada há mais sevo que a mulher indigna
335 Capaz de conceber tamanhos crimes.
A que esposei donzela assim tratou-me:
Crua morte me urdiu, quando eu pensava
Prazer vir dar a fâmulos e a filhos.
Torpemente manchou-se, e tanta infâmia
340 Tem as mais virtuosas deslustrado.”
“Hui! de Atreu contra a raça, exclamo, é fado
Que a Jove irrite feminis conselhos:
De tantos funerais foi causa Helena;
Traições tramou-te ausente Clitemnestra.”
345 E ele: “Austero à mulher nunca fraquejes;
Reveles o preciso, o mais lhe encubras.

Não virá de Penélope desastre,
Sábria filha de Icário intemerata;
Inda noiva a deixamos, ao partirmos,
350 Com seu filho de mama, hoje homem feito;
Ditoso há de abraçá-lo, há de ele ver-te:
No meu vedou-me saciar os olhos
Clitemnestra cruel. Mas, n'alma o graves,
Não fiar de mulheres; cauto e oculto
355 Aborda à pátria, conta-me, entretanto,
Se no seio de Orcômeno ou de Pilos,
Ou junto a Menelau na vasta Esparta,
De meu filho soubeste; pois da terra
A Dite inda não veio o divo Orestes.”

360 “Para que hei de enganar-te? respondi-lhe
Se é vivo ignoro.” E enquanto lagrimamos,
Aparecem-me Aquiles e Pátroclo,
Mais Antíloco e Ajax, que ao só Pelides
Entre os Gregos cedia em gentileza.

365 O Eácida ligeiro, ao conhecer-me,
Gritou: “Sábio Laércio generoso,
Que te falta, infeliz, para empreenderes?
Vires ao reino escuro, só de aéreos
Incorpóreos fantasmas habitado!”

370 “Valente dos valentes, vim, lhe torno,
Perguntar a Tirésias como à pátria
Fragosa aportarei. Mesquinho e errante,
Nela não estive, nem sequer na Acaia.
Tu, feliz no passado e no futuro,
375 Eras em vida qual um deus aceito,
E ora as almas dominas; do trespasso
Não deves pois te lamentar, Aquiles.”

“Ínlito Ulisses, retorquiu, da morte
Não me consoles; pago anteporia
380 Servir escassa rústica choupana
A defuntos reger. Dize, meu filho
Na frente sempre ou no tropel combate?
Que é de Peleu brioso? inda o veneram,
Ou na Hélade e Pítia hoje o desdenham,
385 Por que a velhice pés e mãos lhe tolhe?
Ao sol não mais respiro, como em Tróia,
Batalhões derrotando em pró dos Gregos:
Se eu tocasse um momento o pátrio alvergue,
A intrepidez e audácia embotaria
390 Dos que o privem das honras e homenagens.”

“Nada, lhe digo, de Peleu me consta;
Mas de Neotólemo aqui te informo:
De Ciro transportei-o em nau bojuda
Aos grevados Aqueus. Sempre em consultas
395 Primeiro, sem desvio discursando,
A mim próprio e a Nestor se equiparava;
Sempre avante, na turba não se tinha,
Na refega a ninguém rendia a palma,
Sem conto propinando o acerbo trago.
400 Uma façanha apontarei somente:
A Euripilo Teléfides com muitos
A bronze derribou, dos Ceteus cabo,
Que, por dons feminis, passara a Tróia,
E após Mênon divino era o mais belo.
405 O cavalo de Epeu quando montamos,
Abrir, fechar as cálidas insídias,
Ficou tudo a meu cargo: os reis e os chefes
Estremecendo o pranto sufocavam;
Pálido nunca o vi nas gentis faces,
410 Nunca uma lágrima enxugando. Oh! como
Do cavalo sair me suplicava!
Como apunhava a espada e a lança aênea,
Aos contrários minaz! Depois de rasas
As muralhas Priâneas, embarcou-se
415 Com rica presa, ileso de êneos golpes
Ou de longe ou de perto, a comum fúria
De Marte sem provar na atroz contenda.”

A alma do Velocípede, orgulhosa
Das notícias do filho, corta alegre
420 Em marcha triunfante o verde prado.
Outras males seus também me expunham;
Mas a de Ajax, de parte, irosa estava
Pelas armas de Aquiles, que a mãe Tétis
Ante as naus presentara, e por sentença
425 Me adjudicaram Teucros e Minerva.
Ah! nunca me coubera essa vitória,
Que o herói tumultou dos Gregos todos
O mais formoso e bravo, exceto Aquiles!
Meigo lhe imploro: “Exímio Telamônio,
430 Nem morto esqueces a fatal porfia,
Celeste punição da gente Argiva!
Da pátria ó fortaleza, o luto nosso
Não foi maior quando morreu Pelides.
A culpa é só de Júpiter, que os Dânaos

435 Abomina e te impôs tão dura sorte
Chega-te, ouve-me, ó rei, teu ódio aplaca,
No ânimo generoso me perdoa.”
 Não deu palavra, e tácito ia andando
No Érebo a esconder-se. Inda que torvo,
440 Me falara por fim; mas outras sombras
Examinar o peito me pedia.
 Minos, gérmem Dial, tendo áureo cetro,
Sentado o avisto a conhecer dos mortos,
Que, esparsos no Orco, se erguem por seu turno,
445 Dizem do seu direito. Órion avisto,
Por várzeas de gamões a acossar feras
Que vivente abatera em montes ermos,
De érea clava na mão. — Eis Tício, aluno
Da gloriosa Terra, que estendia-se
450 Por jeiras nove, e abutres, sem podê-los
Despregar, às entranhas aferrados,
Lhe estão roendo o fígado, em castigo
Da tentada violência à do Tonante
Casta esposa Latona, indo ela a Pito
455 Pelas do Panopeu ridentes margens.
 Vi Tântalo também, num lago imenso
Que o mento lhe banhava, ardendo em sede.
Pois, a apagá-la se perdia o velho,
A água absorta escoando-se, um demônio
460 Aos pés seco atro lodo lhe mostrava.
Sobre a cabeça corpulentos galhos
Suspendiam-se frutas sazoadas,
Figos doces, romãs, pêras e olivas;
Mas, se o velho faminto ia colhê-las,
465 O vento as levantava às densas nuvens.
 Vi Sísifo, anelante e afadigado,
Em pés e mãos firmar-se, pedra ingente
Para um monte empurrando, e lá do cume
Galgado por Crateis, rolar de novo
470 O pertinaz penedo; ei-lo persiste,
Suor escorre e a testa se empoeira.
 Hércules se me antolha, em simulacro,
Pois no céu liba o néctar, caro esposo
De Hebe de lindos pés, de Jove e Juno
475 De áureas sandálias filha: em guinchos de aves,
Cercam-no, espalham-se, a fugir os mortos;
Cor da noite, ele ajusta a frecha ao nervo,
Na ação de disparar, tétrico olhando.

Ao peito áureo talim cinge estupendo,
480 Onde leões, javardos e ursos, tinha
Com primor esculpidos, e recontros
E batalhas e estragos e homicídios:
Mestre algum peça igual fabricou nunca,
Nem há de fabricar. O herói sem custo
485 Reconhece-me e fala comovido:
“Nobre e sábio Laércio, ai! tens a sorte
Misérrima que tive, quando aos raios
Eu respirei do Sol. Nasci de Jove,
Mas fui de angústias mil atormentado,
490 Sujeito a homem de valor somenos,
Que me impunha asperíssimos trabalhos!
Cargo o pior, mandou-me o cão trifauce
Cá prender; eu do inferno o tirei fora,
Por Mercúrio ajudado e por Minerva.”
495 Disse e foi-se ao profundo; eu quedo espero
Por mais outros varões dos priscos tempos:
Gostoso a muitos vira, e contemplara
Pirítoo e Teseu, divina prole;
Mas com harto ruído infinda chusma
500 Ávida concorrendo, enfim de medo
Que do imo a soberana me enviasse
A Gorgônia horrendíssima cabeça.
Rápido embarco a gente e safo os cabos;
Nas tostes a maruja, a correnteza
505 Pelo Oceano rio nos levava,
Ao som da voga e favorável brisa.

NOTAS AO LIVRO XI

10-16 — Questionam os eruditos se os *Cimérios* ficavam na Quersoneso Táurica, ou junto a Nápoles, ou fora das colunas de Hércules. Fundam-se os da última opinião na palavra *Oceano* de que usa o poeta; mas, em grego e latim, *Oceano* tomava-se pelo mar todo e qualquer, e mesmo por um golfo, e só este argumento parece que não conclui. Rochefort trabalha por mostrar que os *Cimérios* de Homero são na Quersoneso Táurica, e cita os principais que até seu tempo trataram da questão. Sou mais da segunda opinião, confessando contudo que é matéria duvidosa, e o sou: 1.º) porque sempre foi este o parecer dos antigos de maior nota; 2.º) porque o adotou Virgílio, autoridade para mim de toda a exceção; e enfim, pelos argumentos que vêm na *Lettre à M. Victor Langlois par Ch. Em. Ruelle*, publicada em Paris em 1859, à qual pode recorrer o leitor curioso, pois citá-los todos faria não pequeno volume.

298 — *Levar em gosto*, boa e usada locução, vem em Moraes, mas falta em Constâncio: é de óbvio sentido, e da conversação ordinária.

402-403 — Não é líquido quem fossem os Ceteus comandados por Eurípilo: pensam uns que eram simples mercenários; outros certos povos da Míria; outros, da Eléia, por causa do rio Ceteu, que é dessa parte da Grécia; outros enfim, de Pérgamo. Há também dúvida quanto às palavras *gunaion eineka dôrôn*: uns dizem que Príamo fez presentes à mulher e à mãe de Eurípilo a fim que este o ajudasse; outros, que lhe prometeu uma das filhas para atraí-lo. Pindemonte é do segundo parecer; eu sou do primeiro, porque o plural *gunaion* indica antes que Homero se refere às dádivas, que a só filha de Príamo. M. Giguet verteu à letra, à *cause des presents des femmes*; o que não levo a mal, posto que assim torne-se escura a passagem, pois a escuridade vem do próprio autor e não do seu tradutor.

438-441 — Apesar de Mme. Dacier e dos mais tradutores, este encontro não é tão belo como o de Enéias com Dido. “A inflexibilidade de Ajax, diz Rochefort, é verdadeiramente sublime; a cena patética dos dous heróis perde muito com dous atores como Enéias e a sua amante, sobretudo ao voar Dido aos braços de um marido de quem se esquecera”. Deslembrou-se o crítico de que os fundadores de Roma e de Cartago, na hipótese de Virgílio, eram também dous heróis e dous heróis muito úteis; e a circunstância de amantes acrescenta o interesse dramático. Rochefort devera ser mais ciumento que um Turco, pois não admitia que uma viúva, depois de vingar o seu primeiro esposo, passados tantos anos, quisesse casar de novo para ter um defensor e aumentar a sua colônia. Siqueu não tinha sido traiçoadado, e justo era que perdoasse um erro onde a sua honra não fora comprometida; o perdão de Siqueu e o amor de Dido para com o marido que a não tinha manchado (assim opino eu em nota à Eneida) causam grande comoção. O meu bom camarada Garret, no seu “Fr. Luís de Sousa”, um dos primores do nosso teatro, melhor conheceu, conheceu como Virgílio, a delicadeza de um grande coração, quando fez que o primeiro marido de D. Madalena, sabendo-a casada com um cavaleiro generoso, em vez de mostrar ciúme estúpido se compadecesse dos novos consortes e desaparecesse. Já toquei, em nota ao sexto livro da Eneida, que o silêncio de Dido sobe ao cume do sublime pela sua irrevogabilidade, exprimida com a comparação *Quam si dura silex aut siet Marpesia cautes*; e a de Ajax diminui de força pela afirmação de que ele teria falado a Ulisses, a ter este insistido. — Para mim o inferno do poeta Latino é grandemente superior ao do poeta Grego; mas, quanto ao mérito dos autores, é cousa diferente: Homero, como criador, está sentado na principal cadeira, e com razão tem sido representado na figura de um rio caudaloso em cuja urna cada qual dos outros vem encher a sua.

504 — As *tostes*, em latim *transtra*, que Larramendi cuida vir do vasconso *tostae*, são bancos de navios de remos, e não só bancos de forçados, segundo o querem dar a entender os nossos dicionaristas.

LIVRO XII

Do rio Oceano ao pélagos saímos,
Donde o Sol nasce e os coros são da Aurora,
E na praia da Eéia, a nau varando,
À espera que alvoreça, adormecemos.
5 Da manhã mal assoma a rósea filha,
De Elpenor o cadáver buscar mando:
Num teso litoral cortam-se troncos,
Em pranto o corpo e as armas lhe queimamos;
Túmulo erguido e uma coluna em cima,
10 No alto sepulcro se lhe fixa o remo.
Durante os funerais, Circe, que do Orco
Nos sabia de volta, apressurou-se
Com servas, que trouxeram pães e carnes
E roxo ardente vinho: “Ó tristes, clama,
15 Tendes, vivos calando ao fundo abismo,
Dupla morte, e os mais homens têm só uma.
Comei, bebei de dia, e na arraiada
Navegai; vossa rota, e em mar e em terra
Como eviteis o dano, hei de ensinar-vos.”
20 Persuadiu nosso peito. Em pingue bodo
Libanos; e, ao crepúsculo da tarde,
Sobre amarras dormindo a marinagem,
Circe me toma a destra, a par se encosta,
Pergunta-me de parte; eu por miúdo
25 A satisfaço, e ela assim discorre:
“Pois bem; atende agora, e um deus na mente
Meu conselho te imprima. Hás de as sereias
Primeiro deparar, cuja harmonia
Adormenta e fascina os que as escutam:
30 Quem se apropinqua estulto, esposa e filhos
Não regozijará nos doces lares;
Que a vocal melodia o atrai às veigas,
Onde em cúmulo assentam-se de humanos
Ossos e podres carnes. Surde avante;
35 As orelhas aos teus com cera tapes,
Eusurdeçam de todo. Ouvi-las podes
Contanto que do mastro ao longo estejas
De pés e mãos atado; e se, absorvido

No prazer, ordenares que te soltem,
40 Liguem-te com mais força os companheiros.

“Dali passado, a via não te aponto
Que te cumpre seguir; tu mesmo a escolhas.
Há dous penedos, que os Supremos chamam
Errantes onde fremem de Anfitrite
45 Ondas azuis, por onde nem transvoam
Fracas pombas, que a Jove ambrosia levam;
Precipita-se alguma, e o Padre logo
Produz outra e seu número completa.
Ai da próxima nau! maruja e lenho
50 Devoram chamas, furacões destroçam:
À de Argos só fadado foi transpô-los,
De Etas vogando; e ali talvez jazera,
Se não fora Jasão tão caro a Juno.

“De um fere os céus o tope, calvo e a pique
55 De inverno ou de verão sempre enublado;
Vinte pés tenha e mãos, ninguém trepá-lo
Ou deslizar por seu declive pode.
Antro abre em meio para as trevas do Orco;
Lá forçar cumpre a voga, ó nobre Ulisses.
60 Dos bancos, por mancebo vigoroso,
Vibrada seta ao fundo não vingara,
Onde a ladrar se aloja o monstro Cila,
Como tenrinhos cães, horrenda aos olhos
Dos próprios deuses: pernas doze informes,
65 Seis tem longos pescoços, nas seis bocas
Dentuça tríplice, os colmilhos cheios
De negra morte; no antro semi-oculta,
Fora do báratro as cabeças lança,
Para cações pescar, delfins, baleias,
70 Que a sonora Anfitrite em barda cria.
Baixel de além surgir não mais se gaba,
Sem que um varão cada garganta engula.

O outro, fronteiro e ao pé, se eleva menos,
De frecha o atingirias. Tem florente
75 Copada baforeira, e as turvas águas
Em baixo ao dia vezes três Caríbdis
Sorve e revessa três; mas, quando as sorve,
Se ao vórtice terrível te acercasses,
Nem por Netuno tu serias salvo.
80 Cose-te a Cila pois, amiúda o remo;
Seis é melhor perder que os sócios todos.”

E eu: “Livre, ó deusa, da voraz Caríbdis,

Como de Cila poderei vingar-me,
Da ofensora dos meus?” — Tornou-me Circe:
85 “Guerras sonhas, demente, e contra numes?
Imortal, seva, tetra, inexpugnável,
O remédio é fugir da imana Cila:
Se tardas, junto à rocha armando o braço.
Temo que novamente as seis cabeças
90 Mais outros seis remeiros te arrebatem.
Veloz navegues, e a Cratéis implores,
Que essa pariu flagelo dos humanos,
Para do assalto posterior contê-la.
Vai rumo de Trinácia, onde o Sol gordos
95 Há sete armentos e rebanhos sete,
Cada manada com cinqüenta reses,
Que nunca se propagam, nunca morrem:
A Faetusa e Lampécia de áureas tranças,
Do Hiperiônio e de Neera filhas,
100 A mãe deusa educou-as, e em Trinácia
As destacou por guarda a pretas vacas
E ovelhas de seu pai. Se intactas forem,
Difícilmente abordareis à pátria;
Senão, te agouro aos teus e à nau ruína,
105 Ou tarde e só te salvarás aflito.”
Circe retira-se ao luzir da aurora;
Embarco e mando suspender amarras;
A gente, pelas tostes ordenada,
A compasso verbera a salsa espuma;
110 Bom sócio, enfuna e sopra o vento em popa
Que invoca a ninfa de anelado crino;
Tudo a ponto, embarcamo-nos entregues
Às auras e ao piloto; eu mesto falo:
“Não somente um nem dous, amigos, saibam
115 O que a deusa das deusas me predisse,
Para informados ou morrermos todos
Ou da Parca fugirmos. Das Sereias
Evitar nos ordena o flóreo prado
E a voz divina; a mim concede ouví-las,
120 Mas ao longo do mastro em rijas cordas.
E se pedir me desateis, vós outros
De pés e mãos ligai-me com mais força.”
Mal acabava, à ilha das Sereias
Avizinha-se a nau com vento fresco.
125 Súbito acalma, e um deus serena as ondas;
Já ferrado no bojo o pano arreiam,

Do liso abeto ao golpe alveja a espuma.
De cera um disco a bronze em porções corto,
Forte as machuco e as amoleço ao lume
130 Do Hiperião Sol, de homem por homem
Os ouvidos entupo; ao mastro em cordas
Atam-me pés e mãos, e aos remos tornam.
Eis, a alcance de um grito, elas, que atentam
O impelido baixel, canoro entoam:
135 “Tem-te, honra dos Aqueus, famoso Ulisses,
Nenhum passa daqui, sem que das bocas
Nos ouça a melodia, e com deleite
E instruído se vai. Consta-nos quanto
O Céu vos molestou na larga Tróia,
140 Quanto se faz nos consta n’alma terra.”
Destarte consonavam: da harmonia
Encantado, acenei que me soltassem;
Mas curvam-se remando, e com mais cordas
Perimedes e Euríloco me arrocham.
145 Nem já toava ao longe a cantilena,
Quando os consócios, desuntada a cera,
Desamarram-me enfim. Remota a ilha,
Vejo em fumo e escarcéus, um ruído escuto;
Ao marinho rumor, de susto as vogas
150 Largaram de repente, a nau parou.
De banco em banco, afável os conforto:
“Provado, amigos, temos outros males;
Este não é maior que o da caverna
Do violento Ciclope; recordai-vos
155 Que o venceu meu denodo, engenho e tino;
Ânimo! obediência; altas maretas
Curvados açoutai. Permita Jove
Que do passe escapemos! Tu, piloto,
Pois meneias o leme, não te olvides:
160 Fora daquele fervedouro e fumo
Orça, o escolho fronteiro não te assalte;
Se discrepas incauto, a morte é certa.”
Rendem-se às minhas ordens. Só de Cila
Não menciono o perigo inelutável,
165 Temendo que eles, de remar cessando,
Se agachassem no fundo. Eu mesmo esqueço
De Circe avisos; arnesado, empunho
Piques dous, e ao bailéu da proa corro
Para enxergar primeiro o pétreo monstro
170 Pernicioso aos meus: não pude, os olhos

Se bem cansasse em torno da atra rocha.
Pelo estreito gementes navegamos:
Cila é daqui; dalém, Caríbdis seva
Os salsos goles chupa: ao vomitá-los,
175 Ferve a chiar como a caldeira ao fogo,
Sobe o rocio e borrifa os cimos ambos;
Ao sorvê-los, parece remexer-se,
Toa horrorosa a penha, e em baixo a terra
Mostra areia cerúlea. Amarelecem
180 E, estando nela o exício afigurado,
Cila é que me arrebatou uns seis guerreiros
De esforço e brio: olhando para os bancos,
Pernas lhes vejo e braços pelos ares;
Na agonia final por mim bramavam.
185 Qual de alto o pescador, por um caniço
Lançando em chifres de selvagem touro
Isca e dolo a peixinhos, para cima
Palpitantes os puxa; tais levanta
Cila os meus, que devora à boca do antro.
190 As mãos rugindo os míseros me estendem!
Mares vaguei, sofri cruéis tormentos;
Nunca um tal espetáculo assombrou-me.
Atrás Cila e Caríbdis, avistamos
Ilha onde os nédios bois de larga fronte
195 E os rebanhos do Sol pastam sublime;
O mugir e o balar de bordo sinto:
Lembram-me anúncios do Tebano cego:
Lembra-me Circe, que vedou-me a entrada
Na ilha do Sol, delícias dos humanos;
200 Atribulado amoesto: “Ouvi-me, sócios.
Com paciência agouros de Tirésias
E os de Circe, que à ilha me proíbem
Do Sol portar, a todos nós funesta;
Dela o fusco navio impeli fora.”
205 Este anúncio os confrange, e molestou-me
Euríloco tenaz: “Ímprobo Ulisses,
Tu não cansas, teus membros são de ferro,
Pois de fadiga e sono a gente opressa
Na ilha vedas saltar onde aprestemos
210 Boa ceia, e à matroca temerário
Em trevas pelo ponto errar nos mandas.
Em procela, e noturna, onde abrigar-nos,
Se Noto ou Zéfiro em tufão rebenta,
Os mais duros às naus, mau grado aos numes?

215 Ceda-se à escuridão; toca a cearmos,
E o pélagos amanhã sulque-se embora.”
Do consenso geral tirei que a perda
Nos traçava um demônio: “Eis-me vencido,
Clamo, Euríloco! Ao menos jurai todos,
220 Em rês alguma não bulir nefandos;
O que Circe nos deu comei tranqüilos.”
Juraram-me formais, e em porto ancoro
Ante uma fonte amena. Ao desembarque,
Curam da ceia; já repletos, lembram
225 Os que Cila voraz nos engolira,
Até que ao pranto lhes sucede o sono.
Da noite por um terço indo-se os astros
Grã borrasca o Nimbífero carrega,
Pego e terra embruscando, e rui do pólo
230 Denso negrume; e assim que a matutina
Aurora aponta, em gruta a nau pusemos,
De ninfas gentilíssimas assento.
Oro em conselho: “Mantimentos sobram;
Será fatal comermos bois e ovelhas
235 Do acre Sol, que vê tudo e tudo exouve.”
Seu brio suadi. Sós Euro e Noto
Sopraram de contínuo um mês inteiro:
Pão tendo e vinho, abstinham-se das reses,
Cuidadosos das vidas; gastam mesmo
240 As vitualhas, pela fome urgidos
Que o ventre nos roía, à caça andamos
De aves e peixes, do que anzóis pilhavam,
Dardos, seta ou rojão. Pela ilha fui-me
Os deuses a rogar, se alguma maneira
245 De sair me indicasse: as mãos lavando
Num abrigo, imploro à etérea corte,
Que me infundiu nas pálpebras o sono.
O mal, no entanto, Euríloco sugere:
“Desgraçados, a morte é sempre feia,
250 Mas a pior é perecer de fome.
Os bois do Sol carnudo imolemos
Aos imortais, e ao claro deus sublime
Na pátria precioso orne-se um templo;
E se irritado, os outros consentindo,
255 For seu gosto afogar-nos, antes quero
Beber de um trago a morte em salsas ondas
Que ir em deserta ilha definhando.”
Aplaudem-no; e, prendendo os mais vistosos,

De larga fronte e retorcidos cornos,
260 Que ante a rostrada fusca nau pasciam,
Das vítimas em torno aos deuses votam
Uns grelos de carvalho alticomado,
Por faltar branco farro. Preces findas,
Matam, esfolam, separando as coxas;
265 Das quais por cima, em duplo zerbo envoltas,
Põem miúdas porções do corpo inteiro,
E por não terem vinho para o fogo,
Água libando os intestinos assam.
Ao fixarem no espeto as gordas postas,
270 Sacudo o brando sono, e alvorotado
À praia me encaminho. Já não longe
Das carnes sinto o recendente cheiro;
Aos Céus triste bradei: “Júpiter padre,
Numes, em divo sono me ensopastes,
275 Para um tal sacrilégio perpetrarem!”
Ao Sol voa Lampécia amplo-velada
O crime a delatar, e o Sol furente
Bramiu: “Jove, ó beatos sempiternos,
Puni-me do Laércio os companheiros;
280 Ah! mataram-me os bois, meu gosto e enlevo,
Quando eu subia ao céu, descia à terra:
Se vós não me vingais, vou-me a Sumano
A alumiar as sombras.” — E o Tonante:
“Ó Sol, aos deuses de luzir não cesses
285 E aos terrestres mortais: a raio ardente
Hei de o baixel ferir e incendiá-lo
No seio do atro mar.” — Isto Calipso
Me declarou, que o soube de Mercúrio.
Chegando à praia, increpo homem por homem;
290 Nenhum remédio havia às mortas reses.
Manifestou-se a cólera suprema:
Peles serpeiam; carne assada ou crua
No espeto muge, a voz bovina soa.
Seis dias, não obstante, se nutriram
295 Do melhor da manada; e, o borrascoso
Vento acalmando ao sétimo, embarcamos,
E ereto o mastro, as velas desferimos.
Some-se a ilha, o pólo e o mar só vemos
Eis cerúleo bulcão sobre o navio,
300 Retém-no um pouco, enegrecendo as ondas;
Mas em rajada Zéfiro estridente
Rompe os ovéns do mastro, que à ré tomba

Atirando o maçame na sentina,
E à popa o crânio do piloto racha;
305 Da tolda qual mergulhador caindo,
A alma gentil os ossos lhe abandona.
Jove troveja; o raio a nau revira
E enche de enxofre, deita a gente fora;
Como alcatrazes de redor flutuam,
310 Da volta os priva um deus. Ando e regiro,
Té que descose a vaga as amuradas
E joga o inerme lenho; pela base
Fende o mastro, e o sustenta uma correia;
Com esta ao casco o ligo e em tal jangada
315 Leva-me o vento. Zéfiro sossega;
Mas Noto áspero angústias me acrescenta,
Ir outra vez receio ao frete imano.
Vago a noite; mas n'alva o escolho enxergo
De Cila e de Caríbdis, que medonha
320 Absorvia as maretas: eu, na altura
Da baforeira, à guisa de morcego
Me implico; os pés nem sento nem remonto,
Longe estando as raízes e a ramada
Que sombreia a voragem. Lá me agarro,
325 Té que, à hora em que o foro e os litigantes
Larga o juiz para cear, Caríbdis,
A meus desejos lenta, o mastro e o buco
Vomita: eu me despego, e na jangada
Baqueio estrepitoso, a braços remo.
330 O pai de homens e deuses, por salvar-me,
Tolheu que Cila então me lobrigasse.
Nove dias labuto, e o Céu me aporta
Já na décima noite à ilha Ogígia,
Onde acolheu-me e acarinhou Calipso,
335 Deusa de humana voz. Que resta? Em casa
Ontem me ouviste e a casta soberana:
Repetir o narrado é fastidioso.”

NOTAS AO LIVRO XII

53 — Não obstante haver mais razões para pensar-se que a Cila e a Caríbdis de Homero estavam onde as pôs Virgílio, esta passagem dos Argonautas de Jasão excita não pequena dúvida, e formou um dos argumentos de Rochefort. É uma questão interminável.

246 — *Abrigado*, que Bernardes e outros substantivaram, neste sentido não vem nos dicionários.

302-309 — *Amphoterou* muitos vertem por *dous*, dizendo que ambos os cabos do mastro foram quebrados: eu cuido que a palavra quer dizer *de uma e outra parte*; porque o mastro não seguraram sós dous cabos, seguram vários de uma e outra parte, a que os nossos marítimos chamam *ovéns*: Rochefort aqui foi exato. — *Alcatrazes* são os corvos marinhos, e destes é que fala Homero.

320-324 — Neste lugar, prefiro Pindemonte a M. Giguet. Eis aqui a interpretação deste: “Je saisi les branches du figuier et je m’y tiens suspendu comme un oiseau de nuit, sans pouvoir affermir mes pieds ni monter jusqu’au tronc de l’arbre; car je suis loin des racines, et je ne tiens que l’extrémité des longs et grands rameaux qui couvrent le gouffre de leur ombrage”. Ora, a estar Ulisses agarrado aos ramos, podia ir-se alando por eles adiante e chegar ao tronco; mas a sua posição era mais perigosa: estava agarrado ao mesmo tronco, sem poder alcançar os altos ramos nem as baixas raízes, e então aferrava-se como se fosse um morcego, e a comparação torna-se da maior justeza. Esta posição era própria e azada para deitar-se no destroço do navio sem tanto perigo; e, se se deitasse da altura dos ramos de uma grande árvore, far-se-ia em pedaços. O texto é imperioso.

LIVRO XIII

Calam-se todos, em deleite absortos,
Pela ampla sala opaca. E Alcino: “Ulisses,
Pois que vieste a meu palácio aêneo,
Teus males findos creio e teus erros.

5 Vós que a branda harmonia e o vinho de honra
Gozais em meus festins, às ricas vestes
E ouro acendrado n’arca sua inclusos,
Dádivas dos senhores, por cabeça
Grandes bacia e tripode ajuntai-me;
10 Já que sós não bastamos, brinde o povo
Conosco à larga este hóspede bizarro”.
Aprovou-se, e a dormir se retiraram.

No arrebol da manhã de róseos dedos,
Levando o forte bronze, à nau concorrem;
15 Vindo Alcino em pessoa, nas bancadas,
Para a folgo remarem, dispõe tudo.
Ao paço tornam, do banquete cuidam:
O rei mata ao nimbozo onipotente
E as táureas coxas torra; à mesa alegres,
20 O canto logram do acatado vate.

Ulisses, para o Sol volto a miúde,
No ocaso o quer, o embarque apetecendo:
Como a sombria tarde e a ceia anela
Quem, já de joelhos frouxos, pelo alqueive
25 Regeu de negros bois no arado a junta
O dia todo; a luz tal vê murchada
Ulisses, que aos marítimos Feaces
E ao rei perora: “Ó maioral de povos,
Despedi-me e libai; vós outros, salve!

30 Cheio o meu voto, com presentes parto,
De que o Céu por mão vossa enriqueceu-me
Ache eu no lar a esposa irrepreensível
E incólumes os meus. Ficai-vos todos
Satisfeitos com filhos e consortes;
35 Para impedir o público infortúnio,
Toda virtude os numes vos concedam.”

Louvando o siso do hóspede facundo
Que despedi-lo cumpre a oito votam;

Alcino o arauto afronta: “Na cratera
40 Mescles, Pontono, do licor ardente;
Em despedida a Júpiter brindemos.”

Mescla Pontono e distribui o vinho:
Libam do assento aos imortais beatos;
Mas Ulisses divino em pé, depondo
45 A bicôncava taça em mãos de Areta,
Rápido exclama: “Ó grã rainha, vale!
Parto; mas sê ditosa com teus filhos,
Teu povo e o nobre Alcino, até que venham,
Humana condição, velhice e morte.”

50 Aqui, salva a soleira: avante o arauto
Condu-lo à praia; à voz de Areta, as servas
Uma a túnica bela e o manto puro,
Outra uma arca tapada, enfim terceira
O pão leva consigo e roxo vinho.
55 Ledos a carga e o mantimento arrumam,
Cama de branco linho e moles colchas
Alastram no convés, onde silente
O herói deitou-se; da furada pedra
Solto o calibre, em renque a espuma agitam.

60 Enleiam-se as pálpebras num sono
Doce e quieto, semelhante à morte.
Como, incitada pelo açoute, o espaço
Mede orgulhosa máscula quadriga,
Das vagas ao rumor desfecha a popa;
65 Em seu vôo segura, preterira
Ao gavião, levíssima das aves.
O Ítaco rei, no tento igual aos deuses,
Molestado em procelas e batalhas,
Esquece tudo em plácido sossego.

70 Abordou-se ao luzir a estrela d'alva,
Núncia a melhor da rubicunda aurora.

Tem no agro de Ítaco o marinho Forco
Porto, que a prumo cabos dous estreitam
E de ventos estrídulos defendem,
75 Onde vaso alteroso escusa amarras.
Espalmada, no fundo, uma oliveira
Gruta ensombra, de Náíades sacrário:
Ânforas há lapídeas e crateras;
Sussurrantes abelhas melificam;
80 Bancos de pedra encerra; as ninfas tecem
Maravilhosos purpurinos panos;
Possui água perene; dupla a entrada,

Uma ao norte acessível aos humanos,
Outra ao sul para os deuses. Meio impelem
85 De voga o lenho os práticos Feaces;
Adormecido Ulisses desembarcam,
Nas mesmas colchas e lençóis envolto;
À sombra da oliveira os dons colocam,
À larga obtidos por mercê de Palas,
90 Fora da estrada, a fim que não lhos toque,
Antes que ele desperte um viandante.
Isto acabado, para a Esquéria voltam.

Das ameaças ao divino Ulisses
Lembrado, ao grande irmão sondou Netuno:
95 “Como hão de honrar-me, Júpiter, os deuses,
Se homens de mim provindos me desonram?
Sem proibir de Ulisses o regresso,
Que tu juraste mesmo, inda eu cuidava,
Antes de recolher-se, escarmentá-lo;
100 Mas puseram-no em Ítaca os Feaces,
Meu reino atravessando, e o cumularam
De ouro e bronze e tecidos, quanto nunca
Salvo de Ílio trouxera e teve em sorte.”

Respondeu-lhe o Nimbífero: “Hui! Netuno,
105 Desprezarem-te os numes! Árduo fora,
Que és mais velho e prestante e prepotente.
Se um mortal altanado não te adora,
Puni-lo a teu prazer te cabe sempre.”

De novo o Enosigeu: “Fá-lo-ei, se o queres;
110 De irar-te, anuviador, me abstenho e fujo:
Para que mais ninguém transportar ousem,
Destruída na volta a nau Feácia,
À cidade oporei montanha ingente.”

E Júpiter: “Irmão, da praia quando
115 Olhar curiosa a turba a nau que abica,
Trocada em penha, a forma lhe conserves,
Futuro assombro, e essa montanha eleves.”

Busca Netuno a Esquéria, e quedo aguarda
A flutívaga nau, que às bordas voa;
120 A mão carrega-lhe e a converte em rocha,
As raízes lhe afunda e se retira.
E a marinheira gente, uns para os outros:
“Ai! quem prendeu no pego, à vista nossa,
A nau que ao porto alígera aproava?”

125 Assim discorrem; mas arenga Alcino:
“Deuses, verificou-se o triste agouro!

Vaticinou meu pai que, por valermos
Aos náufragos, Netuno em ira ardendo
Pulcro baixel à volta abismaria,
130 De alto monte a cidade circundando.
Cumpriu-se tudo; agora, obedecei-me:
Ninguém mais deste porto conduzamos;
Sacrifiquemos touros doze eleitos,
A fim que piedoso o rei Netuno
135 Desse monte a cidade nos preserve.”
Com medo eis logo as reses preparavam,
Da ara em torno deprecam Neptunina
Dos Feaces os príncipes e cabos.
 Abre os olhos na pátria o divo Ulisses.
140 Ausente há muito, a estranha, pois de névoa
Palas Dial o cinge, para ignoto
O aconselhar, nem ser da esposa e amigos
E dos mais cidadãos reconhecido,
Sem dos procos vingar-se; pareceu-lhe
145 Diverso tudo, o acomodado porto,
Os extensos caminhos, os penedos,
As verdejantes árvores; desperto,
Olha em cerco, de palmas fere as ancas,
E lamenta e se carpe: “Ah! nestas plagas
150 Gente bárbara mora injusta e fera,
Ou pia e hospitaleira? onde é que vago?
Onde esconder os meus tesouros posso?
Estivesse na Esquéria, e me asilara
Outro brioso rei, que boa escolta
155 Me daria ao trajeto. Ignoro o meio
De guardar estes bens, que não mos roubem.
Certo nem eram probos nem cientes
Os que a Ítaca amiga prometeram
Levar-me a salvo e aqui me depuseram:
160 Desagrava-me, ó Júpiter, que amparas
Os suplicantes e a traição condenas.
Mas compute-se tudo, examinemos
Se eles de qualquer dom me desfalcaram.”
 Já trípodes, bacias e ouro conta,
165 Conta os belos tecidos: nada falta.
Por Ítaca ele chama, Ítaca chora
Pelas praias do mar circunsonante,
Quando no vulto lhe aparece Palas
De um jovem ovelheiro, delicado
170 Como os filhos dos reis: pelico airoso

Aos ombros traça; aos pés chapins luzentes,
Floreia um dardo. Ulisses a encontrá-la
Corre contente, rápido profere:
“Pois me ocorres primeiro, amigo, salve!
175 Guarda-me estas riquezas e a mim próprio.
Como a nune to imploro de joelhos;
Declara-me que terra e povo é este:
Por acaso ilha amena, ou de gleboso
Continente um bojante promontório?”
180 A Olhicerúlea: “És, hóspede, insensato,
Ou de país remoto. Que perguntas?
É conhecido o nosso dos que habitam
Para o noturno ocaso e a roxa aurora:
Alpestre e avesso a poldros, pouco vasto,
185 Viceja em trigo e vinha, que fecunda
Orvalho ou chuva; grato a bois e a cabras,
Tem várias selvas e perenes águas.
De Ítaca o nome em Tróia alto ressoa,
Em regiões da Acaia mui distantes.”
190 Folga o divino herói de estar na pátria,
Que do Egíaco a filha anunciava;
Discursa presto, com desvio e austúcia,
Ardis sempre no peito revolvendo:
“De Ítaca ouvi na transfretana Creta,
195 Larga e longínqua. Aos meus deixando parte,
Fugi com estes bens, lá tendo morto
O régio garfo Orsíloco ligeiro,
Que no curso vencia os bravos Cressos;
Pois quis privar-me dos despojos de Ílio,
200 Ganhos com tanta lida nas batalhas
E a tanto mar escapos, de ciúmes
Que eu, a outros mandando, às ordens nunca
Do genitor Idomeneu servisse.
Tendo um sócio, no campo numa espera,
205 Orsíloco atravesso ao pé da estrada:
Oculta a morte pela opaca noite,
Ninguém por ela deu. Porção da presa
A ganância fartou de nau Fenícia,
Que me largasse em Pilos ou na diva
210 Élide Epéia. O rijo oposto vento
Afastou-nos do rumo, e constrangidos,
Não por fraude, arribamos pelo escuro;
No posto aqui saltando, sem tratarmos
De preciso repasto, nos deitamos.

215 Lasso peguei no sono; eles, na areia
Depositadas as riquezas minhas,
A Sidônia se foram populosa:
Triste ah! fiquei na praia abandonado.”
A Glaucópide rindo a mão lhe afaga,
220 Disfarçada em mulher vistosa e guapa,
Ilustre no labor: “Sagaz e astuto,
Só te excedera um deus! matreiro e fino,
Mesmo exerces na pátria os falsilóquios,
Dolos e ardis, que desde o berço amaste.
225 Não uses tu comigo de rodeios:
Se aos mortais no juízo te vantagens,
Eu me aventajo aos deuses. Desconheces
Tritônia, que te assiste em dúbios transes?
Eu te fiz agradável aos Feaces;
230 Agora venho consultar contigo,
E o tesouro esconder que ao povo egrégio
Inspirei te doasse. Em teu palácio
Olha que inda é forçoso padeceres:
A varão nem mulher tu não descubras
235 O teu regresso; tácito suportes
A própria dor e injúrias e insolências.”
Prudente Ulisses: “Deusa, ao mais sabido
Conhecer-te é custoso em tantas formas.
Sei que nas Tróicas lides me escudavas;
240 Mas dês que, rasa a Príamo a cidade,
Um deus nos dispersou, nunca a nau minha
Te viu, Dial progênie, em meus trabalhos:
De alma chagada, errei de praia em praia,
Até que o Céu de mim compadeceu-se,
245 Depois que entre os Feaces opulentos
Me confortaste enfim, me foste guia.
Eu não me julgo em Ítaca risonha;
Vago, e me iludes: por teu pai suplico,
Declara-me se estou na pátria amada.”
250 “És, volve a deusa, um poço de suspeitas!
Facundo e sábio, de altaneiro engenho,
De ti não me descuido no infortúnio.
Quem não ardera, após tamanha ausência,
Por ver seus lares e mulher e filhos?
255 Mas nada ouvir te agrada, sem provares
A constância da esposa, que em retiro
Dia e noite lamenta e curte mágoas.
Seu temor nunca tive, sim previa

Que só dos teus voltasses. A Netuno
260 Não quis opor-me, tio meu, que irou-se
Por cegares seu filho Polifemo.
Ítaca vou mostrar-te, não duvides:
De Forco é este o porto; jaz no fundo
O antro e a basta oliveira, estância amável,
265 Das Náíades sacelo, onde lhes debes
Sacrificar perfeitas hecatombes;
Aquele monte é Nerito selvoso.”
Dissipa a deusa a névoa; alegre a terra
O Ítaco reconhece, o almo chão beija,
270 E exalça as palmas e depreca às ninfas:
“Progêntas de Jove, eu não pensava
Rever-vos mais; contente vos saúdo,
Mil dons hei de, como antes, ofertar-vos:
Assim de Jove a predadora prole
275 Me consinta viver, medrar meu filho!”
Palas então: “Sossega, ânimo cobra.
No antro guarda-se tudo, e resolvemos
O melhor.” Eis penetra os escondrijos;
O herói carreta o ouro e o cobre e as roupas;
280 E, estando a bom recado esses presentes,
Ela aos portais arrima grossa pedra.
À raiz ambos da oliveira santa,
No castigo dos procos meditavam,
E Palas começou: “Divo Laércio,
285 De carregar o modo consideres
A mão nos insolentes que um triênio
Há que em teu paço imperam, dadivosos
A casta mulher tua requestando.
Ela porém suspira-te e pranteia,
290 E um por um entretendo com promessas,
A todos esperança e embai a todos.”
“Céus! acode o Laércio, em meu palácio
O fado me aguardava de Agamemnon,
Se não me houesses, déia, esclarecido!
295 Eia, a maneira tece de vingar-me;
Está comigo, minha audácia aumenta,
Qual a soberba Tróia ao suplantarmos.
Se me ajudas, augusta protetora,
Eu basto só contra varões trezentos.”
300 Presto a Glaucópide: “Eu serei contigo
No executar-se a empresa; o vasto solho
Conto que o sangue e cérebro enodoem

De cada um dos vis que os bens te comem.
Vou, para ignoto seres, enrugar-te
305 A lisa pele dos flexíveis membros,
Sumir-te a loura coma, em despiciendos
Andrajos envolver-te, e aos vivos olhos
O brilho embaciar, para que a todos,
Mesmo a filho e mulher, pareças torpe.
310 Tu, busca o teu porqueiro, amigo vero,
Que a Telêmaco e à mãe fiel tem sido;
Entre os marrões o encontrarás, da penha
Do Corvo em torno e da Aretusa fonte,
Onde, cevados com macia glande
315 E água lodosa, gordurentos viçam:
Indaga dele o mais, enquanto a Esparta
Ando-me em formosuras afamada,
A teu filho chamar, que novas tuas
Foi recolher de Menelau na corte.”
320 “Por que, argúi o herói, pois tudo sabes,
Não lho disseste? queres que erradio
Pelo indômito pélagos padeça,
E que outros a substância lhe consumam?”
Minerva retorquiu: “Não te inquietes;
325 Eu mesma o encaminhei; porque destarte
Bem reputado seja: ora em seguro
Se acha do Atrida na abundante casa.
Almejando matá-lo antes que aborde,
Armam-lhe os procos numa nau ciladas;
330 Mas tenho que primeiro a terra oprima
Alguns dos que a substância lhe consomem.”
Aqui, de vara o toca: a pele toda
Se lhe encarquilha, escalva-se a cabeça,
Olhos murcha; um decrépito afigura.
335 Deita-lhe um mau gabão, túnica em tiras
Suja e tisonada, e espólio nu de corça;
Dá-lhe um bordão, com torsos losos preso
Roto a lugares desmarcado alforje.
Isto enchido, apartaram-se, e Minerva
340 Endereçou-se à grã Lacedemônia.

NOTAS AO LIVRO XIII

35-36 — Interpretam este lugar assim: “Os deuses vos ornem de todas as virtudes e vos livrem das calamidades públicas”. O pensamento é mais digno da sabedoria de Ulisses; com o texto à vista, parece-me que se dá um conselho aos reis dos Feaces: por boca do herói, o poeta reconhece que o mal público vem da falta de virtudes nos grandes, ou que os maus governos é que excitam as revoluções, para falarmos a linguagem moderna.

86-87 — Na opinião de Aristóteles, seria esta inverossimilhança intolerável, se as belezas do estilo não fizessem esquecer a pequenez da invenção. Sem embargo da sentença do oráculo da antiguidade, faria algumas observações a favor do poeta. A inverossimilhança consiste em desembarcarem a Ulisses dormindo sem que ele despertasse. Advirta-se porém que, depois de quebrar-se o navio onde longamente padeceu, depois de nadar quase três dias com o auxílio da cintura de Leucotéia, depois de escalavrar as mãos nos rochedos, ainda não tinha assaz reparado as forças perdidas: o sono mais salutar foi o que dormiu no bosque antes de lhe aparecer Nausica; porquanto na cidade, onde esteve dois dias, pouco descansou, levando quase todo o tempo a narrar suas aventuras, o que por certo não lhe diminuía o cansaço. Necessariamente, ao chegar ao navio dos Feaces, devera cair em profunda modorra. Tenho visto mudarem-se muitos adormecidos, principalmente meninos, sem darem por si; e o que a idade faz nos meninos, podia fazer em Ulisses a extraordinária fadiga. Se Aristóteles tivesse passado por iguais trabalhos, talvez não teria despertado.

295 — Homero, para exaltar o herói, diz acima que a deusa da sabedoria com Ulisses consultou; mas este, por veneração para com Minerva, nunca se mete a par, antes pede-lhe sempre o seu parecer e proteção. M. Giguet verteu: “Voyons comment *nous punirons* ces audacieux”. O que era permitido a Homero por exageração poética, isto é, pôr o mortal conjuntamente a deliberar com a deusa, não era permitido a Ulisses, que nunca ali falou no dual nem no plural; e a imodéstia ou atrevimento, que se lhe empresta, é em contradição com as habituais cautelas do astuto.

317-340 — Constâncio dá por antiquado o verbo *andar-se* e manda ver *andar*; foi um descuido: ele mesmo diz com acerto que *se* com os verbos absolutos indica espontaneidade; portanto, *andar* não é o mesmo que *andar-se*, do uso de clássicos nossos. — No último verso, omiti que Minerva partiu para chamar a Telêmaco, e digo só que partiu para Esparta, porque pouco atrás ela afirmou que a sua ida era para chamá-lo. Estas supressões, que me permito quando não ofendem a clareza, tendem a tornar concisa a minha tradução, e o estilo asiático de Homero a isto se presta sem inconveniente; supressões que não se podem fazer em Lucrécio, Virgílio, Horácio, Pérsio, Dante, nem em Sá de Miranda e Ferreira, e em poucos outros poetas que só dizem o bastante, e onde cada palavra oferece uma nova idéia. O leitor que, neste e em muitos lugares, me julgar em falta, não decida sem consultar os antecedentes ou subseqüentes.

LIVRO XIV

O herói, por serros e áspera azinhaga,
Segue do porto, à selva, o divo busca
Leal pastor, que lhe afirmou Tritônia
Ser dos escravos dele o mais zeloso.
5 Achava-se ao portal, num sítio alegre
Onde, n'ausência do amo, edificara,
Sem da senhora auxílio ou de Laertes,
Vistoso amplo curral de pedra ensossa;
De espinho sebe em roda, e cerca de achas
10 Do cerne de carvalho externa havia.
Na área em chiqueiros doze conchegados,
Em cada qual cinqüenta, se espojavam
Prenhes porcas; dormiam fora os machos,
Poucos, pois de contínuo aos pretendentes
15 O mais nédio cevado remetia:
Trezentos e sessenta eram por todos.
Ao pé jaziam quatro cães de fila,
Pelo porqueiro maior al mantidos.
Este a seus pés talhava umas sandálias
20 De táureo tinto coiro; três ajudas
As varas pasturar, mandara o quarto
Conduzir constrangido um bom capado,
Que na régia a gulosos recheasse.
Ladrando os brabos cães a Ulisses correm,
25 Que assenta-se manhoso e o bordão larga;
Mas vítima seria, se o porqueiro,
Cair deixando o coiro, à pressa e em gritos
Não viesse a pedradas enhotá-los.
E a ele se virou: “Meus cães, ó velho,
30 Quase, por meu labéu, que te espedaçam,
E os deuses de outras penas me acabrunham:
Choro a engordar os cerdos para estranhos,
E o meu divo senhor quiçá faminto
Vaga de povo em povo, se é que vive
35 E goza a luz do Sol. Comida e vinho
Terás naquela choça, e tu repleto,
Me refiras teus males e aventuras.”
Na choça introduzido, em ramas densas,

De agreste cabra com velosa pele,
40 Do porqueiro acamadas, pouso Ulisses,
E lho agradece: “Abençoado amigo,
Compensem-te os Supremos o agasalho.”
Tu respondeste, Eumeu: “Ninguém desprezo,
Qualquer acolherei de ti somenos;
45 Jove os mendigos e hóspedes protege,
Aprova os ténues dons que a medo faço,
Pobre servo, a mancebo submetido!
O Céu de meu senhor veda o regresso,
Que tanto me queria, e, como é de uso
50 Para com bons escravos laboriosos,
A envelhecer aqui, me enriquecera
Com mulher e pecúlio, pois os deuses
Têm prosperado meu serviço. Ai dele!
Pereça toda a geração de Helena,
55 Dano e exício de heróis! Para essa Tróia
Também foi meu senhor vingar o Atrida.”
E ataca mal o cinto, e dous farroupos
Trazendo, os mata e lhes chamusca pêlo,
Corta, espeta, e no espeto o assado quente
60 Oferece e apolvilha de farinha;
Vinho melífluo em copo de sobreiro
Mistura, à face do hóspede se assenta:
“Anda, ora come do que aos servos cabe;
Os cevados aos procos se reservam,
65 Que do castigo olvidam-se impiedosos.
Néscios! os numes a violência odeiam
E a virtude honram só. De alheias plagas
Invasores hostis, que em naus de espólios
Onustas partem pôr favor de Jove,
70 Temem-se do castigo; os procos, julgo,
Voz divina informou da triste morte.
Nenhum de núpcias trata ou de ir-se embora,
Todos em voraz ócio os bens estragam:
Uma nem duas vítimas lhes bastam;
75 Noites e dias, quantos Jove alterna,
Consumem carnes, ânforas esgotam.
Em Ítaca e no escuro continente,
Não há magnata que possua tanto,
Nem vinte juntos; a resenha escuta:
80 Pastam-lhe em terra firme doze armentos,
E há porcadas iguais, iguais rebanhos,
Vastos cabruns encerros, com pastores

De fora ou do país; nesta ilha mesma,
Guardam fiéis cabreiros onze fatos,
85 E eu rejo estas pocilgas. Nós forçados,
Pensão quotidiana, remetemos
A mais nédia cabeça a tais senhores.”
Tácito Ulisses come e ávido bebe,
Ideando a vingança; e, confortado,
90 A copa do porqueiro aceita plena,
Jubiloso e veloz: “Rico era e forte
Quem te comprou, qual, hóspede, o apregoas?
Morto o crês pela causa de Agamemnon:
Talvez o conhecesse eu vagamundo;
95 Sabe a etérea mansão, quando o nomeies,
Se ocultar testemunho em mim depares.”
“Velho, constesta Eumeu, não mais se apoiam
Em peregrino algum a esposa e o filho:
Quanto são mentirosos os mendigos!
100 A senhora os socorre e asila e inquire;
Mas incrédula geme, qual viúva
Que lamenta o marido ao longe extinto.
Urdir hoje uma fábula pretendes,
Para de capa e túnica mudares?
105 As entranhas cães e aves lhe tragaram,
Ou, dos peixes roído, a vaga os ossos
Lançou-lhe à praia e os cobre densa areia.
Morreu, morreu, deixando em luto amigos,
Mormente a mim, que o não terei tão brando,
110 Nem que de pai e mãe voltasse à casa,
Onde a luz vi primeiro e me criaram:
Tão saudoso os não choro e a pátria amada,
Como Ulisses me lembra. Até receio,
Pois tanto me estimava e distinguia,
115 N’ausência nomeá-lo, irmão n’ausência
Mais velho o chamo, a suspirar por ele.”
E o divo herói: “Bem que emperrado o negues,
Não temerário to assevero e juro,
Ulisses vem; de alvíçaras me aprontas
120 Capa e túnica, inteira vestidura;
Mas, inda que indigente, o prêmio enjeito,
Antes que ele se mostre em seu palácio:
Como do inferno as portas, abomino
Falácias da pobreza. Atesto Jove,
125 De teu amo o lar puro a que me encosto
E a mesa hospitaleira, o anúncio é vero:

Neste ano e lua mesma, ou na vindoura,
Cá de retorno, punirá severo
Os ultrajes da esposa e de seu filho.”

130 Não ganharás alvícaras, meu velho,
Ajunta Eumeu; não conto mais com ele.
Bebe tranqüilo; outras lembranças volve,
Que este assunto angustia-me e contrista.
Juramentos a parte, oh! se viesse,

135 Qual o anelo, Penélope e Laertes,
E o deiforme Telêmaco. Esta agora
Única planta choro, que ao celeste
Bafo eu supunha igual de rei medrasse
Em garbo, esforço e mente; mas, iluso

140 Por imortal ou por humano, a Pílos
Do pai foi-se em procura, e à volta os procos
O incidiam cruéis, para que arranquem
Da ilha a estirpe do divino Arcésio.
Basta; se escape ou não, toca ao destino,

145 E o Satúrnio o proteja. Ora me explanes
Quem és, de que família, de que terra,
Os infortúnios teus; que exímios nautas
E em que navio aqui te conduziram?
A Ítaca não creio a pé viesses.”

150 Começa Ulisses: “Narrarei sincero.
Se de espaço a lograr teu vinho e pasto,
Incumbido o serviço a outros sendo,
Fôssemos nesta choça, inda que um giro
Decorresse anual, não me era fácil

155 Expor as penas que infligiu-me a sorte.
“O Hilácides Castor, na extensa Creta.
Gerou-me numa pelice comprada,
E a par de seus legítimos criou-me
E honrava em seu palácio; é glória minha

160 De um pai vir dos Cretenses endeusado,
Por opulência e muita clara prole.
No Orco o sumiu fatal necessidade:
Meus irmãos tudo em lotes partilharam,
Escassos bens e um teto me cederam.

165 Casei por meu valor com rica herdeira,
Pois fugaz, nunca fui nem vil e inerte:
Posto porém que as forças me falecem,
De tamanha miséria quebrantadas,
Pela palha avalia o que era a messe.

170 De Mavorte e Minerva obtive audácia:

Hostes rompi; se, infenso e belicoso
Da emboscada elegia os camaradas,
Nunca da morte o horror se me antolhava;
Sempre avante, os contrários punha em fuga,
175 De lança indo alcançando os mais ronceiros:
Tal em combates fui. Nunca me aprouve
Na família cuidar, cuidar nos filhos;
Sonhava em remos, naus, zargunchos, frechas,
Em petrechos de guerra sanguinosos:
180 Dos homens são diversos os prazeres;
Um deus nesse meu ânimo cevava.
Antes de irmos a Tróia, vezes nove
Regi corsários: da escolhida presa,
Aos matalotes sorteado o resto,
185 Locupletou-se a casa, e entre os Cretenses
Tive grande renome e autoridade.
Mas, decretando Jove aquela empresa
Tão matadoura, os povos me expediram
Adido a Idomeneu; sem resistirmos,
190 Que o público rumor nos obrigava,
Velejamos. Nove anos pelejou-se:
Ao décimo, assolada Ílio Priaméia,
Dispersa no regresso a frota Aquiva,
Ai! guardou-me o Satúrnio outros pesares!
195 “Um mês único estando em meus haveres
Com filhos e a mulher que esposei virgem,
A vogar para o Egito inclino a idéia,
E nove embarcações tripulo em breve,
Reses degolo e sagro; os divos sócios
200 De solenes festins seis dias gozam.
De Creta largo ao sétimo, e do puro
Bóreas ao fresco alento, qual se fosse
Veia abaixo, aportamos sem perigo,
Aos pilotos e ao vento encomendados.
205 À quinta singradura o Egito enxergo,
No rio surjo caudaloso e belo;
Exorto a se manter a bordo a gente,
E encalho as naus flutívagas, mandando
À terra exploradores. Estes loucos,
210 A impulsos do apetite, agros depredam,
Matam, mulheres e crianças roubam:
Mas, ao rumor, de madrugada acorrem
Éqüites e peões erifulgentes
Que encham toda a campina e o Fulminante

215 Medo incutindo aos meus, nenhum resiste;
Cercados, parte a bronze agudo acaba,
É reduzido o resto a cativo.
Mesmo o deus (mais valera que eu no Egito
Falecesse e os trabalhos atalhasse)

220 Isto inspirou-me: o elmo da cabeça,
Do ombro tiro o broquel, deponho a lança;
Do rei boto-me ao coche e as plantas beijo.
Com mágoa do meu pranto, ele consigo
Dirigiu-me a seu paço; e, bem que de hastas

225 O sanhoso tropel me acometia,
Contê-los soube, atento ao Padre sumo,
Às injúrias dos hóspedes avesso.
“Sete anos lá no Egito enriquei muito,
Pois muito me brindavam; mas, no oitavo,

230 Cadimo comilão, vezeiro e useiro,
Induziu-me à Fenícia pátria sua,
E me reteve. As estações volveram;
Para ajudá-lo na descarga, à Líbia
Fingido o avaro me arrastou, vender-me

235 Tencionando: embarco suspeito.
Creta avistamos com sereno Bóreas;
Mas, alagada a ilha, os céus e o ponto
Sós nos rodeiam; Júpiter cerúlea
Grossa nuvem desfecha, ofusca os mares,

240 Fuzila, toa; um raio a nau revira
E enxofra toda; a gente cai nas ondas,
Como alcatrazes de redor flutuam,
Da volta os priva um deus; que, em tanta afronta,
No mastro me salvou. Nele abracei-me

245 Dias nove, e à dezena escura noite,
Quase a morrer de frio e de fadiga,
Arrojou-me à Tesprócia um rolo d’água.
Do régio herói Fídon o amado filho,
Levantando-me, ao pai guiou-me afável,

250 Que me proveu de túnica e vestidos.
“Lá foi que ao bom monarca ouvi de Ulisses,
Hóspede seu; mostrou-me os dons em cópia,
De ouro, de bronze ou trabalhado ferro,
Para dez gerações talvez sobejos:

255 Em depósito achavam-se no erário,
Dês que ao Dodônio falador carvalho
Foi-se o Laércio demandar a Jove
Se, após tão largo tempo, aqui regresso

Oculto ou claramente. O rei jurou-me,
260 Com libações, que a nau já tinha prestes
E a companhia que à pátria o conduzissem.
“Fídon, sendo teu amo inda em consulta,
Num Tesprócio navio, que a Dulíquio
Frumentária partia, remeteu-me
265 À real proteção do ilustre Acasto;
Mas, com malvado arbítrio, ao largo a gente,
Maquinando afundir-me em servil dia,
Despojam-me, e o que vês grosseiro trapo
Vestem-me e este gabão. Na tarde abordam,
270 Prendem-me à toste com torcida corda,
Saltam para cear na praia amena:
Fácil os mesmos deuses me desatam;
À cabeça o capuz, do leme ao fio
N’água deslizo, a braços remo e nado;
275 Inadvertido escapo, terra tomo,
De flório carvalhal me estiro à copa.
A suspirar procuram-me, e cansados
Vogam de novo: o Céu, pois meu destino
Inda é viver, manteve-me escondido,
280 E a benfazejo teto encaminhou-me.”
E Eumeu: “Tal vaguear, tanto infortúnio,
Me abalou. Só de Ulisses nada creio:
Homem cordato, como assim mentiste?
Balda esperança! Em Tróia o Céu vedou-lhe
285 Morte egrégia ou nos braços dos amigos:
Honrara ao filho o túmulo exalçado,
E as harpias inglório o têm roído!
Solitário entre os porcos, só me movo
Da prudente Penélope ao chamado,
290 Quando há qualquer notícia. Os que a ladeiam,
Ou chorem meu senhor ou se comprazam
De gastar-lhe a fazenda, me interrogam:
Nada investigo, dês que um vago Etólio,
Neste alvergue hospedado por homizio,
295 Jurou que o viu na régia, estando em Creta
As naus a reparar de uma tormenta:
Que no estio ou no outono aqui seria
Com imensa fortuna e os divos sócios.
E tu, velho infeliz, que o deus me envia,
300 Não penses me agradar com tais embustes:
Não te honrarei nem te amarei por eles,
Sim porque temo a Jove e hei de ti mágoa.”

Ulisses replicou: “Nem juramentos
Vencem-te a pertinácia! Ante os Supremos,
305 Sacro ajuste se firme: a vir teu amo,
Segundo os meus desejos, me transportes,
Com manto novo e túnica, a Dulíquio;
Senão, de alto os ajudas me despenhem,
Para que outro mendigo não te engane.”

310 Logo o pastor: “Minha virtude e fama
Agora e no porvir se manchariam.
Como! a vida arrancar-te, neste asilo
Depois de te acolher! Ao grã Tonante
Nunca mais suplicar me atreveria.

315 Hora é de ceia, e os sócios cá não tardam,
Para mais abundante a prepararmos.”

Chegam nisto os serventes, e as manadas
A pernoitar encerram nos chiqueiros,
Que ressoam de roncós e grunhidos.

320 Insta-os o maioral: “Trazei-me um porco
Ótimo, que, imolado ao peregrino,
Regale-nos também, já que albidentes
Animais com fadiga pastoramos
E outros sem trabalhar impune os comem.”

325 Eis racha a bronze a lenha, e ao lar presentam
Um quinquene cevado. Não se esquece
Dos imortais; raspa da nuca o pêlo,
Queima em primícias, do amo a volta implora.
Um troço de carvalho não fendido

330 Na rês descarga; sangram-na, chamuscam,
Desentranham, dividem; na gordura

Eumeu porções do corpo todo envolve
E ao fogo os pões de farro apolvilhadas;
As postas a preceito assam de espeto;

335 E, do brasido à mesa vindo as carnes,
Alçado o justo Eumeu, conforme ao rito,
Forma sete quinhões: um vota às ninfas
E ao que nasceu de Maia, e os mais reparte
A cada comensal; o dorso inteiro

340 Do albidente por honra a Ulisses coube,
Que em júbilo exclamou: “Dileto a Jove
Tanto fosses, Eumeu, quanto me és caro.
Tu que nesta miséria assim me trata!”

345 “Do que há, disse o pastor, come a teu gosto
O deus, hóspede egrégio, os bens outorga,
Ou tira a seu prazer, pois tudo pode.”

E as primícias oferta aos Sempiternos,
Liba, o copo ao turrífrago sentado
Junto ao quinhão transmite. Os pães Melausio
350 Distribui, que o pastor, ausente Ulisses,
Sem sabê-lo Penélope ou Laertes,
Do seu comprara aos Táfiros. Satisfeitas
Sede e fome, levanta o escravo a mesa,
E os convivas contentes vão deitar-se.
355 Brusca a noite, chovia sempre Jove,
Mádido sempre o Zéfiro espirava;
Por tentar se o capote lhe conceda
Solícito o pastor, ou qualquer outro,
Um conto Ulisses tece: “Eumeu, vós todos,
360 Escutai-me a vanglória; pois com vinho
Doudeja o sábio, cantarola e dança,
Ri solto, parla o que era bom calasse:
Ora desato a língua, e nada encubro.
Oh! saúde eu tivesse e o vigor d’antes,
365 Ao pormo-nos em Tróia de emboscada!
Ulisses comandava e o louro Atrida,
Sendo eu terceiro por escolha de ambos.
Ante o muro jazíamos armados,
Entre urzes e morraças pantanosas;
370 Bóreas esfria o tempo, geia e neva,
Encaramela o arnez; de escudo aos ombros,
Dormindo os mais embrulham-se em capotes;
O meu tinha esquecido, não cuidadoso
De que gelasse, e de broquel e banda
375 Nítida vim somente. Um terço a noite
Já decorria, os astros resvalavam;
O cotovelo do vizinho Ulisses,
Que prestes me sentiu, belisco e falo:
— Solerte herói, domado pelo inverno
380 Vai-se-me a vida: falta-me o capote;
Que a túnica bastava persuadiu-me
Algum demônio, e agora é sem remédio. —
“Ele, exímio no prélio e no conselho,
Com pronto aviso em baixa voz responde:
385 Cal-te não te ouça a escolta. — E ao braço e punho
Apoiando a cabeça: — Amigos, disse,
Visão divina o sono interrompeu-me;
Longe estamos da frota; alguém se apresse
A pedir a Agamemnon um reforço. —
390 Lesto levanta-se o Andremônio Toas,

Larga o purpúreo manto e à frota corre;
Seu manto enfio, e durmo até que fulge
A aurora em trono de ouro. Ah! se eu tivesse
Aquele idade e força, um dos pastores
395 Me daria um capote, em reverência
Ao homem de valor; mas, roto e velho,
Pouco socorro espero e poucas honras.”
Acode Eumeu: “Foi guapa a tua história
Nem discorreste em vão, cordato amigo.
400 Não te faleça roupa, ou cousa alguma
Que há mister suplicante peregrino;
Mas teus andrajos de manhã retoma;
De muda nada temos, uma andaina
De roupa há cada qual. Em vindo o filho
405 De Ulisses, te dará túnica e manto,
E os meios de partir para onde queiras.”
Nisto, ao fogão lhe chega e alastra a cama,
Que de espólios cabrums e ovelhuns cobre;
Deita-lhe em cima o gabinardo espesso
410 Que em temporais tremendos envergava.
O herói se estira, muito perto os moços;
Porém não pôde Eumeu longe dos porcos
Pegar no sono, e, com prazer de Ulisses
De que houvesse tal zelo em sua ausência,
415 Para sair cortante espada ombreia,
Veste albornoz ao vento impenetrável,
Mais uma pele de crescida cabra;
Contra os mastins e os malfazejos dardo
Rijo empunha, e dormir foi com seus porcos
420 Em caverna de Bóreas abrigada.

NOTAS AO LIVRO XIV

21-57 — *Vara de porcos*, não vem em Constâncio, posto que venha em Morais, e que Lobo, na *Corte na Aldeia*, diga ser o mais próprio para significar a reunião destes animais. — Eumeu, com a pressa de ir buscar sustento para o hóspede, aperta mal o cinto. M. Giguet diz: “Eumée relève sa tunique, qu’il passe dans sa ceinture.” Diz Pindemonte: “La tunica si strinse col cinto, et alle spalle in freta mosse.” Nem um nem outro, parece-me, exprimiu o pensamento: o essencial e o belo é ter o pastor, com o afogo de servir o seu hóspede, atacado mal o cinto, para não perder tempo. Esta passagem assim entendida, como é forçoso que o seja à vista do texto, foi louvada por Chateaubriand.

182-186 — É antiquíssimo o costume de não se atender ao modo por que se ganhou a fortuna: fosse por furtos, vexações, pirataria, pouco importa; há dinheiro, e basta. Não raramente, as condecorações e os títulos vêm dourar o baixo metal de que se compõem certas riquezas; e no futuro os descendentes honrar-se-ão do negro tronco donde procedem.

237 — *Alagar-se a terra* é frase marítima, assim como *arrasar-se*, para exprimir que ela com o andar do navio tem desaparecido: falta nos dicionários.

409-416 — *Gabinarda*, ou *gabinardo* como dizem Filinto e outros, é um grande capote de mangas; vem em Morais e não em Constâncio. Quanto a *albornoz*, capa aguadeira de capuz, eu assim o pronuncio pelas razões do mesmo Constâncio, e não *albernoz*, como escrevem com Filinto alguns autores.

LIVRO XV

Foi-se a Lacedemônia a instar Minerva
A que volte o magnânimo Ulisseida.
Ele e o Nestório ao pórtico repousam
De Menelau: Pisístrato num meigo
5 Sono estava; desperto o companheiro,
N'alta noite em seu pai medita e pensa.
“Telêmaco, a Glaucópide bradou-lhe,
Não mais vagues, soberbos tendo em casa
Que, entre si partilhando, os bens te gastem:
10 A viagem falharia. Ao bravo Atrida
Requer a despedida, para achares
A casta mãe, do pai e irmão rogada
A casar com Eurímaco, o mais largo
Nos presentes e dote. Ela é possível
15 Que te desfalque; a natureza ignoras
Do peito feminino? Ao novo esposo
Quer aumentar: o antigo não lhe importa,
E dos primeiros filhos se deslembra.
Anda, à cativa que melhor julgares
20 Tudo comete, enquanto uma consorte
Não te destine o Céu. Mas, n'alma o graves,
Os mais valentes procos te insidiam,
Da áspera Same e de Ítaca no estreito,
Na ânsia de assassinar-te: eu creio que antes
25 Há de engolir a terra esses vorazes.
Navega ao mar das ilhas e de noite;
Vento haverás galerno e um deus propício.
Assim que abiques na Itacense plaga,
Manda à cidade a nau; tu só de pronto
30 Vai-te ao porqueiro Eumeu, que te ama tanto;
Lá pernoita, e a Penélope despacha-o,
Que te anuncie incólume de Pilos.”
Acaba, e voa para o vasto Olimpo.
Telêmaco, ao Nestório o pé calcando,
35 O acorda: “Sus, Pisístrato, a caminho,
Aparelhem-se ungüíssonos ginetes.”
Mas Pisístrato: “Embora apressurados,
Não convém que trotemos pelo escuro.

A manhã vai luzir; os dons aguarda
40 Que Menelau no coche te acumule,
E nos despeça com gentis maneiras:
De herói tal a amizade não se olvida,
E a nossa gratidão será perpétua.”

A aurora então raiou. Vem ter com eles
45 O marcial Atrida, que se erguia
Do toro da pulcrícoma Lacena.
O de Ulisses querido, ao pressenti-lo,
Alva túnica cinge, aos largos ombros
O manto enfia grande, e fora o encontra:
50 “Príncipe excelso, à pátria me remetas;
Já já partir o coração me pede.”

Responde-lhe o guerreiro: “A teus desejos
Não me oponho, Telêmaco; reprovos
Que, por nímia afeição ou nímio enfado,
55 Seja detido o hóspede ou repulso;
Dá-se igual dano, e todo excesso é vício:
Parta à vontade, amemo-lo presente.
Espera que no carro os dons te alegrem,
E um almoço abundante se te apreste:
60 Viajardes sem fome, é lucro e honra.
Toda a Hélade e Argólida, consintas,
Em coche meu perlustrarei contigo:
De cidade e cidade não sem fruto,
Sequer aênea trípode haveremos,
65 Ou caldeira, ou dous mus, ou taça de ouro.”

E o sisudo mancebo: “O divo aluno,
De povos maior, quero-me em casa:
Lá não deixei quem zele os meus haveres
Procurando a meu pai, temo a ruína,
70 Ou ser de meus tesouros defraudado.”

O rei pois encomenda a Helena e às servas
O almoço, e do melhor: do leito surge
Eteoneu Boetóides, que era perto,
E ao fogo, à voz do Atrida, as carnes assa.
75 Menelau desce à câmara odorosa,
Descem com ele a esposa e Megapentes:
Copo tira dos cofres duplifundo,
E de prata a cratera traz o filho;
Da arca, onde os peplos tinha variegados,
80 Lavor seu, a formosa das formosas
Tira o mais amplo e lindo, que debaixo
Entre os outros fulgia como estrela.

Sobem de novo, e Menelau perora:
“Cumpra o de Juno troador marido
85 O que anseias, amigo. Obra Vulcânia,
E a melhor que possuo, te ofereço,
Uma argêntea cratera de orlas de ouro:
Deu-me em brinde hospital, à volta minha,
Fédimo o rei Sidônio; eu dou-ta agora.”
90 Nisto, passou-lhe às mãos primeiro o copo;
Mas a cratera, o forte Megapentes.
A rainha pegou do fino peplo:
“Toma, Helena o teceu; tal prenda, filho,
Orne-te a noiva à hora apetecida.
95 Entanto, a mãe to guarde em seu palácio;
De mim terno conserva esta lembrança.”
Ele contente o aceita; o herói Pisístrato,
Que admira os dons, num cesto os acomoda.
À sala os endereça o flavo Atrida:
100 Em camilhas sentados, uma serva
Água em bacia argêntea às mãos entorna
De áureo jarro, e desdobra e limpa a mesa;
Os pães a despenseira atenciosa
Traz da copa e iguarias reservadas;
105 Eteoneu trincha e distribui as carnes;
Ministra o vinho o ilustre Megapentes;
Logram-se do banquete os comensais.
Depois jungem Telêmaco e o Nestório
O árdego tiro, ao vário coche montam,
110 E o vestibulo deixam ressonante.
Menelau vai com eles, áurea taça
Tendo na destra, a fim que à despedida
Libem do almo licor, e ante a parelha
Venerando lhes fala: “Adeus, mancebos;
115 Recomendai-me ao ínclito Gerênio;
Doce pai me foi sempre, enquanto aos muros
De Ílion nós os Grajúgenas pugnamos.”
“À risca, ó generoso, o teu recado,
O Ulisseida acudiu, referiremos.
120 Oh! se na volta, os ricos dons à vista,
Eu contasse a meu pai favores tantos!”
Súbito uma águia à destra sobrevoa,
Empolgando no pátio enorme ganso;
Mulheres e homens a gritar a seguem;
125 Apropinqua-se aos moços e à direita
Alteia o surto; em regozijo atentam,

Mas Pisístrato: “Observa, ó rei sublime,
Se é para ti, se para nós o agouro.”
Considerava o Atrida na resposta,
130 E o precede a mulher de peplo ornada:
“A solução do agouro o Céu me inspira.
A águia, ao baixar da brenha onde há seu ninho,
O ganso arrebatou nutrido em casa:
Tornando Ulisses de aflições e erros,
135 Ultrajes punirá; se é que não veio,
E, plantada a vingança, o fruto espera.”
Telêmaco, do carro: “Oh! permitisse-o
De Juno o esposo! A ti, que se um deus fosses,
Deprecaria.” Nisto, açouta os brutos,
140 Que por entre a cidade ao campo correm,
Sem todo o dia desjungidos serem.
Cadente o Sol e escuros os caminhos,
Em Feres hospedados por Díocles,
Filho de Orsíloco, o do Alfeu renovo,
145 Pernoitam; mas, na aurora, o coche arreiam,
Do sonoro vestibulo despedem.
Incitada a parelha e por si voa,
Até que a celsa Pilos descortinam.
Ao Nestório Telêmaco virou-se:
150 “Como é que hás de a promessa preencher-me?
Hóspedes nossos pais, idade a mesma,
Esta viagem nos liga: além do embarque
Não me leves, aqui me apeio, amigo;
Temo instâncias do velho afetuoso,
155 E urge a partida.” — O jovem pensa um pouco,
E à nau ligeiro trota; nela encerra
As dádivas do Atrida: “Amigo, disse,
Antes que eu entre em casa, embarcai todos.
O ânimo e fogo de meu pai conheço:
160 Há de vir em pessoa demorar-te,
Sem de vazio andares; já prevejo
Contra mim seu furor.” Os crinipulcros
Toca para a cidade e se recolhe.
“Aparelhai, Telêmaco aos seus grita,
165 Eia, à derrota.” E enquanto aparelhavam,
À popa ora a Minerva. Ao libar, chega
Por homicídio um de Argos exilado,
Geração de Melampo, que habitara
Em Pilos, mãe de ovelhas, celso alcáçar.
170 Desterrou-se Melampo, receoso

Do preclaro Neleu, que inteiro um ano
Reteve-lhe os tesouros, quando preso
No torreão de Fílace estivera,
Penas curtindo, por amor de Pero,
175 Da atroz Erínis sugestão ruinosa.
Livre, trouxe de Fílace os mugintes
Bois a Pilos; do cru Neleu vingou-se,
Raptada a esposa para o irmão levando.
Passou-se ao povo de Argos pascigosa,
180 Onde era fado em muitos imperasse:
Lá casando, um palácio ergueu soberbo,
E houve os bravos Antífates e Mântio.
Antífates foi pai de Oicleu brioso;
Oicleu, de Anfiarau da gente amparo,
185 Do coração do Egíaco e de Apolo:
Da velhice, contudo, sem que à porta
Batesse, em Tebas sucumbiu traído,
Por enfeites, peitada a mulher sua,
Já de Alcméon e Anfíloco mãe sendo.
190 Gerou Mântio a Polifides e Clito:
Da amante Aurora Clito arrebatado,
Por formoso entre os numes se numera;
A Polifides, morto Anfiarau,
Fez Apolo um profeta, que eminente
195 Vaticinava a todos, na Hiperésia
Pelas iras paternas emigrado.
Profeta era também Teoclímeno,
Filho seu, que, a Telêmaco avistando
Em preces e a libar, alvoroçado:
200 “Amigo, lhe clamou, já que te encontro
Num sacrifício, pelo deus que honoras,
Pela cabeça tua e a dos consócios,
Franco as minhas perguntas satisfaças:
Quem és? de que família? de que terra?”
205 Ei-lo sério e prudente: “Eu não te iludo
Ítaco, hóspede, sou; meu pai, Ulisses:
Neste negro baixel, com estes, ando
A investigar da triste morte sua.”
“E eu, torna-lhe o adivinho, expatriei-me,
210 Tendo matado um cidadão potente:
Perseguem-me os irmãos, e a tribo inteira,
De alta influência e poderio em Argos;
Vago a fugir da Parca. Tu me asila,
Eu to imploro.” — E Telêmaco: “Por certo

215 Não te repulso; em meu baixel, amigo,
Igualmente que nós serás provido.”
Aqui, toma e ao convés lhe encosta a lança;
Consigo à popa o assenta. À voz tonante,
Cabos safa a maruja, à faina atende:

220 Reto encaixam na base o grosso abeto
E o firmam nos ovéns, por tortos loros
Içada a vela expandem. Manda Palas
Brisa feliz, que pelas salsas ondas
Faça o navio despejar caminho.

225 Do Nubíogo ao sopro, o Sol no ocaso,
Perpassa Feres, Élide costeia,
De Epeus domínio; entre ilhas eriçadas
Voga dali, da morte ou vida incerto.

Na choça entanto o herói com seus pastores

230 Ceava, e após sondou se Eumeu queria
Inda mantê-lo: “Agora a vós me explico.
Tenciono de manhã de porta em porta,
Por não vos ser pesado, ir às esmolas;
Fiel guia hei mister para a cidade,

235 A mendigar meu pão sou constrangido.
Vou dar notícias do divino Ulisses
À modesta Penélope, e o sustento
Pedir aos soberbões, que o têm de sobra.
Servi-los-ei; pois, graças a Mercúrio

240 Que honra e prospera as obras, to assevero,
Ninguém melhor o fogo arruma ou poupa,
Racha lenha, cozinha, assa, escanceia:
Primo no que o pequeno ao grande presta.”

E o porqueiro indignado: “Enloqueceste?

245 Projeto infausto! Se perder-te anseias,
Busca essa corja desdenhante e ingrata,
Cuja violência o férreo céu penetra.
Não como tu, sim bem trajados moços,
Louções de ungida coma, lhes ministram

250 Vinho e manjares na profusa mesa.
Fica, a mim nem aos sócios enfastias;
Venha Telêmaco, e terás vestidos
E os meios de partir, como é teu gosto.”

Paciente o Laércio: “Ao rei dos numes,

255 Quanto me és caro, Eumeu, dileto sejas,
Pois de tamanho peso me alivias!
Nada há pior que errar sem domicílio:
Flagela ao triste o vitupério, a fome

O rói e abate, e o pungem mil desgostos.
260 Já que esperar Telêmaco me ordenas,
Da mãe de Ulisses, de seu pai me informes,
Da velhice deixado às negras portas:
Gozam do Sol, ou do Orco estão nas sombras?”
Franco Eumeu: “Vivo o pai, morte ao Supremo
265 Roga, dêz que a mulher, do ausente filho
Agravando-lhe a mágoa, falecida
A velhice apressou-lhe: a um fim tremendo
Foi da materna dor precipitada!
Ah! fujam quantos amo a tal miséria.
270 Mau grado às aflições, lhe era jocundo
Entreter-se comigo: a par criou-me
Da velada Ctímena, última filha,
E quase amor igual me demonstrava.
Na leda puberdade, em Same a casam
275 Com dote infindo, e aos seus currais preposto,
Bem vestido e calçado, meiga e boa
Envia-me Anticléia. Amarga perda!
Mas o Céu frutifica os meus granjeios;
Deles me nutro e valho a desditosos.
280 Oh! se ouvir da senhora inda eu pudesse
A amiga voz! O paço lhe invadiram
A insolência e a desgraça: interrogá-la,
Ou já da própria mesa é-nos vedado
O comer e beber, ir para o campo
285 Com seus dons, o que a fâmulos consola.”
“Ah! da pátria e parentes, clama Ulisses,
Roubaram-te em menino! Ingênuo expõe-nos:
És de vasta cidade sovertida,
Que teu pai habitasse e a casta mãe;
290 Ou junto a bois e ovelhas te furtaram,
E a teu senhor venderam-te piratas?”
E Eumeu: “Pois bebe e escuta, a noite é grande:
Apraz dormir, também deleita o conto;
Nímio sono aborrece, e não te quadra.
295 Se algum destes o quer, pode ir deitar-se,
E n’alva almoce e o gado heril pastore.
Nossas penas à mesa recordemos.
Quem longo há padecido e vagueado,
Acha prazer em memorar seus males.
300 “Demora Ciroz (se hás notícia dela)
Ilha onde estão marcados os solstícios,
Além da Ortígia; embora pouco vasta,

Em greis abunda e armento, em grãos e vinho.
Lá fome nem doença invade os homens:
305 No grêmio da família acabam velhos,
Do Argentiarquivo e Febe asseados.
Lá, nas duas cidades, o Ormênides
Ctésio meu divo pai reinava, quando
Chatins Fenícios dobres a abordaram,
310 Onusta a nau de industres bagatelas.
De casa esses velhacos seduziram
Feniça esbelta e linda, em obras destra:
Lavava, e um deles, junto à nau gozando-a,
A embriagou de amores e carícias,
315 Que à mulher mais honesta o juízo enturvam.
Rogado a moça, declarou quem era
E o paço meu paterno: — Ser blasono
Da erífera Sidônia, do opulento
Aribas filha; Táfios me roubaram
320 Ao vir do campo, a Ctésio me venderam,
Que lhes pagou por mim preço avultado. —
“O amante acrescentou: — Pois vem conosco;
Verás teus pais, que o nome têm de ricos,
Em seu alto palácio. — Isso eu faria,
325 Prosseguiu, se a meus pais restituir-me
Salva jurásseis todos. — Eles juram,
E a moça: — Nunca mais, em fonte ou rua,
Nenhum de vós me fale; que, se o velho
O suspeita, em prisões há de lançar-me
330 E urdir a morte vossa. Eia, segredo;
Completo o vosso escambo e a carga dentro,
Avisai-me com tempo: quanto pilhe,
Ouro trarei. Mor frete oh! se eu vos desse!
Nas casas do senhor penso um menino
335 Travesso e andejo; à nau guiá-lo posso:
Com ele alcançareis copioso lucro,
Se for mercado ao longe. — Disse e foi-se.
“Um ano inteiro a traficar despendem;
E, abarrotada a nau de veniagas,
340 De meu pai veio ao paço um núncio esperto
Com brilhante colar de electro e ouro
Que remirando minha mãe e as servas
De mão em mão passavam: justo o preço,
O sinal faz à escrava e se retira.
345 Ela trava de mim, sai fora; encontra
Nas mesas ao vestibulo a baixela,

Que de meu pai servira aos convidados,
Para o conselho popular partidos;
No seio três esconde copos de ouro:
350 Com pueril descuido a vou seguindo.
Cedia o Sol à treva: ao porto fomos,
Onde o navio estava, pressurosos;
Embarcados, soprando amigo Jove,
Fendemos logo as úmidas campinas.
355 Seis dias e seis noites navegamos:
Subitamente, à sétima jornada,
Como gaiivota, a péssima Feniça,
Aos golpes tomba da frecheira deusa
No bojo do navio, em pasto aos focas
360 E aos peixes foi dos cúmplices entregue,
Eu triste fico e só. Do mar e vento
Aqui trazido, me comprou Laertes:
Ítaca assim de então meus olhos viram:”
“Eumeu, responde o herói, tocou-me n’alma
365 A simples narração das mágoas tuas!
Mas Jove misturou-te os bens e os males;
Depois desse revés, entraste em casa
Benévola, onde a vida se te escoia
Sem fome e dissabor: de praia em praia
370 Errante chego, da pousada incerto!”
Finda a conversação, dormiram pouco;
Veio em breve luzindo a roxa aurora.
A vela os de Telêmaco arriando,
O mastro abaixam, para o porto vogam,
375 Amaram, saltam. Já na areia almoçam;
E, saciada a fome e ardente sede,
Ergue o príncipe a voz: “Para a cidade
Remai; que eu vou-me aos campos e pastios,
À tarde, assim que os vir, serei convosco,
380 E em prêmio desta rota, na alvorada
Almo havereis convívio e doce vinho.”
“E eu, reclamou Teoclímeno vate,
Onde irei filho? à casa de um magnata
Que em Ítaca domine, ou da mãe tua?”
385 Prudente o moço: “A nossa eu te indicara,
Em dons hospitaleiros abundante;
Mas pior te seria, pois me ausento,
Nem verás minha mãe, que em cima tece
E raramente mostra-se. Eu te inculco
390 O de Pólipo Eurímaco, adorado

Em Ítaca, o rival mais extremoso
Que de Ulisses o reino e o toro afeta.
O Olímpio etéreo o sabe, e se tais núpcias
Não tem de alumiar da morte o facho.”

395 Aqui, núncio de Apolo, um circo à destra
Voa e depena a unhas uma pomba,
E entre o navio e o chefe atira as plumas.
A Telêmaco o vate, em separado,
A mão pega e lhe diz: “Sem nume à destra
400 Essa ave não voou; de frente olhando,
O agouro conheci: mais que outra, sempre
Reinará neste povo a estirpe vossa.”

 O príncipe gritou: “Se tal se cumpre,
Liberal provarás minha amizade;
405 Poderão proclamar-te venturoso.”
Vôlto ao filho de Clito: “És dos que a Pílos
Me seguiram, Píreu, quem mais distingo
Na obediência: este hóspede agasalha,
Acarinha e afeiçoa, até que eu venha.”

410 Responde-lhe Píreu: “Por mais que seja
Longa a demora tua, hei de afagá-lo
E prevenir em tudo os seus desejos.”

 Então Píreu se embarca, e a seu mandado
Soltam cabos e abancam-se nas tostes.
415 Pulcros talaes calça, e de érea ponta
Lança arvora Telêmaco robusta.
Para a cidade os sócios navegavam,
Como ordenara o ínclito Ulisseida;
E ele às pocilgas parte, que o zeloso
420 Fiel porqueiro a seu senhor mantinha.

NOTAS AO LIVRO XV

107 — *Comensal e convidado* são os termos que correspondem ao que os Franceses dizem *convive*. Este último, de origem latina, tem sido modernamente adotado, e era no meu tempo do uso de Coimbra: eu dele me tenho servido em várias ocasiões (posto que não venha no dicionário) por ter menos sílabas e se acomodar melhor ao verso.

246 — A palavra *corja* é baixa, como o é *omilos* do grego; mas está posta na boca de um porqueiro. Por esta ocasião, direi que admiro a maneira por que Homero, neste livro e no antecedente, exalta o pobre Eumeu, descrevendo as suas nobilíssimas qualidades. Os principalmente da escola do século de Luís XIV, v. g. Laharpe, que todavia não era um grande fidalgo, não admitiam um humilde figurando nos dramas sérios ou nas tragédias: nestas, lhes eram precisos reis, imperadores, sumos-sacerdotes, generais, duques (os marqueses por má sorte foram degradados para as comédias), condes, barões ou pelo menos cavalheiros e ainda os capitães da guarda real. Assim, Laharpe, louvando no *Pai de Famílias* de Diderot o caráter cômico do marechal, diz positivamente que não lhe agradam tragédias caseiras, consagrando a regra arbitrária de Aristóteles; como se o sublime e o patético só pudessem vir das elevadas condições sociais, como se todas as dores humanas não comovessem os corações. O dramático de Inglaterra, os nossos bons contemporâneos, razoavelmente se desataram de tais preceitos; muitos porém cuidam que todos os antigos eram desta errônea opinião: basta lermos Homero para nos capacitarmos do contrário. O sublime vem da alma, as virtudes e os generosos conceitos são de todas as classes; e até parece que, se uma família por causa do *lustre do sangue* não se retempera no popular, acaba às vezes por ficar estúpida e insensível, e por consequência, incapaz de grandes pensamentos. Eu conheço uma onde, casando sempre entre si os parentes, abundam mentecaptos; conheço outra, que, pela mesma razão, tem tomado um tipo e figura particular, e está bem longe de poder servir de modelo a pintores e escultores. Perdoem-me a digressão.

283-285 — Os tradutores, em geral de países onde felizmente não há escravos, conceberam mal esta passagem: Homero não diz que eles comessem à mesa da senhora, sim em presença da senhora; se comiam na mesma sala, era em mesa separada. No Maranhão, quando se jantava sem hóspedes, os crioulinhos (os meninos escravos nascidos em casa) estavam de roda; e os senhores, sobretudo os outros meninos, repartiam com eles do melhor, para que exclusivamente não comessem do sustento mais grosseiro dos escravos maiores. Eu em pequeno tinha um chamado Genésio a quem, por anterior promessa, deixava no prato uma porção de doce ou de outra iguaria escolhida para o que me serviam abundantemente. Em todas as famílias o mesmo acontecia, e consta-me que ainda acontece: isto prova que, apesar das preocupações, a natureza reluta e pugna pela fraternidade dos homens todos; e no coração dos meninos, mais singelo e menos orgulhoso, é que se levanta e brada com mais força. A ilustríssima e patriótica autora do *Rancho do tio Tomé*, acima do mesmo Bernardin de Saint-Pierre, descreve algumas das cenas entre senhores e escravos com verdade e exatidão; e vários Europeus a têm por exagerada por ignorarem os costumes e usos de que trata no seu livro admirável. A escravidão no tempo de Homero, menos dura que em Roma, se assemelhava mais à do nosso Brasil; contudo, na mesma de Roma havia cousas inteiramente conformes às nossas, como bem reflete o major Taunay, douto e porventura o mais recomendável tradutor das obras de Terêncio em francês, o qual tem vivido no Brasil muitíssimos anos; vivenda que, a meu ver, o habilitou para melhor entrar nos segredos e primores do elegante e sábio liberto Africano.

301 — Homero não pôs errado Ciro ao poente da Ortigia, que na verdade fica ao nascente; mas fala do quadrante solar, que havia na mesma ilha, ao depois renovado por Ferecides, filósofo ali nascido, que na sua escola de Samos teve por discípulo a Pitágoras.

395 — *Circo*, do latim e do grego, chama-se também em português uma espécie de açor que, segundo o léxicon do padre mestre Pinho Cabral, é coxo de um pé: em francês carece de nome, ou pelo

menos foi desconhecido a Noel, que o define *sorte d'oiseau de proie*, e noutro lugar o confunde com o gavião: e os nossos dicionários, à exceção do citado, não o mencionam.

LIVRO XVI

O herói de madrugada e Eumeu divino
Fogo acendem na choça e almoço aprestam,
Indo os serventes pastorar os porcos.
Sem latir, a Telêmaco aventando,
5 O festejavam cães; sentindo Ulisses
As caudas a mover-se: “Eumeu, gritou-lhe,
Ou sócio ou conhecido se aproxima;
Tropel me soa, e os ledos cães não ladram.”
Mal acabava, à porta o jovem pára;
10 E, pulando o porqueiro atabalhado,
Caem-lhes os vasos e o licor transfuso;
A encontro, as mãos lhe beija e a testa e os olhos.
Qual pai, ao décimo ano, ameiga a prole
De longes terras vinda, a só que em velho
15 Teve e lhe suscitou mil pesadumes;
Tal o pastor seu amo acaricia,
Como um ressuscitado, e exclama e chora:
“Eis-te, meu doce lume! dêz que a Pílos
Navegaste, rever-te não contava.
20 Entra, meu coração deleita, ó filho,
A nós restituído: raro o campo
Visitas e os pastores; na cidade,
Contino observas os funestos procos.”
“Velho irmão, diz Telêmaco, obedeço;
25 Ver-te e ouvir-te aqui venho; tu me informes
Se inda está minha mãe no seu palácio,
Ou se casou: talvez aranhas torpes
Jazam de Ulisses no vazio leito.”
“Ela, o informa o pastor, no teu palácio
30 Constante sofre; a suspirar consome
A noite aflita e o lagrimoso dia.”
A lança então recebe, e o amo salva
A lapídea soleira. O assento Ulisses
Quer ceder, mas Telêmaco o proíbe:
35 “Não te incomodes, hóspede; um assento
Me ajeitarão.” Seu posto Ulisses toma;
Ele abanca-se em ramos que de peles
Eumeu forra. O pastor pães em cestinhos,

De assados pões de véspera escudelas,
40 Num canjirão mistura o doce vinho,
Do grã Laércio em frente se coloca;
Os comensais atiram-se às viandas.

Fartos enfim, Telêmaco interroga:
“Velho irmão, como este hóspede aqui veio?
45 Que nautas o trouxeram? de que terra?
A Ítaca não creio a pé viesse.”

Assim falaste, Eumeu: “Digo a verdade.
Ser de Creta blasona, e haver corrido
Muitas cidades por divino influxo.
50 De nau Tesprócia escapo, aqui chegou-se.
Dispõe dele a prazer, eu to encomendo;
Súplice teu se ufane.” — “Amigo, o jovem
Lhe bradou precavido, que proferes?
Comigo ter um hóspede! Não posso,
55 Tão moço, defendê-lo de uma afronta:
Minha mãe ora no ânimo cogita
Se, dedicada ao filho, a seu marido
E ao público respeite, ou se dos Gregos
Se una ao melhor que à larga a presenteia.

60 Já que nesta choupana o recolheste,
Capa e túnica, ancípite uma espada
E sandálias terá, terá passagem
Para onde se lhe antoje. Hei de mandar-lhe,
Se o cá deténs, a roupa e o mantimento,
65 Para não te comer e aos sócios tudo.
É perigo na régia apresentá-lo;
Os soberbões cruéis o insultariam,
Agra dor para mim: do herói mais forte
Contra muitos e tais é baldo o empenho.”

70 O pai se entremeteu: “Se opinar devo,
O que, amigo, te ouvi rói-me as entranhas:
Sendo quem és, tiranos tais protervos
A teu olhos conspiram! Não resistes,
Ou por celeste voz te odeia o povo?
75 Acusas tu a irmãos, em cujo esforço
Nas maiores discórdias confiamos?
Por que a idade ao valor não corresponde!
Por que não sou seu filho, ou mesmo Ulisses,
Em quem inda se espera! Esta cabeça
80 Me cerceassem, do Laércio aos paços
Despejo tal se castigar não fosse.
Antes morrer, da vil caterva opresso

Nos lares meus, que vê-los sem decoro,
Violadas servas, hóspedes vexados,
85 Sem fruto as produções e o vinho exausto.”

Respondeu-lhe Telêmaco: “Em verdade,
Nem povo hostil, nem meus irmãos acuso,
Em quem mais nas discórdias confiamos.
Fez Jove solitária a nossa estirpe:
90 De Arcésio foi gerado o só Laertes;
Só foi deste meu pai; só fui de Ulisses,
Que não fruiu das filiais carícias.
Tem ora inçada a casa de inimigos:
De Ítaca bronca, de Zacinto umbrosa,
95 E de Same e Dulíquio, os optimates
Requestam minha mãe, seus bens consomem
Ela as núpcias odiosas nem rejeita,
Nem as conclui; entanto, os pretendentes
Hão de em breve de todo arruinar-me:
100 Jaz porém minha sorte aos pés dos numes.
Eumeu, sus, à rainha me anuncies
Incólume de Pilos: cá não tardes;
Nenhum te sinta que meu dano teça.”

“Percebo, diz Eumeu; terei cautela.
105 De uma via posso eu participá-lo
A teu mesquinho avô? Com mágoa embora
Do ausente filho, aos servos presidindo,
Se nutria à vontade; mas, a Pilos
Dês que te foste, o vinho enteja e o pasto,
110 Esquece-lhe o trabalho, e geme e chora,
Tábida a cútis se lhe apega aos ossos.”

“Triste aflição! Telêmaco pondera;
Mas deixá-lo na dor convém por ora:
A nosso arbítrio se estivesse tudo,
115 Era aqui já meu pai. Tu anda e volta,
Para o avisar no campo não divagues;
Minha mãe que despache a despenseira,
E esta em segredo o comunique ao velho.”
As sandálias Eumeu calçado, parte.

120 A partida a Minerva não se esconde
Que tem-se à entrada, na gentil figura
De moça airosa e no lavor perita.
A Telêmaco invisível (um neme a todos
Não se apresenta), Ulisses a descobre,
125 E os cães também, que sem ladrar fugiam
Pelo pátio a ganir. Das sobranceiras

Ao sinal, entendido sai da choça
E extramuros o herói; fronteira Palas:
“Divo Laércio, diz, abre-te agora
130 Com teu filho; à cidade encaminhai-vos
O extermínio a tramar dos pretendentes:
Sem mora a combater serei convosco.”
Eis de áurea vara o toca; da alva capa
E da túnica dantes o reveste,
135 O engrandece e vigora o nédio rosto,
Morena a cor de novo, azula a barba.
Isto completo, retirou-se Palas.
Volve Ulisses; pasmado o filho caro
Vira os olhos, temendo que um deus fosse,
140 Veloz fala: “Diverso me apareces,
Tens, hóspede, outras vestes e outra cútis;
Certo és um dos celícolas. Benigno
Tu nos perdoa, e gratos sacrifícios
E áureos dons haverás.” Súbito Ulisses:
145 “Não sou deus, a imortais não me equipares;
Sou teu pai, sou quem choras, quem suspiras,
Por quem padeces vitupérios tantos.”
Nisto a seu filho beija, e à terra a pares,
Não mais contidas, lágrimas borbulham.
150 Mas Telêmaco incerto: “Eu não te creio;
Não és meu pai, és deus que assim me enganas
E aumentas minha dor. Um simples homem
Por si não se transforma em velho ou moço:
Tu, decrépito há pouco e mal trajado,
155 Um íncola do Olimpo ora semelhas.”
Contesta o sábio herói: “Não te é decente
Filho, surpresa tal, nem outro Ulisses
Verás; sou eu, que, após tremendas provas,
Chego ao vigéssimo ano à pátria amada.
160 A predadora Palas me converte
Num apôsto mancebo ou num pediente:
A prazer, aos celícolas é fácil
Tornar qualquer mortal formoso ou torpe.”
Aqui, sentou-se; o príncipe entre os braços
165 O estreita a soluçar: incita o amplexo
O desejo de lágrimas em ambos:
Seus gemidos estrugem, quanto os grasnos
De abutres e águias de recurvas unhas,
A quem pilhou pastor ninhada implume.
170 E o Sol cadente em prantos o deixara,

Se Telêmaco ao pai não perguntasse:
“Que nautas cá, meu pai, te conduziram?
A Ítaca a pé de certo não vieste.”

O paciente Ulisses respondeu-lhe:

175 Transportaram-me os ínclitos Feaces,
Que usam fazê-lo aos mais que lá naufragam.
No ligeiro baixel dormindo sempre,
Fui deposto na praia, de ouro e cobre
E belas teias rico; dons que em antro
180 Por divino favor se arrecadaram.
Palas mandou-me aqui tratar contigo
Do estrago desses procos: quais e quantos
Numera-os tu; pois no ânimo valente
Pesarei se podemos debelá-los,
185 Ou se nos é mister auxílio estranho.”
Mas Telêmaco: “Eu sei, pregoa a fama,
Quão prudente és, meu pai, guerreiro e forte;
Nímio porém me assombra o teu discurso:
Dous sós, tantos valentes combatermos!
190 Nem dez são, nem o dobro: enviou Dulíquio
Cinquenta e dous galhardos, com seis pajens;
Oitenta e quatro, Same; tem Zacinto
Vinte Gregos de prol; Ítaca mesma,
Ótimos doze, com Médon arauto
195 E o cantor, mais dous hábeis cozinheiros.
Temo, se a todos atacarmos dentro,
Que proves ao regresso amargos transes:
Olha se ativo auxiliar careias.”

Ulisses retorquiu-lhe: “Ouve-me; atenta

200 Se nos bastam Minerva e o pai Satúrnio,
Ou se outro ajudador nos é preciso.”
Logo o filho: “Esses podem lá das nuvens,
Mais que homens e outros numes, socorrer-nos.”

De novo Ulisses: “Longo tempo fora

205 Não serão da peleja, ao decidi-la
Em meu palácio o marcial denodo.
Vai n'alva reunir-te aos arrogantes;
Serei, na forma de um mendigo anoso,
Guiado por Eumeu. Sofre no peito
210 Que da nossa morada eles me enxotem,
Rojem-me a pontapés e golpes vibrem;
Com doçura os modera, a dor sopeia:
Nenhum te escutará, que os cerra o fado.
N'alma isto agora imprime: quando Palas

215 Mo influir, ao meu nuto as armas leves,
Que estão na sala, para o andar cimeiro;
E caso alguém o estranhe, assim te escuses:
— Quais as deixou meu pai, já não luziam,
Do vapor do fogão fui preservá-las;
220 E outro medo o Satúrnio suscitou-me:
Entre os copos, ferir-vos poderíeis,
Nosso convívio e os esponsais manchando;
Pois a força do ferro atraí o homem.
Reserva para nós só dous alfanjes,
225 Dous maneiros broquéis e lanças duas,
Para a divina empresa: hão de Minerva
E o providente Jove conturbá-los.
E se és meu sangue, filho, em ti sepultes
Este arcano; de Ulisses ninguém saiba.
230 Laertes, o pastor, qualquer dos servos,
Nem Penélope mesma. Só tentemos
O pensar das mulheres; qual dos nossos
Nos respeita e aprecia; de seus amos
Qual ingrato se esquece e te honra pouco.”
235 E o filho: “Ó pai, conhecerás, espero,
Que nem cobarde sou, nem leviano:
Mas julgo, e tu reflitas, que a nós ambos
É dúbio o lance. Ao passo que examines
Os servos um por um, de prédio em prédio,
240 Os tais sem dó nem pejo a casa esbanjam.
Das mulheres, concordo, é bom que indagues,
Das ruínas que teus lares enxovalham:
Quanto aos homens, difere até que acene,
Se teu acenar, o egípero Satúrnio”
245 Entretanto, abordava a nau remeira
Que trouxera a Telêmaco de Pilos;
Em seco e desarmada, os da equipagem
De Clito em casa os ricos dons puseram.
À prudente rainha arauto expedem
250 A anunciar que o filho, já no campo,
Os mandava vogar para a cidade;
E a mãe suspenda os prantos e os temores:
O arauto e Eumeu se encontram no caminho.
Do rei divino ao pórtico chegados,
255 O arauto grita em público: “Senhora
Veio o caro Telêmaco.” Em voz baixa
Expondo Eumeu do príncipe o recado,
Sai do recinto e a seus currais se torna.

Mestos os pretendentes, ante as portas
260 Sentam-se externas. De Pólipo o nado
Eurímaco encetou: “Cumpriu-se, amigos,
Plano audaz que julgávamos falhasse,
E regressou Telêmaco: esquipemos
Outro lesto baixel que advirta os sócios.”
265 E vôlto ao mar Anfínomo, um navio
Entrando a remos no profundo porto
Viu, já dobrado o pano, e a rir começa:
“É supérfluo um aviso, ei-los que arribam.
Ou lho disse algum deus, ou deram caça
270 E lhes fugiu Telêmaco.” Eles presto
Vão-se à praia; a maruja, a nau varada,
A despia de enxárcias e aparelhos.
Ali junto um conselho, sem que ou moço
Ou velho se abancasse, Antino enceta:
275 “Os Céus a ponto, amigos, o salvaram!
De dia assíduas em ventosos cumes
Sentinelas havia; ao Sol ocaso.
Rumo do mar, à noite navegando,
Nunca em terra dormíamos, à espera
280 Que ao rosicler da aurora aparecesse
E insidiado vítima nos fosse:
Um nume o protegeu. Deliberemos:
Se viver, malgrado é nosso intento.
Ele é firme e discreto, e já não somos
285 Como dantes benquistos: crede, ao povo
Excitado arengando em parlamento,
A nossa trama explicará baldia;
E o povo em sanha, desta ação bramindo
Pode exilar-nos para estranha terra.
290 Ou no campo ou na estrada combinemos
Dar cabo dele: haveres e tesouros
Partilhando igualmente, à mãe cedemos,
E ao marido que eleja, este palácio.
Vivo se inda o quereis, e em plena posse
295 Dos bens paternos, é melhor cessarmos
De lhos comer; e cada qual, dotando-a,
A resqueste de casa: ela que espose
Quem mais a prende ou favoneie a sorte.”
Emudeceram; mas ergueu-se Anfínomo,
300 Do Axetíades Niso real prole,
Chefe dos procos de Dulíquio herbosa
E pingue em cereais, por bom e afável

Mais à rainha grato, e orou sisudo:
“Amigos, eu me oponho. A régio garfo
305 Árduo é matar; os deuses consultemos:
Se o reto Jove o aprova, eu mesmo os golpes
Hei de vibrar afouto e compelir-vos;
Do contrário, nos cumpre aquietarmos.”
Prevalece este aviso, e levantados,
310 Vão-se ao palácio em tronos se recostam.
A sensata Penélope, instruída
Pelo arauto Médon do atroz conluio,
Presentar-se resolve aos afrontosos;
Entre mulheres, véu luzido ao rosto,
315 Majestosa ao limiar da ornada sala,
Increpa Antino: “Em vão, cruel, te aclamam
Dos coevos primeiro em siso e falas;
Néscio, ante Jove aos súplices atento,
Urdes ao meu Telêmaco a ruína!
320 É ímpio de outrem cogitar a morte,
Esqueces que teu pai teve este asilo,
Fugindo à multidão, pós ele acesa
Porque aos Táfios ladrões se unira em dano
Dos aliados nossos os Tesprotes?
325 Rasgar-lhe o peito e os bens queria o povo
Destruir-lhe; o furor susteve Ulisses:
Desonras deste a casa, a esposa tentas,
Matas-lhe o filho, minha dor cumulas.
Cessa, Antino, e teus cúmplices que cessem.”
330 Eurímaco arengou: “De Icário, ó prole,
Bane d’alma o temor; nem há, nem houve,
Nem haverá quem mãos ponha em teu filho,
Enquanto eu vir o Sol. Digo e executo:
Nesse traidor ensoparia a lança.
335 O turrífrago Ulisses amiúde
Aos joelhos me serviu de vinho e carnes:
A Telêmaco eu amo sobre todos.
Não receies que a morte lhe inflijamos:
A que vem do Supremo não se evita.”
340 Ele a conforta, e o crime ruminava.
Ela sobe, e na câmara estupenda
Geme o querido esposo, até que os lumes
A olhi-cerúlea em sono lhe abebera.
Vindo o pastor à tarde, para a ceia
345 Um bácoro feriu. Da vara ao toque,
Logo, ao Laércio avelhantou Minerva,

Em trapos o envolveu: se o conhecesse,
Poderia a Penélope ir contá-lo,
E um nem outro conter-se. — “Eumeu divino,
³⁵⁰ Adiantou-se o mancebo, que há de novo?
Estão já dentro os arrogantes procos,
Ou de espera no estreito me insidiam?”
Respondeste, ó pastor: “Vagar não tive
De o saber; apressado as ruas corto,
³⁵⁵ Noticio e regresso. Mas um núncio
Topou-me, que teus sócios expediram;
Ele é que a tua mãe falou primeiro.
Ouve agora o que vi: já fora estava
De Mercúrio no monte, quando o porto
³⁶⁰ Navio entrou veloz, de gente cheio,
De éreos broquéis e bipontudas lanças:
Que eles eram suspeito, eu não to afirmo.”
Olhos volvendo ao pai, sorri-se o moço
E esquiva os do pastor. Já pronto o assado,
³⁶⁵ Logram-se do convívio, sem queixume
De porções desiguais. Depois, refeitos,
Na cama em sono doce adormeceram.

NOTAS AO LIVRO XVI

33-65 — Diz Pindemonte ser de mármore a soleira da choupana de Eumeu; é sobeja riqueza para a casa de um porqueiro: Homero só diz que era de pedra. — A passagem vertida no meu verso 65 faz conjecturar que certos escravos em Ítaca tinham alguma cousa de seu, que nem tudo pertencia exclusivamente aos senhores; pois, a ser tudo dos senhores, Telêmaco não dissera que ia mandar a Eumeu com que sustentar o mendigo, para este não lhe ser pesado. Nas fazendas do Brasil, os senhores permitem aos escravos cultivar para si um pequeno terreno, ou também criar seus porcos e galinhas etc, e tais produtos são inteiramente dos escravos; para o que há um dia da semana em que eles trabalham no dito terreno, e se lhes dá o tempo necessário ao trato dos seus animais: os econômicos e ativos não raramente adquirem dinheiro e com ele conseguem a sua alforria. Parecia que havia quer que seja de semelhante, ao menos em alguns lugares da Grécia.

85 — *Anêmustõ epi ergõ*, M. Giguet traduz assim: *pour une entreprise qui ne s'accomplira pas*. Este modo de falar indicaria em Ulisses uma confiança no futuro, não própria da sua habitual cautela. Sou com Pindemonte, que interpreta: *indarno e senza fine o frutto*.

89-91 — Rochefort, louvando este lugar, afirma que a repetição de *mounon*, que significa *só, ne saurait guère passer dans une traduction*. E não se limita à sua língua, decide logo de todas, como se ele as tivesse examinado: é defeito de não poucos tradutores franceses, quando não acertam com frase que bem traslade o original afirmar que nenhuma outra língua o pode conseguir. Ora, se Homero não oferecesse outras dificuldades, a que nota Rochefort não embarçara nem embaçaria a tradutor nenhum: Pindemonte verteu a repetição do *mounon*, eu também o fiz; e qualquer francês, querendo, o pode fazer, pois que a sua língua a isto se presta otimamente.

136 — Desta passagem vê-se que Ulisses era trigueiro e de barba negra: o adjetivo *melagchroiês* refere-se à tez; *kuaneai* refere-se à barba, que, se é negra e feita, azul parece. Em um dos livros antecedentes, se diz que Ulisses tinha os cabelos da cabeça louros, o que não é contradição, pois há muitos homens de barba negra e de coma alourada ou mesmo loura. Combinado porém tudo que vem neste poema, antes se deve pensar que Ulisses tinha os cabelos da cabeça da cor dos que dizemos castanhos.

167-169 — Belíssima comparação: os dous heróis a chorar, principalmente Ulisses, a quem o poeta chama tantas vezes o *destruidor de cidades*, eram como águias ou abutres a grasnar pelos filhos perdidos. Por esta ocasião, Rochefort lembra a imitação de Virgílio na *Geórgica*, principiada por aquele verso nunca excedido: “Qualis populea moerens Philomela sub umbra.” Acrescenta porém: “Je ne pense pas, comme Pope, que Virgile ait judicieusement substitué le rossignol à l'aigle. Le rossignol, que chante toujours au commencement du printemps, ne forme pas de sons plus touchants lorsqu'on lui a enlevé ses petits, que lorsqu'on a respecté son nid; au lieu que l'aigle, ou l'autour, passait, réellement, chez les Anciens, pour déplorer amèrement la perte de ses petits lorsqu'on les lui enlevait; et c'était peut-être pour cette raison que dans les hiéroglyphes Eypiens, l'autour représentait la douleur. Ainsi, il y a ici dans Virgile une faute contre l'imitation exacte de la Nature, et en voulant embellir Homère, il s'est écarté de la vérité”. Antes de combater essa opinião, direi que Rochefort sem dúvida era habilíssimo em distinguir os diferentes sons das aves, e que, a ter vivido na antiguidade, fora talvez um excelente adivinho. Donde tirou ele que o rouxinol, cujo canto é variadíssimo, não tenha sons mais ternos e maviosos para carpir os filhinhos perdidos? em que observações funda a sua sentença? Não há naturalista que tal assevere: ao contrário, não é de crer-se que o rouxinol seja uma exceção, quando os animais, ao menos os que têm sido observados, usam de sons diversos em diversas ocasiões. Já Lucrécio o havia notado a respeito dos cães; e é indubitável que o naturalista Virgílio com pleno conhecimento da matéria adotou a mudança. Homero com razão compara o prantear dos heróis aos gemidos da águia e do abutre; mas o Latino judiciosamente, como o notou o poeta inglês, serviu-se do

rouxinol. E por quê? porque Orfeu, que era um suave cantor e não um guerreiro, com mais propriedade é comparável em seus queixumes à ave mais conhecida pela doçura da sua voz. Podia Virgílio, sem incorrer em censura servir-se de outra ave canora, mas escolheu o rouxinol para exaltar a música de Orfeu e a ternura dos seus gemidos. — Fora melhor que Rochefort se contentasse de ser um dos péssimos tradutores de Homero, e fugisse de criticar miúdas vezes, do que ele mesmo se gaba, as imitações em que o poeta do bom gosto, por consenso dos imparciais, não raramente excede a seu grande mestre.

211 — Pensam, muitos que Ulisses diz que Telêmaco dissimule, ainda que seu pai seja arrastado pelos pés fora da sala; isto supõe que, para o enxotarem, o derribariam e o puxariam pelos pés; o natural porém, quando se quer fazer outrem sair de uma casa, é levá-lo a empurrões, ou a pontapés, se a violência é maior. Eu não me contentava com o sentido que se tem dado às palavras de Homero; e havendo em Pisa, na mesma casa que habitei, um estudante Grego instruído na sua língua tanto moderna como antiga, pedi-lhe que me traduzisse literalmente a passagem do poeta, sem declarar qual fosse a minha opinião: com prazer o ouvi traduzir que Telêmaco dissimulasse, ainda que Ulisses fosse levado a pontapés; e o moço acrescentou que parecia-lhe impossível outra interpretação. Ora, não obstante ser eu contrário aos que opinam que a pronúncia do grego moderno seja em tudo conforme à do antigo, estou convencido de que bem conhecer o moderno é grande vantagem para conhecer o antigo; sendo, como é certo, que as modificações e alterações são muito menos consideráveis que as dos idiomas de origem latina em confrontação com a língua mãe.

224-225 — A meu ver, diz Ulisses ao filho que deixe dois escudos *maneiros*; porque uma sala, por maior que fosse, era estreita para um combate, e nela mais convinham escudos não muito grandes, para melhor se manejarem. As espadas eram também curtas, *phasgana*; sós as lanças eram das ordinárias, *dourê*.

277 — *Ocaso* adjetivo, por *cadente*, se é latinismo, já o foi de Francisco Manuel nos *Mártires*, na descrição do Paraíso.

LIVRO XVII

Calça Telêmaco, ao raiar da aurora,
Belas sandálias, forte lança adapta:
“Irmão, disse o pastor, corro açodado;
Sem que me veja minha mãe, duvido
5 Que ela suspenda o lagrimoso luto.
Nosso hóspede infeliz, eu to prescrevo,
Guia à cidade; ali seu pão mendigue,
Nem faltará quem dê: com tantas penas,
É-me impossível sustentar a todos.
10 Não se agrave, é pior; praz-me a franqueza.”
E ele: “Nem quero me deter no campo;
Melhor, amigo, esmola-se nas ruas.
De útil ser aos currais não sou na idade,
Nem de curvar-me em tudo à voz de um chefe.
15 Anda; irei com teu servo, assim que ao fogo
Me aqueça e alteie o Sol: com tais vestidos,
Longa a via se diz, o orvalho temo.”
Do Laércio o querido veloz parte,
Semeando na mente o mal dos procos.
20 Chegado, a uma coluna encosta a lança
Entra o portal marmóreo: é visto logo
Da ama Euricléia, que em dedáleos tronos
As peles estendia, e vem chorando;
Beijam-lhe em torno as mais a testa e os ombros.
25 Sai, de Artêmide igual e da áurea Vênus,
Da câmara Penélope, a seu filho
Consigo estreita, o rosto e pulcros olhos
Terna lhe oscula, e suspirando geme:
“Eis-te, meu doce lume! não mais ver-te
30 Cria, dês que a saber do pai notícias,
Oculto e a meu pesar, te foste a Pilos.
Conta-me o que passaste.” — “Ó mãe, responde,
Livre eu do risco, o pranto não me excites.
Lava e de limpas vestes cinge o corpo;
35 Com tuas servas monta, aos numes vota,
Vingue-me Jove, inteiras hecatombes.
À praça irei chamar um forasteiro
Que também embarcou-se, e adiante veio

40 Com meus divos consócios; no ausentar-me,
A Pireu confiei sua hospedagem.”

Vozes tais sem efeito não voaram:
A mãe lava-se e veste, aos numes vota,
Se o vingar Jove, inteiras hecatombes.
Atrás com dous alãos e em punho a lança
45 Graça divina a lhe infundir Minerva,
No garbo o admira o povo; em roda os procos,
Traição n’alma incubando, o lisonjeiam.
Ele se afasta, e ao pé de amigos velhos
De Ulisses vai sentar-se, de Haliterses,
50 E de Antifo e Mentor, que o interrogam.
O lanceiro Pireu pela cidade
O hóspede guia ao foro, e a poucos passos
A Telêmaco diz, que os topa e encara:
“De minha casa aqueles dons, amigo,
55 Manda buscar.” — Telêmaco responde:
“O que será, Pireu, nós ignoramos.
Se matam-me em segredo e o meu partilham,
Goza esses dons, não eles; se triunfo,
Então ledado a mim ledado os restituas.”

60 Do hóspede miserando aqui se apossa,
Condu-lo ao seu magnífico aposento;
E, em poltronas e escanos posto o fato,
Banham-se em lisas tinas; das criadas
Sendo ungidos e envoltos em felpudas
65 Moles capas e túnicas macias,
Recostam-se em camilhas. Qual das servas
Água lhes verte às mãos, qual mesa limpa
Desdobra; a despenseira atenciosa
Traz com pão reservadas iguarias.
70 Senta-se a mãe junto ao pilar defronte,
Um volve ténue purpurino fuso.
Refeitos já, Penélope queixou-se:
“Ao toro, filho, subirei viúva,
Quem lágrimas ensopo desde a empresa
75 Letal, e antes que intrusos nô-lo empeçam,
De teu pai as notícias não me fias!”
E ele: “A verdade, minha mãe, te exponho.
A Pilos navegamos; recebeu-me
O maioral Gerênio, como a filho
80 De fresco vindo ao lar pós longos anos,
E houve-se amiga a sua ilustre prole.
De Ulisses nada ouviu; mas num seu carro

A Menelau me fui, com quem vi junta
Helena, a causa de fatais horrores.
83 De ir à divina Esparta o régio Atrida
Perguntou-me a razão: contei-lhe tudo.
Indignado o valente: “Hui! vis imbeles
De um guerreiro completo ao leito aspiram!
Se de mama os cervatos mete em pouso
90 De um leão cerva incauta, e ao vale ou bosque
Vai pascer, no covil os traga a fera:
É como os tragará na volta Ulisses.
Permiti que se mostre aos pretendentes,
Ó Jove, Palas, Febo, como em Lesbos,
95 Quando ao provocador Filomelides
Prostrou na luta, com prazer dos Gregos:
A boda em breve acerba lhes seria.
Dir-te-ei sem rebuço o que me imploras:
Descobriu-me o veraz marinho velho
100 Que em pranto o vira, e que o retém Calipso;
Que dessa ilha, sem baixel nem vogas,
Romper o dorso equóreo não podia. —
Assim de Menelau sendo informado,
Cá regressando, com favônias auras
105 Conduziram-me a Ítaca os Supremos.”
Comovida Penélope, exclamou-lhe
Teoclímeno vate: “Ó veneranda
Mulher de Ulisses, muito ignora o filho;
A profecia escuta: a Jove atesto,
110 A mesa hospitaleira, a que me asila
Casa do forte herói, que já na pátria,
Ou quedo ou serpeando, ora o castigo
Traça do mal. Telêmaco os agouros
Que observei no baixel, presente os soube.”
115 A quem Penélope: “Oxalá se cumpram!
De mim terás penhores de amizade,
Que hão de, hóspede, aclamar-te venturoso.”
Ao pórtico, entretanto, os pretendentes,
N’área onde a contumélia exercitavam,
120 A disco e a dardo se entretêm jogando.
Já do pastio as greis se recolhiam,
E admitido aos festins, Médon graceja:
“De jogos basta, ó jovens, ao banquete;
A seu tempo um jantar é bem cabido.”
125 Entram; pousando os mantos em poltronas,
Para o convívio imolam gordos porcos,

Ovelhas, cabras e armental novilha.

Ir do campo à cidade se dispunham
Ulisses e o pastor, que diz primeiro:
130 “Por guarda, hóspede, aqui te aceitaria;
Mas, prescreve-o Telêmaco, partamos,
Se é teu desejo: de um senhor me custam
Repreensões e ameaças. A caminho;
O dia aumenta, e esfriará de tarde.”
135 Presto Ulisses: “Recordo-me e compreendo
Vamos, tu me dirige; um bordão corta
Em que me apoie na escabrosa rota.”
E o remendado alforje por seus losos
Às costas prende. O maioral porqueiro,
140 Fornecido o bordão, fiando a casa
Aos bons servos e aos cães, vai conduzindo
E sustendo seu rei, que parecia
Decrépito mendigo esfarrapado.
Já, por áspera via, à fonte chegam
145 De alvo cristal, de que a cidade bebe,
Construída por Ítaco, primeiro,
Nérito e Politor, bosque o circula
De uns aquáticos choupos; frio o arroio
Da penha rui; tem ara as ninfas no alto,
150 Em que todo o viandante sacrifica.
De Dólio o filho os encontrou, Melanto
Que ia, com dous zagais, levar aos procos
Do cabrum gado a flor. Minaz, ao vê-los,
Ao Laércio punziu com seus doestos:
155 “Um mau leva outro mau; deus há que sempre
Une os iguais. Aonde, ó vil porqueiro,
Guias esse glutão, das mesas peste,
Que aos portais gaste os ombros, não caldeiras,
Armas não, sim migalhas pedinchando?
160 Venha dos meus currais para vigia,
Expurgue o lixo, traga aos chibos folhas;
Beberá soro e criará panturra.
Mas, vadio chapado e mestre em vícios,
Trêmulo a escorregar por entre o povo,
165 Quer encher o bandulho insaciável.
Se ele aos paços reais, eu to asseguro,
Do grande Ulisses for, de mãos nervosas
À cabeça, voando-lhe escabelos,
Tem de a partir, moê-lo ou derreá-lo.”
170 Na perna eis louco um pontapé lhe senta:

Firme Ulisses da trilha nem se arreda;
Cogita se a cajado o estire e acabe,
Ou se o erga e no chão lhe esmague a testa;
Mas coíbe-se e atura. Eumeu rebenta,
175 Alça as palmas a orar: “De Jove ó Náíades,
Se de anhos e cabritos coxas pingues
Ulisses te queimou, torne, eu vos rogo,
E um deus nô-lo encaminhe! A ti, cabreiro,
Dissipavam-se os fumos com que arruas,
180 A zagais incumbindo o pobre gado.”
E Melanto: “Hui! que rosna o cão matreiro?
Olha, que, em negra nau socado, ao longe
Não vão por mantimentos escambar-te.
Assim, de Apolo às frechas ou dos procos
185 Hoje aos golpes, Telêmaco sucumba,
Como é perdido para sempre Ulisses.”
Então ambos deixou, que lentos andam,
E em casa do senhor sem mora entrado,
Põe-se em face de Eurimaco, de todos
190 O seu maior amigo; os moços carne,
Pão lhe abastece a ecônoma. Os dous chegam,
Ouvem cantar ao som da lira Fêmio;
Toma Ulisses a destra e ao pastor fala:
“O palácio real este é suponha;
195 Entre os mais facilmente se distingue,
Por seus andares, átrios, muro e ameias,
E bífores portões inexpugnáveis:
Que se está num banquete o nidor mostra;
Mostra a lira, às funções divino adorno.”
200 Tu respondeste, Eumeu: “Não lerdo, amigo,
Em tudo acertas. Consultemos: queres
Primeiro oferecer-te, eu cá ficando;
Ou ficar, entrando eu? Resolve, e presto;
Se fora alguém te vir, talvez te espanque
205 E te repulse.” — E o paciente Ulisses:
“Percebo o que ponderas. Vai, que é tempo;
Suportar sei feridas e pancadas:
Afeito à guerra e às ondas e a reveses,
Por estes passarei. Mas, não to escondo,
210 Conselheira do mal urge-me a fome,
A fome, que entre vagas furibundas,
Armadas leva contra alheias terras.”
Aqui, deitado um cão, de orelhas tesas
A cabeça levanta, Argos tem nome:

215 Hoje langue, e o nutria o próprio Ulisses,
Antes que se embarcasse. Costumava
Lebres caçar e corças e veados;
Ora de bois e mus no esterco o deixam,
Que às portas se amontoa, enquanto os servos
220 Para estrume da lavra o não carregam.
Jazia ali de carrapatos cheio,
E meigo, assim que a seu senhor fareja,
As orelhas bulindo, agita o rabo;
Mas não pôde acercar-se. O bom Laércio
225 Uma lágrima enxuga às escondidas,
E questiona o pastor: “Um cão tão belo
Pasma que esteja, Eumeu, nesse monturo;
Talvez, com tanto garbo, ágil não fosse,
E à mesa por formoso é que o tratavam.”
230 “É do herói, dis Eumeu, roubado à pátria!
Pasmaras sim, ligeiro e forte e guapo
Se fosse qual no tempo era de Ulisses:
O animal dele visto, ou rastejado,
Não lhe escapava em brenha ou fundo vale.
235 Morto meu amo, enfermo e débil Argos,
Negligentes mulheres nunca o pensam:
Do senhor quando a voz não soa, escravos
Furtam-se a obrigações. O Altitonante
Metade anula da virtude ao homem
240 Que a triste luz da servidão respira.”
Argos nesse momento, após vinte anos
Seu dono a contemplar, morreu de gosto.
Eumeu vai-se direito aos feros procos;
No atravessar, Telêmaco lhe acena;
245 Ele, em circuito olhando, um banco puxa,
O do trinchante cozinheiro, e em face
Do príncipe repousa. O arauto à mesa
Traz-lhe pão do açafate e o seu conduto.
Curvo ao bastão se arrima e surde Ulisses,
250 Como um rafado esquálido mendigo;
Dentro ao fraxíneo limiar descansa,
No umbral cuprésseo encosta-se, que destro
Esquadrara e polira um carpinteiro.
Sólido um pão Telêmaco tomando,
255 E nas mãos quanta carne lhe cabia:
“Do hóspede, Eumeu, lhe disse, o quinhão leves;
Ele esmole depois da sala em torno:
A vergonha a pedintes é nociva.”

Do hóspede Eumeu de pronto se aproxima:

260 “Este quinhão Telêmaco te manda;
 Quer pelos circunstantes que mendigues:
 A vergonha a pedintes é nociva.”
 Sem demora o prudente: “O rei Satúrnio
 A Telêmaco adite, e lhe conceda
 265 O que tem no desejo!” —Aceita Ulisses
 A mãos ambas os dons, que aos pés coloca
 Sobre o indecente alforje; enquanto come,
 Fêmio divino à cítara cantava.

Cessa a música, e os procos tumultuam.

270 Ao Laércio apropinqua-se Minerva,
 A exortá-lo a pedir aos pretendentes,
 A conhecer qual duro ou justo fosse,
 Bem que a nenhum exima do castigo.
 A mão pela direita ia estendendo,
 275 Como vero mendigo; os mais piedosos
 Dão-lhe, quem era atônitos indagam.
 Melanto os interrompe: “Ó da rainha
 Dignos amantes, eu não sei quem seja,
 Bem que visse o porqueiro a dirigi-lo.”

280 Minaz Antino contra Eumeu dispara:
 “Aqui, pastor famoso, o endereçaste?
 Os desmancha-prazeres já não bastam
 Que esta cidade infestam? poucos julgas
 E à mesa de teu amo esse outro queres?”

285 Tu retorquiste, Eumeu: “Bom és, Antino,
 E não discorres bem. Que homem convida
 Vindiço algum sem préstimo e sem arte?
 Um médico, um profeta, um marceneiro,
 Um deleitoso músico divino,
 290 Estes granjeia e atrai a imensa terra;
 Mas ninguém chama um comedor inútil.
 Aos servos és de Ulisses o mais duro,
 Mormente a mim: que importa? eu nada temo,
 Enquanto aqui Penélope sisuda
 295 E o divinal Telêmaco viverem.”

Telêmaco ajuntou: “Cala, és sobejo
 Em responder. Com chascos sempre irrita,
 Provocando a imitá-lo os companheiros.”
 E então virou-se: “Antino, como o filho
 300 Me governas, meu hóspede enxotando:
 Um nume o não permita. A mal não tenho,
 Amo à larga lhe dê; perde o receio

De minha mãe, dos servos desta casa.
Mas um tal pensamento nem te ocorre:
305 Comer sem repartir é teu cuidado.”
 Replicou ele: “Altíloquo Telêmaco,
Soberbo destemperas? Dessem-lhe outros
Como darei, que ao menos por três luas
Daqui se iria.” Então levanta e mostra
310 O escabelo que estava aos pés luzidos.
 De carne e pães o alforge os mais lhe enchiam.
Ei-io à soleira a desfrutar se volta
As esmolas dos Gregos; junto pára
De Antino e clama: “Tem piedade, amigo;
315 Não te creio o pior, no aspecto régio
Vê-se que és maioral: dá mais que os outros,
E hei de louvar-te pela imensa terra.
Já ditoso habitei palácio altivo,
E acolhi peregrinos e indigentes;
320 Servos em cópia tive, e a pompa toda
Com que os mortais se inculcam venturosos.
Quis Júpiter porém, para meu dano,
Que ao rio Egito eu fosse com piratas:
Mantenho a bordo a gente, e as naus em seco,
325 Despacho exploradores. Estes néscios,
A impulsos do apetite, agros talando,
Matam, mulheres e crianças preiam;
Mas, ao rumor, de madrugada acorrem
Éqüites e peões erifulgentes
330 A juncar a campina, e o Fluminante
Medo incutindo aos meus, nenhum resiste:
Cercados sendo, a bronze agudo expiram,
E é reduzido o resto a cativo.
Ao rei Dmétor Iáside fui dado,
335 Que transportou-me a Chipre onde imperava:
Dali vim cá, passando horríveis trances.”
 Torvo Antino: “Que peste um deus nos trouxe!
Desta mesa te aparta, ao meio tem-te:
Olha outro Egito e Chipre não te amarguem.
340 Descarado mendigo, a sala corres,
E cada qual, nadando na abundância,
Do alheio às cegas e sem dó largueia.”
 E afastando-se Ulisses: “Hui! não quadra
Com teu desplante o siso: à tua porta
345 Mesmo sal a um pedinte recusaras,
Tu que do alheio na abundância nadas,

E um pedaço de pão sem dó me negas.”

De cólera abafado, o encara Antino:

“Já que insultos proferes, fico-te ora

350 Que não saias daqui sem vitupério.”

E despede o escabelo, que lhe apanha

Do ombro direito a ponta: firme rocha,

Do tiro zomba, tácito a cabeça

Meneia e urde vingar-se. Ao portal volve

355 Com seu provido alforje: “Amantes, clama,

Da grã rainha, est’alma vos descubro:

Mágoa e opróbio não é feridos sermos

Em defesa dos bens e bois e ovelhas;

Mas Antino feriu-me, porque a fome,

360 Causa de infindos males, me atormenta.

Se o pobre é caro aos numes e às Erínies,

Antes do seu noivado a morte o sorva!”

E o filho de Eupiteu: “Come tranqüilo,

Ou mosca-te, importuno, antes que os servos

365 Por mão ou pé rojando-te, insolente,

Retalhem-te esse corpo.” — Os mais se indignam,

E um diz: “Por que esse mísero maltratas?

Nume será talvez: que em trajo os numes

De peregrinos as cidades vagam,

370 Mil formas revestindo e inspecionando

A dos homens justiça ou petulância.”

Ele surdo mofafa; mas seu golpe

A Telêmaco no íntimo doía,

Que mudo, a ruminar, também meneia,

375 Sem verter uma lágrima, a cabeça.

Ouviu dentro Penélope o sucesso,

E imprecou: “Tal o fira o arqueiro Apolo!”

Mas a ecônoma Eurinoma: “Valessem

Pragas nossas, que um só do rubro eô

380 Não reveria o coche.” E inda a senhora:

“Maus, ama, todos são, maquinam todos;

Porém Antino iguala a nera Parca.

Da penúria impelido, um miserável

Pedia esmola: os príncipes lha davam;

385 Ele o escabelo à espádua arremessou-lhe.”

Ceava o herói; na câmara entre as servas

Desabafa Penélope, e chamado,

Ao bom pastor ordena: “Eumeu divino,

Aqui venha teu hóspede informar-me,

390 Pois ter parece errado pelo mundo,

Se viu, se há novas do sofrido Ulisses.”

A quem Eumeu: “Deixassem-te, ó rainha,
Os Aquivos silentes escutá-lo,
Para no imo folgares! De um navio
395 Em meu teto abrigou-se, e por três noites
E três dias narrou seus infortúnios,
Se todos memorar. Quando um poeta
Canta inspirado e cessa o doce canto,
Que o repita anelamos: tal na choça
400 Me aconteceu. Inculca-se de Ulisses,
Paterno amigo, da Minóia Creta;
Que veio cá ludíbrico da fortuna;
Que dos Tesprotes soube que opulento
Já teu marido à pátria se encaminha.”

405 “Pois tudo me refira, insta a senhora.
Eles ao pórtico e na sala jogam;
Porque poupam seus víveres, a servos
Só nutrindo, e em banquetes nesta casa
Diariamente à grande nos consomem
410 Cabras e ovelhas, bois e ardente vinho.
Falta varão que ensine esses intrusos;
Ulisses nos ressurja, e incontinenti
Punirá com seu filho audácia tanta.”

Nisto, espirra Telêmaco, estrondando
415 Em redor; a mãe solta uma risada:
“Vai pelo hóspede, Eumeu. Sentiste agora
O espirro de meu filho às vozes minhas?
É que infalível morte os cerca todos.
Se o teu mendigo, na memória o imprimas
420 Falar verdade, espere bons vestidos.”

Apressou-se o pastor: “Hóspede padre,
Quer-te a mãe de Telêmaco sisuda
Inquirir do marido, angustiada.
Sê franco, e a roupa ganharás precisa,
425 Capa e túnica: o pão, que mate a fome,
A quem quer pedirás de porta em porta.”

“Nua a verdade, Eumeu, responde Ulisses,
Vou revelar à comedida Icária:
Dele sei tudo, e padecemos juntos.
430 Receio o ruim tropel dos pretendentes,
Cuja violência o férreo céu penetra:
Um com cego furor, pouco há, vibrou-me
Golpe que me doeu; nenhum dos outros,
Nem Telêmaco, obstou. Portanto, amoestes

435 A conter-se a rainha até Sol posto;
Ao depois, do marido me interrogue,
Sentada ao lar: primeiro eu supliquei-te;
Rotas as vestes, bem conheces, tenho.”

Volta o pastor, e ao limiar Penélope:

440 “Que é dele, Eumeu? que pensa? há de alguém medo,
Ou da casa vergonha? Ai do pedinte
Mui fácil em vexar-se!” — E Eumeu: “Rainha,
Falou como o fizera o de mais tino,
Os prepotentes príncipes receia;

445 Roga-te paciência até Sol posto.
Conversardes a sós é preferível.”
Penélope acudiu: “Quem quer que seja,
Lerdo não é. Convenho tais perfídias
Nunca os maiores monstros intentaram.”

450 O divino pastor, isto acabado,
Aos demais se reúne, e a frente inclina
Em voz baixa a Telêmaco advertindo:
“Ó dileto a cuidar me vou dos porcos,
Dos teus bens e dos meus. Tem cobro em tudo,

455 E vigia-te e guarda: o mal projetam
Ímpios, a quem primeiro o Céu castigue!”
“Sim, pai, torna o mancebo acautelado.
Anda, merenda, a noite não te apanhe;
De manhã traze as reses do costume.

460 O mais fica a meu cargo e dos Supremos.”
Senta-se Eumeu de novo, e bebe e come,
Do recinto saindo, a casa deixa
Plena de comensais, que, ao vir a tarde,
A dançar e a cantar se divertiam.

NOTAS AO LIVRO XVII

22-67 — Nas obras de Homero nem sempre *trono* é a cadeira do rei; é as mais das vezes uma poltrona mais ou menos ornada. — Fala aqui, bem como em inumeráveis lugares, de bacia e jarro para se lavarem as mãos: a minha versão é mais resumida, não só para poupar ao leitor enfadonhas repetições, mas porque não falta quem afirme que esta passagem é uma interpolação, e alguns tradutores a suprimiram; ao que não me atrevi, posto que a este respeito ache a crítica não sem fundamento.

124 — Confessa Rochefort que *deipnon* significa o jantar, ou a comida principal do dia, mas o traduz por *festim*; porque, diz ele, *si au lieu de festin, il y avait diner, qui est le terme propre, le vers deviendrait du genre comique, et ne serait plus du style de l'originel, qui n'a rien de bas ni de plaisant* (!) Para mim, jantar não é termo baixo, quando bem empregado; e o lugar é jocoso, pois o arauto Médon, admitido à mesa dos procos, tinha com eles bastante confiança para agradecer e dizer que um bom jantar vinha muito a propósito.

155-170 — Tudo isto é evidentemente cômico; e muito louvo a diferença de estilo nas cenas várias deste poema, cujo entrecho e andamento não é menos admirável que o da *Ilíada*. Esforçaram-se tradutores por nobilitar à sua maneira esta passagem, crendo fazer a Homero um serviço; pois eles têm para si que tudo numa epopéia deve ser sublime, ou elevado: o cego de Esmirna pensava de outro modo.

180 — Creio, com M. Giguet e outros, que não há neste lugar sentença, ou epifonema: a palavra *nomées* decide a questão.

218-240 — Ainda hoje, na Suíça por exemplo, ajunta-se o estrume encostado às casas de campo; e quem pensa que dentro são elas imundas, muito se engana, porque ali a maior parte são limpas e asseadas. — No verso 237-238, não se trata de súditos e de reis, como julgam não poucos, sim de senhores e escravos. É sabido que estes nada fazem quando não são instigados: natural defeito a quem trabalha só para outros, sabendo que, por mais que faça, ficará sempre no viltamento; conta como um ganho o furtar-se ao trabalho.

246-257 — Os que amodernam Homero, distinguem o copeiro do cozinheiro; mas ele nunca fala de copeiro: é sempre uma mulher quem trata ou da copa ou da despensa, e o cozinheiro mesmo estava na sala e servia de trinchante. Ainda hoje, nas Índias Orientais, o cozinheiro é recebido com certas honras, e aparece no fim dos banquetes para colher os aplausos dos convidados. — Os dicionários só trazem *esmolar* por *dar esmolas*, posto que também signifique *pedir esmolas*; o que se vê do seguinte verso dos *Mártires* de Filinto: “Eles que aos pés dos grandes o ouro esmolam.”

345 — No Maranhão, na minha meninice ainda se dizia que a ninguém se deve negar água, sal e fogo; mas por *fogo* não entendiam o combustível, porém, somente o lume necessário para acender a candeia do vizinho, pois nesse tempo não era geral o uso das mechas. Isto nos veio de Portugal, segundo se colhe de Tolentino e de Ferreira na sua comédia do Cioso.

414 — O espirrar, entre os antigos, era um sinal próspero; ao depois, foi de mau agouro. Não quis Rochefort traduzir esta passagem, e sacrificou o dever de representar uma preocupação de que fala o autor, à suposta nobreza de estilo, que tanto o amofinava.

LIVRO XVIII

De insano ventre em público mendigo,
Que a todos por glutão levava as lampas,
Alto e vistoso, se cobarde e fraco,
Ali surgiu: da mãe chamado Arnaios,
5 Iros a rapaziada o apelidava,
Por solícito e pronto recadista.
A Ulisses do seu pórtico expelindo,
Ultrajoso bradou: “Sai daqui, velho;
Senão, de um pé te arrasto: vês que em roda
10 Piscam-me os olhos? de o fazer me pejo;
Mas põe-te fora, ou te haverás comigo.”
Turvo Ulisses: “Ruim, nem te injurio,
Nem te invejo as fortunas e os proveitos.
No largo limiar cabemos ambos:
15 Que mesquinho ciúme! Um vagabundo,
Como eu, pareces: a riqueza aos numes
Toca a distribuir. Não me provoques
E encolerizes; velho embora, os peitos
E os beiços hei de em breve ensangüentar-te;
20 Estaria amanhã mais sossegado;
Pois do Laércio à casa não voltavas.”
É Iros em sanha: “Hui! ronca o parasito
Como velha fornalha! Se nos queixos
Lhe finco os punhos, rolarão seus dentes,
25 Qual se os de cerdo fossem rói-searas.
Os lombos cinge, combater nos vejam:
A arrostar um mancebo te abalanças?”
Ante os portões brilhantes a pendência
Antino adverte, e galhofeiro grita:
30 “Oh! que novo prazer o Céu nos manda!
Iros e o forasteiro, amigos, tentam
Vir às mãos: a brigar os aticemos.”
E todos, levantando-se às risadas,
Aos dous pobres trapentos se avizinham.
35 Prossegue o de Eupiteu: “Valentes procos,
Há no fogão ventrículos de cabras,
De gordura e de sangue repassados
Para a ceia: o mais forte e vitorioso

Escolha um que lhe apraza; e de hoje avante
40 Seja em nossos festins, nem admitamos
Outro qualquer mendigo.” — O aplauso ecoa.

E o manhoso Laércio humilde fala:

“Velho e estragado, cumpre-me, senhores,
A um moço me arrojear; a expor-me a golpes
45 Força a insensata fome. Eia, jurai-me
Iros nunca ajudar com mão traidora;
Ser-me-ia dura a prova.” — Eles juraram,
Mas Telêmaco enérgico se exprime:

“Se, hóspede, o peito varonil te pede
50 Rechaçá-lo, a nenhum dos Gregos temas;
Quem te ofender, se baterá com outros.
Agasalhei-te, e basta; não mo estranham
Os reis Antino e Eurímaco atinados.”

A aprovação retumba; e Ulisses panos
55 Aos pudendos ligando, pulcros braços,
Pernas, coxas desnua, peitos, ombros:
Dos povos ao pastor Minerva engrossa
Os rijos membros. Foi geral o espanto,
E entre si boquejavam: “Desta feita
60 Iros, não Iros já, cai no seu brete;
Que músculos ostenta o forasteiro!”

Iros turbou-se; os fâmulos o cingem,
Trazem-no a rojo, e as carnes lhe tremiam;
Antino lho exprobo: “Nunca nasceras;
65 Mal hajas, fanfarrão, que estás convulso
Por um velho alquebrado! Se és vencido,
Irás, te afirmo, em barco de Epirotas
Ao régio Aquetos, cru flagelo de homens,
Que orelhas e nariz te corte a bronze,
70 E arranque os genitais e a cães os deite.”

Iros mais estremece; ao meio o arrastam;
Armam-se os punhos logo. O divo Ulisses,
Calculando se exânime o prosterne
Ou só ferido, acha melhor poupá-lo;
75 Teme excitar suspeita. No ombro destro
Iros deu; mas ao colo sob a orelha
Murro apanhou que os ossos lhe machuca:
Vomita rubro sangue, a mugir tomba,
Os dentes entrechoca, e esperneando
80 Bate e recalca a terra. Os feros procos,
Alçando as mãos, de riso rebentavam;
Mas lesto um pé lhe trava e o roja Ulisses

Do vestíbulo ao pátio, e fora o encosta;
Um pau lhe entrega e diz: “Com este agora
85 Porcos afasta e cães; vil, não te arrogues
Predomínio em pedintes e estrangeiros:
Olha que inda pior não te aconteça.”
E, preso às costas com torcidos losos
O torpe alforge, ao liminar descansa.
90 A rirem de prazer, o lisonjeiam:
“Hóspede, o Céu te faça o que mais queiras,
Pois todo o povo de um glutão livraste;
Será do rei do Epiro.” — Do presságio
O divo herói folgava. Antino um gordo
95 Ventrículo de cabra lhe apresenta;
Anfínomo lhe tira do açafate
Alvos dous pães, e de áurea taça o brinda:
“Salve! um dia opulência, ó padre, alcances,
Já que tanta miséria hás padecido.”
100 “Anfínomo, o adverte o sábio Ulisses,
És fecundo, e a prudência denuncias
De teu pai Niso, que de rico e humano
Campa em Dulíquio; atende-me e pondera.
De quanto cá respira e cá rasteja,
105 Nada é mais lastimável do que o homem:
No seu vigor e próspera fortuna,
Com desgraça não conta, e se esta o assalta,
Não sabe suportá-la e acusa os deuses;
Pois têm versátil ânimo os terrestres,
110 Segundo altera Júpiter os dias.
No tempo em que eu passava por ditoso,
Muita injustiça obrei, nas próprias forças,
No genitor e meus irmãos, fiado,
Ímprobo ninguém seja; em paz gozemos
115 O que o Céu nos outorgue. Os procos vejo
Consumindo, abatendo, violentando
A mulher de um varão, que perto enxergo.
Levem-te à casa os deuses, não te encontre
À hora da vingança: eu não presumo
120 Quem sem sangue se expurgue este palácio.”
Eis liba o doce vinho, e a taça rende
Ao maioral Anfínomo. Este a sala,
A cabeça tristonho sacudindo,
Pressago atravessava, e à Parca adicto,
125 Sentar-se foi, reposto por Minerva,
Que à lança de Telêmaco o destina.

De Icário à filha a mesma Olhicerúlea
Mostrar-se inspira, a fim que excite os procos
E ante o filho e o marido mais se exalte.
130 Com leve riso: “Eurínoma, diz ela.
Desejo ir aos amantes odiosos,
E a meu filho avisar que o trato fuja
De homens com fel no peito e mel nos lábios.”
“Tens razão, filha, a econôma responde;
135 Repreende-o, nada omitas. Mas primeiro
Banha o corpo, unge as faces; não turvado
Apareça de lágrimas teu rosto:
Chorar contínuo dana. Vai, com barba
Ei-lo já, como aos numes suplicavas.”
140 “Ama, insiste a rainha, tu zelosa
De abluções e perfumes não me fales:
Os imortais meu brilho embaciaram,
Dês que ele a Tróia andou. Por companheiras
Cá me envie Autônoe e Hipodâmia:
145 De ir só ter com varões tenho vergonha.”
A chamar as mulheres corre a velha.
Súbito Palas em suave sono
Os membros ensopou da Icária prole,
Que adormeceu no leito reclinada;
150 Limpou-lhe o vulto com divina ambrosia,
Para que mais a admirem, como Vênus
Engrinaldada se unta e purifica,
Das Graças quando parte ao coro amável;
Fê-la mais alva que o marfim recente,
155 Mais nédia e esbelta. Retirou-se a deusa,
Das braciníveas servas ao ruído;
Ela acorda, e a falar se entrega e enxuga:
“Aliviou-me o sono os pesadumes.
Doce morte ah! mandasse a casta diva,
160 Para não mais gastar os anos tristes,
Saudosa do marido, que era aos Dânaos
Em qualquer das virtudes vivo espelho!”
Não só, das duas fâmulas no meio,
Gentil baixa da câmara estupenda;
165 À portada soberba, o véu luzido
Proclina, e ao vê-la, de joelhos frouxos,
Em êxtases de amor, ficaram todos
Por seu leito almejando. Assim prorrompe:
“O juízo, meu Telêmaco, perdeste.
170 Menino, eras cordato: hoje, que és púbere,

E quem quer, pelo talhe e galhardia,
De opulento senhor dir-te-á nascido,
Não tens mais sisudeza nem justiça.
Nesta casa cometem-se atentados,
175 A teu hóspede insultam: que! permites,
Sem temor da desonra e eterno opróbrio,
Que em nosso lar um peregrino vexem!”
“Minha mãe, torna o jovem, que te agastes
Não o estranho. Hoje n’alma o justo e injusto
180 Sei pesar; mas, há pouco na puerícia,
Ter não posso prudência consumada.
Falto de auxílio, empecem-me contrários,
Que uns dos outros a par forjam meu dano:
Só culpa eles não têm na briga de Iros
185 Com o estrangeiro, vencedor pujante.
Jove, Palas e Apolo, assim permitam
Que nesta sala ou no átrio os procos jazam,
As cabeças nutando esmorecidos,
Como, qual ébrio, às portas jaz externas
190 Laxo dos membros Iros, não podendo
Em pé ter-se ou voltar ao seu tugúrio.”
Entremeteu-se Eurímaco: “Rainha,
Se outros em Argos de Jasão te vissem,
Amantes amanhã mais numerosos
195 Conviver cá viriam; pois superas
As demais em beleza e garbo e tino.”
Contestou-lhe modesta: “O Céu tirou-me
Forças, beleza e tino, assim que os Dânaos
Me levaram consigo a Tróia Ulisses.
200 Venha, mande-me e reja, e a minha glória
Mais resplandeceria: hoje um demônio
Me entristece e comprime. Ele, à partida,
A destra me travou: — Mulher nem todos
Escaparemos; pois tem fama os Teucros
205 De hábeis em dardo e seta, em coches destros,
Que a vitória decidem na refrega:
Se um deus me salve ignoro, ou se ali morra.
Tudo regra; inda mais te recomendo
Meu pai e minha mãe. Barbado o filho,
210 Deixa-lhe os bens e casa-te. — Assim disse,
E o tempo se perfez: negreja a noite
Em que às núpcias me obrigue o infausto Jove.
Mas uma dor me pesa: era o costume
Dos que herdeira opulenta requestavam,

215 Prodigando-lhe prendas, bois e ovelhas,
Banquetear amigos da esposada;
Mas não comer impune à custa alheia.”
Folga o herói de que as dávidas atraia,
E o pensamento encubra com lisonjas.

220 E Antino: “Aceita, Icária, ofertas nossas,
Mau seria enjeitar; mas cá seremos,
Té um marido livremente escolhas.”
Eles, de acordo, arautos já despacham.
O Eupiteides recebe um fino peplo,

225 De áureas doze fivelas abrochado
E curvos alamares, grande e vário;
Eurímaco, artefata gargantilha
De electro e ouro, como o Sol fulgente;
Eurídamas, dous brincos de três gemas;

230 O régio Politórides Pisandro,
Colar brilhante; os mais seus dons presentam.
Sobe ela, e tudo as fâmulas carregam.
Em danças e tangeres permanecem;
E, quando aponta Vésper, três lucernas

235 Acendem, sêca lenha em roda, a bronze
Pouco há fendida, e archotes acrescentam:
As servas por seu turno o fogo atiçam.
Cauto o herói: “Vós do triste ausente escravas,
Ide, ou fusos torcendo ou lãs cardando,

240 Aliviar a augusta soberana.
Do lume para todos me encarrego,
Bem que os ache a velar a pulcra aurora;
Pois, avezado, a lidas não fraqueio.”
Riram-se umas olhando para as outras,

245 E o insultou Melântia, gentil prole
De Dólio, de Penélope em menina
Como filha amimada, e ingrata sempre
À criação, de Eurímaco era amásia:
“Mentecapto, o argúi, tu nem te abrigas

250 De um fabro na oficina ou vil baiúca,
Nem de galrar te pejas entre os grandes:
Turba-te o vinho, ou louco, ou vitorioso
De Iros, ufano estás. Pode um, que surja,
Calamocado e em sangue rechaçar-te.”

255 Ele a mediu: “Cachorra, esse descôco,
Para em peças Telêmaco picar-te,
Lho contarei.” De susto e esmorecidas,
Crendo que era verdade, pela sala

Vão-se a tremer. Atento e em pé vigia
260 Nas lucernas Ulisses, mas revolve
No âmago planos, que írritos não foram.
Prosseguem nos insultos, porque Palas
Quer do Laércio o peito mais pungido.
Eurímaco de Pólipo chasqueia
265 E excita o riso: “O coração vos abro,
Claríssimos rivais. Foi certo um nune
Que o dirigiu de Ulisses à morada:
Na cabeça não tendo um só cabelo,
A lisa calva é mais uma lanterna.”
270 E vôlto ao forte urbífrago: “Salário
Enjeitarás, vindiço, em minha herdade,
Sebes tecendo e árvores plantando?
Que! só no mal sabido e preguiçoso,
Preferes mendigar de porta em porta,
275 Por cevares o ventre insaciável.”
“Se em jejum, diz o herói, té vir a tarde,
Fouce na mão, nos longos vernais dias,
Num vasto campo, Eurímaco, apostássemos,
Roçaria eu mais erva. Junta eu reja
280 De bois iguais, robustos e medrados,
A charrua a puxar por quatro jeiras;
Verás ceder-me a gleba, e como rasgo
Profundos regos. Se hoje o grã Satúrnio,
Guerra ateando armasse-me de escudo
285 E lanças e éreo casco, antessignano
Ver-me-ias combater, sem que exprobrares
A penúria e pobreza. És nímio injusto,
Nímio orgulhoso; bravo te apregoam,
Porque estás entre poucos e cobardes:
290 Surja Ulisses; as portas, bem que largas,
Ser-te-iam todas para a fuga estreitas.”
Eurímaco em furor, carrega o vulto:
“Ah! mísero, teu mal te aumento agora.
De galrar não te pejas entre os grandes:
295 Turba-te o vinho, ou louco, ou vitorioso
De Iros, ufano estás.” Eis do escabelo,
Subtraído o Laércio aos pés de Anfínomo,
O golpe do escanção na destra bate;
Supino cai chorando, e o jarro tine.
300 Tumultuam na sala umbrosa os procos,
A dizer: “Que alvorôto lamentável!
Longe antes perecesse o vagabundo!

Que rixemos consegue um vil mendigo,
E o prazer dos festins dessaboreia.”

³⁰⁵ Enérgico Telêmaco: “Insensatos!
Basta. Algum deus por certo vos concita.
A dormir saciados retirai-vos,
Quando quiserdes; a ninguém expulso.”

Todos, mordendo os beiços, da ousadia
³¹⁰ Pasmavam; mas Anfinomo, de Niso
Aretíades filho, assim discorre:
“Não vos irrite, amigos, o que é justo;
Não trateis com dureza o forasteiro,
Ou qualquer servo do divino Ulisses.

³¹⁵ Eia, o escanção de novo arrase os copos;
Libemos, e a deitarmo-nos partamos.
Do hóspede recebido nos seus lares
Incumba-se Telêmaco à vontade.”

Aprouve o dito. Múlio, o Dulinquiense
³²⁰ Arauto e seu ministro, na cratera
Mescla a bebida e em cerco a distribui;
Aos beatos celícolas brindando,
Repletos vão-se do licor melífluo,
Cada qual em seu leito a repousar-se.

NOTAS AO LIVRO XVIII

5-10 — *Iros* em grego é o que faz recados. *Piscar os olhos* diz o original; frases do estilo cômico, adequada às pessoas e às circunstâncias.

67-70 — Tanto na antiguidade, como hoje em dia, uma grande ameaça é a de venderem o escravo a indivíduos ou famílias de reconhecido rigor e dureza.

76-93 — Um murro debaixo da orelha e ao pescoço, sendo em uma das extremidades dos queixos, não podia fazer saltar os dentes; e com razão o intérprete latino diz que não lhe esmigalhou os ossos, e só lhe fez uma forte lesão: alguns porém opinam erradamente em sentido contrário. — O verso 93 fala em *presságio*, porque julgava-se de feliz anúncio a felicitação do inimigo, como eram os procos de Ulisses, a quem disfarçado não conheciam.

200 — Pensam tradutores que Penélope deseja a vinda do marido para governar-lhe os bens; mas o pensamento da rainha é o de uma honrada mulher, que de bom grado se quer submeter à autoridade marital; e esta submissão devera causar grande prazer a Ulisses, que ali se achava encoberto. Este mesmo pensamento, exprimido com os toques maviosos de Voltaire, entenece muitíssimo na sua *Zaira*, obra-prima, que os beatos buscam rebaixar, mas que o não pode ser por quantos conventos, capítulos ou confrarias, existem sobre a terra.

268-269 — Busquei tornar este lugar o mais cômico, por ser tal a intenção de Homero: autorizado pelos antecedentes, verto eu que a lisa calva de Ulisses era uma lanterna que alumiaava a sala; assim, aclarei a idéia do autor.

294-296 — Estes versos são os mesmos que proferiu Melântia pouco atrás; mas, sendo ela amásia de Eurimaco, este, que a tinha ouvido minutos antes, não é fora do natural que repetisse as mesmas expressões ao declarar o mesmo pensamento; pois devera prestar muitíssima atenção à disputa havida entre a serva e o falso mendigo.

298 — Opinei que em Homero não há copeiro ou despenseiro, porque este ofício é exercido por mulher. Note-se porém que o escanção, ou o que ministra o vinho e enche os copos, era homem.

LIVRO XIX

A meditar com Palas na matança
Fica o divo Laércio, e diz: “Meu filho,
Agora as armas recolher te cumpre;
E caso algum o estranhe, assim te escuses:
5 Quais as deixou meu pai, já não luziam;
Do vapor do fogão fui preservá-las.
E outro medo o Satúrnio suscitou-me:
Entre os copos ferir-vos poderíeis,
Nosso convívio e os sponsais manchando;
10 Pois a força do ferro atraí o homem.”

Telêmaco obedece ao pai querido,
Chama Euricléia à parte: “Eia, as mulheres
Retém, ama, lá dentro, enquanto acima
Reponho as pulcras armas, desprezadas
15 E do vapor do fogo denegridas
Na ausência de meu pai. Menino eu dantes,
Ora quero do fumo preservá-las.”

A ama logo: “Oxalá com tal prudência
A casa rejas! Mas diante, filho,
20 Quem te há de alumiar, senão as servas?”
“Este hóspede, responde acautelado;
Que do meu coma ocioso, não tolero.”

Ordem fútil não foi, porque os batentes
Fecha Euricléia. À pressa ambos carregam
25 Elmos, cavos broquéis e agudas lanças;
Precede-os Palas de lanterna de ouro.
“Meu pai, observa o moço, que milagre!
As paredes, as traves abietinas,
As grossas vigas, as colunas altas,
30 Em lume vivo aos olhos me lampejam:
Um deus parece dentro esclarecê-las.”

“Tá! não tujas, o atalha o sábio Ulisses:
Os íncolas do Olimpo assim costumam.
Deita-te: à espreita eu fico das criadas;
35 Esperarei que em pranto me interogue
Tua mãe.” — Ei-lo busca a própria alcova
No meio do esplendor, e em brando sono
Pega até que desponte a diva aurora;

Mas o herói permanece com Minerva,
40 A pensar no horroroso morticínio.
Sai, qual Diana casta ou loura Vênus,
Penélope do tálamo, e lhe achegam
Ao lar o usado assento, obra de argêntas
E ebúrneas orlas, do famoso Icmálio,
45 De apto escabelo e forro de pelame.
As cativas gentis ali vieram
Erguer das mesas muito pão restante,
E a copa que servira aos convidados;
Em terra as brasas dos fogões depondo,
50 Lenha renovam, que ilumine e aqueça.
Doesta a Ulisses outra vez Melântia:
“À noite, malandrino, inda importunas?
Espias as mulheres? Farto e impando,
Fora, fora; ao contrário, atiçoadas
55 Eu te farei mais presto escafeder-te.”
Averso a encara: “Insultas-me, demônio,
Por que, em vez de luzir, mesquinho e roto
A mendigar meu pão sou constrangido?
É de errabundos sina. Eu já palácio
60 Tive e escravos, e o mais que adita os homens,
E a quaisquer indigentes socorria:
Ora o querer de Jove arruinou-me!
Também murchar-te a formosura pode,
Que entre as servas te exorna; pode irada
65 Reprimir-te a rainha, e mesmo aquele
Que inda esperar se deve. Mas, se Ulisses
Perdeu-se enfim, outro ele e não criança,
De Apolo por favor, conhece o filho
Quantas mulheres esta casa infetam.”
70 Ouve-a e grita a rainha: “Descarada,
Em ti recairá tanta ousadia.
De mim triste soubeste que informar-me
Do esposo vem.” A Eurínoma virou-se;
“Traz-me, ecônoma, um forrado escano;
75 Em repouso, comigo ele converse.”
À pressa o escano de tosões coberto,
Lhe trouxe a velha; ao divo herói sentado
Penélope interroga: “Hóspede, vamos
Quem és; de que família? de que pátria?”
80 E o circunspecto: “No orbe, alta senhora,
Ninguém te vitupera, e a glória tua
Penetra o céu; qual a de um rei sem pecha,

Que é pio e seus magnatas justo enfreia,
A quem do fruto as árvores se vergam,
85 O agro viça e engradece, a quem produzem
Greis e armentios, ferve o mar com peixes,
E cujos povos a bondade exercem.
De outra cousa me inquiras, não da pátria,
Não da família; ao recordá-las, custa
90 Gemer em casa alheia. Enfada o choro:
De alguma serva o escárneo atrairia,
Se o teu não fosse, e pode ser que ao vinho
Meu luto lagrimoso atribuissem.”

E ela: “O Céu me tirou beleza e forças,
95 Desde que a Tróia Ulisses me levaram.
Venha, mande-me e reja, e a minha glória
Mais resplandeceria: hoje um demônio
Me entristece e comprime. A flor dos Gregos
De Dulíquio, Zacinto, Ítaca e Same,
100 Requestando-me invita, os bens me estragam.
Já nos pobres nem hóspedes provejo,
Ou nos arautos, público ministros:
Saudosa a prantear consumo a vida;
Urgem-me os procos, e eu maquino enganos.
105 Um gênio me inspirou tramar imensa
Larga teia delgada, e assim lhes disse:
— Amantes meus depois de morto Ulisses,
Vós não me insteis, o meu lavor perdendo,
Sem que do herói Laertes a mortalha
110 Toda seja tecida, para quando
No sono longo o sopitar o fado:
Nenhuma Argiva exprobre-me um funéreo
Manto rico não ter quem teve tanto. —
A diurna obra desfazia à noite,
115 E os entretive ilusos por três anos;
Mas, gastas luas e horas, veio o quarto,
E então, por traça de impudentes servas
Apanhando-me, encheram-me de afrontas,
E a concluir a teia me forçaram.
120 Nem mais efúgio nem recurso tenho:
Muito a casar instigam-me os parentes;
Leva meu filho o mal que os bens lhe comam,
Pois, homem já, da casa tratar pode,
Como os que de honras Júpiter cumula.
125 Dize-me assim quem és; tu não das penhas,
Não do robre nascestes fabuloso.”

E ele cortês: “Mulher de Ulisses digna,
Já que insistes, conhece-me a linhagem;
E, bem que obedecendo agrave as penas,
130 Inerentes aos tristes que errados
Têm andado, como eu, de povo em povo,
Satisfazer-te vou. — De escuras vagas
Circúnflua jaz recunda e linda Creta,
Com cidades noventa e infidos homens
135 De língua mista: Aqueus, Cídones, Cressos
Indígenas de prol, divos Pelasgos,
Dórios cristados. Na ampla Gnoso Minos,
Cada nove anos comensal de Jove,
Pai de meu pai Deucalião brioso,
140 Os governava. Éton me chamam todos.
Meu régio irmão Idomeneu de Tróia
Foi-se à guerra, mais velho e mais valente.
Na mesma empresa, à força de procelas
Do Maleia a Creta Ulisses impelido,
145 Surgiu do Aniso num difícil porto,
Onde é das Ilítias, a espelunca.
Apenas salvo, a Idomeneu procura,
Que hóspedes seu dizia venerando;
Mas este era partido em naus rostadas,
150 Uns onze sóis talvez. Do porto a Ulisses
Escoltei mesmo, e na abundante casa
Amigo o recebi. Do povo obtidos,
Bois, pães e vinhos dei, por doze dias
Os seus provi de tudo, porque o Bóreas,
155 De um sevo deus movido, não deixava
Em pé ter-se ninguém; mas no trezeno,
Calmado o vento, o pano desferiram.”
Assim fingia verossímeis contos,
E ela a chorar de ouvi-lo definhava:
160 Qual, por Zéfiro a neve amolecida,
Liquesce do Euro ao sopro em celsos cumes,
Desata-se em arroios e incha os rios;
Tal inundava as rubicundas faces,
Anelando o marido ali sentado.
165 Compunge a Ulisses da consorte o pranto;
Mas, como ou ferro ou corno, firme e seco,
Por não trair-se, as pálpebras continha.
De lágrimas saciada, continua:
“Quero, hóspede, sondar se na verdade
170 A Ulisses recolheste: qual seu traje,

Qual seu porte, quais eram seus guerreiros?”

O marido prossegue: “Árduo é, senhora,
Indo em vinte anos que saiu de Creta,
Exato ser; mas ouve o que me lembra.
175 De áureo firmal e duplo anel, seu manto
Era encorpado e mórbido e púrpureo,
De alto lavor: nas anteriores patas
Um cão tinha tremente corçozinho,
E ávido o sufocava; ele a escapar-se
180 Com palpitantes pés se debatia:
Foi pasmo a todos o recamo e a tela.
Notei-lhe ao corpo a túnica lustrosa,
Fina qual seca tona de cebola,
Alva imitante ao Sol, macia e leve,
185 Que espantava as melhores tecedeiras.
Toma sentido, ignoro se tais vestes
Houve-as de casa, ou deu-lhas em viagem
Hóspede ou matalote; pois de muitos
Era benquisto, e poucos o igualavam.
190 Eu doei-lhe ênea espada, roxo e duplo
Manto e roupa talar, e à despedida
À tabulada nau fui respeitoso.
Do arauto seu, mais velho alguma cousa,
Eu me recordo: Euríbato giboso
195 Era e trigueiro e de cabelo crespo;
Ulisses entre os sócios o estimava,
Por atinado concordar com ele.”
A tão veros sinais, dobrou de pranto;
Mas acalmada: “Se eras um pedinte,
200 És, hóspede, hoje o amigo desta casa.
Trouxe eu mesma da câmara essas vestes,
Eu mesma do firmal ornei luzente.
Ah! não mais torna à pátria o caro esposo!
Fatal partida para a infame Tróia!”
205 “Bem que a dor justa seja, o herói contesta,
Real consorte, o corpo não maceres:
Nunca chorou mulher perdido um jovem
Pai amoroso de seus doces filhos
Melhor que Ulisses, comparado aos numes;
210 Porém sossega e atende, eu serei franco.
Tesprotes opulentos me contaram
Que, de riquezas o Laércio onusto,
Na praia ali sozinho aparecera;
Pois, ao vir da Trinácia, irado Jove

215 E o Sol, do armento seu pela matança,
No undoso ponto os sócios afundaram;
E ele, agarrado à quilha, enfim surgindo
Na Esquéria, aceito foi dos bons Feaces
Como um deus, e de ofertas carregado
220 Quiseram transportá-lo. Há muito Ulisses
Ileso fora aqui, se em outros climas
Não preferisse cumular tesouros;
Para o que ninguém há de astúcia tanta.
Fídon rei dos Tesprotes me jurava,
225 Com libações, que a nau já tinha prestes
Para o trazer, e num baixel mercante
Remeteu-me a Dulíquio frumentária;
Mas primeiro mostrou-me hospitais brindes,
A uma dez gerações talvez sobejos,
230 Postos no erário, enquanto ia o Laércio
Ao de Dodona falador carvalho,
A indagar dos oráculos de Jove
Se, após tão largo tempo, cá regresses
Oculta ou claramente. Ele é pois salvo,
235 Nem da casa está longe; eu vou jurar-to:
Atesto o Padre sumo e o lar de Ulisses.
Onde me asilo, aqui virás sem falta,
Mesmo este ano, esta lua ou na seguinte.”
“Oxalá, diz Penólope! Eu faria
240 Liberal que ditoso te aclamassem.
Mas temo, hóspede meu; nem ele volta,
Nem tu conseguirás daqui passagem.
Outro Ulisses não tenho (oh! se o tivesse!)
Que afague e expeça honrados forasteiros.
245 Depois de um pedilúvio, em cama, ó servas,
De mantas bem se aqueça e belas colchas;
E, assim que a manhã brilhe em trono de ouro,
Banhado e ungido com meu filho coma.
Ai do que ouse ofendê-lo petulante!
250 Sem trabalhar descansa, inda que raivem.
De sisuda mulher me louvarias,
A estares mal vestido à nossa mesa?
Duram breve os mortais: o iníquo e fero,
Sempre de imprecações coberto em vivo,
255 Maldizem-no defunto; o afetuoso
E de alma nobre, os hóspedes lhe estendem
A glória e fama, e todos o abençoam.”
Opõe-se o herói: “De Ulisses digna esposa,

Mantas e moles colchas aborreço,
260 Dês que em remada nau de Creta os cimos
Deixei nevosos: deito-me, como antes
Noites passava insones, e outras muitas,
À espera da alva aurora, adormecia
No duro chão. De banhos eu prescindo,
265 Nem me toque nos pés, senão prudente
Anciã no mal provada e oficiosa.”

E ela: “Nunca de amáveis peregrinos
Tive outrem como tu: quanto proferes
Siso respira. No infeliz conservo
270 A ama discreta, que, nascido apenas,
Da mãe o recebera e amamentara:
Inda que fraca, os pés lavar-te pode.
Anda, Euricléia, este coevo banha
De teu senhor: talvez que ele tal seja
275 E dos pés e das mãos; pois no infortúnio
Rapidamente os homens envelhecem.”

Tapa a nutriz o lagrimoso rosto
A soluçar: “Ai filho, em vão te anseio!
Pio embora, és de Jove o detestado!
280 Ninguém tantas queimou sucosas coxas,
Nem lhe deu mais solenes hecatombes,
Viver quando rogava longa vida
E teu filho educar; mas o Tonante
Sumiu-te a luz da volta! Alhures, zombam
285 Ah! dele, amigo, em pórticos soberbos,
Outras como as que foges despejadas.
Lavo-te os pés, não só porque mo ordena
De Icário a boa filha, mas de grado,
Por mera compaixão. Têm vindo muitos
290 Peregrinantes cá; nenhum, te afirmo,
A Ulisses como tu se assemelhava,
No meneio e no andar, em voz e em gesto.”

Cauteloso a atalhou: “Sim, todos eram
Desse teu mesmo aviso.” Reluzente
295 Bacia a velha toma, onde água fresca
Vaza e a fervente em cima. Ao lar no escuro
Senta-se vôlto Ulisses, receoso
Que a cicatriz o arcano revelasse.
Ela, o senhor banhando, essa conhece
300 Marca do alvo colmilho de um javardo,
Quando ao Parnaso visitou seus tios
E avô materno Autólico, entre os homens

No pilhar e jurar manhoso e mestre;
Por Mercúrio assistido, a quem de chibos
305 E anhos queimava as agradáveis coxas.
 Veio Autólico a Ítaca ubertosa
De seu neto ao nascer; e, mal cearam,
Põe-lhe o infante aos joelhos Euricléia:
“Tu o almejavas tanto, agora inventa
310 Um nome ao filho da querida filha.”
 Disse o avô: “Genro meu, minha Anticléia,
Eu ressentido contra muitos venho
De um e outro sexo na selvosa terra;
Um nome lhe imporei, chame-se Ulisses.
315 Crescido, a casa a visitar materna,
Vindo ao Parnaso, onde as riquezas tenho,
Hei de brindá-lo e despedir contente.”
 Foi-se do prometido em busca Ulisses:
Antólico e família o abraçam ternos;
320 Carinhosa Anfitéia avó beijou-lhe
A testa e olhos gentis. Ao pátrio mando,
Para o banquete opíparo, a preceito,
Quinquene touro os príncipes esfolam,
Picam-no, assam de espeto, e em roda servem;
325 E, o dia inteiro à grande regalados,
Liga-os a noite opaca em brando sono.
 Ulisses, no arrebol, em montearia
Trilhando as selvas do íngreme Parnaso,
A ventosas fraguras segue os tios;
330 E, no arraiar o Sol do mudo Oceano,
Precedendo a matilha farejante,
Vibra o dardo num vale o divo moço.
Em brenha oculto um javali jazia,
Brenha à diurna torreira impenetrável,
335 Ao sopro aquoso, à desatada chuva,
Pleno o covil de bastas secas folhas:
Ao latir e ao tropel, sanhuda a fera
Sai, de eriçado pêlo e a vista em brasa,
Tem-se de perto; Ulisses o primeiro
340 Com forte ávida mão levanta o pinque;
Prevenindo-lhe o golpe, o dente o cerdo
Lhe aferra no joelho, mas oblíquo,
Sem osso lhe ofender, na carne o embebe:
De ênea cúspide o herói na destra espádua
345 O atravessa; ei-lo grunhe e tomba e morre.
Expertos a ferida ao bravo pensam,

Vedam-lhe por encantos o atro sangue;
Curam-no em casa, e dele satisfeitos,
Ledo com riscos dons à pátria o mandam.
350 Laertes e Anticléia, jubilosos,
Da cicatriz a causa e tudo inquirem;
No Parnaso ele conta que o mordera,
Junto a seus tios, javali terrível.
Palpando, a cicatriz conhece a velha,
355 Nem pode o pé suster; cai dentro a perna,
E a bacia retine e se derrama.
Dor a assalta e prazer; nos olhos água,
Presas às fauces a voz, lhe afaga o mento,
E balbucia enfim: “Tu és, meu filho,
360 És Ulisses; depois que te hei palpado,
Ora por meu senhor te reconheço.”
E olhou para Penélope, o dileto
Marido a lhe indicar; mas, por Minerva
Distraída, a senhora o não percebe.
365 Da destra ele sustendo-lhe a garganta,
A si da esquerda a puxa: “Ama, a teus peitos
Amamentado, queres tu perder-me?
Volto ao vigésimo ano, após mil transes;
Mas, já que um nune to mostrou, silêncio,
370 A ninguém me delates. No imo o estampes:
Se me der Jove debelar soberbos,
Não pouparei culpada a nutriz mesma,
Furioso a todas que o palácio infamem.”
“Filho, acode Euricléia, que proferes
375 Do encerro desses dentes? Inflexível
Tu bem sabes que sou, qual pedra ou ferro.
Toma sentido: a permitir-te Jove
Soberbos debelar, as que te mancham
A casa apontarei.” — De pronto Ulisses:
380 “Ama, nem é mister, nem te isso cabe;
Toca-me descobri-las e julgá-las.
Guarda o segredo, e o mais aos deuses fique.”
Sendo o primeiro banho extravasado,
Sai pela sala a velha em busca de outro,
385 E o lava e unge; o herói senta-se ao fogo
Se aquece e cobre a cicatriz com panos.
Ata a rainha a prática: “Inda um pouco,
Hóspede meu, que a hora se apropinqua
Do meigo sono, alívio dos cuidados,
390 Menos dos que um demônio me pródiga.

Sequer de dia em choro desabafo,
Inspeccionando as servas; mas de noite,
Ao reinar o sossego, eu só no leito
Sou de pungentes mágoas salteada.

395 A Pandareida verde Filomela,
Na doce quadra amena, entre a folhagem
Flébeis queixumes sonora trina
Pelo dela e de Zeto amado filho
Itilo, a quem matou por erro infando:

400 Assim lamento, a revolver incerta
Se ao pé do meu conserve, respeitosa
Ao toro conjugal e à voz do povo,
Servas, paço e riqueza; ou, bem dotada,
Siga o melhor de assíduos pretendentes.

405 Enquanto o meu Telêmaco era débil,
Não quis largar a marital vivenda;
Mas, púbere hoje, me insta que lha deixe,
Contra os vorazes procos irritado.

“Explica-me ora um sonho. Gansos vinte
410 Folgo de ver comendo os grãos no pátio;
Porém de bico adunco montês águia
Sonhei que, tendo lhes quebrado os colos,
Amontoado no terreiro os mortos,
Pelo ar divino alou-se; e eu grito e choro,
415 E emadeixadas Gregas me circundam
Na minha dor, ao tempo que, voltando,
A águia fala da grimpa em voz humana:
— Ânimo, ó filha do pujante Icário!
Não é sonho, é visão realizável:
420 Gansos os procos são; eu, antes águia,
Sou teu marido, e castigá-los venho.
Nisto, acordo, olho em torno, e como é de uso,
Vejo os gansos na praia a comer trigo.”

Pausado o herói: “Interpretar o sonho
425 De outro modo que Ulisses me é defeso:
Iminente é dos príncipes a perda;
Nenhum tem de esquivar-se à morte escura.”

Ela acrescenta: “Os sonhos são difíceis;
Muitos, hóspede, nunca se efetuam.
430 Têm eles dous portões, ebúrneo e córneo:
Os do ebúrneo, falazes, mentem sempre;
Nunca os do córneo falham. Que o meu, deste
Vindo, a mim e a Telêmaco aproveite,
Não me lisonjo. Agora sê-me atento.

435 O albor nefasto aponta em que dos paços
Me apartarei de Ulisses, e um certame
Vou propor. Inda em casa há meu marido
Secures doze, que erigia em hastes,
E por seus olhos doze em direitura
440 De longe a frecha rápida enfiava:
Seguirei quem mais fácil o arco estenda
E as secures traspasse, abandonando
Ah! tão saudosa e farta e bela estância,
Da qual me lembrarei té nos meus sonhos.”
445 E Ulisses: “Do Laércio Augusta esposa,
Não retardes a prova. Hás de o consorte
Aqui ter, antes que eles o arco verguem
E, tesa a corda, os ferros atravessem.”
Inda Penélope: “Hóspede, a queres
450 Junto a mim conversar, de ouvir-te o gosto
Me estancaria o sono; mas não devem
Os mortais velar sempre, e na alma terra
Lei sobre tudo os numes impuseram.
Subo a deitar-me enfim no amargo leito
455 Que de contínuas lágrimas ensopo,
Dês que Ulisses partiu para essa Tróia
De execranda memória. Tu repousa
A teu prazer, no solho ou numa cama
Que se te aprestará”: Disse, e montando
460 Não só, com duas fâmulas, na excelsa
Maravilhosa câmara pranteia
Seu caro esposo, até que amigo sono
Lhe infunde pelas pálpebras Minerva.

NOTAS AO LIVRO XIX

94-98 — Não me atrevo a suprimir esta passagem, que vem nas diferentes edições, não obstante pensar com Rochefort, que há interpolação. Com efeito, falando o falso mendigo só da glória da rainha, parece-me inconveniente que ela de mão fale da sua própria formosura. Estes versos vêm mais a propósito no livro antecedente, como diz o mesmo Rochefort.

134 — Homero dá sempre a Creta cem cidades, menos aqui, onde só lhe dá noventa. Os Críticos dizem que o redondo número de cem é para encarecer; outros cuidam que, tendo sido cem, Idomeneu destruiu dez numa sedição.

166 — A *Clavis Homerica* de muitos seguida, acha ótima a comparação com o ferro ou com o *cornu* por causa da sua natural *secura*; mas Rochefort, sempre fiel ao seu sistema, achando *cornu* matéria indigna de uma epopéia, o substituiu por *marfim*.

309-312 — O nome *Ulisses* ou *Odusseus* vem do verbo *odussó*, irar-se. Querem muitos que a história da ferida, a qual vai seguindo, seja uma interpolação. Pode ser que haja acrescentamentos; porém Homero, em ambos os seus poemas, não perde ocasião de contar-nos sucessos ainda mais longos, e estes, interessantes como pertencentes ao seu herói, é provável que os não quisesse omitir.

439 — *Olho* chama-se o buraco por onde se introduz o cabo do machado e de outros instrumentos.

LIVRO XX

Ulisses ao vestíbulo descansa:
Em cru taurino coiro estende peles
De imoladas ovelhas, e por cima
Eurínoma lhe deita espessa manta;
5 Lá, na vingança meditando, vela.
Eis risonhas de cara e delambidas
As que davam-se aos procos vêm saindo:
Vivamente comoto, em si ventila
Se de súbito as mate, ou lhes consinta
10 A extrema vez coabitar com eles;
E o coração lateja-lhe apressado,
Como a galga, a cercar seus cachorrinhos,
Ladra investindo a estranho. A ira enfreia,
Bate nos peitos e cogita: "Cala,
15 Meu coração! mais suportaste quando
O atroz Ciclope devorou-me os sócios:
Com prudência da cova te livraste,
Onde supunhas trucidado seres."
Assim reprime o palpitar interno,
20 Tem-se; mas anda pela cama às voltas.
Qual de um brasido ao lume o esfomeado
Vira um gordo ventrículo sangüento
Com desejos de assá-lo; inquieto Ulisses
Assim de toda parte se remexe,
25 Traçando o meio de bastar a tantos
Insolentes rivais. Em vulto humano,
Palas se lhe oferece à cabeceira:
"Por que velas, misérrimo dos homens?
Tens casa, tens mulher, tens nobre filho,
30 Filho que outro qualquer te invejaria."
"Sempre acertas, responde, onisciente;
Mas posso haver-me, ó deusa, contra a chusma
Que infesta o meu palácio? Inda rumino
Outro cuidado: se os vencer, por graça
35 De Jove e tua, escaparei com vida?
Rogo-te me aconselhes." — "Insensato!
Grita Minerva, um homem noutra néscio
Homem se fia, e tu de mim duvidas?"

Guardo-te sempre, e deusa te protejo.
40 Eu to declaro: embora multilíngües
Cinquenta batalhões, a rodear-nos,
O exício teu conspirem, bois e ovelhas
Tu lhes depredarias. Dorme, é grave
Passar a noite em claro, e o teu mal finda.”
45 E espreme-lhe nas pálpebras o sono,
E ao céu volve no instante em que o sossego
Lhe absorve as penas e amolenta os membros.
Cedo acorda, e sentada ao fofo leito,
Lassa do pranto, ora a Diana a diva,
50 Das mulheres modelo, honesta esposa:
“De Jove Augusta prole, ou tu me arranques
Esta alma a tiros, ou tufão me jogue,
Arrebatada pelos ares cegos,
Às fauces do retrógrado Oceano;
55 Sorte que outrora às Pandareidas coube.
Órfãs, sozinhas, por querer supremo,
De leite e mel suave e doce vinho
Citeréia as nutria, deu-lhes Juno
Formosura e juízo incomparáveis,
60 O talhe Délia, os dotes seus Minerva;
Mas, remontando Vênus ao Tonante,
Que a fundo a sina dos mortais conhece,
A pedir flóreas núpcias para as virgens,
As Harpias, roubando-as, ao serviço
65 Das medonhas Erínies as puseram.
Levem-me assim do Olimpo os moradores,
Freche-me Artêmide; eu no abismo horrendo,
Ulisses, te contemple, nem se goze
De mim outro varão que não te iguala.
70 Geme o infeliz no dia, à noite ao menos
Esquece adormecido os bens e os males;
A mim sempre um demônio me persegue:
Acaba de antolhar-se-me a figura
De Ulisses tal qual era; cria eu leda
75 Isto visão real, não mero sonho.”
Atento o herói divino a tais queixumes,
Ao reluzir da Aurora em trono de ouro,
Cuida-se descoberto e que ela o busca;
Veste o manto, em cadeira os tosões pouça,
80 Remove o coiro, em preces alça as palmas:
“Júpiter, se por seca e úmida via
A Ítaca imortais me conduziram,

Dentro ouça de um desperto o bom presságio,
Fora algum teu prodígio mo confirme.”

85 De Ulisses com prazer, fulgure e toa
De resplendida nuvem; perto, o agouro
Solta uma escrava do pastor dos povos.
Das doze que ao moinho o trigo e azeite,
Medula de homens, preparar soíam,
90 Fraca ela só, deitadas as parceiras,
Não findava a tarefa: “Ó sumo Jove,
Clamou, do éter sereno assim trovejas?
Anúncio é para alguém. De mim coitada
Os votos cumpre: o dia extremo seja
95 Que à mesa de meu amo se regalem
Esses a quem, de afã desfalecida,
Eu môo esta farinha; acabem todos.”

Do agouro e do trovão contente Ulisses,
Os réus conta punir. Vêm logo as servas
100 Acender o fogão da pulcra sala;
O deiforme Telêmaco vestido
Vem da alcova, de nítidas sandálias,
No bálteo a espada, aguda lança em punho,
E ao limiar com Euricléia fala:
105 “Ama, honrastes meu hóspede vós outras,
Ou maltrado jaz? Embora sábia,
Minha mãe de um parleiro às vezes cura
E despede um melhor.” — Mas Euricléia:
“Injusto a acusas, filho. A gosto o velho
110 Bebeu sentado, abstendo-se da ceia,
Que ela ofertou-lhe mesma. À hora própria
Mandou cama estender; mas ele, afeito
À pena e dor, não quis macias colchas,
E ao vestibulo em coiro e ovinas peles,
115 Com manta que lhe demos, repousou-se.”

Hasta na mão, Telêmaco atravessa
A grande sala, com dous cães ligeiros,
Aos grevados Aqueus indo juntar-se.
De Opes de Pisenor zelosa a filha
120 Esperta as mais cativas: “Borrifada,
Já já, varrei-me a casa, e de tapetes
Forrai purpúreos as louças poltronas;
Lustre as mesas a esponja, a copa e a frasca
Purifiquem-se, e lestes ide à fonte:
125 Eles madrugam sempre, e o dia de hoje
A todos é festivo.” — Obedeceram:

Ao profundo olho d'água partem vinte;
As mais dentro o serviço desempenham.
A preceito, chegando, a lenha racham
130 Os soberbões; da fonte as servas tornam;
O porqueiro também com três cevados
Entra, em vastas pocilgas escolhidos,
E brandamente fala: “Hóspede, os Gregos
Te menoscabam sempre, ou já te poupam?”
135 “Eumeu, responde o herói, provera aos deuses
Os insultos punir e os maus desígnios
Desses que estão, sem pinga de vergonha,
Maquinando um alheio domicílio.”
Entrementes, Melântio se aproxima,
140 Com dous ajudas, conduzindo cabras
As melhores do fato aos pretendentes,
E amarrando-as ao pórtico sonoro,
Pica a Ulisses de novo: “Inda importunas
A todos pedinchando, e não te safas?
145 Sem estas mãos provares, vil mendigo,
Cuido que insistirás. Há comezaina
Entre os outros Aqueus.” Tácito a fronte
Sacode o herói, vinganças ruminando.
Presenta-se Filétio, o mor vaqueiro,
150 Uma toura guiando e gordas cabras,
Que as passaram barqueiros do costume,
E ao ligá-las ao pórtico, pergunta:
“Que estranho é este, Eumeu? que gente a sua?
Donde veio? O mesquinho um rei parece:
155 Em dor o Céu mergulha os vagabundos,
Mesmo a reis enovela os infortúnios.”
Vôlto ao mendigo então, lhe cerra a destra:
“Hóspede padre, salve! hoje em miséria,
Inda sejas ditoso! Ó tu Satúrnio,
160 Ó deus o mais cruel, não te comovem
As mágoas dos varões por ti criados.
Choro e suor agora me rebentam,
Lembrando-me de Ulisses, que afiguro
Assim roto a vagar, se é que o Sol goza.
165 Mas se ele no Orco jaz, ai de mim triste!
A quem tão bom senhor, ainda eu menino,
Aos armentos prepôs-me em Cefalênia.
Inúmeros os bois de larga fronte
Medram mais que a nenhum: cá trago deles
170 A gulosos, que o filho desfalcando,

A punição dos numes nem receiam;
Do ausente os bens tragar é quanto anelam.
Dupla aflição me rói: com meus bois todos,
Vivo Telêmaco, emigrar é feio;
175 Mas dói muito engordá-lo para intrusos.
Longe outro herói buscado eu já teria,
Nesta angústia insofrível, se esperança
De vir não me alentasse o miserando
A profligar infames insolentes.”

180 Ulisses respondeu: “Nem mau nem lerdo
Pareces-me, pastor; eu pois to juro,
Por Jove, pela mesa hospitaleira,
Por este lar e asilo: com teus olhos
Teu bravo amo verás, se o tu quiseses,
185 Usurpadores crus mandar a Dite.”

O vaqueiro ajuntou: “Permita-o Jove!
Meu braço e minha fé conhecerias.”
E Eumeu também rogava aos deuses todos
Que de seu rei a vinda apressurassem.

190 A Telêmaco, entanto, os corpos tecem
Morte e ruína. Altívola à sinistra
Pávida pomba uma águia eis traz nas garras
E branda Anfinomo: “Ao convívio, amigos;
O plano de matá-lo está frustrado.”

195 Eles dóceis na sala sobre escanos
E camilhas os mantos depuseram.
Cabras e ovelhas, porcos sacrificam,
E a grã novilha: as vísceras assadas
Repartem, mesclam nas crateras vinho;
200 Eumeu taças ministra; o pão, Filétio;
Escanceia Melântio: o bodo encetam.

À soleira, mas dentro, baixa mesa
E tosco assento o filho pôs a Ulisses,
Que astúcias combinava, e das entranhas
205 O serve e entorna o vinho em áureo copo:
“A gosto, hóspede, bebe entre os guerreiros;
Salvar-te-ei de golpes e convícios:
A casa não é pública; é de Ulisses,
E herdeiro eu sou. Vós procos, refreai-vos,
210 Ou lide cá teremos infalível.”

Todos pasmam da audácia e os beijos mordem;
Mas o Eupitéio: “Amigos, suportemos
De Telêmaco as fúteis ameaças.
A querer o Satúrnio, ora açaimado

215 Aqui seria o parlador canoro.”
Cala Antino, e Telêmaco o desdenha.
Pela cidade arautos hecatombe
Guiam sacra, e no umbroso Febeu luco
Reúnem-se os Grajúgenas crinitos;
220 Ao tempo que, do fogo assadas carnes
Os príncipes tirando, as distribuem,
E o festim saboreiam: coube a Ulisses,
Como ordenara seu dileto filho,
Igual porção, que os servos lhe ministram.
225 Não consente Minerva que arrogantes
Abstenham-se de afrontas, para o anôjo
Mais do Laércio profundar no seio.
De Same habitador, iníquo e duro
Ctesipo, que alistou-se entre os amantes
230 No rico pai fiado, assim vozeia:
“Rivais extremos, é decente, é justo,
Aquinhoá-lo bem; nada faleça
De Telêmaco aos hóspedes, quais forem:
Meu dom receba amável, com que brinde
235 A quem, nos paços do imortal ausente,
O banha ou trata.” Aqui, toma de um cesto
E arroja um pé de boi; mas a cabeça
Ulisses, com sardônico sorriso,
Desvia, e o osso na parede bate.
240 Em cólera Telêmaco lho exprobra:
“Melhor te foi, Ctesipo, que evitasse
O hóspede o golpe teu; senão, tu foras
Desta lança varado, e em vez de núpcias
Teu pai te aprestaria a sepultura.
245 Proíbo em minha casa iniquidades;
Não mais criança, o bem do mal distingo:
Só contra muitos, passo os desperdícios
Do meu pão, do meu vinho, do meu gado;
Mas cesse a hostilidade. E a bronze frio
250 Se desejais matar-me, antes a morte
Que ver-nos espancar meus protegidos,
Na honrosa casa viciar as servas.”
Lavra em roda o silêncio, até que o rompe
Agelau Damastórides: “Amigos,
255 Não braveje nenhum contra a justiça;
Nem se maltrate o hóspede, nem outrem
Que habite na mansão do nobre Ulisses.
Grato seja a Telêmaco e à rainha

O que tranqüilo exponho. Enquanto a vinda
260 Esperáveis do grande e sábio Ulisses,
Causa havia de aqui nos demorardes,
E era justificável a constância;
Mas que ele está perdido é manifesto.

Pede pois a Penélope que eleja
265 Quem lhe aprover e a dote com largueza;
Em paz a herança paternal desfrutes,
E tua mãe do noivo orne o palácio.”

Cauteloso Telêmaco: “Por Jove,
Agelau, to assevero, pelas dores
270 De meu pai, que está morto ou longe vaga:
Minha mãe não coíbo, antes a empenho
A esposar quem lhe agrada e muito oferte;
Mas hei pejo e temor, tolham-me os deuses
Desta casa bani-la ou violentá-la.”

275 Aqui, Minerva os procos enlouquece,
Um riso inestinguível excitando,
Riso que erra nas bocas louquejantes:
Comem cruentas carnes; de água os olhos
Se lhes arrasa; n’alma o luto versa.

280 Teoclímeno a vozes profetiza:
“Misérrimos, que noite vos rodeia
De alto a baixo! que lúgubre ululado!
Estou já vendo lagrimosas faces,
Em sangue estas paredes e estes postes,
285 Cheio o vestíbulo e a brilhante sala
De espectros, que ao profundo Érebo descem!
Morre o Sol, e se esparge e adensa a treva!”

Eles às gargalhadas o chasqueiam,
E o de Pólibo grita: “O forasteiro,
290 Cá vindo não sei donde, é mentecapto.
Moços, ponde-o na rua; ande-se ao foro
Quem por noite hoje toma o dia claro.”

Mas o adivinho: “Eurímaco, retorque,
Não hei mister escolta; olhos e orelhas,
295 Bons pés tenho, e alma sã no peito aloj;
Vou-me donde um mal grave está pendente:
Nenhum se livrará dos que este asilo
Manchais de insultos e de ações infames.”
Disse, e foi-se a Pireu, que pronto o acolhe.

300 Olhando-se e às risadas, mofam todos,
E um moteja a Telêmaco: “És na escolha
De hóspedes infeliz: tens um mendigo

Sitibundo e famélico e vadio,
Sem préstimo e valor, da terra peso;
³⁰⁵ Outro a vaticinar pouco há surdiu-nos.
Mais útil, eu proponho, é que à Sicília,
Porque hajam pingue lucro, os embarquemos.”

Desdenhoso o mancebo, taciturno
Fita os olhos no pai, à espera sempre
³¹⁰ Do funesto sinal. De cima a Icária
Prudente, em belo escano recostada,
Os escutava. E rindo e zombeteiros,
Tendo eles bastas reses abatido,
Em festim novo e lauto iam cuidando;
³¹⁵ Mas, da injustiça em troca, lhes dispunham
Uma deusa e um varão mais agra ceia.

NOTAS AO LIVRO XX

120-156 — Como é antiquíssimo o borrfar as casas para as varrer! Assim o fazem na Itália aos pavimentos de tijolos, gerais ainda nas maiores cidades; assim o fazem no Brasil, onde o uso desses pavimentos é muito menor. — *Frasca* é o que os afrancesados chamam *bateria de cozinha*. — Os mesmos senhores é que rachavam a lenha, por ser a festa solene de Apolo: é o que diz o original, apesar dos que traduzem que os servos dos procos é que o faziam. — *Enovelar* ou *dobrar* o fio dos infortúnios é o que propriamente exprime o verbo grego.

313-315 — Os pretendentes acabavam de jantar, e iam já preparando outro repasto; o autor acrescenta que ceia menos agradável lhes tinham de preparar Minerva e Ulisses. Pindemonte seguia passo a passo a Homero; mas M. Giguet, omitindo a circunstância da ceia, diz: “Mais bientôt une déesse et un invincible héros vont dissiper leur joie par des exploits terribles”. Esta última versão está longe de ser fiel, nem tem a energia do original.

LIVRO XXI

Já da rainha à mente influi Minerva
Propor na sala do arco e das secures
A contenda, princípio da carnagem.
A escada monta, pelo ebúrneo cabo
5 Na mão toma carnuda a chave aênea
Curva e artefata, e vai com boas servas
À superior instância, onde o rei tinha
Muito ouro e cobre e trabalhado ferro;
Pleno acha o letal coldre e o fléxil arco,
10 Dons hospitais do Eurítides Ífito,
Lacedemônio herói. Com este Ulisses
No palácio topou do bravo Orfíloco,
Indo a Messena, embaixador imberbe,
Do pai e outros antigos deputado,
15 Longa viagem, reclamar trezentas
Ovelhas e seus guardas, que Messênias
Galés dos campos de Ítaca levaram.
Para seu dano, Ífito ali buscava
Éguas doze perdidas e a seus ubres
20 Doze pacientes mus: foi quando Ulisses,
Que doou-lhe uma espada e forte pique,
Esse arco teve, que, morrendo Êurito
Em seu palácio transmitira ao filho.
Ah! que nunca um do outro à mesa esteve!
25 Atalhou-se a amizade, porque Ífito,
Hospedado por Hércules, de Jove
O mais valente e façanhoso garfo,
Este o matou sem pejo dos Supremos,
Ímpia as éguas solípides retendo.
30 Por memória do amigo, o arco aceito,
Partindo Ulisses, o deixou na pátria.
Vizinha à câmara a mulher egrégia,
Tem-se ao portal de robre, esquadriado
E polido, a que o fabro acomodara
35 Esplêndidas ombreiras e batentes:
Solto o loro do anel, para o ferrolho
Da armela desprender, enfia a chave;
Com jeito ao revolvê-la, as altas portas,

Qual muge em várzea o touro, abertas rangem.
40 De sobre estrado, em que pousavam grandes
Caixas de roupa odora, as mãos alçando,
O arco e a funda lustrosa despendura;
Sentando-se, o coloca aos seus joelhos,
E lamenta e pranteia, ao destojá-lo.
45 Torna, enxutas as lágrimas, à sala,
Setas fatais e o arco sustentando;
Uma canastra escravas lhe carregam
Do cobre e ferro do certame régio.
Entre fâmulas duas, à soleira
50 Pára, e abatendo o fino véu perora:
“Vós que, à pretexto de esposar-me, ausente
Meu marido, estragais toda esta casa,
Ouvi-me. O arco eis aqui do nobre Ulisses,
E eu proponho um certame: quem mais fácil
55 O atese e freche atravessando os olhos
Das machadinhas doze, hei de segui-lo
Da conjugal estância, farta e bela,
Da qual me lembrarei té nos meus sonhos.”
O arco e acerado ferro então lhes manda
60 Pelo fiel choroso Eumeu. Filétio,
Ao ver o arco do rei, suspira e geme.
Antino os apodou: “Rústicos parvos,
Que só cuidais no de hoje, ah! miseráveis,
Enterneceis com lágrimas aquela
65 Que, perdido o consorte, em mágoas vive?
Comei calados, ou carpi de fora;
Deixai-nos o arco da custosa empresa:
Há quem fácil o curve e se equipare
A tão completo herói? Pequeno eu era,
70 E de Ulisses divino estou lembrado.”
Assim falou; mas no ânimo contava
O arco tender e traspasar os ferros,
Ele que provará primeiro a frecha
Do rei sem tacha, a quem no mesmo alvergue
75 Tinha afrontado, os sócios concitando.
Forte exclama Telêmaco: “Hui! por certo
Jove desjuizou-me: em que prudente,
Minha dileta mãe diz que por outrem
Larga esta casa, eu rio e insano folgo!
80 Procos, eia, ao certame: em Graias terras
Mulher, vós o sabeis, não há como ela,
Em Pilos santa, em Argos, em Micenas,

Nem mesmo em Ítaca ou no Epiro negro:
Para que pois levá-la? Decidamos,
85 Sem mais tergiversar, tente-se a prova.
Também o ensaiarei: se o arco ateso
E as secures enfio, a mim dolente
Não me há de abandonar a augusta madre,
Caso ao paterno jogo eu leve a palma.”
90 Direito surge, e o manto purpurino
Depõe dos ombros e a cortante espada.
Abre a cada secure funda cova,
Certo as alinha, em torno calca a terra:
Que o faça admirar, sem que nunca o visse.
95 Da soleira, o arco tenta, ávido e firme;
Três vezes falha. Espera inda animoso
Tender o nervo e atravessar o ferro;
E ao quarto esforço o gosto conseguira,
Se Ulisses não lhe acena, e então se teve.
100 “Oh! céus, brada, ou serei débil guerreiro,
Ou moço inda não posso braço a braço
A ofensa repelir. Vós mais pujantes,
Exp’rimentai; findemos a contenda.”
E o arco pousa e encosta aos alizares,
105 Do arco ao remate belo a seta apoia,
E ao posto volve. — Logo Antino: “Em cerco
Pela destra comece e donde o vinho
Se distribui.” O dito aprovam todos.
Ergueu-se o vate Enópides Liodes,
110 Junto à cratera assídua sentinela
Censor dos sócios, à injustiça avesso.
Ao limiar, pegando o arco e as setas,
Malogra o esforço; as tenras mãos doridas
Pouco atreitas molesta: “Eu cesso, amigos;
115 Outrem cometa a empresa. Este arco a muitos
Estrenuos privará de alento e alma;
E antes morte que vida, a quem frustou-se
Longa esperança. Aquele que inda fia
E pensa haver de Ulisses a consorte,
120 Verá presto que deve outras Aquivas
Requestar e dotar: com esta case
Quem mais lhe oferte e a sorte lhe destine.”
Também pousa arco e seta, e vai sentar-se.
Brame Antino em furor: “Que dito acerbo
125 Desses beijos, Liodes, proferiste?
O arco anuncias, por que em vão lidaste,

A muitos privará de alento e alma?
Não gerou-te a mãe tua para archeiro;
Mas outros pulsos poderão dobrá-lo.”

130 E ao cabreiro virou-se: “Fogo acende,
Grande escano lhe achega bem forrado;
Lá dentro há unto e um disco dele traze:
Aqueçamo-lo e o arco amacemos,
Para em breve o certame concluirmos.”

135 Melântio o fogo acende, o escano achega;
O unto, que não falece, ao lume aqueçam:
O arco a vergar seus braços não bastaram.
Abstêm-se Antino e Eurímaco deiforme,
Que facilmente aos outros superavam.

140 O vaqueiro e o porqueiro ambos saíram
E inda após eles, fora e já no pátio,
Lhes falou com doçura o divo Ulisses:
“Filétio e Eumeu, calar quiçá me cumpra,
E descobrir-me o coração me pede.

145 Se um deus súbito Ulisses vos mostrasse,
Deles serieis vós ou desses procos?
Da alma explicai-mo.” — Exclama-lhe o vaqueiro:
“Jove, a meu voto anui! um deus o traga!
Velho, meu brio e ardor conheceria.”

150 E Eumeu também depreca ao sacro Olimpo
Que volte o rei prudente aos seus penates.
Deles seguro, brada: “Eis-me, entre angústias
Chego ao vigésimo ano. Reconheço
O vosso amor e fé: dos servos todos

155 Sois quem me desejais com zelo e afinco.
Agora me atendei: se me dá Jove
Os intrusos domar, consortes, prédios,
Casas tereis ao pé da minha própria;
Sócios e irmãos sejais do meu Telêmaco.

160 Não há dúvida alguma: eis dos colmilhos
Do javardo o sinal, quando ao Parnaso
Os de Autólico filhos me guiaram.”
Da cicatriz então separa os trapos:
Certificados, o senhor abraçam

165 E beijam-lhe a chorar a testa e os olhos;
O mesmo Ulisses faz. Durara o pranto
Ao posto Sol, se o cauto o não vedasse:
“Basta, alguém ver-nos pode. Vou primeiro,
E entrai, com intervalo, um após outro.

170 Se eles do arco pegar me proibirem,

Traze-mo com a aljava, Eumeu divino,
Através da ampla sala; as servas manda
Aferrolhar as portas; nem que sintam
Estrondo e ais, de seu labor se bulam.
175 Os cancelos do pátio, ó bom vaqueiro,
A chaves tranca e fortemente amarra.”
Disse, e dentro sentou-se no seu posto;
Seguem-no a tempo os dous fiéis criados.
O arco Eurímaco ao lume aqueça e vira,
180 Mas nem sequer o verga; no orgulhoso
Peito suspira, e suspirando fala:
“Ai de mim e dos mais! Bem que as deseje,
Não choro as núpcias, que Ítaca e outras ilhas
Têm muitas belas; choro a clara prova
185 De superar-nos tanto o grande Ulisses:
Oh! futuro desdouro!” — A quem Antino:
“Tal não será, Eurímaco; reflete:
Hoje a festa celebra-se de Apolo,
Quem arco dobrará? depô-lo cumpre,
190 Inda que em pé deixemos as secures,
Pois ninguém penso as tirará da sala.
Eia, escanção, de novo os copos vaza;
Larguemos nós libando, o arco e as setas
Traga cedo Melântio nédias cabras;
195 Ao Longe-vibrador queimando as coxas,
A contenda amanhã terminaremos.”
Aplaudem-no. Água às mãos arautos vertem;
As crateras coroando, em roda os moços
O vinho distribuem. Já perfeitas
200 As libações, manhoso o herói discursa:
“Franco, dignos rivais, serei convosco;
A Eurímaco mormente me dirijo,
E ao régio Antino, que opinou cordato:
O arco repouse e confiai nos deuses;
205 A quem quer amanhã dê Febo a glória.
Mas emprestai-mo, a ver se as forças tenho
Que outrora os membros fléxeis me animavam,
Ou se o mar e a desgraça as confrangiram.”
Indignaram-se os príncipes, temendo
210 Que ele o arco dobrasse, e Antino estoura:
“Mísero! endoudeceste. Pouco julgas
Farto comer tranqüilo à nossa mesa,
Ouvir-nos praticar, vantagens que outro
Vagamundo ou mendigo nunca obteve?

215 Vinho ardente e melífluo te perturba,
Como a quem nele imódico se encharca.
O vinho a Eurítion, Centauro insigne,
De Pirítoo magnânimo nos paços.
Inflamou contra os Lápitas; a injúrias
220 Embriagado se moveu tamanhas,
Que os heróis do vestibulo o expulsaram,
Cerceando-lhe as ventas e as orelhas.
De alma chegada e lesado, errando insano,
Aos Lápitas urdiu cruenta guerra,
225 E o vinho d'antemão lhe foi desastre.
Mal do vinho haverás, se o arco vergas.
Tu advogado algum não tens no povo;
Irás a Équeto rei, flagelo de homens,
Em negra nau, sem que dali te salves.
230 Bebe em sossego, e a jovens não te afoutes.”
A rainha o impugnou: “É torpe e injusto
Que de meu filho o hóspede molestes,
Ou quem se abrigue, Antino, em minha casa.
Supões que ele, se em forças estribado,
335 O rijo arco de Ulisses estendesse,
Levar-me-ia consigo por esposa?
Nem sonha o pobre em tal, nem vos contriste
Nos festins semelhante pensamento.”
Respondeu-lhe o de Pólibo: “Rainha,
240 Crermos que ele te espose indigno fôra.
Teme-se a língua de homens e mulheres;
Talvez diga o mais vil: — O amor cobiçam
Da mulher de um valente os que o seu arco
Não puderam dobrar, quando erradio
245 Pedinte o fez, atravessando os ferros.
Tais motetes opróbrio nos seriam.”
“Eurímaco, Penélope retorque:
Respeita acaso o povo os que desonram
E os bens estragam de um varão sublime?
250 Sois vós que há muito vos manchais. Fornido
E apessoado, o velho se gloria
De um sangue ilustre: o arco lhe dai; vejamos.
Se Febo o ajuda, manto lhe asseguro
Belo e túnica rica, aos pés sandálias,
255 Dardo e anticípita espada que o defendam,
E o mandarei para onde for seu gosto.”
Sábio Telêmaco. “A nenhum dos chefes
De Ítaca branca, ou de ilhas que vizinham

Com a Élide em cavalos abundante,
260 Mais do que a mim, querida mãe, compete
O arco negar ou dar; nem há quem obste,
Se eu quiser a este hóspede ofertá-lo.
Vai curar do lavor, da roca e teia,
E assiste às servas: o arco aos homens toca,
265 Mormente a mim, que neste paço mando.”
Retira-se a rainha, e pasma e guarda
O maduro discurso de seu filho.
Sobe com suas fâmulas, chorosa
Pelo marido caro, até que Palas
270 Sono doce nas pálpebras lhe entorna.
O arco o divo porqueiro ia levando;
Mas rumor cresce imenso, e um deles brame
“Onde, abjeto porqueiro, esse arco levas?
A proteger-nos Febo e os outros numes,
275 Breve hão de nas pocilgas devorar-te
Cães nutridos por ti, sem que te acudam.”
A arma depôs Eumeu todo assustado;
Minaz também Telêmaco bradou-lhe:
“Avante, avante, a chusma não te embargue
280 Ou, posto que menor, eu te hei-de a pedras
Ao campo repelir, que sou mais forte.
Assim tanto excedesse aos pretendentes,
Que destes paços os tivera expulso,
Onde exercem flagícios e torpezas.”
285 Ei-los a rir a cólera esqueceram.
O arco o fiel pastor, por entre a sala,
Entrega a Ulisses, e à nutriz adverte:
“As servas manda, o príncipe te ordena,
Aferrolhar as portas; nem que sintam
290 Estrondo e ais, do seu lavor se bulam.”
Executa Euricléia à risca e pronta.
Mudo Filétio furta-se; os cancelos
Do pátio fecha, e os liga de biblino
Cabo naval, que ao pórtico jazia,
295 E os olhos no senho, torna a seu posto.
O arco o herói tenteia, e vira e indaga
Se de vermes roído estava o corno.
Um disse: “Admirador é certamente,
Será de arcos ladrão; possui em casa
300 Muitos iguais, ou fabricá-los busca:
Destramente o meneia o vagabundo!”
Outro ajunta: “Bem haja, como agora

Tem de o vergar.” Zombando galrejavam.

Solerte enfim Ulisses o examina:

³⁰⁵ Qual estende perito citaredo
Com nova chave do alaúde as cordas,
As torsas adaptando ouvinas tripas,
Fácil o atesa, a destra o nervo estira,
Que soou como chilro de andorinha.
³¹⁰ De cor os procos doloridos mudam;
Forte Jove troveja, e o divo Ulisses
Folga ao sinal: da mesa pega a nua
Leve seta, na aljava as outras sendo
Que hão de os Aqueus experimentar; sentado,
³¹⁵ Embebe-a no arco, puxa o nervo e as barbas;
Da mira não desvaira a brônzea frecha,
Das secures zunindo os furos passa.
Ao filho clama: “O hóspede que abrigas
Não te desonra; o tiro foi certo
³²⁰ O arco tendi sem lida: hei sãs as forças,
Cessem do vitupério estes senhores.
Hora é de preparar com dia e ceia;
Orne a lira o banquete, o canto o alegre.”

As sobranceiras move: aguda espada

³²⁵ Eis Telêmaco cinge, empunha a lança;
Do pai senta-se ao pé, de bronze armado.

NOTAS AO LIVRO XXI

83 — O autor chama negro o Epiro; e eu conservo o adjetivo, sem poder contudo acertar com a razão. Uns dizem que *negro* se refere à cor do terreno, e equivale a *fecundo*; pensam outros que, passando os Epirotas por ásperos e rudes entre os antigos, toma-se aqui *negro* por *tosco* ou por *quase bárbaro*; alguns afirmam que o Epiro, visto de longe, por exemplo de Corfu, apresenta uma cor sobremodo escura. Não sei escolher.

123 — Resumi esta passagem, por ser a repetição dos versos 104-106 deste mesmo livro; e o advérbio *também* declara suficientemente que Liodes fez o mesmo que fizera Telêmaco.

293-307 — O cabo era *biblino* ou de *biblos*, certa espécie de *papiros*; assemelhava-se ao que hoje tem o nome de *cairo*, que é a corda ou calibre da casca externa do coco. — Daqui se vê quão antigas são as cordas de tripa de carneiro para os instrumentos músicos.

LIVRO XXII

Despe os trapos o herói, pula à soleira
De arco e de aljava, e aos pés derrama as flechas,
Dizendo aos procos: “A árdua empresa é finda;
Num alvo nunca dantes alcançado

5 A mira tenho, e dê-me glória Febo.”

A Antino aqui dispara o tiro acerbo,
Quando ele as duas asas d’áurea taça
Maneava, e o licor ia empinando,
Não cuidadoso da morte. Quem previra

10 Que entre muitos um só, famoso embora,
À Parca o renderia? A ponta o vara
Da goela à cerviz tenra; ao golpe, Antino
Deixa a taça cair, deilharga tomba;

Sangue das ventas jorra, e a pés convulso

15 A mesa empurra; espalha-se a comida,
Suja-se a carne e o pão. Ferve o tumulto;
Erguem-se alvoroçados, procurando
Em vão, pelas paredes esculpidas,
Escudo ou lança, em cólera fremiam:

20 “Que! forasteiro, aos homens é que apontas!
Final proeza: abutres vão tragar-te;
Mataste a flor dos Ítacos mancebos.

Louco! accidental suponho o caso,
Nenhum tão iminente o fado cria”;

25 Mas carrancudo Ulisses: “Cães! julgando
Que eu de Ílio não viesse, consumida
Nossa fazenda, as servas estupráveis,
E de um vivo a consorte pretendíeis,
Sem pejo nem temor de homens e deuses!

30 Agora transporei o umbral da morte.”

Susto e palor os cobre; olhando buscam
Algum refúgio, e Eurímaco responde:

“Se és na verdade Ulisses Itacense,
Tens razão, porque os Dânoas cometeram

35 Neste paço e no campo iniquidades.

Mas ali jaz quem foi de tudo causa,
Antino: a tais ofensas induziu-nos,
Por amor não das núpcias, por cobiça

E ambição de reinar; quis de teu filho,
40 O que o Satúrnio lhe tolheu, dar cabo.
As traições expiou; poupa teus povos.
Será pública a emenda, e prometemos,
Pagando quanto aqui te consumimos,
Cada um com vinte bois satisfazer-te,
45 Com ouro e bronze que teu peito alegrem.
O desagravo aplaque-te os furores.”

Tétrico o herói: “Toda a paterna herança
E muito mais, Eurímaco, me désseis,
A desforra cruenta era infalível.
50 Só vos pode salvar combate ou fuga;
Nenhum cuidado porém que a Parca evite.”

Esmoreceu com isto, os joelhos frouxam,
E Eurímaco replica: “Aljava e arco
Ele não deporá das mãos invictas,
55 Sem que do limiar nos prostre, amigos.
Sus, dos gládios puxai, fazer das mesas
Reparo aos tiros seus; num grupo unidos,
O expilamos do ingresso, e reclamemos
Pela cidade auxílio: último o dia
60 Seja em que setas rápidas jacule.”

O bronze afiado arranca de dous gumes,
Salta horrendo a rugir contra o Laércio;
Que lesto à mama o fere, e a veloz farpa
No fígado lhe prega: a espada vai-se;
65 Revolto em cerco à mesa, donde rola
Comida e louça, de cabeça em terra
Bate, e a pés, convulsivo e agonizante,
Sacode o assento; a vista se lhe entrava.

Corre Anfíno a Ulisses glorioso,
70 De alfanje nu, para o expelir da entrada;
Mas o pique Telêmaco entre os ombros
Atrás lhe enterra e os peitos lhe traspassa;
Só não lho extrai, de medo que, ao sacá-lo,
Prono o apunhalem. Súbito recorre
75 A seu pai: “Vou trazer-te aêneo casco,
Dous dardos e um broquel. Tempo é de armar-me
E os pastores fiéis.” — “Sim, volve Ulisses,
Não tardes, filho; enquanto as frechas durem,
Todos eles das portas não me arredam.”

80 À voz do caro pai, despede aonde
Recolheram-se as armas; oito escudos,
Hastas oito, quatro elmos traz cristados,

E ao campeão de pronto vem juntar-se;
Arneza-se primeiro e os dous pastores,
85 Com quem de Ulisses em redor se posta.
Do cauto herói cada frechada abate
Um dos procos, e em pilha iam caindo.
Esgotado o carcás, à ombreira o encosta
E o válido arco à nítida fachada;
90 Quádruple escudo abraça, rígido elmo
Nutante enfia de cocar eqüino,
Éreos dardos fortíssimos apunha.
Alta janela havia na parede,
E ao cabo do vestíbulo de tábuas
95 Estreita rampa, a única subida:
Manda Ulisses a Eumeu que ali vigie.
Agelau, que o percebe: “Amigos, disse,
Não há quem monte à superior janela,
Pelo povo a bradar? com sua ajuda,
100 Este homem nunca mais dardejaria.”
Melântio refletiu: “Não é possível,
Divo Agelau; que a rampa, junta ao pátio,
Por empinada e angusta, um só valente
Basta a guardá-la. Acima eu vou pôr armas,
105 Ânimo! estão, suponho, em celsa estância,
Onde Ulisses e o filho as depuseram.”
Por interior escada ei-lo que passa
À câmara de Ulisses, donde aos procos
Doze dardos fornece e broquéis doze,
110 Doze êneos cascos de camada crista.
O herói tituba um tanto, ao ver arnêses
Fugir aos peitos e nas mãos remessos;
Maior a empresa então se lhe afigura,
E grita: “Armou-nos, filho, uma das servas
115 Cruel certame, se não foi Melântio.”
“A culpa é minha, o príncipe confessa,
A câmara, meu pai, deixando aberta;
Eles desse descuido se valeram.
Anda a fechá-la, e observa, Eumeu, se alguma
120 Escrava é quem nos trai, ou, como julgo,
De Dólio o filho.” — Entanto, Eumeu lobriga
Melântio a remontar: “Solerte Ulisses,
O traidor é o ruim que suspeitamos.
Se o venço, hei de matá-lo, ou conduzir-to
125 Por que pene os excessos perpetrados?”
E o rei prudente: “A lhes conter a fúria

Eu basto com Telêmaco. Vós ambos
Na câmara o tranqueis: atai-lhe às costas
Mãos e pés; ao pilar da corda o extremo
130 O ice; da trave atormentado penda.”
Apressuram-se os dous. Sem que os bispasse
Já dentro, armas catando, o guarda-cabras,
De sentinela ao patamar ficaram;
Até que sai, com reluzente casco
135 Na esquerda, na direita um ressequido
Largo e velho broquel do bom Laertes,
Que estava ali de loros despegados.
Com juvenil ardor, no solho interno
Rojam-no preso, amarram-no e penduram,
140 De seu senhor executando as ordens.
Mordaz, Eumeu, clamaste: “Ora, Melântio,
Na mole veles merecida cama;
E, ao raiar do Oceano a matutina
Aurora em trono de ouro, não te esqueças
145 De lhes trazer para os banquetes cabras.”
Arrouchado e suspenso, o abandonaram,
Fechando a porta; e em bronze reluzindo,
A respirar vigor, juntam-se ao divo
Sábio guerreiro: à entrada apenas quatro,
150 São muitos os da sala e não cobardes.
Em Mentor se disfarça e vem Minerva;
Ulisses a folgar: “Mentor, socorro;
Amigo teu fui sempre, e me és coevo.”
Ora assim, mas suspeita ser Tritônia.
155 Rompem logo em doestos, e é primeiro
Agelau Damastórides: “Ulisses
Contra os procos, Mentor, não te seduza;
Ou com teu sangue expiarás a culpa,
Assim que ele e Telêmaco sucumbam,
160 Como é de crer. Depois que o bronze expire,
Teus bens de fora e urbanos confundidos
E os do Laércio, de Ítaca a família,
Os filhos teus, as filhas, casta esposa,
Nós surdos à piedade expulsaremos.”
165 Em mais cólera a déia: “Já te falta,
Ulisses, o valor que, da alva e nobre
Helena a pró, nove anos despregaste,
Varões tantos rendendo em graves prélios,
Ílion por teus conselhos derrocada:
170 Como! nas tuas possessões recusas

A insolentes punir! Ânimo, filho;
O Alcimides verás como te é grato.”
E a fim de comprovar o esforço dele
E do excelso Telêmaco, a vitória
175 Inda balança, e em resplendente poste,
A revoar, qual andorinha, pousa.
Eurínomo, Agelau, Demoptólemo,
Anfimédon, Pisandro Politório,
Pólipo armiperito, aos seus roboram;
180 Os fortes são que vivos pleiteavam,
Pois o arco assíduo os outros já domara.
“Vêde-o, grita Agelau, que as mãos invictas
Retêm; Mentor jactancioso foi-se;
À entrada, amigos, sós pelejam quatro.
185 Eia, brandi, não todos, mas seis dardos:
Jove nos glorifique, o herói firmos;
Dos mais não se nos dê, se ele é vencido.”
Frustra Minerva os dardos seis que voam:
Prega-se à porta um freixo de érea choupa,
190 Outro ao grosso alizar, outro à parede.
Malogrados os tiros, manda Ulisses
Paciente e firme: “Toca-nos, ó caros,
Punir os que ardem consumir seus crimes
Com nossa morte.” Lanças quatro zunem:
195 Ele a Demoptólemo, o filho a Euríade,
A Élato Eumeu, Filétio ao Politório,
Morder o vasto pavimento fazem.
Recua ao fundo a chusma, e os quatro os freixos
De chofre dos cadáveres desprendem.
200 De novo os procos a vibrar forcejam,
E as hastas quase inutiliza Palas:
No portal finca-se uma, outra num poste,
Ou num lanço da sala; mas o corpo
A Telêmaco esfola a de Anfimédon,
205 E a de Ctesipo, a Eumeu roçando a espádua,
Salva o escudo e baqueia. Em torno ao chefe
Mantêm-se inda mais bravos: a Eurídamas
O eversor de muralhas, a Anfimédon
Fere Telêmaco, o porqueiro a Pólipo;
210 A Ctesipo Filétio os peitos vara,
E ufaneia: “Insultante Politérside,
Cessas de encher a boca de estultícias;
Cabe o discurso aos poderosos numes.
Pago és do pé de boi com que hospedaste

215 O divo herói mendigo em seu palácio.”
Ao falar o vaqueiro, fronte a fronte
Seu amo a Damastórides lanceia;
Por Telêmaco a bronze roto o ventre,
Se debruça Leócrito Evenório,
220 Bate no solo a testa . Eis do fastígio
Alça Tritônia a égide homicida:
Vagam todos atônitos, qual fogem
Do vário ágil tavão picadas reses
Nos vernais longos dias. Da montanha,
225 De garra e bico adunco, abutres saltam
Sobre aves, que tremendo alam-se às nuvens;
Eles porém, folgando os campesinos,
Sem mais refúgio, alcançam devorá-las:
Assim de cabo a cabo a turba acoçam,
230 Rompem, vulneram; mestos ais ressoam,
E todo o pavimento em sangue ondeia.
Súbito abraça a Ulisses os joelhos
Suplicante Liodes: “Compassivo
Me sê, Laércio. Nunca obrei, nem disse
235 Causa que as servas tuas ofendesse;
Antes continha os sócios, que emperrados
O mal purgaram já com morte feia.
Vate e inocente, padecer não devo:
Recompensa futura aos bons compete.”
240 Sombrio o rei troveja: “Eras seu vate,
Longe me ansiavas dos queridos lares,
Ter de minha mulher quisestes filhos;
Trago amargo haverás.” E, erguendo a espada
Que ao morrer Agelau deixara em terra,
245 Com mão forte a Liodes, que ainda orava,
A cabeça mutila e em pó lha envolve.
O Terpíades Fêmio, dos intrusos
Cantor coato, esquiva-se ao trespasso;
E, em punho a lira arguta, considera,
250 À superior saída, se abrigar-se
Na ara de Jove iria, onde o Laércio
E o pai queimaram coxas mil taurinas,
Se deitar-se-lhe aos pés: foi deste aviso.
Entre a cratera e a sede clavi-argêntea
255 Pondo o cavo instrumento, implora e estreita
Os joelhos do herói: “Príncipe augusto,
Perdão! há de pesar-te se exterminas
Vate que humanos e imortais celebra.

Eu doutrinei-me, o Céu me inspirou mesmo
260 Onígenas canções; posso entoar-tas,
Qual a um deus: no meu sangue ah! não te manches.
Por indigência não, teu filho o sabe,
Dos procos aos festins forçado vinha;
Tantos e mais potentes me obrigavam.”
265 Enérgico Telêmaco: “Este insonte,
Nem o arauto castigues, pois na infância
De mim curava, se é que Eumeu, Filétio,
Ou golpes teus letais o não prostraram.”
Ouve-o Médon alerta, que medroso,
270 De baixo do seu trono, em fresca pele
Bovina se escondera; e, sacudindo-a,
Ajoelha-se a Telêmaco: “O paterno
Cru bronze, amigo, aos loucos não me iguale
Que, esbanjados os bens, te desonravam.”
275 Sorrindo o herói: “Telêmaco salvou-te
Sus, apregoa que vantagem leva
Sempre a virtude ao vício. Ao pátio aguarda
Mais o cantor famoso, que eu preencha
Quanto me cumpre.” — Da carnagem fora,
280 Ambos da ara de Jove tudo espreitam.
Na sala, circunspecto, ele examina
Se inda algum respirava, e em pó sangrento
Jaziam todos: qual à praia curva
Arrasta a malha os peixes, que, empilhados
285 Na areia, mudos cobiçando as vagas,
À luz do Sol em breve o alento exalem;
Tais os procos ali se amontoavam.
E Ulisses: “Da nutriz já já preciso,
Telêmaco.” O postigo o moço volve:
290 “Olá, quer-te meu pai, não tardes, ama,
Que és das fâmulas todas superiora.”
Fútil mando não foi; que, abrindo as portas,
Caminha após Telêmaco Euricléia:
De mãos e pés imundo encontra a Ulisses
295 De fresca mortualha circundado;
Como o leão, que, tendo a rês comido,
Cruento o peito e a cara, avulta horrível.
Nos mortos atentando e no alto feito,
Ia a velha gritar; seu amo o atalha:
300 “Folgues embora em ti, mas não jubiles;
Cousa é torpe exultar por homicídios.
Cru destino os domou, sua impiedade:

Sem respeito a ninguém, por bom que fosse,
Pecados seus à Parca os devotaram.

305 Agora as delinqüentes me enumera,
Que esta casa honestíssima desdouram.”
E a dileta nutriz: “Meu filho, escuta.
Fâmulas tens cinqüenta, que ensinamos
A lavar, a cardar, a submeter-se

310 À escravidão: na impudícia doze,
De mim não se lhes dá, nem dá senhora
Telêmaco, inda há pouco adolescente,
Que a mulheres governe a mãe proíbe.
Eu já subo a falar com tua esposa,

315 Por divino favor adormecida.”
Mas ele: “Não é tempo de acordá-la.
Aqui me chama as impudentes servas.”
Apressura-se a velha mensageira.

A Telêmaco o rei e aos dous pastores

320 Juntos prescreve: “A transferir os mortos
Começai, das mulheres ajudados;
Expurguem-se depois com água e esponja
Tronos e mesas. Toda a sala em ordem,
As rês daqui levai; de espada a fios

325 Da cerca do átrio em meio e da rotunda,
Expire uma por uma, e esqueçam Vênus
Que furtivas as ligava aos pretendentes.”

Elas em pranto e ais chegadas foram;
Soluçando, os cadáveres às costas,

330 Ao pórtico do pátio os depuseram,
Mútuo auxílio a prestar-se; o mesmo Ulisses
As concitava, e a custo prosseguiam.
Limpos à esponja os móveis elegantes,
O solo os três com pás iam raspando,

335 O lixo as criminosas carregavam.
E concertada a sala, as conduziram
Da cerca do átrio ao meio e da rotunda,
Augusto sítio, impedimento à fuga.

Lá Telêmaco disse aos companheiros:

340 “Não morram simples morte as que, nos braços
De infames tais, enchiam-me de opróbrio
E a minha casta mãe.” Nisto, um calibre
Naval de uma coluna atando, em roda
No alto passa da torre, que nenhuma

345 O chão de pés tocasse. Qual, entrando
Pombas ou tordos num vergel, da moita

Em rede caem de estendidas asas,
Triste poleiro e cama; assim, por ordem
Elas em laços, curto esperneando.
350 Cessam de palpitar estranguladas.
Ao vestíbulo e átrio, a sevo bronze,
Ventas e orelhas a Melântio cortam,
Lançam-lhe os genitais a cães famintos,
Pés decepam-lhe e mãos. — Completa a obra,
355 Vão-se purificados ao Laércio,
Que determina: “Salutar enxofre
Traze e fogo, Euricléia; defumada
Seja a casa. Ao depois a vir exortes
A rainha e as escravas.” — Mas a velha:
360 “Otimamente, filho meu, discorres;
Outras vestes porém dar-te-ei primeiro:
Decoroso não é que em teu palácio
Forres de andrajos os robustos membros.”
Insta o senhor: “O fogo é já preciso.”
365 Fogo e enxofre sem réplica ela trouxe.
Com que Ulisses defuma a sala e o pátio.
Sobe a ama de novo e intima as ordens:
As servas em tropel sustendo fachos,
Ledas em torno, abraçam-no e saúdam,
370 Beijando-lhe a cabeça e as mãos e espáduas;
E ele, que n’alma as reconhece, um doce
Desejo tem de choro e de suspiros.

NOTAS AO LIVRO XXII

93-98 — A posição desta janela e subida não se pode bem determinar; os comentadores não explicam o lugar satisfatoriamente, nem eu me lisonjeio de ter acertado.

141-145 — Nesta passagem, principalmente no fim, apartei-me um pouco do sentido literal, para melhor exprimir a zombaria de Eumeu.

155 — *Doesto* significa *injúria* ou *vitupário*; sem embargo de alguns diários e folhas o tomarem erradamente por *dor* ou *pesadume*.

210 — Advirto que, sempre que vem o nome Ctsipo com duas sílabas, eu o faço de três Ctesipo, como o fez Pindemonte; porque na língua portuguesa, que foge de muitas consoantes seguidas, o dissílabo seria áspero em qualquer verso.

342-354 — Toda esta cena de *serralho*, como a nomeia M. Giguet, é horribilíssima; e acrescenta o horror o suplício de Melântio, sobre quem se exerce uma vingança brutal. Não é mau que Homero nos pintasse um tal quadro, para avaliarmos os costumes daqueles tempos. Contudo, se fosse Virgílio que o fizesse, quantas pragas não choveriam das bocas e penas de certos críticos modernos!

368-372 — Depois da cruel carniçaria, Homero desenluta o seu ouvinte ou leitor com a ternura das servas inocentes, e com o desejo de chorar que teve o senhor ao reconhecê-las; mas, não obstante a habilidade com que traça este novo quadro, o primeiro não se apaga e nos deixa uma dolorosa impressão.

LIVRO XXIII

Às risadas a velha os joelhos move,
Celérrima a informar que é vindo Ulisses,
E a Penélope fala à cabeceira:

“Surge, anda, filha, a veres com teus olhos
5 O que tanto almejaste: eis bem que tardo,
Castigou teu marido os que, estragando
Casa e fazenda, o filho te oprimiam.”

E ela: “O Céu, que à vontade, ama Euricléia,
Do louco um sábio faz, do sábio um louco,
10 Transtorna-te a razão que te assistia.
Como! zombas de mim, que hei tantas penas,
E as pálpebras do sono me descerras,
Sono o mais saboroso dêz que Ulisses
Foi-se à nefanda Tróia? Desce e vai-te.

15 Se outra com tais anúncios me acordasse,
Eu mais dura e severa a despedira;
Mas vale-te essa idade.” — A escrava insiste:

“Filha, de ti não zombo; em casa o temos;
É o hóspede que todos insultavam.
20 Já sabia Telêmaco o segredo;
Ocultava-o prudente, a fim que Ulisses
A soberba e violência refreasse.”

Leda salta Penélope do leito,
Em lágrimas a abraça: “Ama querida
25 Se isso é verdade, se ele aqui se alverga,
Os audazes, que sempre estavam juntos,
Como só derribou?” — E a nutriz: “Nada
Eu vi, nem mo contaram, mas ouvia
O estrondo, o pranto, os ais dos moribundos,

30 Lá nos retretes, a trancadas portas,
Em susto éramos todas, e teu filho
Por ordem paternal veio chamar-me.
Achei teu bravo Ulisses entre os mortos
Uns por cima dos outros: exultaras

35 De o ver leão sangrento e encarniçado!
Ele, fora os cadáveres em montes,
Fumiga o paço, e ordena que me sigas,
Anda, ambos de alegria abeberai-vos,

Depois de tantas mágoas; a tão longa
40 Saudade se mitigue. Ele nos torna
Vivo e são; cá te encontra e o filho vosso;
Puniu já desta casa os malfeitores.”

Logo a rainha: “A rir não te glories.
Sim, grata a vinda sua a todos fora,
45 Mormente a mim e ao filho que geramos;
Porém, ama, não creio o que me afirmas:
Indignado algum nume de arrogâncias
E injúrias tais, livrou-nos de insolentes
Que a ninguém, por melhor, tinham respeito;
50 Mas longe Ulisses acabou decerto.”

“Filha, insiste Euricléia, que proferes?
Duvidas inda, e ao lar já tens o esposo!
É muito. Ora um sinal te manifesto:
Ao lavá-lo, do cerdo conheci-lhe
55 A cicatriz. Eu ia anunciar-to,
Cauto a boca tapou-me. Vem; consinto,
Mata-me, se te engano.” — “É-te impossível,
Penélope argüiu, por mais ciente,
O arcano, amiga, perceber divino.
60 Contudo, ao filho corro; esses perversos,
Aquele que os prostou, meus olhos vejam.”

Desce, do caro esposo revolvendo
Se as mãos e as faces beije, ou tão somente
O interrogue distante. Já transposto
65 O pétreo limiar, defronte, ao lume,
Noutra parede fica: ele, encostado
Numa coluna, arreda a vista, à espera
Que o fite e que lhe fale a mulher forte;
Ela, em silêncio estúpido, ora o encara,
70 Ora pelo seu trajo o desconhece.
Rompe e a censura o filho: “Que! tão dura
Esquivas a meu pai, nem dele inquires!
Que outra mulher assim desamorosa
Recebera um marido, após vinte anos
75 De ânsias cruéis? Tens coração de pedra.”

Escusou-se a rainha: “De pasmada,
Meu Telêmaco, olhar nem falar posso.
A ser teu pai, a todo mundo ignotos,
Sinais temos que o provem.” — Tolerante
80 O herói sorriu-se: “A mãe consintas filho,
Que me tente e afinal se desengane;
Sujo e torpe, ela estranha-me e repugna.

Consultemos agora. Se alguém mata
Um popular de asseclas mal provido,
85 Foge, terra e parentes abandona:
De Ítaca a flor e esteios derribamos;
Deliberemos nós.” Cordato o jovem:
“Cabe-te isso, meu pai; fama é constante,
Mortal nenhum te iguala no conselho;
90 Seguir-te só me cumpre, e eu forças tenha,
Que outrem não há de em ânimo vencer-me.”

E o cauteloso: “Pois meu voto escuta.
Primeiro vos lavais, mudai vestidos,
E ordenai-me às cativas que se enfeitem.
95 O músico na lira preludie
Dança amorosa, a fim que núpcias dentro
Haver pense ou vizinho ou viandante.
Fora a carniçaria não persintam,
Antes que os agros e vergéis busquemos:
100 Lá do Olimpo o senhor deve inspirar-nos.”

Lavam-se, dóceis, de vestidos mudam,
Às mulheres prescrevem que se adornem.
Fênio na ebúrnea lira já consona
Dança ligeira e doce melodia:
105 Ao tropel toda a casa reboava
De esbeltos jovens e de airosas moças.
Cruzam vozes da rua: “Algum de tantos
A rainha esposou, que mais valera
Se fiel ao marido os bens guardasse.”
110 Assim, néscios do caso, discorriam.

Lava a cuidosa Eurínoma e perfuma
O brioso Laércio, e o paramenta.
Aformoseia-lhe a cabeça Palas;
Majestoso e maior, na espalda a coma
115 Cor de jacinto em ondas se lhe esparge;
Tamanha graça lhe vestiu Minerva,
Quantia infunde em lavor de prata e ouro
Dela e Vulcano artífice amestrado.
Como um deus sai do banho, torna ao posto
120 Fronteiro ao da consorte, e assim perora:
“Tão duro coração, femíneo monstro,
Nunca foi dos celícolas forjado!
Que outra mulher tão fria se portara
Ao chegar seu marido após vinte anos
125 De pena e dor? Sus, ama, um leito apresta,
Quero dormir. Sua alma é toda ferro.”

“Monstro eu! retorque; nem te apouco altiva,
Nem me assombro demais: qual te embarcaste
No instruto galeão, me estás na mente.
130 Eia, fora da alcova alça, Euricléia,
O reforçado leito, obra de Ulisses,
Com mantas e tosões, com moles colchas.”
Tal foi para o marido a prova extrema.
Ele à casta mulher gemendo exclama:
135 “Quem removeu-me o leito? oh! triste nova!
Isso nímio custara ao mais sabido,
Salvo intervindo um nume; empresa enorme
Fora a humano qualquer, por mais viçoso:
Fi-lo eu sozinho; este sinal te baste.
140 Grossa como coluna, vegetava
No pátio umbrosa e flórida oliveira:
Densas pedras em roda, em cima um teto,
Câmara edifiquei de unidas portas;
Já desgalhado, a bronze descasquei-lhe
145 Desde a raiz o tronco, e de esquadria
Artífice o puli, verrumei tudo,
Formando um pé, começo do meu leito;
Marfim neste embutindo e prata e ouro,
Táureas correias lhe teci vermelhas.
150 Esta a verdade. Ignoro se está firme
Esse leito, ou, serrando-se-lhe o tronco,
Por algum dos varões foi transplantado.”
Aqui, tendo Penélope a certeza,
Desfaleceu; depois, toda alvoroço,
155 Em pranto o colo do marido abraça,
E o beija e diz: “Ulisses, foste aos homens
O exemplo da prudência, não te enfades.
Irmos juntos logrando os flóreos dias
O Céu nos invejou; perdão, se ao ver-te
160 Não fui logo lançar-me no teu seio:
De que outrem com discursos me iludisse
Tremia sempre; os dolos não falecem.
A Dial Grega Helena o toro nunca
Do estranho compartira, a ter previsto
165 Que à pátria e casa os belicosos Dânaos
Tinham de a reduzir: a tanto opróbrio,
Causa da nossa dor, cruel deidade
A infeliz arrastou, que o não cuidava.
Porém veros sinais manifestaste:
170 Outro nenhum varão viu nossa alcova,

Nós e a fiel Actóride somente,
Por meu pai concedida, e que é porteira.
Minha justa esquivança embrandecestes.”

Ele com isto em lágrimas rebenta,
175 Mais ao peito cingindo a casta esposa.
Da praia quando à vista os naufragados,
Por Netuno e por vagas sacudidos,
Poucos no vasto pélagos nadando,
Sujos da maresia, à morte escapam,
180 Não têm maior prazer do que a rainha
Teve ali. Não despega os alvos braços
Do colo do consorte; e a ruiva Aurora
Os encontrara, se não fosse Palas:
A olhicerúlea, prolongando as sombras,
185 No Oceano a retinha em áureo trono,
Sem que até ao coche alípides ginetes
Lampo e Faeton, que a luz no mundo espalham.

“Mulher, diz-lhe o marido, não findaram
Nossas provas; uma árdua imensa empresa
190 Me cumpre executar: assim Tirésias,
De mim, dos sócios meus, soltando os fados,
Profetizou-me na Plutônia estância.
Mas vamos, doce amiga, ao leito nosso
Deleitar-nos em brandos e meigos sono.”

195 Penélope acedeu: “Já que em meus braços
Pôs-te o Céu, no meu leito a gosto sejas.
Mas que perigo anunciou-te o vate?
Se hei de saber depois, que o saiba agora.”

“Se o queres, anjo meu, responde Ulisses,
200 Não to escondo: ah! matéria é de tristeza
Para ti, para mim! Que peregrine
Remotas plagas me ordenou Tirésias,
E ágil remo sustendo, a povos ande
Que o mar ignoram, nem com sal temperam
205 Que amuradas puníceas não conhecem,
Nem remos, asas de baixéis velozes.
Deu-me o sinal: assim que um viandante
Pá creia o remo ser, eu do ombro o desça
Finque-o no chão, carneiro e touro imole,
210 Varrão que inça a pocilga, ao rei Netuno;
Mas na pátria hecatombes sacrifique
Aos imortais celícolas por ordem.
Do mar cá me virá mui lenta a morte,
Feliz velho entre gentes venturosas.

215 Certos me asseverou seus vaticínios.”
Ela acudiu: “Se os deuses te prometem
Melhor velhice, espero que triunfes
Inda uma vez.” — Enquanto praticavam,
Eurínoma e a nutriz, de acesas tochas,
220 A cama afôfa e mórbida estendiam.
Isto acabado, a velha foi deitar-se,
E a camareira ao quarto alumiou-os
E retirou-se. Com delícias ambos
Do antigo toro o pacto repetiram.
225 Também Telêmaco e os leais pastores
Suspensa a dança, despedindo as servas,
Pelos sombrios paços repousaram.
Ao desejado amor depois de entregues,
Em colóquios os dous se regozijam:
230 Conta a mulher divina os dissabores
De olhar contínuo a turba dissoluta,
Que, bois, cabras e ovelhas degolando,
E os tonéis exaurindo, a requestava;
Ele, as dores impostas ou sofridas.
235 Leda a esposa de ouvir, só depois dorme.
Primeiro expôs o estrago dos Cícones,
E a terra dos Lotófagos ubérrima;
Como vingou-se do feroz Ciclope,
Que os sócios lhe comeu; como, inda à pátria
240 Ir não sendo seu fado, com doçura
De Eolo aceito, mais por fim repulso;
Jogo ah! foi da procela em mar piscoso;
Como, aportado à Lestrigônia, tantos
Perdeu, salvando seu baixel apenas.
245 Expôs os dolos e dobrez de Circe;
Como, a Plutão vogando em nau compacta,
Viu, do Tebano vate após consulta,
Irmãos de armas e a mãe que amamentou-o;
Como as Sereias lhe cantaram; como
250 Chegou-se a instáveis rochas e a Caríbdis,
E a Cila que sem perdas não se evita.
Expôs que, a raio o Altíssonos a matança
Dos bois do Sol punindo, a nau ligeira
E os demais soçobrou; que, à ilha Ogígia
255 Arribando ele só, foi por Calipso
Detido em cava gruta e acarinhado;
Que a ninfa, de esposá-lo cobiçosa,
Prometeu-lhe uma eterna juventude,

Sem jamais demovê-lo da constância.
260 Findou pelos Feaces, que de um nume
A par o honrando, em nau de cobre e alfaias
E de ouro onusta, a Ítaca o mandaram.
Do sono aqui dulcíssimo assaltado,
Solve os pesares; e, julgando-o Palas
265 De repouso e de amores satisfeito,
Chama a fulgente Aurora do Oceano,
E na alvorada o sábio herói desperto
Se endereça à mulher: “Sobejas penas
Tivemos: tu, chorando a minha ausência;
270 Eu, delongas e empeços que o Satúrnio
E outros deuses à vinda me opuseram.
Ora, que o nosso tálamo ansiado
Já tocamos, dos bens restantes cura:
Para suprir os meus currais e enchê-los,
275 Hei de apresar, e parte haver do povo.
Aos bosques vou-me e campos, as saudades
Aliviar do genitor. Consorte,
Bem que discreta, observa os meus preceitos:
Alto o Sol, desses procos a matança
280 Ressoará; com tuas servas monta,
Sem comunicação lá permaneças.”
Vestindo logo as suas, manda que armas
Também Telêmaco e os pastores peguem.
Arnesando-se os quatro, as portas abrem;
285 Ulisses marcha à frente. Era já dia;
Mas enublados os dirige Palas.

NOTAS AO LIVRO XXIII

152 — Os intérpretes e tradutores não viram nesta passagem um rápido movimento de ciúme, que nela parece-me existir: Ulisses, à nova de que o leito fora mudado, leito cujo segredo só ele e Penélope conheciam, pasmou de que tal houvesse acontecido; isto, sendo combinado com a tristeza que lhe causou a nova, segundo se colhe do verso 135, e com o toque da mulher no 170, torna provável a minha observação. Na dúvida, contudo, não quis aclarar a passagem mais do que o fez o autor, nem tampouco seguir interpretação contrária, como o fez M. Giguet, traduzindo *Andrōn* por *quelque artisan*: ao menos deve conservar-se o termo *varões*, que favorece a minha opinião. Este leve movimento de ciúme, em um homem tão suspeitoso, seria interessante nesta cena.

184-187 — Aqui temos um milagre, operado por Minerva, igual ao de Josué: este fez parar o Sol acima do horizonte para aumentar o dia; Minerva também o faz parar, mas abaixo do horizonte, para aumentar a noite. Josué porém é mais antigo do que Homero.

LIVRO XXIV

Dos procos o Cilênio evoca as almas,
De ouro empunhado o caduceu que os olhos
Mortais a gosto esperta e os adormece;
Elas ao toque ciciando o seguem.
5 Em divo antro profundo a revoarem,
Guincham morcegos, se um dos cachos tomba
Da rocha a que aderiram: tal se move
Trás Mercúrio benévolo, em murmúrios
Pelo hediondo espaço, o tropel todo;
10 Vão-se ao fluido Oceano e à Pedra-Branca,
Do Sol às portas e ao dos Sonos povo.
Em prado verde, habitação dos manes,
Os do Pelides acham, de Pátraço,
De Antíloco, de Ajax galhardo e forte,
15 Que os Dânaos superava, exceto Aquiles.
Eram deste em redor, quando Agamemnon
Surge dolente, e as sombras dos que Egisto
Em seu paço com ele assassinara.
“Atrida, enceta Aquiles, ao Tonante
20 Nós julgávamos seres o mais caro,
Por dominares nos heróis que em Tróia
Padecemos sem conto. Ah! que o tributo
Não rendeste primeiro à Parca dura!
Naqueles campos com supremas honras
25 Tu falecesses! dos Aqueus ereto,
Glória a teu filho o monumento fora;
Era fatal misérrimo acabares!”
E Agamemnon: “Beato herói divino,
Em torno a quem, longe da Grécia extinto,
30 Bravos Teucros e Argeus caíram tantos!
Em túrbida poeira amplo jazias,
Dos corcéis esquecido; e a combatermos
Ante o cadáver teu, só conturbados
Por um tufão de Júpiter, cessamos.
35 Posto em féretro a bordo o corpo egrégio,
Em quente água expurgado e ungido, os Gregos
Choravam, tonsa a coma. Eis, das Nereidas
Ouvida a grande voz, tremeram todos,

E nos porões iam meter-se, quando
40 Experiente Nestor, com douto aviso,
De grado concionou: — Tá! vem do pego
Tétis madre e as irmãs carpir seu filho. —
Coibida aos Grajúgenas a fuga,
Cercam-te as filhas do marinho velho,
45 Cobrem-te em ais de incorruptível manto.
As Musas nove alternam-se em lamentos:
Ninguém podia, à lugubre toada,
As lágrimas conter. Por dezassete
Noites e dias, de mortais e deuses
50 Regou-te o pranto e na seguinte aurora
Demos-te ao fogo, e ovelhas te imolamos
Gordas e negros bois; nas divas roupas,
Em óleo e doce mel, queimado foste;
Muitos peões e armados cavaleiros
55 Circundaram-te a pira estrepitosos.
De manhã, gasta a carne, os brancos ossos,
Em perfumes e vinho e ambalsamados,
Recolheu-te a mãe terna em urna de ouro,
Dom de Baco e trabalho de Vulcano.
60 Estão mistos aos teus os de Pátroclo,
Dos de Antíloco perto, a quem dos sócios,
Morto o Menécio, maiormente honravas.
E os do exército sacro te exalçamos,
Do amplo Helesponto em prominente riba
65 Um magnífico túmulo, que ao longe
Aos vivos manifeste-se e aos vindouros.
Prêmios obtive dos mais numes Tétis,
Que os pôs no circo aos príncipes Aquivos.
A régios funerais tenho assistido,
70 Onde o páreo mancebos disputavam;
Tu se os visses, Pelides, admiraras
Da mãe déia argentípede as ofertas.
Grato aos Céus, teu renome não perdeste,
Que de evo em evo troará no mundo.
75 Mas que valeu-me a guerra? Na tornada,
Júpiter propinou-me o copo amaro,
Por mãos de Egisto fero e da traidora.”
Entretanto, o Argicida arrebanhava
As almas dos que Ulisses abatera,
80 A cujo encontro as mais com pasmo correm.
Agamemnon conhece incontínenti
O Melanteides ínclito Anfimédon,

Que em Ítaca o hospedara: “Que desastre,
Escolhidos e eqüevos, cá vos trouxe
85 Ao reino tenebroso? Não podia
Alguém numa cidade achar melhores.
Com soltos ventos e escarcéus furentes
Vos afundou Netuno? ou de inimigos
Preia fostes em terra, aos saqueardes
90 Armentos e rebanhos? ou pugnando
Pela pátria e família? Nada encubras;
Hóspede teu me chamo. Não te lembra
Que me acolheste e a Menelau divino,
Quando a embarcar-se para Tróia Ulisses
95 Fomos nós suadir? Um mês inteiro
O largo ponto aramos, e a bem custo
O eversor de muralhas demovemos.”
“Rei dos reis, Anfimédon respondeu-lhe,
Tudo me lembra, e franco vou narrar-te
100 Nosso funesto fim. Do ausente Ulisses
A esposa ambicionávamos; que, avessa
A morte a nos tramar, nos entretinha
E, com sutil pretexto, imensa enrola
Teia fina ao tear, e assim discursa:
105 — Amantes meus, depois de morto Ulisses,
Vós não me insteis, o meu lavor perdendo,
Sem que do herói Laertes a mortalha
Toda seja tecida, para quando
No sono longo o sopitar o fado:
110 Nenhuma Argiva exprobre-me um funéreo
Manto rico não ter quem teve tanto. —
Esta desculpa ingênuos aceitamos.
Ela, um triênio, desmanchava à noite
À luz da lâmpada o lavor diurno;
115 Ao depois, avisou-nos uma escrava,
E a destecer a teia a surpreendemos:
Então viu-se obrigada a concluí-la,
E aos olhos despregou-nos a luzente
Obra insigne, imitante ao Sol e à Lua.
120 Não sei donde um mau gênio trouxe Ulisses
Ao campo que habitava o guarda-porcos:
Nesses confins se reuniu seu filho,
Já da arenosa Pilos aportado;
E ambos, disposto o plano da matança,
125 Para a nobre cidade caminharam,
O herói depois, Telêmaco primeiro.

Eumeu guiava o pai, que abordoou-se
Em traje de um decrépito mendigo,
E era tão roto e sujo e mal vestido,
130 Que aos mais idosos conservou-se ignoto.
A golpes e baldões o acometemos;
Tudo curtiu paciente em seu palácio.
Mas, do Egíaco Jove espiritado,
As armas com Telêmaco afastando,
135 Em cima as tranca, e pela astuta esposa
O arco nos apresenta e o claro ferro,
Donde se derivou nosso infortúnio.
Nenhum de nós dobrou-lhe o forte nervo,
Baldo o esforço; e, ao momento que o Laércio
140 Dessa arma ia apossar-se, blasfemamos
Que, apesar das instâncias, não lha dessem;
Mas Telêmaco insiste, e o pai, seu arco
Fácil dobrando, enfia as machadinhas.
Ao limiar, derrama a pronta aljava,
145 E gira a vista horrendo e frecha Antino;
A lutíferas setas rechinantes
(Um deus o protegia) uns após outros
Seu furor em cardumes nos prostrava:
Aos gemidos, aos botes, muge a casa
150 E se inunda em cruor. Tal fim tivemos!
No pátio os corpos nossos, ora, Atrida,
Isso amigos não sabem, que chorando,
Enxuto o negro sangue, nos sepultem;
Honra devida aos míseros finados.”

155 Grita Agamemnon: “Venturoso Ulisses,
Possuis mulher de uma virtude rara!
Do varão que pudica amou primeiro
Nunca olvidou-se; obtém perene glória,
Que hão de inspirados celebrar cantores.
160 Quão diversa a Tindárida ao marido,
Que houve-a donzela! odiosa nas balatas
Será do povo, e nódoa às mais sisudas.”

Enquanto as almas de Plutão conversam
No vácuo reino, Ulisses e companha
165 De Laertes entravam pelo enxido,
Que a muito preço e lidas o comprara:
Tinha ali casa, e da varanda em roda
Os servos, com prazer cultivadores,
Comiam, repousavam; diligente
170 Do amo tratava, em rústico retiro,

Sícula velha. Aos três voltou-se Ulisses:
“Preparai para o almoço um bom cevado.
Verei se o pai me reconhece ainda,
Ou se ignoto me faz tamanha ausência.”

- 175 E as armas dando aos sócios, que partiram,
Ao pomar foi-se logo para o intento:
Não topa a Dólio e filhos e os mais servos
No grã vergel, do velho conduzidos
A colher espinheiros para sebes;
- 180 Só acha o pai no amanho de uma planta:
Sórdida a capa e remendada a roupa,
Luvas grosseiras, borzeguins de coiro,
Para evitar esfoladuras, tinha;
Gorra caprina o luto lhe aumentava.
- 185 Desde que o divo sofredor o enxerga
Dos anos e desgostos combalido,
Quedo pranteia à sombra de um pereiro;
Hesita se o abraça e o beije e informe,
Ou se antes com perguntas o exprimente.
- 190 Mordaz sondá-lo preferindo, avança
Quando, baixa a cabeça, ele de roda
Cavava um tronco, e lhe bradou: “Meu velho,
Não és inábil; a pereira, a vide,
A oliveira, a figueira, o estão mostrando,
- 195 Nem há palmo de terra sem cultura;
Mas não te agastes, se o desleixo noto
Com que trapento afeias essa idade.
O amo não te maltrata pela incúria,
Nem tens servil presença; um rei no vulto
- 200 Semelhas ao que, já banhado, come
Para em mole dormir, jus da velhice.
Mas de quem és? o prédio a quem pertence?
Em Ítaca em verdade agora estamos,
Como um certo em caminho asseverou-me?
- 205 Brusco foi-se e imprudente, sem dizer-me
Se o meu hóspede é vivo, ou se entre os manes.
Na pátria, escuta, recebi festivo
O herói primeiro que a meu lar sentou-se:
De Ítaca era nativo, e se aclamava
- 210 Por filho do Arcebíades Laertes.
Com bondade acolhi-o, e generoso
Dons hospitais lhe presenteí condignos:
De ouro talentos sete bem cunhados,
Copa argêntea florida, capas doze,

215 Doze mantos louçãos, e iguais tapetes
E túnicas iguais; por cima, à escolha,
Quatro prendadas e gentis mulheres.”
Em choro o pai: “Chegaste, forasteiro,
À terra que me indicas, velhacouto
220 De malvados cruéis. Teus dons frustraste:
Se ele aqui fosse, em câmbio encontrarias
Também dons e benévolo agasalho.
Sê franco, esse infeliz, que era meu filho,
Em que ano o recebeste?. .. Oh! fútil sonho!
225 Dos seus longe e da pátria, no profundo
Foi mantimento a peixes, a terrestres
Aves ou feras! Na mortalha envolto,
Da mãe, do genitor, não foi carpido,
Nem a casta mulher fechou-lhe os olhos,
230 A lamentar no féretro o consorte;
Sacro dever, dos mortos recompensa.
Mas quem és, me declares, de que povo,
De que família? A nau veloz e os nautas
Onde os tens? ou vieste em vaso alheio,
235 Que te largou, na rota prosseguindo.”

Pronto Ulisses: “Eu tudo vou narrar-te.
Prole de Afidas rei Polipemônio,
Sou de Alibas, em nobre alcáçar moro,
Eperito é meu nome; da Sicânia
240 Fez-me arribar um nume, e tenho surto
Na costa o meu navio. Quanto a Ulisses,
Anda em cinco anos que saiu de Alibas:
Voláteis à direita lhe adejavam;
Ao despedir-nos, ambos nós contentes
245 Rever-nos esperávamos, e um dia
Riquezas mutuar, doce amizade.”
Um negrume de mágoas tolda o velho;
Pega da ardente cinza, a encanecida
Cabeça asperge, do íntimo soluça.
250 Comoto o herói, das ventas resfolgando,
Olha o dileto pai, salta-lhe ao colo,
E o beija e abraça: “Ó pai, sou quem suspiras,
Vindo ao vigésimo ano à pátria amada;
Essas penas e lágrimas reprime.
255 Atende-me, urge o tempo; em nossos paços
Vinguei-me já de injúrias e insolência.”
A quem Laertes: “Se és meu próprio Ulisses,
Dá-me um claro sinal que mo comprove.”

“Na cicatriz repara (ao pai mostrou-a)
260 Do alvo dente suíno, indo eu, por ordem
Materna e tua, às abas do Parnaso,
Pelas promessas que anuiu teu sogro.
As árvores direi que tu, rogado
Por mim que infante os passos te seguia
265 Pelo vergel, me deste, a nomeá-las
Uma a uma: pereiras foram treze,
Macieiras dez, em quádruplo as figueiras;
Marcaste-me também cinqüenta renques
De uvas de toda casta, que maduram
270 Quando nelas de Jove as horas pesam.”
Do velho, a provas tais, frouxas as pernas,
Desmaia o coração; mas lança os braços
Ao filho, que nos seus o estreita e cinge.
O pai já cobra alento: “Ó sumo Jove,
275 Desses procos o crime a estar punido,
Certo no Olimpo há deuses. Mas hei medo
Que a turba assalte e invoque os Cefalenes.”
Ulisses o acalmou: “Receios bane.
À casa andemos do jardim vizinha:
280 Telêmaco, Filétio e Eumeu, diante
Mandeí que à pressa o almoço nos preparem.”
Já na mansão formosa aos três encontram,
Partindo as carnes, misturando os vinhos.
Lava primeiro e unge, orna e reveste
285 Ao bom Laertes a Sicana serva;
Porém Minerva os membros lhe engrandece,
Majestoso e divino sai do banho.
O filho o admira: “Gentileza e talhe,
Ó pai, te aumenta um nume!” E o velho: “Ó Jove,
290 Palas e Apolo, eu fosse o mesmo que era
Quando rendi, com Cefalênias hostes,
No continente a Nérico soberba!
Arnesado e brioso os vis intrusos
Também contigo repelira; a muitos
295 Os joelhos solvera, e tu folgaras.”
Entanto, prestes o festim, por ordem
Em camilhas e tronos se abancavam;
Eis chega Dólio do labor e os filhos.
A eles corre a Sícula, que anosa
300 Todos nutria e do ancião tratava;
Mudos pasmaram de rever seu amo,
Que afável os convida: “À mesa, ó velho,

À mesa, o espanto cesse; à vossa espera,
Ávidas mãos retínhamos dos pratos.”

305 Braços abertos, se lhe atira Dólio,
Do amo os pulsos oscula: “Amigo, os votos
Nos enches de improviso, e pois os deuses
Te restituem, salve! alegre exultes
No grêmio da ventura! À esposa a nova
310 É já notória, ou cumpre anunciarmos?”
“Ela o sabe, responde o astuto e cauto;
Mas nisso que te vai?” Tornado ao posto,
Beijam-lhe a destra os moços e o saúdam,
E junto ao pai em ordem se colocam.

315 O trabalho do almoço ocupa a todos.

Na cidade se espalha a triste fama
Da vingança: ante o paço estrepitosa
Carpe a gente, os cadáveres enterra;
Embarca em leves bojos os que à pátria
320 Ir deviam por mar; com dor se ajunta
O parlamento. Em luto inexprimível
Eupiteu se levanta, a cujo filho
Antimo o divo herói matou primeiro,
E em soluços e lágrimas acusa:
325 “Amigos, oh! que horror, que atroz maldade!
Esse homem naus levou, levou guerreiros;
Frota e nautas perdeu: na volta, agora,
Deu cabo dos melhores Cefalenes.
Eia, antes que ele a Pilos se recolha,
330 Ou busque a dos Epeus Élide santa,
Vamos; ou torpe vida e eterno opróbrio
Tem de caber-nos: se de irmãos e filhos
Não punimos os brutos matadores,
Sombra unir-me anteponho a sombras caras.
335 Vamos, vamos, os bárbaros não fujam.”

Seu lastimar os corações comove;
Mas do palácio, em que os deteve o sono,
Chegam Médon e o músico divino;
Médon pondera: “Aquivos, nunca Ulisses
340 Tanto obrara sem nume: um vi que avante,
Na forma de Mentor, na sala o instava,
E o tropel todo em ruma ia caindo.”
Palor súbito invade os circunstantes.

Ergueu-se o herói Mastórida Haliterse,
345 No passado o mais douto e no futuro,
E orou sisudo: “Cidadãos e amigos,

Do feito a culpa tendes; não quisestes,
Surdos aos de Mentor e aos meus conselhos,
Flagício enorme sopear dos filhos,
350 Que, os bens roendo, injuriando a esposa,
Com tão potente rei já não contavam.
É sem remédio. Ouvi-me agora ao menos:
Mores desastres atalhai, não vamos.”

A assembléia divide-se em tumulto:
355 Uns de Haliterse à voz se aquietaram;
Mas outros, ao combate persuadidos,
Em corpo avançam, reluzindo em bronze,
Por vastas ruas, de Eupiteu sequazes,
Que cego ou desagravo ou morte anela.

360 Consulta ao pai Minerva: “Ó soberano,
Que tens na mente? Guerra ou congraçá-los?”
E o Nubicogo: “Filha, que perguntas?
Não traçaste que à volta se vingasse?
Pois bem. Direi contudo o que é decente:
365 Vingado o herói divino, assente as pazes;
Reine em povos leais; de irmãos e filhos
O castigo apaguemos sanguinoso;
Renove-se a amizade, haja abundância.”
Disse, o ardor a Minerva acrescentando,
370 Que do jugoso Olimpo se arremessa.

Apaziguada a fome, aos companheiros
Adverte Ulisses: “Veja alguém se perto
Já nos atacam.” Sai de Dólio um filho,
E enxerga logo da soleira a turba:
375 “Arma, arma, grita, a gente se aproxima.”
Armam-se os quatro, e os seis irmãos com eles;
E Laertes e Dólio, encanecidos,
No perigo urgentíssimo se arnesam.
De ponto em branco, as portas escancaram,
380 Precipitam-se fora, e os manda Ulisses;
Disfarçada em Mentor, veio ampará-los
A Tritônia, de Jove augusta prole.

Ledo o chefe do auxílio: “Hoje, meu caro
Telêmaco, aos mais fortes investindo,
385 Mostres brio e vigor; nem me envergonhes,
Nem dos caros maiores degeneres.”
E Telêmaco: “À frente, ó pai dileto,
Ver-mes-ás honrando sempre a estirpe tua.”

Regozijou-se o avô: “Propícios deuses,
390 Rivais são na virtude o filho e o neto!

Que dia! que prazer!” — E a gázea Palas:
“Arcesíades, sócio o mais querido,
Roga a Minerva e ao Padre, afouto vibres.”
Ela ânimo e denodo aqui lhe infunde;
395 O herói, finda a oração, de Eupiteu rompe
De lança o elmo, à queda o arnês ressoa.
Ulisses e Telêmaco os mais bravos
Talham de espada e pique, e total fora
O estrago e perda, se a gritar Minerva
400 Não contivesse o povo: “Ítacos, basta,
Já já da da crua guerra separai-vos.”
Pálido susto, à voz divina, os toma;
Das mãos voando as armas, ansiosos
De resguardar as vidas, se retiram:
405 Furente Ulisses a bramir os segue,
Tal como águia altaneira as nuvens rasga.
Então fulmina Júpiter, e o raio
Cai ante Palas, que ao Laércio intima:
“Dial cordato aluno, abster-te cumpre
410 Da discórdia civil, para que infesto
Não te seja o Tonante onipotente.”
Gostoso à deusa Ulisses obedece.
A Mentor semelhando em som e em vulto,
Sela a paz a do Egífero progênie.

NOTAS AO LIVRO XXIV

6-17 — *Cacho*, correspondente ao latim *uva* neste sentido, é o grupo em que se englobam certos animais, como as abelhas e os morcegos. — Homero chama *eurôenta*; isto é, *podres* ou *hediondos*, os caminhos por onde se conduzem os mortos. — Pedra-Branca é o nome de certo lugar por onde passavam as almas. — *Dolente*, posto que não venha em dicionário, é usado por Francisco Manuel.

247-270 — Depois de tantos reconhecimentos que há na Odisséia, é para louvar que Homero guardasse os toques mais belos e maviosos para este reconhecimento de Laertes, que era o último, comprovando sempre a sua pasmosa fecundidade.

315 — Este repasto é um almoço, não obstante *prandium* e *cæna* de que usa neste livro a interpretação latina.

342 — Dizemos *rima* ou *ruma*: preferi neste verso *ruma*, para não repetir a vogal *i* que vem nele muitas vezes.

370 — *Jugoso*, tirado do latim, significa *cheio de cumes ou picos*.

ADVERTÊNCIA

Nas notas aos dous poemas de Homero, sou mais parco de reflexões gerais, do que o fui nas feitas a Virgílio; e a razão é que, aparecendo em verso portugûês a primeira tradução completa da *Ilíada* e da *Odisséia*, julguei útil que as notas versassem principalmente sobre o sentido que dei a várias passagens dificultosas, contra o parecer de eruditos e de tradutores. — Quando falo, em toda esta obra, de interpretação latina, entenda-se da que é mais espalhada nas nossas escolas, reimpressa em Paris em 1747.

FIM

QUANTOS VERSOS TEM O ORIGINAL E QUANTOS A VERSÃO

	ORIGINAL	VERSÃO
LIVRO 1.º	444	355
LIVRO 2.º	434	332
LIVRO 3.º	497	392
LIVRO 4.º	847	649
LIVRO 5.º	493	372
LIVRO 6.º	331	258
LIVRO 7.º	347	270
LIVRO 8.º	586	446
LIVRO 9.º	566	442
LIVRO 10.º	574	432
LIVRO 11.º	639	506
LIVRO 12.º	453	337
LIVRO 13.º	440	340
LIVRO 14.º	533	420
LIVRO 15.º	556	420
LIVRO 16.º	481	367
LIVRO 17.º	606	464
LIVRO 18.º	427	324
LIVRO 19.º	604	463
LIVRO 20.º	394	315
LIVRO 21.º	434	326
LIVRO 22.º	501	372
LIVRO 23.º	372	286
LIVRO 24.º	547	414
	12.106	9.302

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.org

©2009 Homero

Versão para eBook
eBooksBrasil

Maio 2009